DENIZE GENUÍNA DA SILVA ADRIÃO

PESCADORES DE SONHOS:
UM OLHAR ACERCA DA MUDANÇA NAS RELAÇÕES DE TRABALHO E NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL ENTRE AS FAMÍLIAS DOS PESCADORES DIANTE DO TURISMO BALNEAR EM SALINÓPOLIS – PA.

2003

DENIZE GENUÍNA DA SILVA ADRIÃO

PESCADORES DE SONHOS:

UM OLHAR ACERCA DA MUDANÇA NAS RELAÇÕES DE TRABALHO E NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL ENTRE AS FAMÍLIAS DOS PESCADORES DIANTE DO TURISMO BALNEAR EM SALINÓPOLIS – PA.

Tese apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Ciências.

Campinas
2003

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

DENIZE GENUÍNA DA SILVA ADRIÃO

PESCADORES DE SONHOS:

UM OLHAR ACERCA DA MUDANÇA NAS RELAÇÕES DE TRABALHO E NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL ENTRE AS FAMÍLIAS DOS PESCADORES DIANTE DO TURISMO BALNEAR EM SALINÓPOLIS - PA

Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Ciências.

Área de concentração: Antropologia Social

Orientador: Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão

Campinas
2003

Ficha catalográfica preparada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP.

Adrião, Denize

Pescadores de Sonhos: Um olhar acerca da Mudança nas relações de Trabalho e na Organização Social entre as Famílias de Pescadores Diante do Turismo Balnear em Salinópolis – Pará / Denize Genuína da Silva Adrião São Paulo: s.n., 2003 – 254p.

Tese (doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Campinas. Departamento de Sociologia.

Orientador: Carlos Rodrigues Brandão

1.Organização Social e Política do Brasil 2. Impacto 3. Mudança 4. Profissões - Mudança 5. Turismo 6.Natureza - Encantaria I. Brandão, Carlos II. Universidade de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas III. Título.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

PESCADORES DE SONHOS:

UM OLHAR ACERCA DA MUDANÇA NAS RELAÇÕES DE TRABALHO E NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL ENTRE AS FAMÍLIAS DOS PESCADORES DIANTE DO TURISMO BALNEAR EM SALINÓPOLIS - PA

Denize Genuína da Silva Adrião

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Rodrigues Brandão (Orientador)

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Prof. Dr.

Este exemplar corresponde a versão final da

Tese defendida e aprovada em: ____/____/2003

"Quando nada mais parece ajudar, eu vou e olho o Cortador de pedras martelando sua rocha, talvez cem vezes, sem que uma só rachadura apareça. No entanto, na centésima primeira martelada, a pedra se abre em duas, e eu sei que não foi aquela a que conseguiu, mas todas as que vieram antes". (Jacob Rtts).

AGRADECIMENTOS

Reconhecer as colaborações intelectuais e agradecer à altura de cada contribuição recebida por inúmeros mestres, amigos e companheiros desta incursão acadêmica seria para mim, um grande prazer, mas é um empreendimento difícil de realizar. As colaborações intelectuais são inumeráveis. Isso é especialmente certo quando, em circunstâncias como a que cercou a elaboração deste trabalho, onde o produto acabado agrega tantos auxílios, o gesto de agradecer, envolve uma certa insegurança e ansiedade pelo risco de se omitir alguns dos muitos que contribuíram para esse resultado, o que, certamente, acaba acontecendo. Ainda assim, aqui, não deixarei de fazê-lo. Portanto, sou grata a todos que de algum modo contribuíram para que eu chegasse até aqui. Quero entretanto, ressaltar que o reconhecimento dessas contribuições não implica em repartir responsabilidades pelas deficiências e equívocos cometidos.

Menção especial dedico à Carlos Rodrigues Brandão, Professor-orientador, amigo dileto, pelo profundo respeito à individualidade e raro desprendimento que marcam sua prática acadêmica. Sua atenção permanente e seu generoso estímulo foram, para mim, evidencias desses princípios que lhe conferem lugar entre os Mestres. Certamente foi imprescindível para que eu seguisse viagem e chegasse até aqui.

Aos Membros da Banca Examinadora pela atenção e gentileza em aceitar participar deste trabalho, meu sincero agradecimento. A Carmem Lúcia Rodrigues e a Tereza Luchiari, que desde a qualificação fizeram criteriosas sugestões.

Ao Programa de Pós-Graduação do IFCH./Antropologia. Ao pessoal da Secretaria e Biblioteca do IFCH-UNICAMP, FFLCH-USP, NUPAUB, PROCAM, CEMAR, NEPAN, MPEG, DEAN/UFPA e equipe pelo apoio e atenção dispensados, especialmente aos jovens professores Luiza Mastob pela revisão do texto, a Rita, Luís, Carlos pela incansável ajuda na impressão. A Jane Beltrão, como coordenadora do Programa de Pós-graduação da UFPa., que permitiu a infra-estrutura para a realização de boa parte do mesmo.

À Renate Brigitte Viertler, pela atenção e consideração dedicadas a este Projeto de Doutoramento, sou sinceramente, grata. De algum modo, me fez mais confiante dos meus propósitos.

À Heraldo Maués que contribuiu para a escolha de Salinópolis como área de trabalho, subsidiando com sugestões bibliográficas e boas conversas sobre as encantarias. A Angélica Motta Maués, Cristina Maneschy, a pronta disposição para leitura e apontamentos. A Jane Felipe Beltrão, com sua interminável disposição e estímulo ao meu trabalho. Como se não bastasse, ainda foram incansáveis todas as vezes que as minhas inseguranças buscavam mais um ombro solidário que a razão. A Samuel Sá, pelo peculiar carinho e atenção sempre dedicados que seguiram suas minuciosas sugestões e incentivo ao meu trabalho.

A Antônio Maria de Souza Santos, cuja orientação e amizade acompanhou minha jornada como bolsista do CNPq; Lourdes Gonçalves Furtado, pelo generoso apoio e valioso material de pesquisa oferecido através do RENAS/RAMADAM no Departamento de Antropologia do Museu Paraense Emílio Goeldi.

A rede afetiva de velhos amigos que me embalou durante o curso de Doutorado, se não supriu a falta de Belém, ajudou a ultrapassar as barreiras da saudade dos que ficaram por lá. Assim quero agradecer a: Flávia Borges Manzano, Ivone Ribeiro Borges, Maria Luíza, Márcia e Murilo Tavares de Lima, Patrícia Simão, Ariovaldo Stella, Dinhon, Vera Rita Costa, Nina Kajan, Andrea Alberico, Doralice Araújo, Angela Gemaque. Os laços afetivas foram tão importantes e fundamentais para que esta jornada chegasse ao fim que eu quero, ainda, agradecer a: Ana Maria Alves, Vicente Rodrigues, Marta, Zé Carlos, que também ajudaram nas leituras críticas e generoso apoio pessoal. A Ricardo Manoel, César e Carla Adrião, Denise Ribeiro, Breno Alves, Sintia Almeida (Pepita), que foram incansáveis em auxiliar-me nos desenhos, nos gráficos, nas traduções, nos Mapas, na diagramação do trabalho, no uso do computador e nos e-mails que faziam a ponte aérea entre Belém e São Paulo.

A Dinair Adrião, meu "braço direito", irmã e amiga incansável, pela força e confiança que me ajudaram a sair para esta jornada. A Anete Lins e Rubida, pelo apoio amigo que me fez chegar aqui.

Aos meus pais, que sempre sem entender muito bem o que me leva a sair de Belém para estudar Antropologia, nunca negaram o apoio e, a seu modo, sempre estimularam a minha realização pessoal, minha gratidão!

A Jerônimo de Alencar Alves, companheiro e amigo que incansavelmente ajudou em todas as etapas deste trabalho, "de auxiliar de campo à crítico do estado da arte de escrever esta tese", sobretudo pela paciência de "agüentar a barra", por tantos momentos turbulentos. Pelo apoio e incentivo sempre dedicado sem quem, certamente, não terminaria esta viagem no Salgado, meu muito obrigada!

Finalmente aos moradores do bairro da Prainha, que me receberam e permitiram que adentrasse em suas casas e em suas vidas na intimidade familiar, traduzindo aos daqui de fora, os sonhos dos "pescadores de sonhos", tornando possível este trabalho.

"Está em mim... não sei o que é... mas sei que está em mim.(...)

Algo que gira sobre algo maior que é a Terra sobre a qual giro,

Aí a criação é o amigo cujo abraço me desperta"

(Walt Whitman.Canto de mim mesmo.Lisboa:Assírio&Alvin, 1992:141)

Assim, pois, agradeço a todos!

SUMÁRIO

EPÍGRAFE iv

AGRADECIMENTOS v

ABREVIATURAS xi

ÍNDICE DE MAPAS, CROQUISGRÁFICOS E TABELAS xii

ÍNDICE DE FIGURAS E QUADROS xiii

ÍNDICE DE FOTOS xiv

RESUMO xv

ABSTRACT xvi

INTRODUÇÃO 1

Constituição do Objeto de Estudo: a Problemática 1

Considerações sobre o Turismo ou o Turismo como Uma Questão Social 5

A Pesquisa de Campo: Condições e Técnicas 8

Percurso Bibliográfico Demarcando o Estudo 19

CAPÍTULO 1 – SALINÓPOLIS

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA 30

1.1 ORIGEM E COLONIZAÇÃO 30

1.2 OS PROCESSOS SOCIAIS EM MUDANÇA 36

1.2.1. A Vida Balnear e o Processo de Urbanização da Cidade 43

1.2.2. Nas Malhas da Cidade 52

1.2.3. Os Veranista 53

1.2.4. O Manejo dos Moradores Frente à Especulação do Balneário 56

CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA 58

1.3.1. ASPECTOS FÍSICOS E GEOGRÁFICOS 58

CAPÍTULO 2 – LUGAR DA PESQUISA 63

2.1 O BAIRRO DA PRAINHA: LUGAR DE PESQUISA 63

CAPÍTULO 3 - TRABALHO E ECONOMIA 77

3.1 MUDANÇA NAS RELAÇÕES DE TRABALHO 77

3.1.1 Os Ciclos de Trabalho em Função do Veraneio 79

3.2 AS RELAÇÕES DO TRABALHO DA PESCA 81

3.2.1 Divisão Sexual do Trabalho da Pesca 86

3.2.2 Quem é Pescador e/ou a Identidade de Pescador 89

3.2.3 Empresários da Pesca 100

3.2.4 Comerciante Atravessador 103

3.2.5 Estratificação na Pesca 104

3.2.6 Custo de Produção 107

3.2.7 Crise na Pesca 109

3.3 TRABALHO ASSALARIADO: OS CASEIROS 111

3.3.1 Relações entre Caseiros e Proprietários da Casa 111

3.3.2 "O Segundo Dono" 113

3.3.3 O Salário e as "Regalias" 114

3.3.4 Outras Formas de Lidar com o Mundo 117

3.4 TRABALHO INFORMAL E EVENTUAL:
OS VENDEDORES AMBULANTES 126

CAPÍTULO 4 – ORGANIZAÇÃO SOCIAL 130

4.1 OS MORADORES DO BAIRRO DA PRAINHA 130

4.2 UM MUNDO "DA CASA E DAS GENTES" 140

4.3 ORGANIZAÇÃO DA FAMÍLIA: ALGUNS EXEMPLOS 145

4.4 GRUPOS DOMÉSTICOS 153

4.5 RELAÇÕES DE COMPADRIO OU PARENTESCO RITUAL 157

4.6 IMPORTÂNCIA DO GRUPO DE RELAÇÕES PRIMÁRIAS DEFININDO A VIZINHANÇA E O BAIRRO 159

4.7 REDES DE SOLIDARIEDADE 165

4.8 AS FESTAS 170

4.9 RELAÇÕES DE PRESTÍGIO 176

4.10 RELAÇÃO COM O MAR, ESPAÇO E TEMPO 180

4.11 PROBLEMAS SOCIAIS E CONFLITOS: TRANSFORMAÇÃO DO GRUPO DOMÉSTICO 184

CAPÍTULO 5 – INFLUÊNCIA DO SOBRENATURAL NA VIDA LOCAL 199

5.1 CRENÇAS E PRÁTICAS DA PAJELANÇA CABOCLA 199

5.2 A HISTÓRIA DOS ENCANTADOS COMO UMA FORMA DE (RE)INTERPRETAÇÃO DO MUNDO 214

CAPÍTULO 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 226

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS CITADAS 236

APÊNDICES

Apêndice I - Modelo do Questionário Utilizado no Trabalho de Campo

Apêndice II- Lendas e Histórias Locais

Apêndice III- Histórias de Famílias

Apêndice IV- Recursos da Flora e Fauna Utilizados na Região

LISTA DE ABREVIATURAS

CEMAR	Centro de Estudos do Mar
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.
CPP	Conselho Pastoral dos Pescadores
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
FEPA	Federação dos Pescadores do Pará
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
MPEG	Museu Paraense Emílio Goeldi
MONAPE	Movimento Nacional dos Pescadores
MOPEPA	Movimento dos Pescadores do Pará
NAEA	Núcleo de Altos Estudos da Amazônia
OEA	Organização dos Estados Americanos
PESCART	Plano de Assistência à Pesca Artesanal
POEMA	Programa Pobreza e Meio Ambiente na Amazônia
PROCAM	Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade de São Paulo
PROEX/UFPa	Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Pará
SECTAM	Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente
SUDAM	Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia
UFPa	Universidade Federal do Pará
UNICAMP	Universidade de Campinas
USP	Universidade de São Paulo
NUPAUB	Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – USP
NEPAM	Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais - UNICAMP

ÍNDICE DE MAPAS E CROQUIS

MAPA Nº 1 Município de Salinópolis (IBGE) 59

MAPA Nº 2 Circuito da Pesca 83

MAPA Nº 3 Processo Imigratório de Salinópolis 133

CROQUI Nº 1 Croqui da Zona Urbana de Salinópolis (SUCAM) 64

CROQUI Nº 2 Croqui do Bairro da Prainha 65

CROQUI Nº 3 Croqui do Bairro da Prainha:
Relações de Parentesco e Afinidade 161

ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO Nº 1 Gráfico de Atividades Complementares dos Chefes do Grupo Doméstico (G.D.) Moradores do bairro da Prainha 97

GRÁFICO Nº 2 Gráfico de Equipamentos de Trabalho dos Chefes do G.D. Moradores do Bairro da Prainha 106

GRÁFICO Nº 3 Gráfico da Preferência Alimentar entre os Moradores do
Bairro da Prainha 120

GRÁFICO Nº 4 Gráfico de Sistema de Cura 202

ÍNDICE DE TABELAS

TABAELA Nº 1 Evolução da População 1950/2000 51

TABELA Nº 2 Ocupação Atual dos Chefes de GD dos Moradores da Prainha 78

TABELA Nº 3 Município de Origem dos Chefes dos GD's 131
Moradores do Bairro da Prainha.

TABELA Nº 4 Localidade dos Municípios de Onde Migraram os Chefes dos GD's Moradores do Bairro da Prainha 132

ÍNDICE DE FIGURAS E QUADROS

FIGURA Nº 1 Sistema Demonstrativo da Pesquisa 28

FIGURA Nº 2 Terminologia de Parentesco da Família A Residente no bairro da Prainha 147

FIGURA Nº 3 Terminologia de Parentesco da Família B Residente no Bairro da Prainha. 148

FIGURA Nº 4 Terminologia de Parentesco da Família C Residente no Bairro da Prainha 149

FIGURA Nº 5 Terminologia de Parentesco da Família D Residente no Bairro da Prainha 150

FIGURA Nº 6 Terminologia de Parentesco da Família E Residente no Bairro da Prainha 151

QUADRO Nº 1 Razões da Mudança do Trabalho da Pesca para os Trabalhos Voltados para o Veraneio 94

ÍNDICE DE FOTOS

FOTO Nº 1 Panorama do Bairro da Prainha.....67

FOTO Nº 2 Panorama do Bairro da Prainha estendido sobre o mangue.....67

FOTO Nº 3 Aspecto das casas e moradia no Bairro da Prainha 70

FOTO Nº 4 Panorama da moradia na Prainha.....70

FOTO Nº 5 Pesca em ritmo de espinhel.....85

FOTO Nº 6 Panorama do curral.....85

FOTO Nº 7 Barcos de pesca.....99

FOTO Nº 8 Vista da construção de barcos de pesca.....99

FOTO Nº 9 Aspecto do lugar onde os pescadores atracam seus barcos de pesca.....102

FOTO Nº 10 Aspecto do Posto do Sindicato dos Pescadores Z-29.....102

FOTO Nº 11 Panorama do complexo turístico da praia do Maçarico.....115

FOTO Nº 12 Aspecto de casa de veraneio.....115

PESCADORES DE SONHOS

UM OLHAR SOBRE AS MUDANÇAS NAS RELAÇÕES DE TRABALHO E NA ORGANIZAÇÃO SOCIAL ENTRE AS FAMÍLIAS DOS PESCADORES DIANTE DO VERANEIO E DO TURISMO BALNEAR EM SALINÓPOLIS- PA.

Denize Genuína da Silva Adrião

RESUMO: A atividade balnear e turística de Salinópolis – região do Salgado Paraense, tem desencadeado importantes transformações na organização social e espacial do lugar, através de um processo acelerado de valorização e especulação imobiliária em função da Segunda residência de veranistas. A população local composta essencialmente por pescadores tradicionais e pequenos produtores rurais frente ao processo de turistificação balnear, passa a privilegiar os trabalhos como "caseiros" nas propriedades dos veranistas e outros voltados para o balneário, incorporando novas formas de se relacionar com o mundo. Contudo, sem abandonar o seu *modus vivendi* povoado por seres encantados e explicado pela força da natureza. O olhar desta pesquisa está centrado na vida familiar e sócio-cultural dos moradores do bairro da Prainha que foram remanejados do centro para a periferia da cidade em função do zoneamento urbano balnear. Focalizando a mudança nas relações de trabalho da pesca para os trabalhos de caseiros e outros voltados para o veraneio e como essas mudanças redefinem o cotidiano destes moradores provocando transformações nas formas de organização social. Os "Pescadores de Sonhos" são estas famílias de pescadores artesanais que gradativamente abandonam o trabalho da pesca na sua forma tradicional, para partirem em busca de inúmeras outras atividades voltadas para o comércio balnear, na expectativa de melhorar de vida.

FISHERS OF DREAMS

A LOOK ABOUT CHANGE IN RELATIONS THE WORK AND SOCIAL ORGANIZATION BETWEEN FISHERMEN FAMILIES IN THE PRESENCE OF TURISM IN SALINÓPOLIS-PA

Denize Genuína da Silva Adrião

ABSTRACT: The resort and tourist activity in the city of Salinópolis – Salgado Region of Pará – has brought a lout important transformation in the social and spatial organization of the place, through an accelerated valorization and land speculation in second residences (summer residences) of people on vacation and tourists. The local population, composed of traditional fishermen and small rural producers, in front of the tourist invasion process, preferring works as housekeepers in summerhouses incorporating new ways of relations with the world. Though, without abandoning their *modus vivendi* habited by enchanted beings and explained by nature force. The objective of this research is the center of attention in family and social-cultural life of the natives of Prainha, who was transfers the city center for periphery , giving focus on changes in working relations between fishermen families and how these changes that involve the men and the many manifestation forms of nature, defining the quotidian these dwellers, causing some changes in the local system. The "Fishers of Dreams" are these fishermen and their families that, slowing abdicate, leave fishing in it's traditional form, to search for many others activities centered on the summer market, expecting to improve quality of life.

INTRODUÇÃO

> "Ver o céu num grão de areia não é ardil privativo dos poetas". (Geertz, 1978, p.56).

CONSTITUIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO: A PROBLEMÁTICA

Esta análise focaliza o processo de transformação e mudança de uma população tradicionalmente constituída de pescadores artesanais[1], frente à vida balnear a que estão expostos na cidade de Salinópolis. Esta população, tradicionalmente em contato com a vida mais simples e dependente dos recursos da Natureza ligados à pesca artesanal, passa a conviver com os costumes introduzidos pelo fluxo de veranistas que solicitam os serviços destes pescadores para atividades ligadas ao mundo balnear. Neste sentido, pretendemos observar até que ponto essas solicitações interferem de maneira mais ampla nas formas de organização social, nas relações entre o homem e a natureza e, como as mudanças sociais são incorporadas e (re)contadas através das histórias dos encantados[2]. E a partir do nosso olhar, contribuir para o avanço dos estudos dedicados à compreensão do modo de vida tradicional e das transformações que hoje em dia afetam a vida e o destino de famílias como as dos pescadores artesanais da região do salgado paraense.

Esta é uma região que vive o "encontro de sociedades" não nos modelos de Galvão (índio e branco), mas no sentido de sociedade cabocla e de pescadores tradicionais com uma

[1] Termo genérico empregado oficialmente por várias instituições ligadas à pesca (Confederação Nacional dos Pescadores, Federação Estadual dos Pescadores, Colônia dos Pescadores, Pastoral da Pesca e, certamente, outras instituições). Expressa a atividade pesqueira cujo manejo dos recursos naturais é feito através de tecnologia simples, com instrumentos totalmente ou parcialmente feitos pelo próprio pescador com recursos locais.

[2] A reflexão sobre as representações em torno da categoria (encantado), em Salinópolis, é aqui realizada à luz de Galvão (1955), que se refere às próprias considerações locais sobre o que é encantado, isto é, uma força mágica atribuída aos fenômenos sobrenaturais capaz de "encantar" seres humanos, animais e objetos. A existência de um "mundo encantado" faz parte de um sistema de crenças, característico na região Amazônica. Um mundo povoado por lendas e histórias que explicam e procuram dar conta da vida local.

população flutuante de veranistas e turistas, confrontando formas de vida tradicionais com formas "modernas"[3].

Salinópolis pertence à microrregião do Salgado paraense (litoral Norte do Estado do Pará). É uma região balnear oceânica de veraneio dos mais concorridos e requintados do Nordeste paraense, recebendo veranistas e turistas das mais diversas localidades. Por isso, tem sido palco nas últimas décadas de uma série de mudanças através de processos usualmente definidos como urbanização e "turistificação"[4]. Lugar privilegiado para uma análise sobre as múltiplas estratégias e mecanismos que as formas tradicionais de organização social de produtores, como a das famílias dos pescadores-lavradores da região, acionam e utilizam para a sobrevivência.

Esta pesquisa está centrada na vida familiar e sociocultural dos moradores do bairro da Prainha, focalizando como a mudança nas relações de trabalho da pesca para os serviços de caseiros e outros voltados para o veraneio redefinem o cotidiano destes moradores, provocando transformações nas formas de organização social destas famílias.

Deste modo, o problema objeto desta pesquisa é, resumidamente, o impacto do veraneio na vida social local a partir da mudança nas relações de trabalho da pesca para os trabalhos voltados para o veraneio. E, observar que mudanças nos sistemas sociais locais são inovadas pela presença do turismo.

Constatamos que a presença do "turismo balnear" provoca certas mudanças nos sistemas locais: na organização social, nas relações dos homens entre si e nas relações que envolvem o homem e a Natureza, através das relações de trabalho e serviços que passam a ser requeridas pela presença do veraneio, atualizando, reafirmando ou reconstruindo uma nova

[3] "Vida tradicional" , no sentido aqui referido, é o modo de vida mais simples diretamente ligado aos recursos da natureza e dela mais dependente; ao contrário, a forma de "vida moderna" é fruto principalmente de uma ordem econômica capitalista caracteristicamente expansionista, que não se expande apenas em termos espaciais, mas também em inovações tecnológicas e aumento de produtividade. Para maior reflexão Ver: Bourdieu (1983); Foulcolt (1995); Geertz (1998); Giddens (2001); Brabha (2001), entre outros.

[4] Expressão freqüentemente utilizada por especialistas e estudiosos do turismo, correspondendo ao crescente movimento do turismo na sociedade moderna. Ver: Krippendorf (1989); Madruga (1992); Macedo (1993); Yázigi (1999); Rodrigues (2000).

identidade social diante de transformações produzidas, entre outras, pela presença freqüente dos veranistas nesta sede balnear.

Neste estudo, privilegiamos a vida familiar e sociocultural dos moradores do bairro da Prainha, porque é um bairro representativo da vida tradicional, onde moram pescadores artesanais e pequenos lavradores que compõem significativamente a "gente do lugar"[5]. Essa população vem essencialmente do interior do município e, paulatinamente, está abandonando suas ocupações tradicionais para se envolver com trabalhos eventuais, voltados para o balneário. São famílias que acompanham de algum modo o crescimento da cidade, os processos de urbanização e de especulação imobiliária, consequentemente vivendo a expulsão e deslocamento do centro para a periferia. É importante enfatizar também que essas famílias vivenciam o processo de transição em que se mesclam traços da cultura e da vida tradicional com a "modernidade" (identificada pela mudança nas relações de trabalho da pesca para o de caseiro e outros serviços voltados para o balneário).

É através das observações do modo de vida dos moradores no bairro da Prainha que são feitas as reflexões sobre o processo de transformação e mudança. É na vida cotidiana do bairro que está evidenciado o contraste entre o modo de vida tradicional e a vida balnear. Os moradores do bairro da Prainha, de origem mais interiorana, pescadores lavradores e essencialmente dependentes dos recursos da Natureza, tradicionalmente, apresentam relacionamentos e práticas sociais de trabalho mais solidários, realizados pelos companheiros, parentes e afins. Neste aspecto, o bairro constitui-se num mundo particular em que se mesclam, de um lado, a vida mais simples - tradicional e mais dependente dos recursos da Natureza a ela ligada, como a pesca artesanal, o fabrico dos currais, por exemplo - e outros hábitos e costumes que preservam uma forma própria de relacionamento mais solidário com a vizinhança, com as pessoas entre a si e com a Natureza. Podem ser destacados, desde a preferência, a forma e o preparo de certos alimentos, até os cuidados com a saúde através da prática de cura da medicina caseira etc., que, tradicionalmente, são atividades partilhadas pelos membros da família ou

[5] "Gente do lugar", expressão tirada da fala de um morador do bairro da Prainha, quando se referia à pessoa pertencente ao lugar. Lugar, aqui compreendido, como porção do ambiente transformada pela ocupação, pelo uso e, sobretudo, repleto de significação social, que indica quem pertence e quem não pertence – quem e em que circunstâncias faz parte do bairro.

comunidade do bairro[6]. E, de outro lado, a vida balnear, a vida como caseiros e como biscateiros que são mais individualizados, em função do balneário e dos veranistas.

Observamos que no bairro da Prainha onde, eminentemente, se encontram famílias de pescadores artesanais, com poucos recursos pesqueiros, não sindicalizados e que raramente têm a possibilidade de concorrer com a pesca comercial mais aparelhada, o envolvimento com o veraneio tem crescido. Em decorrência deste envolvimento, estas famílias estão se distanciando do modo de vida tradicional da pequena pesca, da agricultura familiar, da vizinhança do bairro e de tudo o que lhes era peculiar, passando a se dedicar cada vez mais aos trabalhos voltados para o veraneio e para o turismo balnear.

O "turismo balnear" é uma das formas de turismo mais evidenciadas na região realizada pelos "veranistas" que são, em geral, proprietários de casas de veraneio (como segunda residência) e sazonariamente estão no balneário. Já mantêm uma certa familiaridade e proximidade com a vida local. São diferentes de outros "turistas" que passam em caravanas, conhecendo e/ou visitando lugares pitorescos em poucos dias e que não mantêm nenhum laço com a população local e a cidade. O termo "turismo balnear" é aqui construído para caracterizar o turismo, o veraneio e o balneário em Salinópolis, distinguindo-o de formas manifestas em outras áreas. Como teremos oportunidade de constatar ao longo deste trabalho, a ênfase na região é de um turismo realizado periodicamente por veranistas proprietários no balneário.

Entretanto, a questão central deste estudo não é o turismo, mas é o que ele provoca no modo de vida das famílias de pescadores que se voltam a ele, ou seja, as mudanças provocadas pelo implemento do turismo balnear na vida tradicional dos pescadores locais. Deste modo, como um dos principais agentes de transformação e mudança na vida local, é necessário algumas considerações para a compreensão do processo.

[6] Como relacionamentos e práticas sociais mais solidárias tradicionalmente realizadas pelos moradores da Prainha estão: o trabalho da pesca - realizado pelos companheiros, parentes e afins; o trabalho das parteiras e "mães de leite" ou de peito entre parteiras, comadres e vizinhas. Neste, também estão inclusas as benzedeiras; o trabalho da mariscagem – pequena pesca de mariscos realizada na beira (especialmente de mexilhão e sarnambi, entre a parentela feminina: filhas, noras, irmãs, comadres, vizinhas, etc.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TURISMO OU O TURISMO COMO UMA QUESTÃO SOCIAL

O turismo[7] é a atividade que mais cresce e produz renda no mundo e, segundo a Organização Mundial do Turismo/OMT, ocupa hoje 6% do PIB global, perdendo somente para a indústria de armamentos e de petróleo. A magnitude e a complexidade próprias deste fenômeno, que desempenha papel fundamental na sociedade moderna, têm estimulado o interesse crescente pela pesquisa na área[8].

No âmbito social e político, é a atividade que induz ao maior movimento de serviços e pessoas que a humanidade jamais presenciou em tempos de paz, promovendo intenso contato entre povos e desencadeando mudanças culturais significativas, que afetam sobretudo comunidades de pequeno porte. Os efeitos desta atividade também se estendem às sociedades geradoras de turistas, revelando que o turismo obedece, em muitos casos, ao desejo de evasão destas sociedades, obrigando a pensar quais os fatores que contribuem para tal desejo. Para a Antropologia, o estudo do turismo é particularmente instigante, na medida em que coloca novos parâmetros para a discussão de temas clássicos da disciplina, como cultura, identidade social e contato interétnico, ao mesmo tempo em que levanta novos desafios para a compreensão da dinâmica cultural no âmbito local e global[9].

---

[7] Embora ainda não haja um consenso sobre a definição da atividade do turismo, aqui, considera-se a definição de Ignara (1999, p.23): "O turismo é o deslocamento para fora da residência por período superior a 24 horas e inferior a 60 dias, motivado por razões não econômicas". (Ver: Barreto (1995); Beni (1998); Banducci (s.d., mimeo).

[8] No Brasil estima-se que, em 1994, a indústria do turismo e lazer tenha movimentado na economia, de forma indireta, 45 bilhões de dólares e acarretado cerca de 7,8 bilhões de dólares em impostos diretos, indiretos e pessoais. Atualmente, esse setor emprega quase 6 milhões de trabalhadores, movimentando 16 bilhões de dólares em salários, sendo considerado um dos maiores geradores de empregos no país. Estima-se que um em cada dez trabalhadores tem seu emprego vinculado a esta atividade. Além disso, é uma indústria que remunera seus empregados 6,1% acima da média salarial. Entretanto, não são apenas vantajosos os frutos desta relação, ao contrário, provocam muitos problemas pois, a sazonalidade e a temporalidade dos trabalhos (diarista, *free lance,* biscate etc) realizados, freqüentemente, sem vínculo e sem seguridade trabalhista, por exemplo, também acarretam prejuízos sociais, que pouco são abordados nas análises sobre o turismo. Ver: Yázigi (1999); EMBRATUR (1999); Luchiari (1999); Serrano (1999); Rodrigues (2000); Silva (2001), entre outros.

[9] O recente encontro da ABA (Associação Brasileira de Antropologia) em Brasília, julho de 2000, mostra a importância que esta temática tem merecido, ao designar um fórum de pesquisa coordenado pelo professor Álvaro Banducci Junior (UFMG), denominado *Antropologia e Turismo*, exclusivo para discutir o assunto a partir de um enfoque antropológico: o significado social do turismo no mundo contemporâneo, a natureza do fenômeno turístico, impactos sociais, culturais e ambientais do turismo etc.

O fenômeno contemporâneo do turismo coloca-se como vetor contraditório e emblemático neste processo: acentua a produção de lugares de consumo e o consumo de lugares.[10]

Com estas potencialidades, o turismo, além de suscitar estudos e reflexões, tem se constituído em um espaço de disputas políticas e econômicas entre governos, prefeituras, instituições públicas e particulares etc., tendo nos discursos ecológicos e/ou pseudo-ecológicos e na mídia seus principais canais de disseminação na sociedade. Deste modo, disputam seu mercado turístico em favor, na maioria das vezes, de uma comercialização estereotipada de espaços e culturas locais.

Como atividade multidimensional, que tem como principal matéria-prima os recursos naturais, históricos e culturais, o turismo vem-se constituindo num fenômeno das sociedades contemporâneas, marcadas pela crescente busca de recuperação dos desgastes físicos e mentais do cotidiano urbano-capitalista (Rodrigues, 1999).

Por tudo isso, o turismo tem-se constituído nas três ultimas décadas num objeto de estudo sistemático das Ciências Sociais. Grande parte dos trabalhos realizados vem dos cursos de Geografia, de Arquitetura e Urbanismo, de Biologia, de Botânica e de outros campos do conhecimento científico que, em sua maioria, discutem as relações entre turismo e ambiente, contemplando o viés da sustentabilidade econômica, social, cultural e territorial, além da fundamentalmente ecológica[11]. São estudos em que o turismo é entendido como um fenômeno econômico, social e político dos mais importantes atualmente[12]. A complexidade própria deste fenômeno tem estimulado, mais recentemente, o interesse crescente da antropologia.

Na região Norte o "turismo balnear" está se constituindo como um campo de pesquisa, especialmente no que tange à Antropologia. Contudo, ainda é pouco expressivo o

[10] Luchiari (1999) e Serrano (1999); também discutem este aspecto negativo do trabalho voltado para o turismo.

[11] Apresentamos ao final, na bibliografia, alguns dos trabalhos que abordam a questão do turismo pesquisados no campo das Ciências Sociais, Geografia, Arquitetura e Urbanismo, Biologia, Botânica e Antropologia. Entre eles: Marques (1995), Carvalho (1997); Cruz (1999); Cunha (mimeo); Breton (1977 1991); Calvente (1997), Cardoso (1999), Luchiari (1999); Serrano et al. (1999); Burns (2002).

número de trabalhos sistematizados que tenham como foco as transformações sociais decorrentes do processo do veraneio e do turismo balnear. Os estudos já realizados sobre esta região em apreço não apresentam maior discussão sobre o processo de mudança social frente ao veraneio e ao "turismo balnear" a que está exposta a população[13]. De um modo geral, pode-se dizer que a discussão do processo de mudança desencadeado pelo turismo é, às vezes, apenas enunciado e parece não constituir, ainda, uma questão problematizada.

Neste trabalho, através da pesquisa de campo, observamos que o "turismo balnear" apresenta-se como uma atividade econômica ascendente – de exploração econômica e social, que acabou por envolver os moradores locais. Todos, de uma forma ou de outra, relacionam-se com o turismo; desde o sujeito que pesca para o turista, passando ao que abriga o turista em sua casa, aluga a sua casa, o seu terreno para armarem barracas de camping e/ou comercializar comidas, até o indivíduo que vai ao bar somente para observar o movimento dos turistas.

Estudos realizados em outras regiões, como o de Canclini (1983), por exemplo, tratam o turismo como uma forma alternativa de sobrevivência, uma opção que alguns fazem para sobreviver.

Nesta tese, consideramos esta "opção" mais como uma questão de estratégia de sobrevivência encontrada pela população local, buscando obter condições necessárias para sobreviver frente à presença do veraneio e/ou do turismo balnear, ou seja, de uma nova ocupação espacial e econômica.

A região do Salgado é, potencialmente, um lugar de turismo e Salinópolis é uma das áreas mais implementadas para o turismo no Estado do Pará, recebendo grande fluxo de veranistas e turistas que passam a conviver com a população. Neste particular, faz-se necessário ratificar que a forma de turismo a ser focalizada neste trabalho é o "turismo balnear". A periodicidade destes veranistas que freqüentam o balneário costumeiramente nas épocas de férias

---

[12] No Brasil apesar da significativa importância em termos de receita de divisas, ainda é tímida a participação brasileira no montante de turismo mundial. Ver: Loureiro (1987); Jafari (1994); Crystal (1995); Lemos (1996-1997); Luchiari (1997); Labate (1997); Caroso & Rodrigues (1998); Rodrigues (1999).

[13] Mendes (1997); Reis & Mendes (2001); Prost (2001) apresentam pesquisa na Região do Salgado observando a expansão urbana e seus efeitos danosos ao meio ambiente, as transformações nos Ecossistemas Costeiros- impactos e gestão ambiental, essencialmente.

e feriados prolongados, provoca maior proximidade com os moradores locais através das relações de trabalho como o de caseiro, por exemplo, e através de novas relações de reciprocidade, vizinhança e compadrio envolvendo, de algum modo, os moradores locais com os veranistas.

Esta região é integrada por dez municípios: Colares, Curuçá, Magalhães Barata, Maracanã, Marapanim, Primavera, Salinópolis, Santarém Novo, São Caetano de Odivelas e Vigia. Possui cerca de 500 km de extensão e está situada entre a baía do Marajó (0^o 30' 40 WGr.) e a baía do Gurupi (0^o 30' 46 WGr.). Compõe um grande sistema de rios que se estendem desde a margem direita do estuário amazônico (Vigia), no estado do Pará, até a baía de Tubarão (Ponta de Mangue), no Estado do Maranhão. Apresenta-se entrecortada em ilhas, penínsulas e baías, situadas nas desembocaduras dos rios de curto percurso, mas muito amplas. Nela predominam formações de falésia, praias e sedimentos arenosos e sílicos, mangues, dunas e restingas (Franzinelli, 1992). É potencialmente região de turismo mesmo que ainda incipiente.

O desenvolvimento e o implemento mais recente para o veraneio e para o turismo de um modo geral nesta região, vem ocasionando inúmeras transformações na sociedade local. O impacto desta nova estrutura econômica estimula a proliferação de novas atividades transformando os hábitos e os costumes locais sob o impacto do implemento do balneário e do turismo. Deste modo, para a realização de nossas observações e análises, enfocamos as seguintes condições e técnicas de pesquisa de campo.

A PESQUISA DE CAMPO: CONDIÇÕES E TÉCNICAS

Partimos da pesquisa básica e através da pesquisa de campo e coleta de dados, procuramos mostrar a realidade vivida na região de Salinópolis, proporcionando maior conhecimento antropológico desta população, como a seguir é exposto:

Iniciamos nossos estudos com um "*survey*" na região do Salgado, Nordeste paraense, com a intenção de escolher o *locus* do trabalho. Visitamos, especialmente, o litoral do município de Maracanã as localidades de Fortalezinha e Motta - ambas na baía de Maiandeua; a cidade sede

do município de São João de Pirabas e o município de Salinópolis e a cidade sede de mesmo nome.

Num primeiro momento a escolha recaiu sobre o município de Salinópolis, porque nele localiza-se um dos maiores centros de atração do turismo balnear, cuja população convive com a oscilação entre o "mundo do veranista" (moderno) em épocas do veraneio e, com o "mundo dos pescadores artesanais" (tradicional) nos outros períodos do ano.

No município de Salinópolis visitamos algumas comunidades rurais como São Bento, Cuiarana, Derrubadinho, Coremas, Alto Pindorama, Santo. Antônio do Urindeua e Ilha do Atalaia, com a pretensão de conhecer melhor a região escolhida para *locus* da pesquisa. Nestas visitas foi possível, mesmo de forma breve, vivenciarmos um pouco da realidade destas comunidades e observarmos o cotidiano, conversando com várias pessoas; visitando algumas famílias; freqüentando alguns dos lugares mais populares como "vendas" (mercearia, mercado, feiras, barracas de comidas e de praia), postos de saúde, escolas; passeando pelas ruas, na "beira" (porto informal), na praia, bem como durante o trajeto de uma localidade para outra, nos ônibus e barcos de linha, em que a população está presente no seu dia-a-dia.

Num segundo momento - após uma pesquisa de quinze dias – delimitamos a região a ser estudada, escolhendo, dentro do município de Salinópolis, a cidade de Salinópolis, pela especificidade local que, a despeito de ser um lugar urbanizado para o turismo e o veraneio, ainda apresenta uma população fortemente marcada por traços de uma cultura mais tradicional, que passa a conviver com a modernidade trazida pelos turistas e veranistas.

Cabe salientar que há uma certa tradição de estudos antropológicos na região do Salgado: Maués(1977); Motta/Maués(1977); Furtado(1980); Melo(1985); Loureiro(1985); Maneschy (1990), apenas para citar alguns. Entretanto, quando da escolha da área de trabalho, Salinópolis, a despeito da importância histórica do lugar, ainda não apresentava nenhum estudo desta natureza e, certamente esse fato também foi levado em conta para a escolha do lugar da pesquisa.

Durante os primeiros trinta dias, o olhar da pesquisa esteve dirigido à cidade de Salinópolis como um todo, com o intuito de melhor observar e conhecer a realidade vivida. Nesta oportunidade, através de conversas informais, visitas e entrevistas em que procurávamos informações sobre a vida local, uma teia de relações foi transparecendo, deixando-se conhecer quem é quem, onde moram e o que fazem os moradores de Salinópolis.

Participamos de comemorações, missas, cultos, reuniões políticas e sociais, visitamos e contactamos várias vezes a Colônia de Pescadores Z 29, órgãos e instituições públicas; Secretaria de Saúde, Prefeitura Municipal, Câmara dos Vereadores, Sindicatos (dos produtores rurais e outros), associações de bairro (Atlântico[14]), escolas, postos de saúde, o hospital municipal, casa da praticagem da barra etc. Visitamos famílias, participamos de reuniões sociais, presenciamos alguns procedimentos de cura (medicina caseira), além de entrevistas dirigidas aos pescadores, agentes comunitários de saúde (ACS) do município, com trabalhadores rurais, donas de casa e demais pessoas do lugar.

Após uma certa familiaridade com a cidade, dirigimos nossa atenção para o bairro da Prainha - como uma parte da sociedade local, por ser um dos bairros mais representativos dos moradores do lugar – constituído por antigos pescadores de origem interiorana, tradicionalmente pescadores-agricultores que passam a se envolver, cada vez mais, com o veraneio, abandonando as formas tradicionais de trabalho da pesca para os trabalhos com o mundo balnear. Com intenção de conhecer como vivem os moradores deste bairro e poder refletir sobre a situação de mudança pela qual estão passando com a presença do veraneio e do balneário, acompanhamos diariamente a vida no bairro, permanecendo entre as pessoas estudadas durante grande parte da pesquisa de campo.

Quando delimitado o Bairro da Prainha como área e população a serem focos da pesquisa, todo esforço foi voltado no intuito de conhecer o mais próximo possível da vida no

[14]À época da pesquisa, a única associação de bairro que tinha uma certa estrutura político-organizacional e funcionava era a associação do bairro do Atlântico – bairro essencialmente formado por migrantes nordestinos que ocuparam as terras da Agrissal (projeto agrícola). Esse bairro é bastante representativo, conta com cinco mil famílias, e esta associação, à época da pesquisa, era o grande trunfo que os moradores locais tinham para reivindicar melhorias sociais para o bairro. Servia, de certo modo, como exemplo para os outros bairros que ensaiavam tal processo, mas que, entretanto não foi adiante.

bairro e suas implicações com a vida balnear. Procuramos refletir sobre as transformações sociais decorrentes das mudanças nas relações de trabalho e na vida doméstica.

A primeira fase do trabalho de campo teve a duração de seis meses (setembro de 1998 a fevereiro de 1999) alternados a cada vinte e cinco a vinte e oito dias com pequenas viagens a capital, Belém, no que após três ou quatro dias, retornávamos ao local da pesquisa. Estes se constituíram em verdadeiros e primorosos "intervalos de campo" por permitirem, com o devido afastamento, refletir constantemente sobre as questões objetivas que surgiam na área pesquisada. Por outro lado, as idas e vindas a Belém no ônibus de linha foram, certamente, um "laboratório de pesquisa", proporcionando observações no que diz respeito às razões pelas quais se dá o deslocamento da população regional do interior para a capital e vice-versa.

Nestas ocasiões de viagem conversamos e passamos a conhecer vários moradores de Salinópolis, os quais contavam as razões, os motivos e a freqüência de muitas viagens à capital. As principais razões alegadas foram viagens por motivo de tratamento de saúde (problemas que não podem ser resolvidos em Salinópolis); compras (especialmente comerciantes que vão à praça comercial de Belém firmar contratos, comprar objetos e insumos para os seus comércios locais). Salinópolis não tem indústria e a produção de hortifrutigrangeiro é insuficiente para o mercado local, especialmente nos períodos de veraneio em que o consumo é maior. Deste modo, os comerciantes compram de tudo em Belém para ser vendido em Salinópolis. Por outro lado, não é menos comum que algumas pessoas, especialmente jovens, viagem para a capital em busca de emprego e maior escolaridade. Menos freqüente, porém algumas vezes registrado, foram as fugas de menores de idade, que tentavam sair da cidade por não quererem mais lá permanecer, por tentarem ir ao encontro dos "romances" das últimas férias no balneário e mesmo por tentarem esconder ou resolver problemas pessoais como: gravidez precoce, problemas com drogas e pequenos furtos.

A segunda fase de campo foi realizada em julho e agosto de 2000, para conferir alguns dados e questões surgidas quando da redação. Neste período, procuramos circunscrever melhor o interesse da pesquisa em torno do processo de mudança por que passavam os moradores do bairro da Prainha, em decorrência da mudança das relações de trabalho da pesca para os trabalhos volantes. No mesmo período, outra "inquietação" foi percebida. No primeiro período de

campo, em que eram iniciadas as pesquisas e ninguém nos conhecia, havia a suspeita de algum envolvimento no processo eleitoral. No segundo período, ao contrário, todos já nos conheciam e, não obstante, nossa presença também foi alvo de atenção; desta vez, para atuar efetivamente no processo, uma vez que "já fazia parte da vizinhança". A identidade de pesquisadora foi então mais evidenciada para delimitar, publicamente, as nossas ações, distinguindo-as de possíveis atuações políticas partidárias. Isso não impedia de manifestar minhas considerações sobre o processo, apenas marcava "espaços" distintos.

O fato de iniciarmos as pesquisas às vésperas das eleições municipais (setembro de 1998) fez com que nossa presença fosse mais observada. É evidente que as circunstâncias iniciais da pesquisa junto com a campanha de candidatos, sobretudo na fase inicial do trabalho de campo, servia para aumentar a curiosidade e a expectativa sobre nossa pessoa. Nossa "imagem" inicial revestiu-se de certa ambigüidade – a condição de estranha às disputas políticas e o fato de não ser familiar aos informantes a figura do pesquisador, contribuíram para uma certa confusão sobre as razões da pesquisa. Essa confusão foi, pouco a pouco, sendo desfeita com a assiduidade de nossa presença. Além disso, foi percebido que a forma de abordagem adotada diferia radicalmente do comportamento dos candidatos e das campanhas eleitorais.

A partir de então, através dos depoimentos, fomos adquirindo familiaridade com a vida da Prainha, inclusive observando como a política dividia e mexia com a vida da população local. Com o passar do tempo e o fim das eleições, foi mais tranqüilo conversar e saber das "coisas" e da vida do lugar, pois os moradores locais não estavam mais preocupados, ou pelo menos não tanto, com "revanches" em função de brigas com adversários políticos.

Durante o período de trabalho de campo mantivemos residência na cidade de Salinópolis, em um bairro próximo ao lugar da pesquisa, que facilitava idas e vindas ao bairro - loco de observação e certa familiaridade com a população estudada. Deste modo, passamos a conhecer e a nos fazer conhecidos na vizinhança, vivenciando o cotidiano local, freqüentando os mesmos lugares que a população freqüentava no seu dia-a-dia, visitando, conversando, participando de algum modo da vida familiar dos moradores do bairro da Prainha. Depois de certo tempo passamos a receber em visita, pessoas do lugar. E nossa casa foi lugar de reuniões e de muitas conversas, estabelecendo certos laços de proximidade que nos permitiram usufruir

dessa convivência para perceber melhor a vida dos moradores do bairro; com o quê passamos a ser incorporados na vizinhança e a fazer parte, em um certo sentido, da vida local.

A receptividade à pesquisa se deu gradualmente e o fato de investigar a vida e a história local suscitou interesse entre os moradores, que logo passaram a indicar certas pessoas como conhecedoras e legítimas contadoras da história de Salinópolis. Foram entrevistadas algumas destas pessoas indicadas pela população como legítimos conhecedores e contadores da história local. A época da pesquisa de campo, duas delas disputavam entre si um lugar hegemônico de contador oficial da história local. Ambos pretendiam fazer um livro sobre a história local e, cada um a seu modo, já possuía alguns rascunhos para a realização deste intento que, por falta de verbas e incentivos, não se concretiza. São moradores antigos da região e já atuaram na vida pública local sendo por isso mesmo, muito conhecidos por todos. Tivemos oportunidade de conhecer alguns desses rascunhos e, essencialmente, eles se reportam à história de famílias que julgam importantes, prefeitos que ocuparam cargo na cidade e seus feitos. Nosso contato foi bastante cordial embora no início, nosso interesse de pesquisa frente aos moradores tenha causado um certo constrangimento. Pois são eles que, por direito, gostariam de publicar a verdadeira história de Salinópolis. Entretanto, após os devidos esclarecimentos foram sempre atenciosos, contando incansavelmente sobre a vida local[15].

Através das histórias oral e de vida[16] dos moradores mais antigos que, em geral, também eram os mais velhos, buscamos observar a história local. Para resgatar a memória social dos moradores do bairro da Prainha, demos preferência, em alguns casos, às entrevistas com as famílias dos pescadores. Entrevistamos famílias em suas residências, procurando conversar com o máximo possível de pessoas por grupo doméstico.

Em sua maioria, os contatos que pudemos estabelecer nas casas se davam primeiramente com as mulheres, enquanto os homens estavam na pesca, sendo, portanto, necessária uma segunda visita combinada, para conversar com os homens. Oportunamente,

[15] Recentemente um deles faleceu (outubro de 2000) e o outro está bastante enfermo; os rascunhos por eles escritos e o intento de publicar um livro sobre a história local ainda aguardam na gaveta.
[16]Como método qualitativo de análise, a história oral ocupa um lugar proeminente. Recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação ou cuja documentação quer completar. Sobre este método Ver: Queiroz (1988); Debert (1986).

visitamos mais de uma vez cada casa. Desta maneira, quase sempre havia um certo laço de amizade que fazia com que, em diversas circunstâncias, no mercado ou na rua, por exemplo, pudéssemos nos encontrar e conversar para marcar uma hora mais conveniente, normalmente depois de retornarem da pesca, depois da "bóia" (como chamam para as grandes refeições - almoço ou janta) e do descanso (sesta). Como homens do mar, seus horários dependem das marés e o nosso trabalho, necessariamente, adequou-se a este ritmo, condicionando as entrevistas e questionários às condições dadas.

Conversamos com homens e mulheres, adultos, jovens e com os mais velhos. As conversas foram sempre no sentido de observação da vida local, como eram percebidas as mudanças sociais, as transformações nas relações com os recursos da Natureza e nas atividades do cotidiano: no trabalho (pesca), nos cuidados com a saúde (medicina caseira), na prática doméstica (cuidados com a casa e a família) etc., e em que medida estas relações estavam se modificando com a introdução de uma outra forma de trabalho voltado para o turismo balnear.

Entre os homens adultos, essencialmente pescadores artesanais, observamos como são travadas as suas relações com a Natureza, através das seguintes questões: como se mantêm tradicionalmente na atividade da pesca; como e quando os próprios pescadores passam a considerar que estas relações foram alteradas e por que; como o processo de mudança advindo com a dificuldade da pesca e dos recursos da Natureza foi algo marcante na vida social.

Observamos também como a escassez ou a diminuição de certas espécies, atribuídas à pesca comercial predatória, que começa a ser praticada na região, com intensa captura em função do comércio com o balneário, provocam alterações nas relações de trabalho, nas relações entre os próprios pescadores e, nas relações com a Natureza.

Se o fato de não poderem competir com a pesca mais aparelhada em função da limitação dos recursos pesqueiros locais, que os impede de correr atrás dos cardumes cada vez mais distantes, contribui para o processo de transformação e mudança nas relações com a pesca. Até que ponto este desencantamento com o mundo da pesca é relatado também pela dificuldade de parceiros para a pesca frente ao problema dos mais jovens não abraçarem a profissão de

pescador. Enfim, até que ponto essas dificuldades com o trabalho da pesca contribuem para o direcionamento de outras atividades voltadas para o veraneio.

Procuramos observar entre as mulheres, essencialmente donas de casa e catadoras de marisco, aquelas que beneficiam os mariscos antes de colocá-los a venda, o seguinte:

Como são as relações femininas com a Natureza, em quais situações e em que condições são tecidas as redes que as ligam ao mundo natural. Como são mantidas certas tradições no que se refere aos cuidados com a saúde através de práticas de cura (curandeiras/benzedeiras e parteiras) e alimentação, por exemplo.

Como a mudança nas relações de trabalho interfere na vida familiar, ou seja, como os envolvimentos com os serviços voltados para o veraneio (trabalho de caseiro e outros) contribuem para as mudanças na organização social das famílias do bairro da Prainha.

Investigamos, ainda, em que medida as mudanças nas atividades profissionais, para caseiros e biscateiros, por exemplo, permitem observar a questão da tradição e da mudança vivenciada na região. E até que ponto eles -pescadores artesanais -deixam suas formas tradicionais de se relacionar com a Natureza para adquirir novos hábitos que a profissão exige.

Ao lado das conversas e entrevistas, observamos e participamos intensamente da vida local para apreender melhor as dimensões socioculturais e a organização espacial dada, ou seja, onde mora a população local e onde estão os veranistas: como estes espaços são construídos e compreendidos pelos moradores locais.

Por outro lado, e de maneira apenas complementar buscamos também conhecer melhor quem são os veranistas e turistas que freqüentam a região, através de entrevistas e conversas dirigidas, no sentido de obter dados sobre: origem, ocupação profissional, nível sócioeconômico, tempo e razões de freqüentar o balneário, além de observar os interesses de manter propriedade (Segunda residência) no balneário.

Estas observações serviram como "pano de fundo", ou um primeiro passo para a compreensão da teia de relações sociais que se apresenta entre estes moradores, pescadores, pequenos produtores rurais, caseiros e veranistas.

A primeira amostragem sobre os moradores do bairro da Prainha foi realizada através da aplicação de questionários. Inicialmente, o interesse foi entrevistar e aplicar os questionários entre as mais antigas famílias dos pescadores do bairro. A partir do conhecimento de uma família, as outras foram se apresentando, um pescador indicava outro, um amigo ou comparsa de pesca, e assim foram se apresentando uns após os outros.

Como o interesse de pesquisa se constituiu, frente à população local, em um estudo sobre a vida e a história local, as pessoas mais antigas sempre eram indicadas e se mostravam solícitas para contar com maiores detalhes sobre as suas vidas: como era a cidade quando aqui chegaram e o que faziam e, depois da chegada dos veranistas, como ficou. As próprias entrevistas foram definindo as vizinhanças e conduzindo a novas entrevistas para locais determinados, todos delimitados ao bairro da Prainha. Desta maneira, um mapeamento simbólico passou a traçar os espaços da pesquisa, um pouco pela profissão de pescadores, pelas relações de afinidade e de idade que se constituíam, de certa forma, como atributos importantes de uma "autoridade no assunto" e de "grande informante" para a pesquisa.

Dos grupos domésticos entrevistados, cinco famílias foram escolhidas como representativas da vida local, por apresentarem claramente a transição do trabalho da pesca para outros trabalhos voltados para a vida do veraneio, que a maioria das famílias locais enfrenta. E, dentro destas famílias, os chefes de GD (Grupo Doméstico) revelaram-se como principais fontes da história social local, pois além de pescadores tradicionais, moradores antigos que ora passam a se envolver com o balneário, lembravam, em detalhes, do processo de mudança pelo qual vem passando a vida local. As conversas extrapolavam em muito a descrição pura e simples da organização social dos pescadores, pois não faltavam os relatos de lendas, as histórias dos encantados do fundo e até mesmo o ensinamento de receitas da medicina caseira, fato que, dada a importância para a compreensão do processo de transformação e mudança, não pudemos omitir.

No campo foram utilizadas as seguintes técnicas:

1. Questionários (conforme Apêndice I);

2. Entrevistas com membros e/ou representantes de órgãos e instituições públicas e privadas de interesse para a pesquisa, bem como, membros de famílias e de grupos domésticos etc., além de alguns turistas.

3. Observação participante na vida social local em diversos momentos do cotidiano;

4. Levantamento de histórias de vida e de história oral;

5. Utilização de recursos audiovisuais (fotografias, filmagem e gravação; todos sob consentimento dos informantes).

Estas técnicas foram úteis nas seguintes fases da pesquisa empírica:

a) A utilização de questionário foi importante para familiarização com a vida sociocultural dos moradores do bairro da Prainha para possível conhecimento da composição da população: origem demográfica e a trajetória da população, bem como a razão do deslocamento ou migração, dados socioculturais e econômicos, entre outros. Com o questionário, procurou-se mostrar uma fotografia ou o perfil da comunidade estudada. Foi possível apreender um pouco do conhecimento popular acerca de suas estratégias de sobrevivência, do conhecimento e manipulação dos recursos da Natureza; obtivemos informações sobre o modo de vida-organização social, elementos importantes para compor esta etnografia e como recurso introdutório da pesquisa.

Foram aplicados cinqüenta questionários entre as famílias residentes no bairro, que são em torno de duzentos grupos familiares. Na escolha dos entrevistados procuramos incluir, em grande parte, os moradores que podiam oferecer subsídios para resgatar a tradição local e conhecedores da memória social do lugar.

Algumas das casas foram indicadas por entrevistados quando se referiam a parentes e amigos, antigos moradores do bairro. Além dos critérios já referidos, a aplicação dos questionários e /ou a escolha de algumas casas no bairro para alvo da pesquisa se deu a partir de algumas considerações como o "*status*" do chefe do GD no bairro, sua importância social etc., pois interessava pontuar casas (pessoas) que ocupavam e tinham certa influência na vida do bairro, como rezadoras, parteiras, pescador representante do bairro, diretor(a) do centro comunitário, morador mais antigo, pescador mais antigo, ex-pescador que se tornou comerciante e/ou que vive da empreita dos instrumentos da pesca, ex-pescador que deixou a pesca para trabalhar como caseiro, representante da ala jovem da comunidade, representante das mulheres catadoras de marisco, mulher que pesca etc.. Todos, a seu modo, pessoas influentes no bairro, com grande conhecimento ou envolvimento com os problemas do bairro.

Estas casas foram assim pontuadas pela possibilidade maior de informações sobre a vida local, que o chefe doméstico poderia proporcionar à pesquisa. Certamente os questionários foram apenas uma forma de conhecer estrategicamente o bairro e daí ampliar as relações com os seus mais diversos segmentos.

b) Entrevistamos pessoas que representavam categorias sociais importantes para pesquisa, como os pescadores e as rezadoras, porque, além de serem categorias das mais importantes do bairro, são ocupações que tradicionalmente apresentam relação íntima com a Natureza. Entrevistamos também pessoas que ocupam lugar de destaque na sociedade do bairro, tais como legítimos contadores de história, "autoridades" no assunto dos acontecimentos e causos locais que também se constituem, de algum modo, na história local; "autoridades" na "arte de curar".

c) Promovemos reuniões com os moradores do bairro da Prainha no Centro Comunitário, para conversar sobre a vida local. Participamos de reuniões com os pescadores na Colônia dos Pescadores, para saber sobre a situação dos pescadores; com os jovens e com as donas de casa e marisqueiras do bairro, para saber sobre as mudanças nas relações de trabalho. Estivemos presentes em festas e comemorações: batizados comunitários[17], festas do Padroeiro do bairro e do

[17] Fomos especialmente convidados para participar do batizado comunitário que se realizou na igreja de São Pedro próximo ao Natal, reunindo 400 jovens, adolescentes e crianças da cidade e de lugarejos próximos à cidade.

Padroeiro da cidade, celebrações comunitárias realizadas no centro comunitário pelas mulheres católicas do bairro etc., com intuito de participar da vida local.

d) Os depoimentos foram importantes para, através da própria fala do povo, compreendermos o que pensa e diz sobre a presença do balneário. Como as transformações advindas com a mudança nas relações de trabalho, em função da vida do veraneio modificam as relações sociais no bairro Prainha.

e) Os recursos audiovisuais foram importantes para gravar situações e momentos inusitados da pesquisa e do convívio com a comunidade; serviram para ilustrar e, mais do que isso, para visualizar e construir a própria etnografia; documentar uma experiência de campo, bem como demonstrar nossos objetivos de trabalho.

Ao lado da pesquisa de campo, realizamos intensa pesquisa bibliográfica sobre a região[18]. E procuramos dialogar com outros autores que apresentam pontos de conexão e interesse com o nosso, por tratarem de: 1) pesquisas que focalizam populações haliêuticas[19]; 2) pesquisas na região em foco; 3) pesquisas que abordam a problemática do impacto do turismo; 4) pesquisas que abordam a questão do sobrenatural e da pajelança cabocla, questões que, essencialmente, constituem o presente trabalho de Tese.

PERCURSO BIBLIOGRÁFICO DEMARCANDO O ESTUDO

No que diz respeito aos estudos com populações haliêuticas no Brasil, resumidamente pode-se dizer que até 1950, o número de trabalhos realizados ou publicados sobre estas era relativamente reduzido e escasso. Entre eles, se destacam os trabalhos de Mussolini (1945) e Pierson & Teixeira (1947), que descreveram o modo de vida e a técnica de pesca dos pescadores

[18] Ao lado da pesquisa de campo, realizamos levantamento e pesquisa bibliográfica das fontes primárias e secundárias sobre a região nos seguintes locais: Biblioteca e Arquivo Público de Belém (PA); Biblioteca do Centur (PA); Biblioteca e Arquivo do MPEG. (PA); Biblioteca Central da UFPa. (PA); Biblioteca do NAEA-UFPa. (PA); Biblioteca do CFCH-UFPa (PA); Biblioteca da FFLCH-USP (SP); Biblioteca do NUPAUB-USP (SP); Biblioteca do PROCAM-USP (SP); Biblioteca do NEPAN-UNICAMP (SP); Biblioteca do IFCH da UNICAMP (SP); Biblioteca Pública de Salinópolis (PA); Arquivo da sede da Praticagem da Barra (PA).

do litoral do Estado de São Paulo. Entre 1950 e 1960, foram os geógrafos humanos que se destacaram descrevendo vários aspectos da organização (distribuição espacial) e formas de vida dos pescadores no litoral Sul e Sudeste, mais especialmente entre o Rio de Janeiro e Santa Catarina: entre eles, França (1954) e Soeiro (1961). Na década de 60, começam a surgir trabalhos com maior densidade metodológica e teórica: Kottak (1966), Mourão (1967). Neste final de década, o surgimento dos "estudos de comunidade" foi fundamental para a pesquisa entre as Ciências Sociais.

A partir de 1970, intensificam-se as pesquisas e as preocupações com o estudo das relações entre as comunidades de pescadores tradicionais e a indústria pesqueira em autores como: Zarur(1974); Ximenes(1975); Peirano(1975); Tavares (1975); Maranhão(1975); Maués(1977); Motta/Maués(1977); Duarte(1978); Beck (1979); Furtado(1980); Diegues(1983); Penner(1984); Mello(1985); Loureiro(1985); Maldonado(1986); Silva (1989)[20,].

Na Região Amazônica, no âmbito das Ciências Humanas, estas pesquisas datam desde o início dos anos 70, quando começam a surgir trabalhos mais sistemáticos, oriundos de cursos de pós-graduação[21] que tratam da Pesca na Amazônia, enfocando o lado artesanal, as transformações para a pesca industrial, conseqüências político-econômicas etc. Entretanto, praticamente, inexistem pesquisas mais sistemáticas observando as transformações sócio - familiares a partir da presença do veraneio e do turismo, ou seja, do impacto do turismo na vida social local.

---

[19]O termo "população haliêutica" é relativamente recente, no Brasil, designando estudos sobre populações que vivem em sistemas aquáticos: ribeirinhos, lacustres e marinhos. (Furtado, 1993).

[20] A importância crescente destes estudos levou à realização do 1º Seminário sobre a Pesca Artesanal, promovido pelo Instituto de Desenvolvimento Econômico-Social do Pará (IDESP) em 1984; o 1º Encontro de Ciências Sociais e o Mar em 1986 em Brasília, depois continuaram esses encontros em São Paulo, ligados ao NUPAUB-USP, no MPEG em Belém. Como resultado deste esforço foi criado em 1992, o Centro de Culturas Marítimas (CEMAR) - USP, reunindo cientistas sociais de todo país.

[21] Cabe salientar que muitos dos pesquisadores paraenses que pioneiramente lidam com pesquisas entre comunidades de pescadores tradicionais da região cursaram pós-graduação em Universidades do Sul e Sudeste do país, que já mantinham uma certa tradição de estudos nestas regiões. De algum modo, as preocupações acadêmicas com as populações haliêuticas impulsionaram as pesquisas na região Norte através destes alunos: Furtado (Dissertação de Mestrado e Tese de Doutorado na USP.); Mello (Tese de Doutorado na UNICAMP.); Brito (Dissertação de Mestrado na UFRRJ.) Maués e Motta/Maués (Tese de Doutorado na UFRJ.), entre outros. Cabe lembrar que a UnB foi também pioneira nos estudos com comunidades pesqueiras: Zarur; Peirano; Maranhão; Tavares; Maués; Motta /Maués; Carneiro; Maldonado; entre outros.

Com relação aos estudos voltados para as questões do impacto do turismo – turismo ecológico; manejo ambiental em áreas de projetos ou reservas ecológicas; políticas ambientais e outras há um crescente número de pesquisas sobre regiões em que o turismo e o veraneio são vistos como agentes de transformação e mudança em áreas litorâneas e balneares: Lago(1983); Beck(1989); Diegues(1992, 1995, 1997); Madruga(1992); Macedo(1993); Barbosa(1995); Luchiari(1997-1999); Oliveira(1998); Veiga(1998); Parret(1998); Serrano (1999); Rodrigues(2001) etc.[22]. Entretanto, ainda falta no âmbito da antropologia maior discussão sobre o processo de transformação e mudança social das populações envolvidas a partir da mudança nas relações de trabalho voltadas para o veraneio e o turismo balnear.

A Região do Salgado paraense tem se mostrado cada vez mais importante para pesquisas antropológicas frente ao processo de transformação e mudança pelo qual está passando. Neste sentido, o problema da "tradição e mudança" na pesca artesanal está presente em vários trabalhos[23]:

Furtado (1980-1999), aborda a questão da pesca ribeirinha na região do baixo Amazonas e da pesca costeira na região do Salgado paraense, mostrando os problemas da pesca artesanal - diminuição do pescado e degradação de zonas pesqueiras - frente ao processo de mudança pelo qual vem passando; problemas que dizem respeito à introdução da pesca industrial. Neste sentido, estão incluídos os trabalhos de Penner (1984 [1980]), Loureiro (1985), Nascimento

[22] Alguns destes estudos são realizados e/ou coordenados pelo NUPAUB, PROCAM e CEMAR na USP e pelo NEPAN e NEPEC na UNICAMP. São trabalhos essencialmente realizados nas regiões Sul e Sudeste.

[23] Ver produção cientifica sobre comunidades pesqueiras na Amazônia, através dos Anais do 1º Seminário Sobre a Pesca Artesanal do IDESP; da literatura oficial da SPEVEA - SUDAM); do Workshop Recursos Naturais. Conflitos e Gestão na Pesca Amazônica, Projeto Renas - Museu Goeldi – 1998, que faz uma espécie de balanço dos trabalhos ora realizados, entre outros. Existem projetos de pesquisa em algumas áreas da região em parceria com institutos internacionais no Museu Goeldi (Renas, Ramadam) e na UFPa. Os estudos sobre pesca já são tradição, talvez, iniciada com o "clássico" de José Veríssimo (1870): **A pesca na Amazônia**. Há um grupo de professores e pesquisadores que desenvolvem trabalhos sistemáticos, especialmente na área da Antropologia da Pesca desde o início dos anos 70, tais como Furtado (1987[1980]-1999), Nascimento (1993-1997), Graça Santana (mimeo)- no Goeldi ; Maués (1990 [1977]; 1995 [1987]); Motta/Maués (1993 [1977]-1999); Penner (1984); Mello (1985) Maneschy (1990-1994), na UFPa., entre outros. A continuidade desta tradição na Antropologia está evidenciada nas pesquisas atuais que estão culminando em Dissertações e Teses, realizadas no âmbito da UFPa., USP. e outras universidades, por : Denise Cardoso (UFPA); Gercilene Costa (UFPA); Madian Pereira (UFPA); Denize Adrião (UNICAMP); Wilma Leitão (UFRJ); entre outros. Cabe ressaltar que sobre o tema **Impacto do veraneio e do turismo balnear**, **na organização social das famílias locais** não há, na região, nenhum outro trabalho que o contemple.

(1993), entre outros tratando também da pesca na Amazônia e apontando os conflitos sociais na transição da pesca artesanal para a pesca voltada para o comércio.

Brabo (1981), trabalha com a questão dos conflitos da pesca em Cachoeira do Arari, entre os pescadores, geleiros e fazendeiros; conflitos decorrentes da concorrência na pesca. Por sua vez, Melo (1985) discute as questões de mudança na pesca observando as transformações nas relações tradicionais de pesca e a inserção do sistema capitalista nestas práticas, proporcionando uma análise política da pesca. Nesta perspectiva inclui-se o trabalho de Leitão (1997), que faz um estudo sobre o pescador e as políticas de desenvolvimento da pesca no Brasil, enfocando o caráter intervencionista das políticas realizadas à pesca.

Quanto às referências ao trabalho da mulher, ainda que em número proporcionalmente menor aos realizados sobre comunidades pesqueiras, contamos com os estudos de Motta/Maués (1987-1999) que através das relações de gênero, simbolismo e ritualização, aborda a questão da mulher "trabalhadeira"; Maneschy (1990-1993) além de abordar os conflitos na apropriação do mar Paraense, observa o lugar da mulher nessas comunidades pesqueiras. Alencar (1991); Carneiro (1979); Beck (1979); Maldonado (1986); Wortmann (1992); Cardoso (2000), todas tratam do papel que a mulher desempenha frente às transformações e mudanças ocorridas nas comunidades pesqueiras.

Na perspectiva do simbolismo e ritualização entre comunidades pesqueiras na região do Salgado Paraense, estão os trabalhos de Maués (1987-1999) onde é observada a integração ao modo de produção capitalista da comunidade rural que tradicionalmente vivia da agricultura e pesca artesanal na região do Salgado, discutindo também a questão do catolicismo popular (pajelança cabocla) e o controle eclesiástico através de outros trabalhos realizados na mesma região. Brandão (1997) faz um estudo sobre cultura, religião, simbolismo e ritual através da análise da festa de São Benedito, padroeiro da cidade de Bragança, região do Salgado. Figueiredo (1996), através da crença dos encantados, observa como se processa a pajelança, os rituais de feitiçaria e as religiões afro-brasileiras, na região do Salgado[24].

[24]Mais recentemente, fruto do esforço conjunto, esta equipe de trabalho e de profissionais têm contribuído e estimulado para que novos trabalhos sobre a região do Salgado Paraense sejam realizados. Várias Dissertações de

De um modo geral, a bibliografia existente sobre a região do Salgado Paraense, ainda que com perspectivas diferentes da adotada neste trabalho, abre a possibilidade de um diálogo por oferecer conteúdos reflexivos sobre a cultura, estratégias de sobrevivência, processos de pesca, tecnologia e, conseqüentemente o processo de mudança compartilhada pelos pescadores desta região como um todo. São fundamentais por mostrar como os sistemas sociais sofrem transformações frente ao processo de mudança vivenciado pelas famílias de pescadores artesanais, em decorrência dos problemas da introdução da pesca comercial com maiores recursos pesqueiros e intensa. Por apontar os conflitos sociais nesta transição da pesca artesanal para a pesca industrial e as estratégias de sobrevivência por eles encontrada: mudança nos processos e tecnologia da pesca, inserção no sistema capitalista.

Como nossa pesquisa focaliza a análise das mudanças sociais acarretadas pelas transformações nas relações de trabalho da pesca para os trabalhos voltados para o veraneio e o turismo balnear, os estudos que abordam os conflitos sociais decorrentes da mudança da pesca artesanal para a pesca comercial, nos interessam. Essencialmente, porque mostram como as mudanças nos processos de pesca interferem na vida social local. Nosso diálogo é no sentido de observar como as mudanças nos sistemas de pesca acarretam transformações nos sistemas sociais.

Os trabalhos mais diretamente ligados ao turismo, turismo ecológico, manejo ambiental etc., embora com perspectivas diferentes, contribuem para as nossas reflexões, pois apontam as transformações engendradas pelo processo de turistificação no meio ambiente e no mundo rural.

Do mesmo modo, os estudos que abordam as mudanças nas relações de trabalho das mulheres nas zonas pesqueiras são de muito interesse para a nossa pesquisa, pois faz parte de nossas reflexões observar o papel que a mulher desempenha frente às transformações e mudanças nas regiões pesqueiras. Objetivamente a inserção das mulheres nos sistemas de pesca, catação de

---

Mestrado estão sendo realizadas na UFPa: Pereira (2000); Cardoso (2000); Costa (2000) etc., o quê demonstra a importância desta área para as pesquisas antropológicas na região.

mariscos e comercialização é em grande parte intensificada com o veraneio e o turismo[25]. Da mesma maneira, ocorre o direcionamento para os trabalhos como caseira, em virtude do implemento do veraneio e do turismo balnear na região estudada.

Já as pesquisas sobre ritualização e simbolismo contribuem para as nossas reflexões, no sentido de observar as representações locais. Embora não seja o eixo central do nosso trabalho as questões de pajelança e encantarias, procuramos observar como o imaginário local se modifica frente à presença do veraneio, onde elementos do processo de mudança são incorporados e (re)contados nas estórias dos encantados.

Estudos realizados na região, observam que as transformações nos modos tradicionais de organização espacial e social das comunidades locais, configurando novas formas de relacionamento com os recursos da Natureza e de utilização dos mesmos são decorrentes, em grande parte, de políticas econômicas alienígenas permeados de modelos e inovações tecnológicas externas à região provocando profundo impacto nessas relações[26]. Enfocam as transformações sociais e apontam a complexidade desse processo, que se constitui a partir de políticas públicas regionais direcionadas para a Amazônia, permeadas por um total desconhecimento da realidade e elaboradas de forma centralizadora, desconsiderando a especificidade da região: uma economia informal.

Segundo alguns destes estudos, tais políticas podem ser agrupadas, de um modo geral, em momentos específicos da história da região de acordo com os anseios e necessidades do Estado Nacional. Dentre tais políticas destacam-se: a política da conquista, da exploração, a colonialista, a da integração e de ocupação, a de desenvolvimento, a agrária, a florestal, a energética, a mineral e mais recentemente, a política ambiental, na qual o turismo está incluso. Entretanto, como foi observado, os efeitos sociais do turismo ainda são pouco problematizados nos estudos já realizados na região Norte.

---

[25] A pesca e a coleta de mariscos são, essencialmente, realizadas pelos homens; as mulheres trabalham com o beneficiamento e o acondicionamento para venda. No Capítulo 3 abordaremos mais detalhadamente a questão da divisão sexual do trabalho.

[26] Autores como: Hebette (1979); Almeida (1986,1994); Castro (1989); Conceição (1996) etc., enfocam as transformações sociais e a complexidade do processo, que se constitui a partir de políticas públicas regionais direcionadas para a Amazônia.

Nesta breve digressão sobre os estudos de populações ribeirinhas e costeiras na região Norte, constata-se ausência ou pouca discussão sobre o processo de mudança advindo com a presença do balneário e do turismo nestas populações. Embora os estudos existentes na região do Salgado apresentem uma grande contribuição para o campo do conhecimento antropológico há, ainda, muito a fazer no que se refere à **análise das mudanças sociais decorrentes do processo e impacto do veraneio e do turismo nas relações sociais de trabalho na região**. Os estudos já realizados, de um modo geral, abordam o processo de transformação, entretanto não tratam especificamente dos efeitos da mudança decorrente da presença do veraneio e do turismo balnear.

Tais estudos, entretanto, não se preocupam com as transformações sociais no que diz respeito às relações de trabalho frente à invasão do balneário e do turismo na região. E, menos ainda, no que se refere à leitura destas transformações apresentadas nas histórias dos encantados que povoam o imaginário caboclo regional. É importante constatar que na região como um todo, apesar da presença de crenças em seres sobrenaturais (encantados) e a prática da pajelança ser um fato relevante que transparece o processo de mudança pelo qual vem passando a sociedade em análise, não há nenhum trabalho que aborde esse assunto na região do Salgado. Ou seja, faltam estudos que analisem as histórias dos encantados como uma leitura da mudança. Não há, até então, nenhum trabalho com a perspectiva de ler a mudança através dos encantados, na região.

Desta feita, a contribuição e a especificidade deste trabalho, é a análise do impacto do veraneio e do turismo balnear na organização social das famílias de pescadores-lavradores, moradores do bairro da Prainha, através das mudanças nas relações de trabalho – pesca tradicional para os trabalhos de caseiros e outros voltados para a vida balnear. A ênfase do estudo consiste na observação das transformações sociais acarretadas pelas mudanças nas relações de trabalho[27]. Ou seja, nossa contribuição, neste sentido, é suprir esta lacuna com uma análise antropológica sobre o processo de mudança por que passam as famílias de pescadores do bairro da Prainha, que gradativamente abandonam a pesca e se voltam para os trabalhos solicitados com

[27] Mudança da prática econômica (da pesca artesanal para interesse balnear); mudança de logradouro – espaço sócio/familiar; mudança nas relações com a vizinhança, mudança na relação de parentesco: nas redes de solidariedade, afinidade e compadrio, na organização da vida comunitária do bairro: festas, rituais e crenças, mutirões etc.

a presença do veraneio e do turismo balnear. Com a mudança nos sistemas de pesca, com a mudança nas relações de trabalho, transformam-se os sistema de relações sociais.

Até aqui apresentamos a constituição do objeto de estudo, a problemática, algumas considerações sobre o turismo, a pesquisa de campo, condições e técnicas, o percurso bibliográfico demarcando o estudo. Em caráter de introdução, procuramos demonstrar o processo de constituição desta pesquisa, as interfaces com outros trabalhos, ressaltamos sua especificidade e justificamos a importância deste estudo para maior compreensão da realidade. Para o desenvolvimento deste trabalho e, como forma de dar-lhe maior clareza, ele será constituído por mais cinco capítulos:

No primeiro capítulo, tratamos da **contextualização histórica e geográfica de Salinópolis**: a origem da cidade e as razões da colonização, com algumas considerações sobre os processos sociais em mudança, a vida balnear e o processo de urbanização da cidade; considerando e particularizando os veranistas e os turistas que freqüentam a região bem como o manejo dos moradores da cidade frente à especulação do balneário. Por fim, apresentamos os aspectos físicos e geográficos que identificam a região.

No segundo capítulo apresentamos **o lugar da pesquisa**, descrevendo a constituição do bairro da Prainha nos seus aspectos mais estruturais, as ruas, as casas e a vida doméstica de sua gente.

No terceiro capítulo pontuamos a problemática da pesquisa, abordando o **trabalho e a economia**, **a mudança nas relações de trabalho e a vida sócioeconômica**, os ciclos de trabalho em função do veraneio; descrevemos as relações de trabalho da pesca, demonstrando a passagem ao trabalho assalariado de caseiro e ao trabalho volante e informal dos vendedores ambulantes voltados para o balneário.

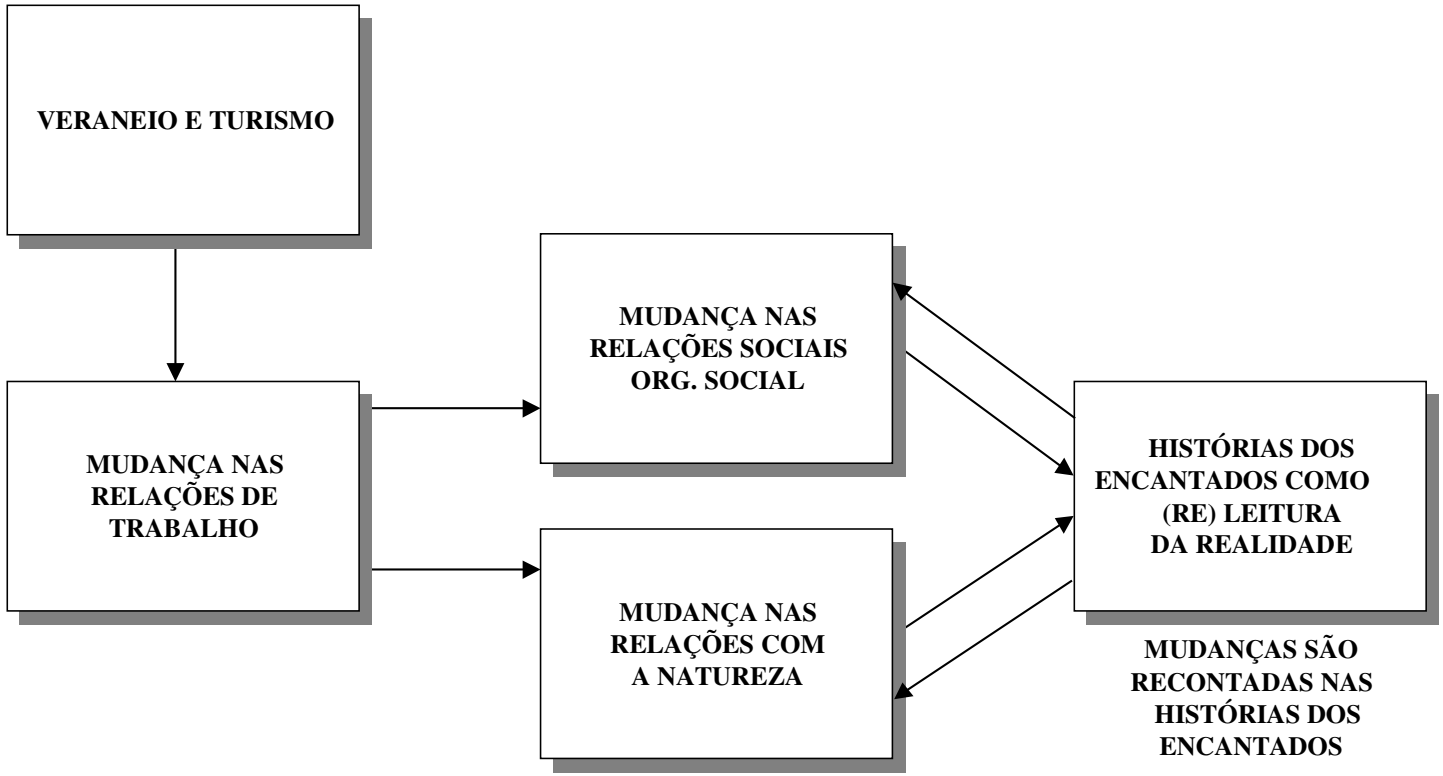
No quarto capítulo, focalizamos mais detalhadamente a **organização social das famílias do bairro da Prainha**: os moradores, a constituição das famílias e grupos domésticos, o parentesco ritual, as redes de solidariedade e prestígio; as festas, a relação com o mar, espaço e

tempo além dos problemas sociais e conflitos, como uma forma de mostrar o processo de transformação e mudança nas redes sociais do bairro, procuramos apontar a transformação do grupo doméstico.

No quinto capítulo abordamos a **influência do sobrenatural na vida local**, frente à constatação de crenças e práticas da pajelança cabocla no cotidiano local. Apresentamos uma breve discussão sobre a presença do saber tradicional e como as mudanças são incorporadas e (re)contadas através dos encantados, constituindo-se numa forma de contar a história do lugar, ou seja, observamos as histórias dos encantados como uma (re)leitura da mudança.

E à guisa de conclusão apresentamos algumas considerações sobre a interpretação em torno das transformações e mudanças que ocorreram na tradicional organização social dos moradores do bairro da Prainha, procurando refletir, especialmente, dois pontos principais: a mudança nas relações de trabalho e como essas mudanças processadas nas estórias dos encantados, concebem a identidade social local.

FIGURA 1 - Sistema Demonstrativo da Pesquisa



Capítulo 1 – SALINÓPOLIS

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

1.1. ORIGEM E COLONIZAÇÃO

Salinópolis, nome atual da antiga praia de Virianduba[1], sede da Praticagem e do Farol da Barra, é uma das cidades mais antigas da região do Salgado paraense[2]. Originou-se de um povoado ou aldeia dos índios Tupinambá[3] que, historicamente, povoavam a costa salinense antes da chegada dos europeus e serviram, inicialmente, como "práticos da barra".

Foi estrategicamente localizada para capitanear e guardar a costa litorânea e a entrada para o porto de Belém, durante a época da colonização portuguesa, frente as constantes ameaças de invasão e ocupação holandesa e francesa, pois já em 1583, os franceses navegavam na costa do Pará, das Guianas ao Maranhão, ou inversamente. As expedições francesas já haviam escalonado[4] vários lugares como Cuman (Guimarães), Caeté (Bragança), Mero (Maracanã) e atingiram Pará-uassú, nome do local da atual Belém, que os portugueses traduziram por Grão Pará. Seus navegadores, Jacques de Riffaut depois, La Ravardière auxiliados por Carlos de Voux[5], eram conhecedores da região e amigos de muitos nativos, mantendo relações amistosas com os Tupinambá do litoral[6].

Foi especialmente o interesse de garantir domínio estratégico na região que iniciou o processo de colonização na praia de Virianduba. O Governador e Capitão Geral do Maranhão-Pará (1655-1656) André Vidal de Negreiros, preocupado com a segurança da navegação, julgou insuficientes as fogueiras que guiavam as embarcações

---

[1]O nome primitivo da praia salinense era Virianduba ou Viriandeua, a palavra "Virianduba" é um termo nativo de origem tupi-guarini,significa abundância de pássaros (**Uirá**, pássaro; **duba** ou **deua**, muito ou lugar). Por ser um lugar que apresentava, ali e nas proximidades, grande quantidade e variedade de aves e pássaros (bandos de patos, guarás, maçaricos, garças, tucanos, maracanãs, bem-te-vis, marrecos entre outras criaturas aladas) que, com o povoamento, se afastaram para praias e matas mais distantes e isoladas.

[2] Salinópolis e Vigia, ambas na região do Salgado paraense, não surgiram do trabalho missionário dos jesuítas. Em "Padres, Pajés, Santos e Festas: Catolicismo Popular e Controle Eclesiástico", trabalho realizado em Vigia, região do Salgado paraense, do prof. Heraldo Maués, encontramos detalhes sobre o processo de colonização da região do Salgado como um todo.

[3]Sobre a história de Salinópolis tem-se como referência: Baena (1839); Palma Muniz (1916); Braga (1919); Padre Dubois (1949); Roque (1976). Diz a historiografia que os Tupinambá (Tupi-genitor, nambá-descendente) foram os primitivos habitantes que povoavam o litoral do Pará. Fernandes (1989) apresenta minucioso estudo sobre os Tupinambá no Maranhão e Pará, refletindo sobre o problema de definir a procedência dos Tupinambá nestas regiões – migração e deslocamento para o litoral.

[4] Expressão usualmente encontrada nos textos sobre a história da colonização da região, se refere a passagem dos colonizadores nas diversas localidades da região. A escolha do termo, de época, é apenas ilustrativo da mudança que ocorre nas expressões e termos da fala.

[5] Embora de origem francesa, consta nas fontes bibliográficas consultadas, a grafia do nome "Carlos de Voux" e não Charles de Vaux.

[6] Sobre a história da colonização da região Ver: Annaes da Bibliotheca – Archivo Publico do Pará (1916); Noções de Chorografia do Estado do Pará (1919); Pe. Dubois (1949); Roque (1976).

que à época, eram comuns para sinalizar a navegação[7], e mandou destacar os nativos para realizar esses serviços. Deste modo, o segundo nome da atual cidade de Salinópolis, Destacado, surgiu em razão da utilidade que se impôs: destacar nativos para atuar na praticagem da barra. O terceiro nome do lugar foi Salinas, em virtude da presença de muitas salinas na região[8]. O lugar era conhecido e denominado como "Das Salinas" porque, de fato, era lugar de salinas e de salinas régias, pois eram os missionários os responsáveis pela exploração da produção salineira na região.

Os jesuítas eram peritos nesta indústria salineira, na ilha de São Francisco (Maranhão) desde 1670 e em 1700 instalaram as fábricas de Curuçá e Maracanã. O estado do Pará, desde os municípios de Vigia até Viseu, apresentava rico potencial salineiro. As marinhas de Maracanã estendiam-se, em boa parte, pela costa que lhes conferiu o nome e abrangiam a região em foco, "Das Salinas"[9].

Na região do Salgado havia, inicialmente, três missões da Companhia de Jesus: a primeira no Gurupi, a segunda no Caeté e a terceira em Maracanã. Porém, chegaram a mais de vinte missões espalhadas nesta região, entre as quais Curuçá, Maracanã, Salinas e outras[10].

A história de Salinópolis esteve ligada à função de atalaia e à produção salineira, ambas sob a dependência do conhecimento e da força do braço indígena: foram os índios Tupinambá os práticos e salineiros desta região.

Os primeiros práticos da barra foram os índios Tupinambá que, na atalaia, serviram de remadores entre Salinas e Belém, ou entre Salinas e São Luís (Braga, 1919). Por serem bons conhecedores da costa, das baías e das enseadas, eram os Tupinambá que guiavam as embarcações até o porto. A grande habilidade dos indígenas servira aos interesses da política colonial portuguesa. O conhecimento da área navegável, dos canais e correntes, dos recursos da natureza pelos indígenas e caboclos da região, foi necessário para implementar e efetivar o domínio colonial, à medida em que índios e caboclos "instruíam" os portugueses sobre os seus domínios acerca da natureza

[7] As fogueiras eram construídas para, ao longo da costa, guiar os navegadores - indícios desta prática permanecem ainda hoje na nominação dos lugares que tradicionalmente serviram a esta função - há uma Praia da Fogueira, na foz do Urindeua na ilha do Marco. Braga (1919); Baena (1839); entre outros, retratam esta prática colonial.

[8] Interessante observar que a nominação se fazia de maneira diferente de outros locais da política colonial portuguesa na Amazônia, que batizava os povoados e vilas que iam se formando com nomes de lugares do Minho (Portugal) e com o nome dos santos do dia em que se efetivava a posse colonial. Tal fato, pode sugerir as razões da colonização. Em um primeiro momento, Destacado, por ser lugar de destacar pessoal para os trabalhos da praticagem da barra; num segundo, Salinas em razão da produção salineira. O município de Vigia, por exemplo, também recebe este nome em razão da função que inicialmente lhe foi imposta: a de vigiar a entrada no território colonial. E, do mesmo modo, a ausência do poder missionário nos propósitos iniciais da colonização na área. Talvez a nominação "tradicional" dos colonizadores portugueses se efetivasse quando os jesuítas estavam presentes.

[9] A separação de Salinas de Maracanã no campo eleitoral, administrativo, judiciário, policial e municipal, data de 1884. O nome de Salinas (Das Salinas) era devido às salinas pertencentes à Fazenda Real. Na verdade, toda a documentação que trata da região: Baena (1839),Hurley (1933), por exemplo, refere-se a freguesia Das Salinas e não de Salinas. O engenheiro Juvêncio, em 1848, projeta um canal entre Bragança e as Salinas; Hurley (1933) fala em quinze moradores das Salinas, em dois presos vindos das Salinas e na linha telegráfica das Salinas.

(Dubois, 1949). Estes homens, que se dedicaram aos serviços do mar, foram os primeiros civis de Salinópolis.

O povoado começou, inicialmente, com a vinda de faroleiros e práticos para os serviços da praticagem da barra e depois com a produção salineira. No início, eram os homens que chegavam, trazidos por seu Tuxaua e/ou capitão, vindos de diversas áreas circunvizinhas à escolhida para ser a sede da praticagem. Alguns eram distribuídos às tarefas da praticagem e outros, às salinas - as mulheres não eram incorporadas nestes serviços. Um dos maiores problemas enfrentados para manter o indígena no trabalho foi a ausência de suas mulheres e crianças que permaneciam no lugar de origem. Poucas famílias podiam vir esporadicamente, pois as dificuldades de transporte e acesso somadas às condições do lugar, construído apenas para os serviços da praticagem e/ou salinas, impediam a presença das famílias nas salinas. Estas regras, impostas pelos missionários, criavam problemas na realização dos trabalhos e na permanência dos homens no lugar. Houve ocasiões em que não se podia contar com o número de homens necessário para os trabalhos das salinas e/ou da praticagem. Pouco depois, os jesuítas capitularam[11]. Além de certas regalias em troco do preparo e transporte do sal, da dispensa dos serviços à Província e/ou a particulares e do serviço militar, tudo para prendê-los nos trabalhos das salinas e da praticagem, mulheres e crianças foram "incentivadas" a virem em temporadas e, com elas, as casas, as vendas, as escolas, a igreja, etc., foram se instalando no lugar. Desta feita, o povoado foi se formando e tomou foros de cidade[12].

A importância de conter os índios nos trabalhos das salinas era vital para o progresso da política colonial, para o crescimento da produção salineira da coroa portuguesa. Portanto, os jesuítas tinham "carta branca" para incentivar este trabalho com utilização do braço nativo. Os próprios jesuítas, por sua vez, eram também estimulados pelos seus superiores[13].

Tal era a importância da exploração salineira que, em 1753, o mapa da região só evidenciava a localização e a categoria das casas jesuíticas em toda a Província (no sentido religioso), pois eram os jesuítas que dirigiam a produção salineira em toda a região: **Salinarum M**., missão das Salinas, a categoria **pagus** (povoação) a Maracanã e Curuçá e, em toda esta área, somente Caeté, a futura Bragança, aparece como **oppidum** - vila ou burgo. E à Vigia unicamente pertence, no salgado, a qualificação de **domus societatis**, residência da sociedade[14].

---

[10] Teodoro (1919), em suas "Apostillas," faz referência às missões jesuítas na região do Salgado paraense.
[11] Uma das grandes dificuldades enfrentadas para arregimentar e manter o braço indígena na produção salineira era a proibição, pelos missionários, da presença das mulheres indígenas perto dos índios salineiros. Esse fato levou os índios salineiros à recusa ao trabalho enquanto suas mulheres estivessem proibidas de visitá-los. Tal recusa foi tão significativa para a produção salineira que a missão refez suas normas, negociando "favores". A esse respeito Ver: Baena (1839); Braga (1919); Hurley (1938); Dubois (1949) etc.
[12] A memória do lugar é resgatada a partir de conversas com as pessoas mais velhas, nativas e/ou que vieram para Salinópolis há muito tempo. Essas pessoas recontam a história do lugar remetendo-a à vinda dos faroleiros e práticos da barra para a função a qual se constituiu o lugar (um atalaia, lugar de vigília). Observa-se também este fato nos documentos escritos por Baena (1839); Braga (1919); Dubois (1949), entre outros.
[13] Serafim Leite(1965), faz referência a uma carta ao rei datada de 13-6-1718, de Manoel de Seixas que elogia os jesuítas e demonstra o empenho dos mesmos na produção salineira.
[14] Há referências da existência de um mapa na Biblioteca de Évora, datado de 1753, trazendo a localização e a

Pouca referência há sobre a situação, apenas que Salinas existia qual povoação e missão assim como Maracanã e Curuçá. Não encontramos registros sobre quantos índios seguiram para as salinas, ou quantos de fato morariam nas Salinas. Além de tudo, não se sabe, verdadeiramente, nem quantos anos de ministério contariam os jesuítas nas Salinas. Pois, como os padres vieram com Antônio Vieira, em 1653, um século atrás, podemos considerar que o **pagus salinarum**[15] originou-se anteriormente aos registros dos referidos mapas de 1753.

Como havia dúzias de salinas no Brasil, o governo Getúlio Vargas resolveu transformar Salinas em Salinópolis, a fim de evitar confusões no que diz respeito aos endereçamentos. Através de Decreto Estadual n. 4.505, de 30 de dezembro de 1943, o município e o distrito sede tiveram seu topônimo alterado para Salinópolis. Em 1966, foi considerado Estância hidromineral. Assim, além de um pouco suntuoso, o nome Salinópolis é contrário à regra da formação dos nomes na região, pois principia com o Latim (Salino) e termina em Grego (Polis).

Com a extinção das salinas, Salinópolis continuou com os serviços da praticagem da barra, que com algumas modificações, perduram até hoje, uma vez que, toda e qualquer embarcação para chegar ao porto de Belém necessita do auxílio do prático para conduzi-la[16].

Os trabalhos de faroleiros e praticagem da barra em Salinópolis, tradicionalmente, foram essencialmente decorrentes do conhecimento empírico dos homens do lugar[17]. E, por conseguinte, muitas vezes, era a transmissão de conhecimentos do pai para o filho que garantia os serviços do mar. Assim, os postos de faroleiro e de práticos eram cargos que passavam de pai para filho e durante muitos anos famílias inteiras dominavam estes serviços. Fato perfeitamente observado pelas histórias de famílias e pela seqüência de nomes que ocuparam lugar na praticagem da barra. Desta maneira, as histórias de vida dos moradores locais são pontuadas por faroleiros e práticos na família[18].

As condições de trabalho na praticagem da barra nem sempre foram boas e dependeram, muitas vezes, da "coragem" dos práticos. Há queixas contra o estado das lanchas desde 1870. Muitas foram as embarcações que

---

categoria das casas jesuíticas, em toda a província maranhense. Dubois (1949), refere-se ter encontrado o mapa em Lúcio de Azevedo e Serafim Leite.

[15] O Padre Dubois em seu ensaio de monografia sobre a praia balnear de Salinas, refere-se à inexatidão de dados históricos e deixa demonstrar a dificuldade de obtê-los pela falta de registros, pelo menos conhecidos.

[16] Salinópolis é apenas uma espécie de sede da praticagem, lugar onde os práticos podem residir e apresentar melhor disponibilidade para estes serviços. De Salinópolis os navios são apenas conduzidos ao porto de Belém, não há porto de cabotagem e praça para comercialização em Salinópolis, tudo é feito oficialmente em Belém. Atualmente, apesar da tecnologia e dos aparelhamentos náuticos sofisticados, ainda são muito importantes os práticos da barra para a entrada do porto de Belém. A importância estratégica do lugar ainda lhe mantém um *status* diferenciado.

[17] Em 1805 instalou-se em Belém a Escola dos Práticos da Costa do Pará criada por alvará de 04 de fevereiro de 1804 (Baena, 1839). Entretanto, foi o conhecimento empírico dos homens do lugar que fizeram a história da praticagem local.

[18] Há uma infinidade de nomes, na praticagem da barra, que se ligam por laços de famílias. Obtivemos estas informações em conversas com os próprios práticos da barra que atuam no serviço e igualmente com aqueles que já ocuparam o cargo anteriormente. Há registros na sede da Praticagem da Barra, atualmente instalada em Belém, que remontam às famílias de práticos da barra. Do mesmo modo, encontra-se também referência aos nomes e famílias de

passaram pela praticagem. Algumas vieram do Arsenal da Marinha. Há registros de iates americanos que prestaram serviços à praticagem e/ou serviram-se dela, na Segunda Guerra Mundial. Um comentário rápido a respeito das embarcações americanas pode ser visto na monografia do Pe. Dubois (1949). bem como, através de relatos orais da população e dos próprios práticos.

Resumidamente, podemos dizer que a posição geográfica privilegiada de Salinópolis serviu e favoreceu a política colonial na intenção de capitaneamento estratégico deste litoral[19]. A razão primeira da colonização nesta região foi político-militar, por isso o processo de ocupação deste litoral apenas incrementou a construção do farol e a praticagem da barra, servindo aos projetos coloniais. Não se organizou e nem se estruturou um modo de vida local correspondendo ao processo colonial presente. As missões religiosas que através da alfabetização e catequese sustentavam a conquista e colonização na Amazônia, por exemplo, só muito tempo depois é que tiveram lugar mais definido e significativo nesta parte colonial[20].

Atualmente, a sede da praticagem está na Capital do Estado, em Belém. Porém, há uma casa destinada aos práticos na cidade de Salinópolis, com toda infra-estrutura para abrigá-los em seus "plantões" no lugar. A grande maioria dos práticos não reside em Salinópolis e, fora os dias de serviço, retornam para o lugar de residência com seus familiares. Alguns práticos mais antigos da região residem no próprio local e estão sempre a postos, mesmo fora de seus "plantões". A casa-sede dos práticos é um lugar um tanto movimentado e sempre freqüentado não só pelos práticos na ativa como por aqueles que já estão aposentados e passam horas ali para conversar sobre seus feitos com os amigos e, muitas vezes, trocar informações, ajudar em alguma coisa. É sempre um lugar cheio de causos que se mesclam com a história da sua gente. E, como muitos dizem, *"é parte da gente*".

"Eu venho aqui sempre que posso... Aqui é lugar dos velhos amigos conversá, lembrar uns

práticos da barra na monografia sobre Salinópolis do Padre Dubois (1949).

[19] Semelhante afirmação de que o processo de ocupação do litoral respondeu a uma razão política-militar, não se organizando, portanto, em função da produção colonial portuguesa, também é encontrada no estudo sobre a ocupação do litoral catarinense. Esta política visava assegurar o domínio colonial no sul da Colônia e seu acesso ao Prata. O que difere da ação político-militar colonial no Norte é que na Ilha de Santa Catarina estruturou-se uma sociedade com um modo de vida ímpar, estabelecendo-se uma economia diferenciada do modelo colonial hegemônico (latifúndio-escravista-monocultor), ainda que subsidiária do mesmo, servindo aos projetos coloniais ibéricos desde os primórdios da presença européia na América como entreposto entre o Rio de janeiro e Buenos Aires. Sobre o assunto Ver: Lisboa "Construindo uma identidade insular em um mundo que se globaliza: o jeito manezinho de ser" IN: Ilhas e Sociedades Insulares, organizado por Diegues (1997, p. 67).

[20] A região passou por diversas situações político-administrativas que ora lhe conferiram o *status* de vila ora de freguesia, fato que estava ligado ao fluxo populacional que para ali se dirigia. O número populacional então definidor, dependia da própria estrutura do lugar, que ora poderia favorecer e atrair moradores ora não. Desta feita, tornou-se Vila em 1796, depois voltou ao estado anterior, em 1833, de Freguesia de Nossa Senhora do Socorro (1781), retornando a ser Vila em 1882. Por essas questões político-administrativas, a primeira vereação salinense teve que prestar juramento em Cintra e, apenas em 7 de janeiro de 1884, instalou a Câmara (Dubois, 1949). Salinas esteve, nos seus primórdios, sempre incorporada a Maracanã. Desde os tempos das Missões, toda esta região pertencia a uma só jurisdição, conhecida como Maracanã. À medida em que interesses administrativos favoráveis se justificaram, o município de Salinas foi tomando forma, assim como outras localidades que outrora estavam incorporadas a Salinas. São João de Pirabas, por exemplo, contava como uma das cinco sub-prefeituras do município de Salinas e hoje é um município vizinho.

> fatos, experienciá com os companheiro ... mostrar pros mais novo que num é só de escola que se aprende ... a gente foi da praticagem e nunca deixa de ser né? Sabê é sabê, né? É parte da gente que só vai com a gente...". (Firmino, 81 anos, prático da barra aposentado, oriundo de Maracanã)[21].

A coragem dos homens do mar era premiada com histórias e feitos que se perpetuaram. A prática com "as coisas do mar" fez escola. Porém, a despeito da importância desta atividade para o lugar, atualmente, são poucos os práticos locais e o movimento em torno dos serviços da praticagem pelos moradores locais.

É notório o decrescente interesse dos jovens locais na busca desta profissão. Uma das razões que se pode observar e que é alegada por muitos, é o grau de instrução escolar exigido hoje em dia, e os cursos específicos para o ofício da praticagem da barra realizados pela Marinha, que não são realizados em Salinópolis[22]. Desta feita, já há uma presença de práticos de fora da região e que moram em outras localidades, acorrendo para Salinópolis apenas em serviço, quando chamados para atuar.

Observamos, assim, como o processo de colonização na região voltado para os interesses coloniais contribuiu para o contexto atual. A colonização de Salinópolis sempre esteve voltada para a demanda externa, com interesse estritamente colonial de atalaia e depois de exploração salineira. Não criou base, nem estrutura de colonização no lugar. A população continuou vivendo da pequena pesca e da agricultura familiar e a cidade, um tanto esquecida, continuou com o título de sede da praticagem da barra. E, não fosse o movimento dos práticos e o pequeno número de veranistas que esporadicamente visitavam o lugar, Salinópolis permaneceria adormecida.

1.2. PROCESSOS SOCIAIS EM MUDANÇA

A partir da década de sessenta, o "adormecimento" de Salinópolis começa a passar por transformações, no que se refere à existência de "ondas"[23] e/ou processos sociais de ocupação e especulação imobiliária que têm como epicentro fatores objetivos e subjetivos, que abrangem desde a perspectiva de construção de estradas até a entrada dessa área litorânea no circuito da moda das elites urbanas, que passam a eleger a região como balneário. Os efeitos dessas "ondas" em Salinópolis são a elevação brusca e, às vezes, exponencial do preço do solo, que fica à espera de loteamento, convertendo áreas de uso rural em áreas urbanas[24].

[21] A identificação é resguardada através de "nomes fantasia" para preservar o informante.
[22] Entre os entrevistados no bairro da Prainha, não se encontrou ninguém ligado diretamente aos trabalhos da praticagem da barra, apenas lembranças de um ou outro parente e/ou amigo que trabalhou como prático da barra.
[23] Considerando "ondas" de ocupação e especulação porque estas não atingem todos os lugares a um só tempo, mais vão se propagando por áreas adjacentes, perdendo forças conforme vão se distanciando do motivo original (Oliveira, 1998).
[24] Processo semelhante aos ocorridos em outras áreas, como Boiçucanga que passou de bairro rural para bairro urbano (Oliveira, 1998); e que fez desaparecer as terras comunais na ilha de Santa Catarina (Campos, 1991), entre

Considerando que essas ondas de ocupação não atingem todos os lugares ao mesmo tempo, as áreas mais privilegiadas e procuradas pela especulação do veraneio são as da costa – frente ao mar, que são mais ventilados, com melhor vista para o mar, terreno seco etc. - e alguns outros lugares na cidade que, também, mantêm a função peculiar de veraneio. Desta forma, a cidade passa a ser entrecortada por residências de veranistas e, gradativamente, boa parte ocupada pelo interesse balnear.

Com o processo de urbanização balnear e a intensificação da segunda residência ou casa de veraneio, há um remanejamento dos moradores locais em nome de uma pretensa "ordem urbana" necessária à prática do veraneio. Esta nova ordem urbana implica no afastamento e/ou substituição das casas de famílias locais, de baixa renda, para a periferia e a instalação de casas de veraneio, prédios de apartamentos e condomínios de alto padrão, destinados a veranistas com maior poder aquisitivo.

Salinópolis é transformada em "Estância Hidromineral" pela Lei Estadual nº 3.786 de 12.12.1966, atraindo cada vez mais veranistas para o balneário. Cresce o implemento governamental no setor político-econômico para a agência balnear, incentivando o veraneio e o turismo. Melhoram as condições das estradas (a rodovia que liga Capanema-Salinópolis data de 1938), das instalações e dos serviços públicos de saúde, ensino e lazer voltados para o veraneio. A urbanização da cidade atraiu sobremaneira a vinda de pessoas de fora para o lugar - cresceu a migração e o deslocamento de moradores do interior para a cidade (Ver Mapa do Processo Migratório de Salinópolis). Ao lado disso, a divulgação da beleza das praias oceânicas do norte intensificou a especulação imobiliária.

De certo modo, o implemento da estância hidromineral foi um dos principais catalisadores de mudança para a região. A população local atribui a instalação do balneário e a intensificação do veraneio como um veio de transformação para a vida local.

A memória da cidade, até os anos 50 do século passado, esboçada por seus moradores, é de um pequeno povoado de pescadores artesanais que esporadicamente mantinham relações com o mercado extra-local.

Os pescadores registram em sua memória social as dificuldades enfrentadas nessa época para venda e transporte da produção pesqueira para outros centros de consumo, o que era realizado por barco ou aos poucos, pelas "picadas" e estradas que iam surgindo, ligando os povoados aos lugarejos vizinhos, por onde escoavam os fardos de peixe salgado com destino aos mercados maiores. Registram também a dificuldade para a compra de outros artigos que gradativamente passaram a ser necessários.

Ao se depararem com essas injunções de mudança os moradores locais, os pescadores e suas famílias respondem diferentemente, através de mecanismos e representações que permitem reatualizar seu lugar na sociedade de modo peculiar e complexo. A peculiaridade dessas respostas se reflete nas condições efetivas sob as quais esse grupo se reproduz socialmente, seus interesses econômicos específicos e sua posição relativa no jogo das forças

---

outros.

sociais atuantes.

Os processos de mudança que se vêm dando na articulação de formas tradicionais de produção com o chamado setor moderno e de exigências mais atuais, em função da presença balnear, incidiriam de modo especial na organização social das famílias dos pescadores, sobretudo em dois aspectos: a) subtraindo espaços que, sob a condição legal de domínio público, são tomados, em geral, como culturalmente vazios ou economicamente ociosos, dando lugar à especulação imobiliária das áreas que lhe são marginais, bem como sua apropriação pelo Estado, a título de efetivar projetos de interesse regional ou de particular;[25] b) induzindo mudanças em seus padrões culturais e práticas produtivas tradicionais – como a pequena lavoura e a pesca artesanal, tradicionalmente realizada pelos moradores locais, mediadas pela atuação de novos agentes sociais como, mais recentemente com o implemento do pólo turístico regional, os trabalhos eventuais.

O interesse de atrair turistas para a região é uma das razões que faz o balneário de Salinópolis o depositário de políticas governamentais voltadas para a região como a abertura ou melhoria de estradas, atraindo ou facilitando o acesso para estas áreas; construção de praças e áreas de lazer voltadas para o turismo – como por exemplo o complexo da praia do Maçarico, recentemente inaugurado em dezembro de 2000, que acompanha toda a orla em "calçadão", pista para *cooper* e para ciclistas, bares, restaurantes, etc., de categoria nunca vista no lugar, à semelhança de regiões economicamente mais ricas e de vida turística balnear mais intensa.

Com isso, o aumento dos fluxos populacionais, que se seguiu à melhoria das condições de acesso à região, acabou redefinindo o próprio ritmo da dinâmica social, revelando dois movimentos distintos: um constituído sobretudo de migrantes oriundos de diversas áreas rurais, que em Salinópolis, vislumbram uma alternativa de sobrevivência não apenas na atividade da pesca, mas também no crescente comércio turístico balnear; outro, de caráter cíclico e de natureza turística balnear.

No primeiro movimento, referimo-nos a um fluxo migratório possivelmente resultante do abandono que as regiões mais interioranas da Amazônia historicamente vêm passando e, sobretudo, resultante da concentração da propriedade fundiária em regiões próximas, que acabou dando origem a um novo segmento não só na organização da atividade pesqueira local, que se voltou principalmente para a pesca em alto mar realizada em pequenas embarcações motorizadas para a empreita e o comércio do pescado, bem como na chegada de migrantes motivados por outras causas[26].

[25] Cabe lembrar o projeto agrícola "Agrissal", com incentivo da Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), que tinha interesse de ampliar a produção agrícola regional e fazer frente a outras regiões, que pouco saiu do papel, mas que foi definitivamente expressivo na ocupação territorial.

[26] Este fluxo migratório é apenas enunciado, pois necessita de uma pesquisa mais acurada sobre as questões e problemas agrários na Amazônia e exigiria um outro direcionamento para as reflexões aqui propostas. Ver: Hébette (1979); Pinto (1988); Wagner (1986, 1992-1994); Pandolfo (1994); Conceição (1996); Castro (1998); Simonian (no prelo) que tratam da questão político-agrária na Amazônia. No que se refere à discussão do fluxo migratório na região do Salgado contamos com os trabalhos de Furtado (1987); Maneschy (1990-1993); e Loureiro (1985), entre

Nos últimos três anos, cresceu o fluxo migratório de comerciantes voltados para o turismo balnear, especialmente nordestinos: cearenses e maranhenses, envolvidos com o comércio de roupas de cama, mesa, banho e bordados; paulistas, paranaenses e catarinenses voltados para o comércio de calçados, móveis rústicos, e eletrodomésticos. Ressalta-se também a presença de nordestinos, especialmente cearenses, no comércio do pescado através da empreita, da marretagem e da exportação para outras praças comerciais do Estado ou fora dele – freqüentemente são empresários da pesca, que financiam e compram o pescado dos pescadores locais.

No que se refere ao movimento periódico dos veranistas, observamos o corte temporal que destaca a época do veraneio como um momento de "crise" cíclica, que permeia todas as relações sociais, seguido de um momento de aparente reordenação ou (re)acomodação dos padrões culturais locais, circunstancialmente alterados. A mudança de ritmo social que com isso se verifica oferece pelo menos duas cenas inteiramente distintas conforme a estação do ano: uma de tensão social generalizada durante o veraneio, e outra, de distensão após esse período, estabelecendo uma nítida dualidade morfológica (Mauss, 1974).

A especulação imobiliária e a urbanização que acompanharam o uso balneário desta área litorânea contribuíram e têm contribuído para a desagregação das famílias de pescadores-agricultores, através da proletarização, sucateamento e/ou da perda dos meios de trabalho destes moradores locais. A entrada de novas necessidades de consumo trazidas pelo mundo urbano, com o contato freqüente com os veranistas, implica em um novo ritmo de produtividade que a pesca e a agricultura artesanais não conseguem acompanhar.

Os moradores locais, pressionados pelos especuladores e pela possibilidade de ganho maior, passaram a vender suas propriedades e foram, com suas famílias, se comprimindo para outras áreas, se "confinando" a partir das relações de parentesco e vizinhança que estabeleciam e se juntavam em bairros periféricos, pois quando as famílias procuravam um novo lugar para fixar residência, procuravam os lugares onde seus afins, parentes e amigos mais próximos já estavam instalados e/ou muitas vezes eram por eles chamados. Desta forma, há famílias e/ou grupos domésticos (pais, filhos casados com respectiva família, primos, tios, enfim uma teia de parentes e amigos) que residem próximas umas das outras, em determinados bairros da cidade, como é o caso do bairro da Prainha. Os pescadores que, de algum modo, se mantiveram na pesca, deslocaram-se especialmente para lugares mais apropriados ao trabalho, "perto da maré", no porto onde suas canoas e apetrechos da pesca pudessem lhes ficar mais próximos.

A possibilidade de venda dos lotes dos moradores locais na cidade para os veranistas, por diversas vezes ocorrido, proporcionou uma certa mobilidade entre a população local que mudava tão logo houvesse a possibilidade de venda e ganho com o "negócio" da "troca do lugar de morada".

No caso da Prainha, a mudança de residência, do centro para a periferia, nem sempre "um bom negócio", acabou por ocupar mangues aterrados e terrenos alagados da periferia da cidade. Em função das próprias

---

outros.

condições destes terrenos ocupados - mangues e áreas costeiras (terrenos da Marinha que pertencem à União) - estas famílias, muitas vezes, sem o título de propriedade, apenas com a posse, de algum modo, ficaram "flutuantes", sujeitas à mudança.

As décadas de sessenta e setenta foram prósperas no que se refere à corrida para a construção de casas de veraneio e para o incremento da urbanização balnear. Épocas em que o governo investiu com políticas voltadas para a região, no sentido de reorganizar a cidade para sede balnear, remanejando os moradores locais para novos bairros que vão surgindo nas periferias, mudando e melhorando a condição do mercado municipal, dos estabelecimentos de saúde, instalando hospital e ensino de 2º grau, incentivando projetos agrícolas etc., ampliando os serviços da cidade. Observamos que os planos de governo nos aspectos sociais, desde os setores de saúde; educação; infra-estrutura (iluminação, transportes rodoviário e fluvial); econômicos até no que se refere ao abastecimento, estão voltados para a urbanização balnear[27].

Todos esses fatores serviram para atrair não apenas veranistas para o balneário, mas muita gente do interior do município e de outros lugares próximos, em função de maior acesso e possibilidade de trabalho que Salinópolis passa "hipoteticamente" a oferecer pois, na verdade, a demanda é muito maior que a oferta. Mesmo assim, muitos acorrem para Salinópolis na esperança de "ganhar a vida", como eles mesmos dizem. Entretanto, a expectativa destes migrantes é logo frustrada, pois a euforia na construção civil e nos trabalhos que se voltavam para o implemento do balneário que pareciam "bamburrar" e alimentavam o sonho de melhorar de vida, passaram rapidamente. Os anos subseqüentes foram quase "parados" e a vida do lugar apenas continuou. As "boas" oportunidades de trabalho sumiram, ficaram quase inexistentes os trabalhos de construção civil e a pesca também diminuiu bastante porque não havia demanda. Assim, grande parte da mão-de-obra ativa e disponível ficou desempregada e volante, atrás de uma atividade e outra para sobreviver e muitos ainda reclamam com certo saudosismo as décadas passadas.

> "... nós antigamente trabalhava antes do sol nascer e voltava pra casa já no escuro outra vez ... tinha trabalho que bamburrava ... cheguei a ganhar muitos contos de rés, uma dinheirama que nem sei dizer quanto, nessa nova moeda, o Real. Cheguei a ter três obras ... e dava conta direitinho.. eu sempre fui mestre de obra, e não me troco por muito engenheiro da cidade...eu sou doutô na minha profissão ... mas agora as coisas andam paradas, só aparece coisa pequena ... há semanas que eu não tenho nada pra fazê e também estou de bolso vazio ... mas Deus sempre me vale, vou pescar e a família não passa fome ..." (Bartolomeu, 70 anos, operário da construção civil, oriundo de Salinópolis).

Um outro morador local também tem os seus reclamos, observando que o trabalho da pesca também diminuiu muito nestes últimos anos:

"Ah! Já pesquei foi muito. Vendia para todos os barraqueiro de praia... tinha era muito

[27] Ver Plano Anual de Trabalho para Salinópolis – SEPLAN, 1981; Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento – SINAC, 1982; Inventário Turístico da Micro Região do Salgado, 1979; entre outros.

> freguês certo... num faltava trabalho. Ichi Maria! Ganhei foi muito nesses tempo quando veio o veranista pra cá. Mas agora não tá fácil, o peixe tá mais difícil pra quem é miúdo como eu, tudo por tudo complica mais... pros graúdo é mais fácil, eles têm as condição". (Zé Francisco, 69 anos pescador, oriundo de Pirabas).

Como podemos observar nestas falas, os moradores de Salinas viveram oscilantes entre um período de prosperidade e outro de calmaria ou estagnação, refletido na questão do trabalho e oportunidade de melhorar de vida, posto que há épocas de muito trabalho e oportunidades e outras de quase nada para fazer.

As décadas de sessenta e setenta foram o auge do processo de procura de casas de veraneio, fato que não ocorreu isolado; basta observar o movimento de veraneio em outras regiões do Brasil, como podemos verificar nos trabalhos de: Loureiro (1987); Carvalho (1997); Diegues (1997); Lima (1997); Luchiari (1997) e Cardoso (1999), entre outros. A maioria dos trabalhos que abordam a questão do veraneio e do turismo no Brasil aponta as referidas décadas como marcantes, no que diz respeito à aquisição da segunda residência, litoralização e/ou busca do litoral como refúgio balnear e de veraneio.

Os processos subjacentes à mudança de vida nas regiões de balneário podem ser pontuados a partir da chegada dos veranistas que procuram os melhores lugares para construírem suas casas de veraneio e passam a freqüentar mais amiúde a região, trazendo, com isso, uma gama de expectativas, interesses e necessidades para o lugar. O interesse de desenvolvimento do Governo do Estado transformando a região em "Pólo Turístico", atraindo cada vez mais veranistas e turistas vem corroborar com estes anseios particulares. A crescente melhoria de estradas, transportes, vias e estabelecimentos urbanos etc., dá-se em decorrência da chegada dos veranistas, que atraem cada vez mais investimentos para a cidade.

Sem dúvida alguma, os interesses políticos de desenvolvimento que abriram estradas e levaram maior e melhor acesso e serviços para Salinópolis não estão dissociados de interesses particulares de veranistas, que valorizam suas casas; de comerciantes locais, que ampliam e diversificam o mercado local; de agências de turismo, que divulgam e implantam o turismo e, de políticos que, de algum modo, contribuem também para a melhoria de vida local.

> "Ah! As coisas se dão assim mesmo por aqui, tudo é interesse político dos home ... a primeira estrada do Atalaia foi pra modo de beneficiá o Modesto e as terras dele, que ficava pra lá. Dizem que era cumpadre dos home ..." (Raimundo, 71 anos, ex-pescador, oriundo de Salinópolis).

> "Acredito que muita coisa boa foi feita aqui que beneficia a gente, mas poucos fizeram olhando o nosso lado. Veja como são as casas dos veranistas e o lugar onde os turistas transitam, há uma diferença grande do bairro do Atlântico (invasão) não é? Acredito que se a gente não se mexer, sempre vai ser assim". (Zé, 49 anos, professor, oriundo de Marapanim).

1.2.1. A Vida Balnear e o Processo de Urbanização na Cidade

Atualmente, não só as belezas naturais, a praia oceânica, o ar e a água que tradicionalmente atraíram veranistas para passeio e/ou em tratamento de saúde[28], fazem de Salinópolis um dos lugares mais procurados da região. O implemento turístico que tem recebido por parte do governo do Estado, ampliando e melhorando o logradouro para os veranistas e turistas também tem contribuído para atrair maior número de pessoas para o lugar. Por essa razão, a população entre uma temporada e outra, um trabalho ou outro, cresce na expectativa de melhorar com o veraneio e o balneário na região.

A cidade cresceu muito nestas últimas três décadas: cresceu em número de casas de veraneio – segunda residência dos veranistas, com o subseqüente fluxo de veranistas e em número de habitantes (moradores na cidade). Por essa razão, ocorreu um novo redimensionamento na estrutura rural e urbana da região: mangues foram aterrados dando lugar a bairros mais populares, e a cidade, propriamente dita, passa essencialmente abrigar casas de veraneio. Especialmente nestes últimos anos, a corrida para Salinópolis dobrou tendo em vista as políticas de implemento turístico balnear na região.

A cidade expande a sua área urbana (Mapa nº 2), se estende em direção à periferia e às vias que lhe dão acesso (estrada), especialmente por migrantes de fora da região. Novos bairros surgiram e o número de habitantes duplicou com "invasões". Inúmeras famílias vieram do interior do Estado (outras áreas do Salgado) e especialmente do Nordeste brasileiro (Maranhão e Ceará); invadiram terrenos e construíram suas moradas ao longo da estrada, na saída da cidade, nas terras do antigo e extinto projeto da Agrissal[29]. A cidade está crescendo cada vez mais, com casebres que são construídos, desordenadamente, pelos próprios "donos" (invasores que se auto-constituem como proprietários) ou em mutirão com os vizinhos, amigos e parentes, que acorrem de outras regiões em vista da possibilidade de trabalho e de melhores condições de vida. Este aumento do fluxo populacional seguiu o impulso do governo para a melhora de condições de acesso e para o balneário em Salinópolis.

Ao lado de novas casas de veranistas e do maior fluxo populacional, crescem também os números de estabelecimentos comerciais voltados para o balneário. Mais recentemente, este processo dobrou em função do incremento ao veraneio e ao turismo balnear através do qual o governo estadual lança suas políticas de desenvolvimento. Deste modo, as áreas mais valorizadas na cidade são intensamente aproveitadas (SEPLAN, 1970).

[28] Salinópolis, muito antes de receber o título de estância hidromineral, historicamente era procurada por pessoas em tratamento de saúde e/ou em convalescença que costumavam passar temporadas no lugar, em casas de veraneio. Muitas pessoas foram curadas de doenças na pele, doenças reumáticas e outras, não só freqüentando Salinópolis, mas também fazendo uso da lama sulfurosa, antes encontrada em lugar determinado na praia e hoje dificilmente encontrada. Há referência a respeito em Pe. Dubois (1949).

[29] O projeto agrícola da Agrissal, financiado com recursos da SUDAM, abrangia grande porção territorial às margens da estrada que leva a Salinópolis. Foi um projeto que não deu certo apesar de todo o financiamento a ele dirigido.

Salinópolis possui 55 estabelecimentos comerciais[30] entre lojas, supermercados, hotéis, pousadas, farmácias, bares e restaurantes. As casas de alvenaria são, em grande parte, dos veranistas e estão concentradas na região urbana e mais central da cidade; nos últimos anos a opção de construção na ilha do Atalaia também tem atraído muitos veranistas e há uma considerável presença privilegiada de belas casas.

Conta com uma unidade mista de saúde fazendo o atendimento diário ambulatorial. Possui um hospital e uma maternidade da rede privada. O corpo médico do governo faz consultas em nove postos de saúde espalhados pela zona rural. Na sede da Secretaria Municipal de Saúde são realizados atendimentos e imunizações. Além destes, há duas clínicas particulares para consultas. Ao lado deste sistema, 35 agentes comunitários de saúde (ACS) fazem atendimento domiciliar por bairros, onde cada agente ou grupo deles é responsável por um bairro, de acordo com o número de residências a cobrir[31].

No que se refere à instrução escolar, a grande Salinópolis apresenta treze estabelecimentos municipais de ensino e oito estaduais (que recebem alunos até a 4ª série do 1º grau e um estabelecimento de 2º grau). Na região interiorana, há escolas estaduais em Cuiarana, Alto Pindorama, Corema, São Bento, Santo Antônio do Urindeua, Derrubadinho e Santa Rosa.

Com referência aos sindicatos, clubes e associações de bairro existem: dois sindicatos, o da Construção Civil e o dos Trabalhadores Rurais; três Clubes: de Mães, de Jovens e de Terceira Idade e inúmeras associações - Comercial, da Barra (Praticagem), dos Barraqueiros (Atalaia e Maçarico), dos Taxistas, da Caixa Pesqueira, dos Bairros, das Quadrilhas, dos Deficientes, dos Idosos (Laura Vicuna), dos Artesãos e Artistas Plásticos; dos Caseiros e jardineiros; dos Hoteleiros; dos Moradores do Agrissal (AMAG); União Comunitária Atlântico; Rotary Clube de Salinópolis; da Colônia de Pescadores Z-29; Liga Esportiva; e Fundação Tia Lula. Todas estas associações compõem, de certa forma, as organizações sociais de Salinópolis.

No que diz respeito à defesa e responsabilização na cidade funcionam: Poder judiciário - Juiz, Promotor e Defensor; Conselho Tutelar; Polícias Civil e Militar; Delegacia Geral de Polícia (não existe Delegacia especializada, nem instalações específicas para adolescentes infratores, bem como as próprias instalações no centro da cidade parecem, pela estrutura apresentada, uma residência e aparentemente o sistema é de "albergue," pois não é oficializada tal proposta). Possui ainda oito secretarias municipais: Secretaria Municipal de Administração; de

---

Um "grande engodo" para a população regional que hoje tem os terrenos invadidos pelos nordestinos. Embora a população local não aprecie tal presença, não é contra a invasão nestes terrenos sem ocupação.

[30] Nos referimos aos estabelecimentos comerciais inscritos na "Associação Comercial de Salinópolis", mas este número dobra a partir das observações do trabalho de campo, de conversas não apenas com o pessoal da associação, mas com outros pequenos comerciantes que verbalizaram seu desagrado pela associação ou impossibilidade econômica de assumir mais um encargo financeiro e, portanto, estavam fora do cadastro.

[31] Oportunamente, conversamos com vários ACS para obter informações do estado de saúde da população local, especialmente com os que atuavam no bairro da Prainha. E constatamos que há um grande entrelaçamento da prática terapêutica tradicional, da medicina caseira com a medicina médico-hospitalar - medicina oficial, praticada nos postos de saúde.

Assistência Social; de Saúde; de Educação; de Transporte; de Turismo; de Obras; de Finanças.

Quanto ao aspecto religioso, a Igreja Católica arregimenta a maior parte da população. Além das Igrejas Matriz e São Pedro, possui alguns Centros Comunitários, entre os quais o de São Francisco de Assis, no bairro da Prainha. Entretanto, nas ultimas décadas, outras igrejas e centros de oração estão em franco crescimento como: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Batista, Igreja Testemunho de Jeová, Igreja Deus é Amor, Igreja Adventista do Sétimo Dia, Igreja Assembléia de Deus, Igreja Quadrangular, Igreja Adventista da Promessa. Há também um pequeno, mas considerável número de adeptos da umbanda, menos reconhecidos e assumidos socialmente, que fazem seus cultos em determinadas casas e se localizam na periferia da cidade.

Observamos que, de certo modo, predominam crenças e práticas do catolicismo popular, que trazem à evidência os hábitos e costumes tradicionais e formas de pensar e se relacionar com o mundo, sob a presença de seres encantados e sobrenaturais. Desse modo, a pajelança cabocla é, ainda, largamente utilizada entre os moradores locais, apesar do processo crescente de urbanização.

Os meios de comunicação acompanham o crescimento urbano. São realizados através da Telemar (Empresa de Telefonia); Empresa de Correios e Telégrafos (ECT); Estação de Rádio da Marinha e a repetidora Funtelpa, para TV. Os jornais da capital, "A Província do Pará"; o "Diário do Pará" e "O Liberal", circulam diariamente na cidade. Ao lado desses, recentemente, há cerca de quatro anos, circula mensalmente o "Atlântico", jornal local, patrocinado por alguns comerciantes do lugar, que procura noticiar a região do Salgado como um todo, especialmente Salinópolis.

O transporte rodoviário é o mais utilizado pela população regional e é realizado através de automóveis particulares e de ônibus coletivos, estes costumeiramente são feitos diariamente pela Empresa Boa Esperança, a partir da linha entre Salinópolis e Belém, via Capanema. Atualmente, há outras empresas na concorrência, o que fez duplicar o número de ônibus que circulam nesse trajeto, incluindo os micro-ônibus e ônibus-leito (com ar refrigerado e maior conforto). Carros de aluguel e frete, tipo *Van*, também disputam passageiros. Um considerável número de táxis também está disponível para transportar, sob frete, passageiros até Belém. Ao lado do transporte rodoviário, há um pequeno "Campo de Pouso", mas o transporte aéreo é mais utilizado em casos de emergência e socorros, raramente utilizado por veranistas mais abastados.

Apesar de tradicionalmente a economia se basear na pesca e na agricultura familiar, atualmente é o turismo balnear que tem contribuído com maior parcela. É através do implemento do veraneio que os trabalhos da construção civil, dos caseiros com relação à conservação das casas dos veranistas e outros serviços voltados para o balneário que a população da cidade tem ganho a subsistência familiar. São os serviços voltados para o veraneio, inclusive a pesca voltada para o comércio com o balneário que têm comandado a economia na sede municipal.

Na atualidade, Salinópolis vive quase que exclusivamente da indústria do turismo-balnear e da vida

balnear, uma vez que o turismo propriamente dito não é intenso na região. O lugar, essencialmente, vive do fluxo de veranistas nos períodos de férias escolares e feriados prolongados. Não há indústrias e a produção tanto agrícola, quanto pesqueira, é pequena, quase que exclusivamente para a subsistência do próprio município e às vezes nem garante o próprio abastecimento regional.

Como a região é essencialmente pesqueira e balnear, os sistemas de produção que mais atraem a população que trabalha são: 1) a pesca voltada para o consumo desta população flutuante; 2) os serviços advindos com a presença, na cidade, dos mesmos veranistas.

Não existe demanda para financiamento agrícola e, de um modo geral, para outros tipos de atividades. Não há efetivo de rebanhos e de qualquer outra produção. Não há, por conseguinte, nenhuma produção comercialmente rentável. Não há indústrias de espécie alguma e o que se produz é especialmente para consumo local, porém um pequeno excedente começa a ser comercializado aqui mesmo na região, entre localidades vizinhas. É o caso do feijão, do tipo feijão-da-colônia e do coco-da-Bahia, que estão recebendo maior direcionamento em função da facilidade de comercialização.

Com exceção ao plantio do coco-da-Bahia, que tem recebido uma certa atenção e recentemente (1996) recebeu um pequeno incentivo fiscal, não há outro tipo de produção econômica com financiamento.

A agricultura é bastante rudimentar e quase inexistente[32]. Mais de 70% da sua representação continua sendo da mandioca, que é elemento básico na dieta alimentar da população. Os demais produtos são: arroz em casca; feijão; coco-da-Bahia; malva; urucum; etc. Alguns outros frutos também são cultivados, porém a maioria do que é consumido é natural, é do mato, ou seja, não foi cultivado, como: banana, laranja, manga, cupuaçu, taperebá, muruci, maracujá, caju, agiru etc., que igualmente são destinados exclusivamente para consumo familiar e/ou pequenas vendas.

Também é insignificante a pecuária. Os maiores rebanhos são o bovino e o suíno. Da mesma forma inexpressiva, encontra-se a avicultura que é apenas para o âmbito doméstico, com pequenas criações de quintal para o abastecimento próprio e que, nos últimos tempos, cada vez mais se torna incipiente, em razão da ausência de quintais apropriados para criação doméstica e da falta de empenho e/ou interesse dos próprios moradores locais que estão se envolvendo com diversos trabalhos voltados para o comércio balnear e que exigem outra dedicação. O gado de corte e o produto avícola para o consumo local vêm de outras regiões, especialmente de Capanema, município próximo a Salinópolis.

[32] A pequena lavoura é realizada em sítios e povoados vizinhos à cidade. Há alguns moradores que ainda conservam o trabalho da roça em seus sítios, mantendo a produção de farinha e derivados da mandioca para consumo familiar e pequena comercialização, nas feiras livres da região. No bairro da Prainha, entrevistamos duas famílias que ainda mantêm este tipo de produção na zona rural. São os mais velhos da família, os filhos que vieram para a cidade não se envolvem com o trabalho da roça, embora subsistam dele através do trabalho de seus pais e/ou avós.

De um modo geral, pode-se considerar que o homem local, especialmente o pescador artesanal e/ou morador do bairro da Prainha não tem especialização de trabalho, ou seja, não está ligado profissionalmente a uma única atividade de produção econômica. As condições locais proporcionam que a maioria da mão-de-obra ativa vagueie de um lado para outro, onde houver possibilidade de ganho; muitas vezes o pequeno pescador divide o tempo da pesca com outros serviços mais rentáveis, voltados para o veraneio, isto porque a condição de pesca é pequena e o rendimento insuficiente para manter a família. Por outro lado, isto também é devido à falta de "empregos certos" e disponíveis na região, pois não há fábricas, não há estabelecimentos e instituições que absorvam a mão-de-obra local.

A ausência de incentivos fiscais para a pesca[33] e para outros ramos de produção econômica na região proporciona condições de larga dependência com outras praças comerciais, especialmente com as de Maracanã, Castanhal e Belém, onde mantém maior intercâmbio. Por sua vez, Belém também importa grande parte dos produtos comercializáveis das regiões Sul e Sudeste do Brasil, o que, às vezes, torna seu custo um pouco maior na zona do Salgado - à exceção do peixe, tudo é mais caro do que em Belém.

Observamos que, como alternativa econômica, grande parte da população em idade e condições de trabalho busca os serviços voltados para o veraneio, em função do implemento crescente ao turismo balnear. Conseqüentemente, este ramo de negócio ou prestação de serviço é o que mais tem crescido nestes últimos anos, mantendo a vida econômica do lugar. Ao longo do trabalho de campo, observou-se que nestes dois últimos anos a população viveu grandes transformações provocadas pelo projeto político de tornar a região um pólo turístico dos mais sofisticados de toda a região do Salgado Paraense (Projeto Complexo Turístico da Praia do Maçarico-Governo do Estado do Pará/Almir Gabriel, 2000).

Os serviços como os de caseiros, em especial, são os mais disputados pelas próprias condições do trabalho. De algum modo, o vínculo e/ou a relação permanente com o veranista possibilitam certo crédito e algumas "regalias" na praça comercial local que, acreditam, lhes favorece. O que não é tão fácil ocorrer com os pequenos pescadores e os que vivem de serviços eventuais, que são vistos como incertos e dependem de diversos outros fatores como a presença dos veranistas para comercializar; o bom tempo, para plantar; a prática e as condições favoráveis de

[33] Os pescadores receberam recentemente (final de 1999) financiamento do BASA, via Colônia dos Pescadores Z 29, para a construção de 30 barcos de pesca. Já estão nas mãos dos pescadores 21 barcos de pesca do tipo regional. O presidente da Colônia de Pescadores está como intermediário e avalista. Também recebeu financiamento para uma "bomba" de óleo, que ele particularmente administra e para construção de uma fábrica de gelo que ainda está em projeto, segundo conversa com o próprio presidente da colônia, em janeiro de 2000. Ele considera que "agora as coisas vão mudar, já se está vendo os barcos na mão dos pescadores". Ele pretende ser reeleito ao cargo de presidente da colônia no final deste ano e, "conforme estão pedindo", candidato a vereador nas próximas eleições. Oito meses depois do trabalho de campo, quando retornei a Salinópolis observei que o posto de abastecimento de combustível para os pescadores estava em franco funcionamento, um número maior de barcos de pesca estava já na ativa da produção e, numa espécie de estaleiro, mais barcos estavam em fase de conclusão, correspondendo assim ao financiamento recebido pela colônia de pescadores. Entretanto, observa-se que estes não são os pescadores em foco deste estudo, não são os moradores do bairro da Prainha.

pescar etc.

Afora estes serviços, há os servidores públicos, da prefeitura e de outros poucos órgãos que empregam pessoas locais como as empresas de telefonia, de iluminação pública, o cartório etc.[34]. Mas sempre os cargos maiores são ocupados pelos de fora, uma vez que é limitado o nível de escolaridade e de qualificação profissional local e não correspondem aos requisitos exigidos. Assim, a mão-de-obra local é absorvida sobretudo na produção pesqueira, no ofício de caseiros e nos serviços informais voltados para o veraneio.

Atualmente residem aproximadamente 33.317 habitantes em todo o município[35]: 17.013 do sexo masculino e 16.304 do sexo feminino (Tabela 1). Entre os quais cerca de 3.025 habitantes estão na zona rural, nas localidades do interior, distribuídos em sítios, vilas e povoados. Na cidade, aproximadamente 30.292 habitantes distribuídos entre os nativos salinenses[36], pessoas vindas dos interiores do município de Salinópolis e de outros municípios da região, outras vindas do nordeste, especialmente cearenses e maranhenses, que constantemente chegam à região, atraídos pela possibilidade de moradia e atividade de comércio.

[34] Os postos de serviços públicos existentes na cidade, que poderiam servir de atração, não são suficientes para absorver a mão-de-obra disponível. Há apenas uma única agência bancária, do BAMERINDUS – em época de férias e de movimento intenso na cidade, são instalados novos postos bancários pela cidade. Há vários outros serviços voltados para o atendimento no balneário, como por exemplo, pontos móveis de atendimento médico, lojas, restaurantes etc., que possuem pouquíssimos funcionários e que são contratados de fora do lugar pelas exigências de qualificação profissional. Além destes, há lojas, supermercados etc., que também absorvem certa parte da população economicamente ativa e com baixa escolaridade.

[35] Estimativa do IBGE para 2000; Ver cadernos do IBGE.

[36] Salinopolitano seria o mais correto já que se trata de Salinópolis, entretanto mais freqüentemente se chamam Salinenses.

TABELA 1 - Evolução da População 1950/2000

	População Residente (urbano/rural)								
Censos	**Total**	**Homens**	**Mulheres**	**Urbano**	**Homens**	**Mulheres**	**Rural**	**Homens**	**Mulheres**
1950	14.109	7.193	6.196	2.375	1.185	1.190	11.734	6.008	5.726
1960	18.232	9.377	8.855	5.781	2.871	2.910	12.451	6.506	5.945
1970*	9.651	4.863	4.788	6.638	3.298	3.340	3.013	1.511	1.422
1980	14.415	7.344	7.071	10.395	5.215	5.180	4.020	2.129	1.891
1990	22.670	11.684	10.986	16.318	8.372	8.046	2.775	1.427	1.348
2000	33.317	17.013	16.304	30.292	15.400	14.892	3.025	1.613	1.412

* Perda do Distrito de São João de Pirabas para compor o novo município de Primavera em 29.12.61 Conforme Lei Estadual nº 2.460.

1.2.2. Nas Malhas Da Cidade

Por ser um balneário e apresentar grande movimentação de veranistas, Salinópolis atrai muita gente para o lugar, especialmente nos períodos de férias e feriados, quando a oportunidade de comercialização é maior. Época em que os moradores acreditam poder melhorar a renda familiar. Tornou-se já tradicional a "feirinha"[37], onde são expostos os mais variados artigos, desde importados do Paraguai até os bordados e confecções nordestinas, junto ao artesanato, lanches, comidas típicas, bebidas, jogos, etc. Entretanto, a maior parte dos comerciantes que mantêm este tipo de comércio é gente de fora, que vem para a região nestes períodos para trabalhar. A população local raramente tem ingerência neste comércio; a maioria dos proprietários das vendas é de fora. Eventualmente os moradores locais ajudam, fazem um "bico" para ganhar alguns trocados, como balconistas, vendedores e serventes, normalmente desempenham papéis menores nestas estruturas comerciais.

A ligação da população da cidade de Salinópolis com o interior é esporádica, assim como o é com os moradores dos sítios e pequenos povoados. A dificuldade com o transporte é uma das justificativas que mais são registradas pelos entrevistados. Embora tenha estrada asfaltada e ônibus de linha, a ligação com o interior não é fácil. O transporte é caro e muitas vezes não chega até o lugar desejado, deixando o passageiro a muitos quilômetros do destino. Deste modo, não supre a necessidade de locomoção e escoamento da produção familiar.

Os contatos dos moradores do sítio com o meio urbano se limitam à venda e ou à troca de produtos naturais da floresta (frutos, raízes, ervas etc.), de farinha de mandioca e derivados como o beiju, tapioca e outros em feiras populares nos finais de semana; e/ou eventualmente aos casos de doença, em que acorrem para os lugares mais aparelhados de recursos médicos.

Esporadicamente os moradores dos sítios e povoados vizinhos fazem visitas aos familiares. As visitas ocorrem normalmente por ocasiões festivas e, em função das dificuldades de acesso referidas anteriormente, são visitas relativamente demoradas e podem levar dias, requerendo, portanto, preparativos de ambos os lados. Quem vem do interior costuma mobilizar mensageiros (vizinhos, parentes em trânsito e/ou pelo próprio motorista que é

[37]Há quatro anos esta feirinha, antes exposta em uma das praças, mudou para um grande galpão construído e reservado para este comércio - construído por iniciativa particular, onde são alugadas barracas destinadas aos vendedores de artesanatos e outros. Serve de ponto de atração e opção de compras para os veranistas e também para os da região, que "adoram comprar novidades". Este lugar é conhecido como shopping Russi x Russi, por todos. Recentemente, no início dos anos 2000, com a inauguração do complexo turístico da Praia do Maçarico, por iniciativa do governo, um outro espaço foi construído e mais vendedores se alojam para o comércio comum aos *shoppings centers*. Do mesmo modo, poucos são os regionais que são vendedores/proprietários. Entretanto, observa-se que maior número de pessoas do lugar são envolvidas neste comércio e nesta política de incentivo ao turismo local. O número de vendedores ambulantes aumentou. Pescadores, donas de casa, jovens estudantes, muitos em condições de trabalho, nos períodos de férias e feriados prolongados, se empenham com os serviços voltados para o balneário: vendas ambulantes de comidas e iguarias regionais, trabalhos eventuais em restaurantes e/ou vendas na praia; enfim, procuram oportunidade de "ganhar uns trocados". Os dados da pesquisa de campo constatam o envolvimento maior da população regional com os serviços voltados para o balneário, e embora esta contagem não tenha sido feita estatisticamente, o crescimento e envolvimento de regionais com o balneário é inconteste.

também uma espécie de mensageiro) para avisar quando vai chegar e sempre traz alguma coisa de lá para presentear o visitado, como uma forma de ajudar nas despesas com a alimentação. Freqüentemente, transportam-se verdadeiros fardos com frutos e produtos do interior e, às vezes, uma caça preferida do parente ou amigo visitado. A farinha normalmente sempre está presente, pois é básica na alimentação e dificilmente é fabricada na cidade. Quando a visita vai para o interior, leva as coisas da cidade na bagagem e quase sempre procura levar alguma novidade, além das coisas já esperadas e necessárias ao visitado, para dar um toque especial, uma marca inesquecível à visita[38].

1.2.3. Os Veranistas

Do mesmo modo como Salinópolis é considerado o mais rico e requintado lugar de veraneio da região, os veranistas que a freqüentam também o são. Os veranistas que freqüentam o balneário de Salinópolis são essencialmente empresários, grandes comerciantes e profissionais liberais em Belém[39]. São considerados os mais abastados da região em função das suas propriedades de veraneio e das condições de vida que apresentam nos períodos de férias e feriados no balneário. Pertencem às classe média e média-alta de Belém e, visivelmente ostentam um tipo de vida bem diferente do vivido entre os moradores locais. O luxo apresentado em muitas casas, à vida de farturas e de gastos elevados que levam nestes períodos é um diferenciador social significativo desses veranistas. Além desses fatores, contribuem também para que os veranistas de Salinópolis sejam considerados os mais ricos a dificuldade e o custo da viagem – a distância encarece muito as despesas dos veranistas e é necessário maior renda disponível para o lazer por parte dos veranistas que se dirigem ao balneário. Em Salinópolis tudo é um pouco mais caro do que em Belém e nos outros balneários da região, possibilitando estada apenas aos que apresentam maior disponibilidade financeira; como exemplo podemos apontar os aluguéis, os alimentos, as bebidas, as diversões (restaurantes, bares, casas noturnas) e a prestação de serviços, entre outros.

Há veranistas de outras regiões que possuem casas de veraneio e periodicamente freqüentam o balneário, entretanto a maioria dos proprietários de casas no lugar são originários de Belém e/ou já moram há muitos anos no Pará, como é o caso de famílias de origem portuguesa que vivem em Belém e, particularmente, escolheram Salinópolis como lugar favorito de veraneio.

Os veranistas-proprietários de casas de veraneio que freqüentam periodicamente a cidade de Salinópolis, de certa forma mantêm um elo maior com o balneário: são mais conhecidos na vizinhança, nos mercados

---

[38] Nestas ocasiões, os objetos importados e comprados nas citadas feiras de artesanatos e/ou em lojas locais, são bastante apreciados.

[39] Entre os dezenove veranistas entrevistados temos: dois empresários donos de empresa de ônibus urbanos em Belém; um empresário dono de empresa de ônibus intermunicipal; um empresário de loja de confecção em Belém; um comerciante dono de sapataria em Belém; dois comerciantes donos de lojas num dos *shoppings centers* de Belém; dois comerciantes donos de restaurante em Belém e em Salinópolis; quatro comerciantes donos de padaria

e vendas e, algumas vezes, tecem certas relações de proximidade com os moradores locais – desde simples amizade até relações de compadrio. São relativamente diferentes dos veranistas e turistas que ocasionalmente visitam o lugar.

Para os moradores locais, há diferença entre os veranistas-proprietários antigos, aqueles que freqüentaram a região há muitos anos atrás e os que a freqüentam hoje. Muitos dentre os moradores do lugar entrevistados, expressaram um certo descontentamento com os veranistas atuais. Disseram que antigamente (sem precisar a data, mas se reportando às décadas de sessenta e anteriores) os veranistas eram mais "bacanas", interagiam com os moradores locais, participavam das festas locais e "respeitavam o povo local". Lembraram que era comum, nas casas dos veranistas-proprietários, a dança do carimbó realizada por determinado grupo folclórico de músicos e dançarinos moradores locais, assim como a presença de "bois" e "pássaros" (ambas manifestações folclóricas que retratam traços da vida local) que se tornaram tradição em certas casas de veranistas nos meses de junho e julho. Também eram comuns as apresentações destes grupos folclóricos no bosque do Caranã onde se situa a fonte do Caranã e na praça da Igreja da Matriz nos períodos de férias julinas promovidas pela Prefeitura, onde muitos veranistas participavam e, de certo modo, interagiam com os moradores do lugar.

> "Antigamente a gente era convidado para tocar carimbó nas casas dos veranistas... era muito bacana; eles se interessavam pelas cantorias, participavam das nossas festas ... Por uma parte isso fazia [com] que a gente se aproximasse. A gente ficava orgulhoso de tocá na casa do doutô fulano de tal a convite... num era por pagamento como pode ser hoje não ... a gente tocava mesmo era por gostá, era pra mostrar o nosso carimbó..." .(Pedro, 68 anos, aposentado, oriundo de Salinópolis).

> "Ah! Era bem diferente de hoje, os veranistas que freqüentaram antigamente este lugar. Os antigos respeitavam as nossas festas, a nossa cultura. Hoje em dia ninguém respeita ninguém e, com isso, tudo vai se acabando. De qualquer modo, um dia a gente se acaba mas se as pessoas respeitasse a tradição sempre ia ter um tocador de carimbó... a tradição num ia se acabá, entende?...". (Waldomiro, 71 anos, aposentado, oriundo de Maracanã).

A proximidade que os veranistas mais antigos mantinham com a cultura local, tornava familiar a relação dos moradores do lugar com os veranistas que o freqüentavam periodicamente. Com o crescimento e maior movimento no balneário, em função do aumento e diversificação dos veranistas e turistas[40], estes laços foram se tornando menos intensos.

Dois significativos fatores contribuíram para a mudança nas relações entre os moradores locais e os

---

em Belém; três advogados; dois médicos; um dentista; um contador.

[40] Além dos veranistas-proprietários que freqüentam a região, há os veranistas temporários que alugam casas de veraneio apenas no período de férias escolares, por exemplo, e a cada temporada não necessariamente alugam a mesma casa, e passam as férias num outro bairro, com outra vizinhança etc., sem "se dar a conhecer" com os locais; há também os turistas eventuais, que da mesma forma "passam pela região" em visita e rápida estada, sem criar nenhum vínculo mais próximo e duradouro com os locais e os "farofeiros, piquiniqueiros e/ou barraqueiros como são chamados os que desfrutam da praia apenas aos domingos em caravanas vindas da cidade de Belém ou mesmo de outras localidades do interior

veranistas: diminuiu o tempo de permanência dos veranistas e aumentou o número de turistas que freqüentam o balneário. As relações econômicas subjacentes aos resultados dessa mudança transformaram em caseiros muitos dos antigos moradores, que realizavam costumeiramente, ao lado das atividades tradicionais da pesca, atividades ligadas às tradições sócio-culturais, eram, por exemplo, tocadores e dançarinos de carimbó, ritmo bastante apreciado na região e pelos veranistas e turistas que afluíam ao local. Essas atividades funcionavam, na verdade, como desencadeantes da proximidade entre os veranistas e a população local.

A mudança para o trabalho de caseiro obscurece a naturalidade que presidia a aproximação entre os moradores locais e os veranistas. Essa mudança é marcada através da nova condição de prestação de serviço que essas atividades sócio-culturais implementam com o processo de turistificação.

Com a especulação balnear, além das casas de veranistas-proprietários, surgem as casas de aluguel, no veraneio, assim como o crescimento no setor de hospedaria, pensões e hotelaria, que trouxe um outro tipo de veraneio por temporadas, para veranistas e turistas não freqüentes e que travam outro tipo de relação com o lugar. É o veranista não proprietário que aluga, por temporada, casas em diversos pontos da cidade não mantendo, portanto, maior relacionamento com os moradores locais. Diante da concorrência para o mês de julho – mês de férias escolares e de verão intenso na região - os contratos são firmados em maio e pagos antecipadamente. Não há contrato de aluguel firmado em cartório, na maioria das vezes, é verbal – o que permite a uma das partes não confirmar, desistir do contrato e até sublocar as casas.

1.2.4. O Manejo Dos Moradores Frente À Especulação Do Balneário

Frente à presença crescente do veraneio e do turismo balnear, as propriedades localizadas na cidade, em lugares mais privilegiados, perto de fontes e de praças e em frente ao mar, ficaram mais valorizadas e passaram a ser vendidas para os veranistas que chegavam. Tal fato, incentivou o processo de expulsão e/ou (re)manejo dos moradores da cidade que passaram a vender suas casas impulsionados pela especulação imobiliária do balneário a partir da década de sessenta.

Os antigos moradores da cidade foram paulatinamente "convidados" a sair de suas casas, bem localizadas e de interesse do veraneio, para residirem na periferia nos novos bairros que então se formavam em decorrência do processo de urbanização da cidade balnear. Bairros que se estendem ao longo das estradas e em mangues aterrados, que nem sempre apresentam condições de saneamento básico e salubridade habitacional. Bairros que se formaram, muitas vezes, por categorias profissionais e por laços de afinidade e parentesco, pois os moradores locais escolhiam para fixar nova moradia o lugar onde residiam os seus pares: companheiros de pesca, familiares e afins. Desse modo, na maioria das vezes, nas proximidades da praia e do mangue, estão localizados os pescadores que de algum modo continuam pescando. São especialmente moradores de origem local e/ou do interior do

município de Salinópolis, que tradicionalmente estão ligados à pesca. Nos bairros mais distantes, ao longo da estrada, por exemplo, predominam outras categorias ocupacionais, que não dependem diretamente dos recursos do mar. Nestes bairros mais afastados, estão concentrados, mais especialmente, migrantes de fora da região, nordestinos e outros. Especialmente ligados com o comércio de varejo, de fabricação e/ou venda de móveis - serrarias, carpintarias, materiais de construção etc.

O (re)manejo de grande parte da população local do centro da cidade para a periferia contribui para uma nova conformação sócio-espacial local, atribuindo pessoas a determinados lugares, dependendo, essencialmente, como já observamos, das categorias profissionais e das condições econômicas. Deste modo, se identificam visivelmente os "lugares": os bairros onde se concentram os veranistas e turistas; os bairros onde moram os pescadores artesanais e que não estão envolvidos com o grande comércio pesqueiro, ou seja, pequenos pescadores com poucos recursos pesqueiros, que não fazem concorrência com os pescadores "graúdos", que são pescadores com maior poder de pesca, sindicalizados e financiados para a comercialização do pescado.

Por outro lado, a distribuição da população local pelos bairros novos estendidos na periferia da cidade favorece ao isolamento dessa população do centro urbano - dos bairros onde estão as casas dos veranistas e turistas e, de certa forma, dos serviços urbanos que a cidade oferece. Os bairros onde estão localizadas as casas dos veranistas têm vida maior quando é época de férias e ou feriados prolongados, quando da presença dos veranistas e turistas, portanto, apenas parte do ano. Nos períodos em que os veranistas e turistas estão ausentes, grande parte destes bairros fica menos iluminada e parte do comércio fecha temporariamente. Desta feita, são poucos os moradores locais que continuam residindo no centro da cidade nos bairros tradicionais onde estão localizadas, atualmente, a maioria das casas dos veranistas. Os que permanecem estão ligados, mais particularmente, ao trabalho de caseiro e, na maioria das vezes, moram na propriedade dos veranistas – em dependência própria para o caseiro, com certo conforto e regalia, mas freqüentemente longe da vizinhança, dos parentes e afins.

O movimento maior que marca a vida cotidiana local passa a ser na periferia onde se estabelecem e transitam os moradores do lugar. Enquanto a cidade, o centro propriamente dito – o local onde estão situadas as casas dos veranistas – fica sem movimento e em completa escuridão nas épocas de não veraneio, "um cemitério" como os próprios moradores dizem, expressando uma certa insatisfação com o destino dado ao lugar onde eles anteriormente residiam, antes dos veranistas chegarem.

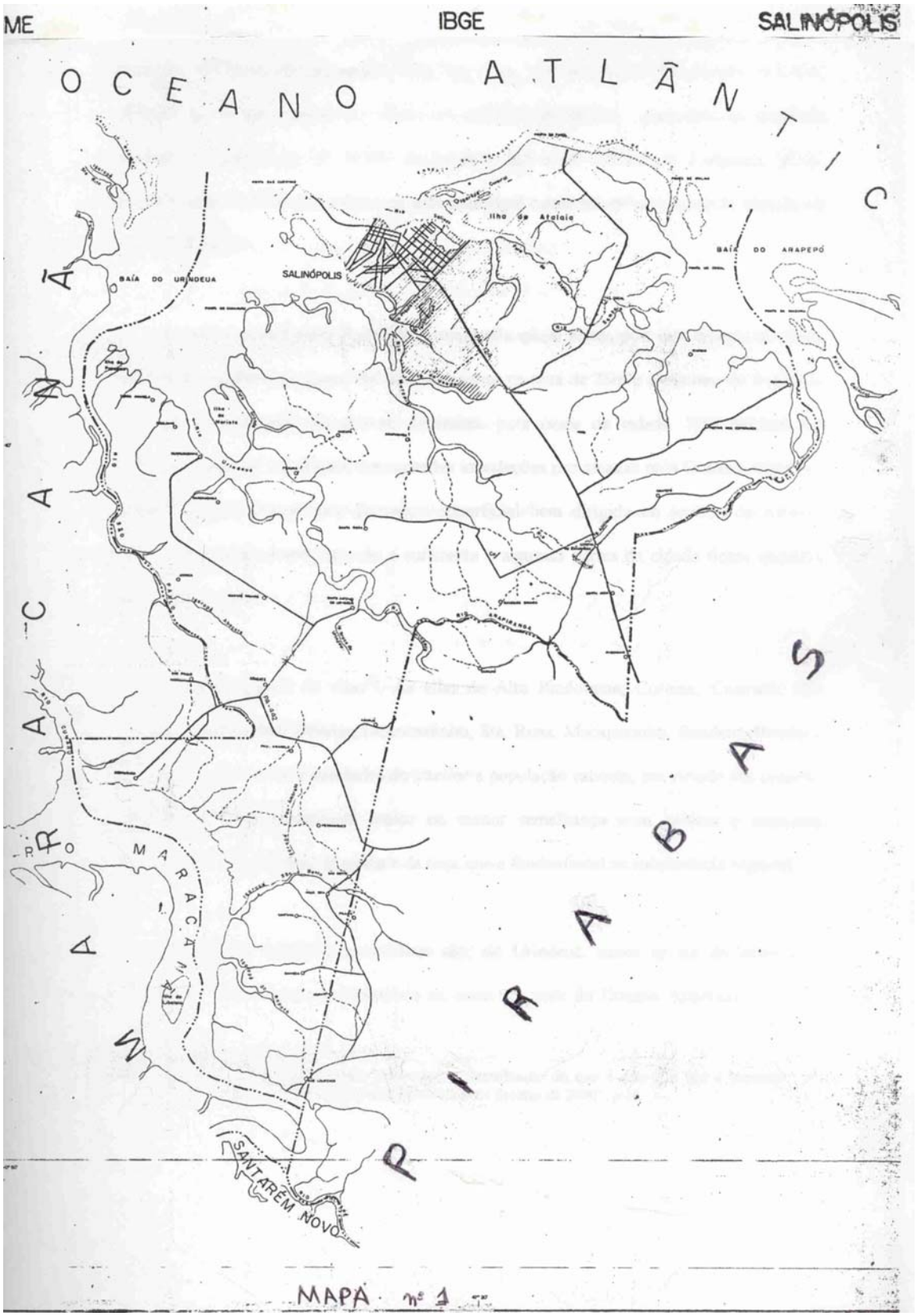
Um dos bairros que surgiu na periferia de cidade foi o bairro da Prainha - para onde convergiram muitas famílias de pescadores, moradores antigos da cidade que venderam suas propriedades em função da especulação imobiliária com o veraneio – lugar em que está centrada esta pesquisa.

CONTEXTUALIZAÇÃO GEOGRÁFICA

1.3.1. Aspectos Físicos e Geográficos

O Município de Salinópolis, criado pela Lei n. 4.504 de 30.12.1937, faz parte da sub-região do Salgado Paraense, da zona fisiográfica do Salgado: mesorregião do Nordeste paraense, e tem seus limites com os municípios de Maracanã (a Oeste), São João de Pirabas (ao Sul) e o Oceano Atlântico (ao Norte e ao Leste)[41]. (Mapa 1)

[41] Houve diversas modificações nos limites Municipais. A última retificação foi com a criação do município de São João de Pirabas, através da Lei n.º 5.453 de 10.05.1988-Diário Oficial n.º 26.350 de 17.11.1988. Assim, os limites municipais são: com o Município de Maracanã, -começa no Oceano Atlântico, na baía de Urindeua, segue por esta até a foz do rio do Meio ou São Paulo, pelo qual sobe até as duas nascentes, destas, pelo paralelo que por aí passa, alcança o rio Maracanã; com o município de São João de Pirabas, começa na foz do rio Chocaréo no rio Maracanã e segue por uma reta com distância de 14.200 metros até a foz do rio Arapiranga no rio Urindeua; segue pelo álveo do rio Arapiranga até a sua nascente, daí por uma reta com distância de 4.800 metros até a nascente do rio Arapepó, atravessa este sentido geral Norte até o oceano Atlântico. Sobre os limites municipais, Ver: Enciclopédia dos Municípios; Monografia Municipal de Salinópolis IBGE; Salinópolis - Divisas n.º 1506203-IBGE; Jornal A Província do Pará "História dos Municípios do Pará" de 27/28 de março de 1994.


ME
IBGE
SALINÓPOLIS
OCEANO ATLÂNTICO
BAÍA DO URINDEUA
SALINÓPOLIS
Ilha de Atalaia
BAÍA DO ARAPEPÓ
RIO MARACANÃ
SANTARÉM NOVO
MAPA nº 1

De um modo geral, o município acompanha o clima do Estado do Pará, clima tipo "A", característico de toda a bacia Amazônica. Porém, segundo a classificação de Koppen, a existência da Fit (Faixa de Calmarias), que nessa região provoca máximos pluviométricos no outono, contribui com uma certa peculiaridade a Salinópolis e o clima da sede balnear fica mais para Aw. Sua temperatura anual é muito elevada, variando em torno de 26º C.

A sede do município, o distrito de Salinópolis, tem uma área urbana de 218,8 Km^2 [42], mas sua área total é de 473 Km^2 em 1997. O município abrange 1011 km^2. É o 49º município em extensão territorial. Dista em linha reta da capital do Estado 157 Km, colocando-se no 26º lugar em ordem de distância de Belém, possuindo as seguintes coordenadas geográficas: 0º 36'40" de Latitude Sul e 47º 18'30" de Longitude W.Gr. Apresenta uma Altitude de 5 metros na sede municipal e está em 29º em ordem de altitude no Estado do Pará.

A cidade de Salinópolis possui uma topografia quase plana, pois está situada no litoral atlântico. Seus pontos de maior elevação situam-se na cota máxima de 28m e a mínima de 5 metros, sendo que as elevações do terreno diminuem para oeste da cidade. Não existem em Salinópolis zonas de inundação fluvial, nem grandes inundações provocadas pelo Oceano Atlântico. Entretanto, embora a cidade possua uma drenagem superficial bem dirigida no sentido do referido oceano, nas grandes marés isto não é suficiente e as áreas mais baixas da cidade, especialmente na periferia, ficam alagadas durante esse período. "A foça da maré" já é conhecida tanto pelos moradores quanto pelos veranistas freqüentadores da região. Há inúmeros testemunhos sobre esse fato, lembranças de ruas e casas que foram tragadas pela força das águas do mar.

Salinópolis possui 10 vilas[43]: Alto Pindorama, Corema, Cuiarana, São Bento, Santo Antônio do Urindeua, Derrubadinho, Santa Rosa, Macapazinho, Bandeira Branca e Enseada. Na maioria das localidades do interior a população cabocla, em virtude das próprias condições do lugar, conserva maior ou menor semelhança com hábitos e costumes tradicionais: vivem da caça, da pesca e da roça que é fundamental na subsistência regional.

Os principais acidentes geográficos são: rio Urindeua, que nasce ao sul do município, correndo em direção norte e desemboca na costa noroeste do oceano Atlântico, na costa norte do Pará, ao sul do estuário do rio Pará, navegável por embarcações de pequeno calado; rio Pirabas, que nasce a oeste do município e corre em direção norte, desembocando na baía de Pirabas, também navegável por embarcações pequenas; rio Japerica, que nasce no sul do município e corre em direção norte, desemboca na costa noroeste do oceano Atlântico, igualmente navegável por embarcações de pequeno porte; rio Maracanã, com limites com os municípios de Maracanã e Primavera; rio Meio, também conhecido como São Paulo, nos limites com o município de Maracanã; rio Xoacaré, afluente do

[42] O perímetro urbano é descrito da foz do igarapé Ibiquiateua no rio Muruamipi, segue pelo rio Muruamipi até a sua foz na baía do Urindeua no oceano Atlântico, seguindo pelo mesmo e contornando a Ponta das Curvinas até a foz do rio Salinas, segue pelo mesmo até a foz do igarapé do Barco, segue pelo igarapé do Barco até a sua nascente, deste ponto uma reta sentido geral Noroeste até a cerca da Agrissal (projeto de financiamento agrícola fracassado), segue por esta até a nascente do igarapé Ibiquiateua, segue pelo mesmo até a sua foz no rio Muruamipi.

[43] Segundo observação do IBGE-Belém (Pa) sobre a classificação do que é sítio e o que é povoado: "XI Recenseamento Geral do Brasil - Manual de Delimitação dos Setores de 2000"; p.14.

Maracanã, serve como parte dos limites com os municípios de Primavera e Maracanã.

Como ilha pertencente ao município de Salinópolis, temos apenas a ilha do Atalaia, situada na costa noroeste do oceano Atlântico, quase em frente à cidade de Salinópolis. Como o seu próprio nome evidencia, foi um dos principais pontos de atalaia para o domínio colonial na região[44].

Atualmente, o motivo de atração da ilha mudou e a função de atalaia foi esquecida. Hoje é lugar de lindas casas e de atração turística por apresentar grande extensão de praia, com o maior movimento de "barraqueiros" de praia do município. Apresenta dunas e uma vegetação própria que lhe proporciona particular beleza em um lago de água doce denominado de lago da Coca Cola, em virtude da coloração da água, que é um verdadeiro oásis. A ilha do Atalaia possui 13 Km de praia, sendo por isso mesmo o lugar mais cobiçado entre os veranistas e banhistas da região (Dias, 1996).

As ilhas do Inajá, Camaleão e Fortaleza, que também estão situadas a noroeste do oceano Atlântico em frente à baía de Pirabas, fazem parte da história do lugar. No mapa político atual, essas ilhas, que antes compunham uma mesma região, estão fora da jurisdição do município de Salinópolis, entretanto, continuam pertencendo de algum modo ao ideário da população mais antiga, que não perdeu a noção dos limites municipais quando conta suas histórias e relata os feitos dos antepassados, dos encantados. Especialmente entre os pescadores, estes limites são mais difusos e as divisões políticas municipais são dissipadas nas suas falas. Quando relatam sobre a região: quanto mais recuamos na memória, mais as "fronteiras" do lugar (município, cidade) se mostram maiores do que as reais delimitações geo-cartográficas atuais.

Na memória local as fronteiras não existem como no papel; entre a população interiorana os critérios em que se organizam espacialmente – se juntam ou se separam – diferem dos critérios políticos/geográficos. Para ela, a parentela e toda a rede de compadrio e vizinhança são, tradicionalmente, vetores importantes para explicar o deslocamento e migração do interior para a cidade bem como nos bairros que se formam na cidade, como ao longo deste trabalho poderemos constatar.

É importante conhecer a região sob o aspecto da oralidade. Observar os limites simbólicos com os quais delimitam e partilham histórias. É preciso considerar como as pessoas lidam com a presença da natureza mais vizinhas à vida e ao trabalho. É importante compreender o sentido de pertencimento e o sentimento que une a parentela e a vizinhança no bairro expressos no lugar. É preciso conhecer os sistemas do lugar[45]. Compreender o "mapa político" e "mental", que a população local elucida, favorece uma leitura mais acurada do processo de transformação e mudança por que passa a região e permite compreender melhor como se forma o bairro da Prainha,

[44] Lugar onde foi montado o primeiro farol da barra (Farol Velho - inaugurado em 1852). Hoje há um novo farol na sede do município, no centro da cidade de Salinópolis, acumulando nos dias atuais pelo menos mais uma função de ponto turístico local.
[45] Lugar aqui entendido como, a porção do ambiente transformada pela ocupação, pelo uso e, sobretudo, prenhe de significação social, que indica quem e em que circunstâncias pode estar ali (Godoi, 1998).

cenário desta pesquisa[46].

[46] A obra de Niemeyer & Godoi (1998) indica-nos caminhos para um diálogo mais abrangente acerca da prática e da representação territorial de grupos urbanos, rurais e indígenas a partir de diferentes campos empíricos.

Capítulo 2 – O LUGAR DA PESQUISA

> "Sem dúvida, cada um de nós é baldrame, barrote, Portal, pé direito, chave ou gazua Daquilo a que se convencionou chamar casa, Mas que, a rigor, é solidão de quarto alugado no tempo. Guarda roupa ventando na planície". (José Pedro de Oliveira Costa, do livro Aiurruoca).

2.1. O Bairro Da Prainha: Lugar De Pesquisa:

A escolha do bairro da Prainha como o nosso lugar de observação e análise é por ser este um dos bairros mais representativos da população e da vida tradicional, concentrando os moradores mais antigos, caboclos, pescadores artesanais e pequenos produtores rurais que, gradativamente, vão se incorporando ao processo de urbanização balnear através do trabalho de caseiro e outros ligados ao veraneio, no afã de melhorar de vida.

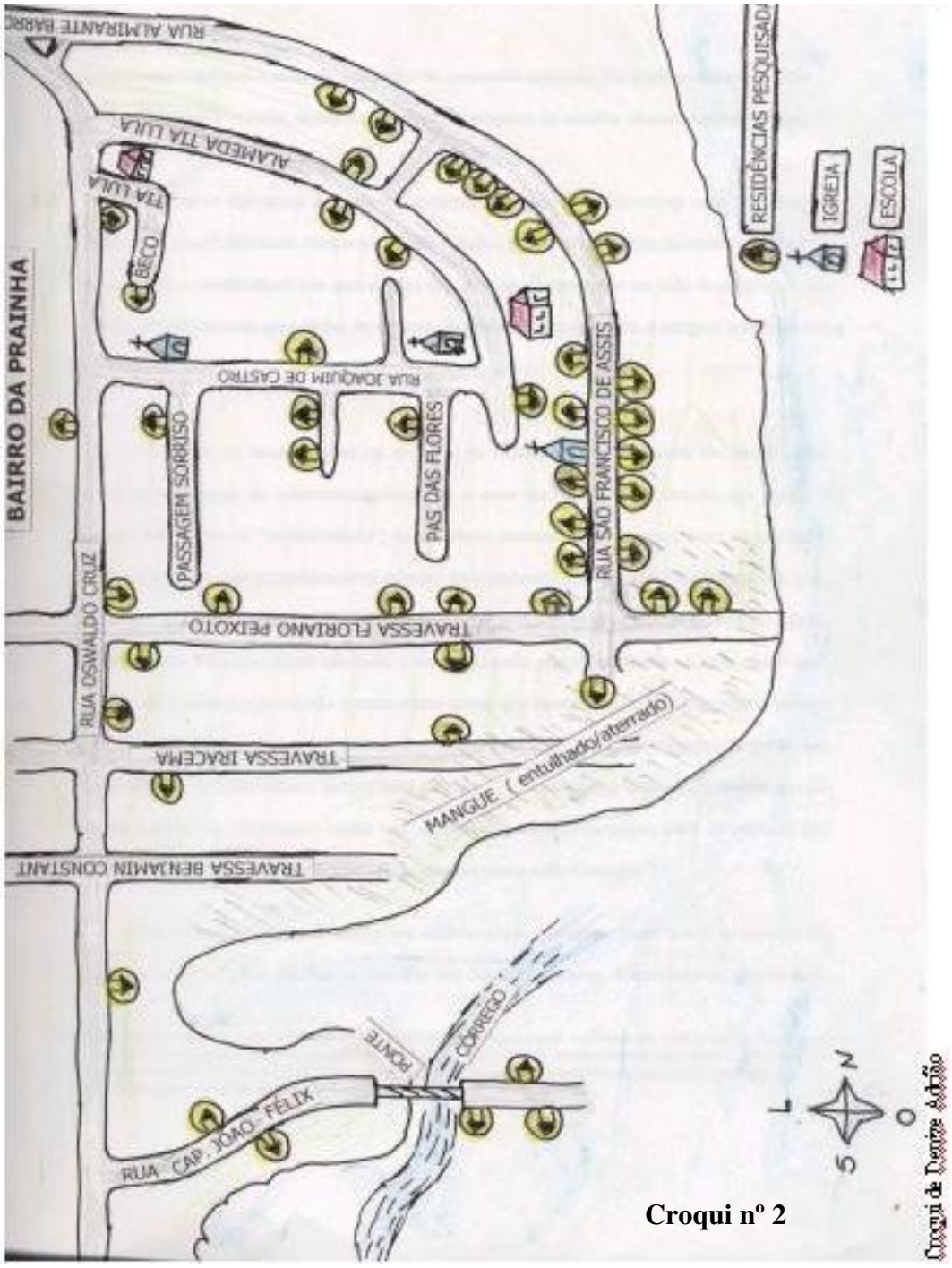
O bairro da Prainha, sede da pesquisa de campo, está situado na parte Sudoeste da cidade (Croqui nº 1). Foi se formando a partir do deslocamento de algumas famílias que moravam no centro da cidade e venderam suas casas para veranistas em função do zoneamento urbano balnear nas últimas três décadas. É um bairro ainda em crescimento, estendendo-se em área de mangue que, paulatinamente, vem sendo aterrada para dar lugar à solicitação de novas moradias, não possuindo, portanto, limites precisos e regulamentados. Na sede municipal não há regulamentação legal com delimitação precisa de nenhum dos bairros da cidade. Portanto, o bairro da Prainha é aqui considerado a partir da configuração oral e informal dos moradores mais antigos do lugar (Croqui nº 2).

As casas, antes localizadas na praia ou nos pontos privilegiados da cidade, são vendidas a veranistas e pessoas mais abastadas do lugar e as famílias são afastadas para os mangues, considerados insalubres, que passam a ser aterrados e se transformam em novos bairros. As famílias aí habitam verdadeiros barracos, em condições precárias. Nesta nova

Croqui da Zona Urbana de Salinópolis (SUCAM)

Croqui nº 1

Croqui do Bairro da Prainha



Croqui nº 2

localização em muitos casos desapareceu o quintal e, com ele, a criação de pequenos animais. No espaço onde a mulher era dona de casa e vizinha, agora é empregada doméstica ou caseira na casa dos veranistas.

Deste modo, o aglomerado de casas no bairro veio em decorrência do deslocamento das famílias de pescadores que moravam em outras áreas da cidade, atraídos pela familiaridade do lugar e da vizinhança. Os companheiros de pesca, seus familiares e afins, procuram residir no mesmo bairro; um chama o outro. E, por essa razão guarda uma certa especificidade e uma identidade distinta de outras áreas da cidade.

As ruas do bairro são pouco pavimentadas e sem calçamento e, é quase inexistente o número de ruas com cobertura asfáltica[1]. Muitas ruas se estendem sobre mangues aterrados e algumas delas ainda se encontram apenas "entulhadas" (aterradas com entulhos). Apresentam certa precariedade no serviço de saneamento básico, com esgotos abertos e fossas perdidas. E, embora em estado precário, há iluminação pública na maioria das ruas (Ver Fotos 1 e 2).

Os moradores do bairro da Prainha se ressentem com esta precariedade de serviços e infra-estrutura no local e, principalmente, com a falta de interesse e apoio por parte do poder público diante de suas necessidades – muitos disseram que só na época das eleições que os políticos lembram do bairro e que nele tem gente morando, mandando tapar buracos, limpando os bueiros, aterrando o mangue e/ou asfaltando mais um pedaço de rua. Apesar do bairro contar com fornecimento de energia elétrica – muitos consideram que só serviu para espantar as visagens, assim como a água encanada e a limpeza das ruas é "só para inglês ver" tal a precariedade dos serviços. As promessas nos períodos de eleição praticamente não passam dos discursos, apesar de haver representação política através de um vereador no bairro. Ao lado disso, os moradores do bairro nem sempre colaboram com o poder público, pois, os serviços e melhorias públicas quando realizadas, nem sempre são conservados por eles.

[1] Cabe dizer que, com a proximidade das últimas eleições, muitas ruas receberam cobertura asfáltica, mudando a aparência visual do bairro. Entretanto, no que se refere ao saneamento básico, o bairro não foi em nada melhorado.

Foto nº 1 Panorama do Bairro da Prainha

Foto de Denize Adião –jan/99

Foto nº 2 Panorama do Bairro da Prainha estendido sobre o mangue

Foto de Denize Adião –jan/99

O limitado serviço de saneamento básico junto à precária coleta de lixo e certos hábitos da população contribuem para a precariedade higiênica no bairro. As tradicionais "casinhas" (sanitários de fundo de quintal, com instalações precárias e sem fossa), bem como o hábito de limpar os peixes e outros alimentos no jirau ou jogar as vísceras a céu aberto, para servirem de alimento aos animais domésticos, no quintal, na praia ou no mangue, favorecem um ambiente de higiene precária, especialmente após as enxurradas e os períodos de veraneio, quando é maior o fluxo dos esgotos para as zonas mais baixas do bairro.

Tradicionalmente, entre os moradores locais, a rua principal é a que acompanha o curso do rio e recebe o nome do santo padroeiro da comunidade católica do bairro, São Francisco de Assis. Outras ruas e vielas partem dela ou acabam nela, sendo, portanto, conhecida por todos do local, o que não ocorre com a maioria das outras ruas cujos nomes muitos dos seus próprios moradores desconhecem. Quando se referem ao endereçamento, sempre um ponto comercial, uma determinada casa, um aspecto físico qualquer que identifique o lugar de moradia é explicitado para indicar onde moram. É na rua principal, em função da localização do centro comunitário, que "tudo acontece". A maioria dos "acontecimentos" é realizado no centro comunitário (reuniões comunitárias e de associações de bairro, festas e comemorações religiosas, missas dominicais, escola de catecismo, palestras, comícios etc.). Por essas razões, também é uma das poucas ruas asfaltadas em que trafegam automóveis.

Existem no bairro: duas escolas municipais; duas capelas pertencentes à Igreja Católica; duas casas de oração da Assembléia de Deus; e algumas "bibocas", que são pequenas vendas locais de propriedade de moradores do bairro, pescadores recém deixados da pesca e que estão se lançando para outro ramo de comércio, nas quais a população compra artigos alimentares em conserva e apetrechos pequenos para a casa e para pesca. Não há praças públicas e nem outro espaço destinado ao entretenimento público. As crianças brincam nas ruas, nos poucos quintais que existem e/ou nos mangues.

A maioria das casas do bairro está localizada em mangues aterrados, muitas vezes considerados insalubres. Não há, na maioria dos casos analisados, documento de propriedade e nem de aforamento dos terrenos ocupados e construídos na periferia da cidade onde o mangue foi aterrado. No entanto, há limites de propriedade de cada um em torno das residências, de

conhecimento de todos e com um certo acordo verbal entre eles.

Para os moradores da Prainha o "espaço doméstico" é composto pela casa e pelo quintal; neste, freqüentemente, há mais de uma casa construída, destinada à residência de um parente próximo, especialmente filhos(as) que constituíram suas próprias famílias.

Algumas casas parecem verdadeiros barracos, em condições precárias, contrastando com as construções dos outros bairros da cidade. Muitas são construídas como palafitas, suspensas do solo e sob mangue não aterrado. Estas, em função da localização indevida, não apresentam livre acesso, pois estão dependentes do nível da maré; quando a maré está cheia, ninguém tem acesso à casa se não for através de canoa, uma vez que tudo é coberto pelas águas do mar que invadem o mangue (Ver Fotos 3 e 4).

As casas e construções existentes são simples e guardam uma certa identidade e homogeneidade com os seus moradores. São casas pequenas, a maior parte delas, em alvenaria e madeira, com dois a três cômodos compondo sala, quarto e cozinha, cobertas de telhas de barro ou amianto no modelo de duas águas, com poucos móveis e utensílios domésticos; algumas casas ainda possuem quintal e, normalmente, um barracão onde guardam os apetrechos de trabalho com a pesca e outros. Embora em menor número, ainda se encontram casas cobertas de palha, construídas de taipa e/ou enchimento.

De certo modo, o tipo da casa – o material da construção e a mobília da casa - também reflete a diferenciação dos moradores da Prainha, pois caracteriza certo poder aquisitivo de pessoas que passam a comprar móveis e utensílios domésticos em lojas, daquelas que mobíliam suas casas com móveis construídos por eles próprios e com materiais diversos obtidos nas regiões circunvizinhas (matas e manguezais). Através da forma e do material em que fora construída a casa, é possível identificar a situação econômica de seus habitantes e também o prestígio social que recebem a partir da construção de suas moradias e da aquisição de bens móveis. De certo modo, as casas com mais conforto doméstico, mais aparelhadas, pertencem aos comerciantes e às pessoas envolvidas com os trabalhos de caseiros.

Foto nº3 Aspecto das casas e moradia no Bairro da Prainha

Foto de Denize Adião –jan/99

Foto nº4 Panorama da moradia na Prainha

Foto de Denize Adião –jan/99

A paisagem doméstica retrata a relação que os moradores têm com a sua morada. Mostra que o espaço doméstico não é apenas um mundo de puros objetos, mas que tudo faz parte de um sistema interligado. Assim, parafraseando Riccetti (1999, p.38),

> "O espaço doméstico, não é apenas um mundo de puros objetos físicos; na relação do homem com o ambiente tudo pode ter um valor simbólico. A paisagem doméstica é uma parte do sistema de idéias do homem, onde nenhum observador externo jamais pode esperar compreender completamente as intenções do outro a não ser que se familiarize com as atitudes culturais em relação ao que o cerca".

Foi com esta perspectiva que nos interessamos em observar o interior das casas. Através dela pudemos observar também o movimento de mudança por que passam as famílias do bairro. Constatamos que cada vez mais se confrontam utensílios e formas de viver distintos. A rede de dormir e o jirau ainda compõem a decoração da casa junto com novos objetos da modernidade que já são incorporados no cotidiano familiar, sob o domínio dos mais jovens que usam e manejam desta tecnologia. A TV, o vídeo cassete, a antena parabólica, o fogão a gás, a geladeira, a máquina de costura, a bicicleta, são alguns dentre outros recursos modernos que fazem parte do mundo doméstico, contrastando com as condições e a vida no bairro; se bem que alguns desses objetos e utensílios passem a maior parte do tempo intocáveis, ou com sub-utilização em função dos próprios hábitos domésticos, como é o caso da geladeira, por exemplo, que parece sempre estar vazia, uma vez que não costumam congelar e/ou conservar alimentos, à exceção dos que o fazem para comercializar. É o caso também do fogão a gás, que é outro objeto sem utilização, pois em muitas casas do bairro é o fogão à lenha ou a carvão que são largamente utilizados, devido a preferência por alimentos assados ou cozidos na brasa.

Observamos que os objetos com os quais ornam a casa - fogão a gás, geladeira, vídeo etc. - estão ali pelo seu valor simbólico e não pelo valor de uso. Existem enquanto objeto e, como mostra Baudrillard (1972), não é nunca a função que define o objeto. Eles são esvaziados do seu valor de uso e de sua função social original para serem investidos de uma outra utilidade: a de portarem o belo, o moderno, o de fora, sendo, portanto, importantes ícones para a discussão do processo de transformação por que passam os moradores da Prainha.

Conforme depoimentos das pessoas mais velhas, este bairro passou a existir depois que a cidade virou Estância Hidromineral e lugar de veranista, quando mudaram e arrumaram a

cidade para ser lugar balnear e os políticos pavimentaram as ruas e aterraram o mangue para aumentar a cidade. Depois que as propriedades dos moradores locais, construídas no centro da cidade, passaram a ser vendidas para os veranistas, bem como após a mudança de local do mercado central para o bairro do Porto Grande e as canoas dos pescadores passaram a ser ali atracadas.

> "A cidade não era assim, este lugar aqui num era de moradia cumo hoje não, aqui era mangue só. A última casa aqui era do cumpadre Feliciano e era a três rua daqui, ninguém passava para estas banda daqui. Tudo era pro lado de lá, onde a igreja matriz. As canoa que hoje fica por aqui, tudo era pra lá. O movimento era lá. O mercado, as casinhas dos pescador era tudo por aquelas baixada de lá. Hoje é tudo casa de barão... uma mais bonita que a outra, só vendo cumo está!... Tudo veio cum este negócio da água daqui que é boa... de transformá em instância d'água ... A fonte do Caranã passou a ser tratada, arrumaram a cidade de modo a receber gente de fora. Só ficou por lá os comerciante, que já tinha casa pronta (de alvenaria), os mais antigo, os português que tinha família, os práticos. Os pescador mesmo, a raia miúda correu tudo. O peixe passou a ser pesado e vendido no Porto Grande, o gelo e o comércio virou todo pra cá. Pra cá que eu digo é pra esses lado. O Porto Grande é aqui vizinho da Prainha. Começou por lá e foi se alastrando. Lá tem os pescador maior, tem gente aqui que já morou lá. Muita gente foi vendendo as casa e pulando pra outro lugar... muita gente ganhô naquela época. Agora quem ganhô, ganhô, num tem mais quem queira. Agora o movimento de turista é pequeno, ninguém qué comprá nada, nem peixe o pessoal tá comprando como antigamente ... Aqui o pessoal foi aterrando pra oferecê onde morá, é coisa de uns tempo pra cá. Eles vão arrumando pra lá e a gente vai ficando pra cá igual caranguejo no mangue..." (Antenor, 72 anos, pescador aposentado, oriundo de Sto. Antônio do Urindeua)

> "A Prainha é, assim, lugá dos pescador pequeno. Quem num teve com quem se agarrar teve mesmo que vir tapá mangue... Na época que o negócio tava bom, a gente rápido vendia lá o nosso pedacinho e procurava outro pra se infiá. Esta Prainha foi assim, um lugá perto da condição da gente, bom pra trazer as coisa da gente... a família e fincá pau. Com o dinheirinho da venda da casa, alguns melhoraram as condição do seu pescar...dependendo de como foi a venda pôde até melhorar mais quarqué coisa, mas não muito não... já viu como é dinheiro na mão de pobre, escorrega igual sabão..." (Francisco, 68 anos, pescador, oriundo de Cuiarana).

> "A maior parte neste bairro tem ligação com a pesca... Muitas famílias escolheram morar aqui por causa da pesca, da facilidade e proximidade, dos companheiros da pesca. Quase todo mundo é conhecido, parente. Mas agora tá tudo modificado, nem todo mundo qué pescar. A gente volta a ter outra esperança de poder viver melhor com o turismo que agora tá ampliando, essa melhoria toda na cidade é bom pra nós também, atrai mais gente pra cá e a gente tem mais cunquê ganhá a vida... os pescadores podem continuar a pescar, mas quem não pesca, tem a oportunidade de arranjar o que fazer com o veraneio... melhora uma coisa pela outra, né?". (Nonato, 22 anos, estudante, oriundo de Salinópolis).

Estes depoimentos mostram que os moradores do bairro têm uma certa consciência a respeito do processo de constituição do bairro e também das mudanças pelas quais estão

passando.

Através dos diversos depoimentos coletados durante o trabalho de campo, pelo menos dois fatores foram primordiais na escolha do bairro da Prainha como lugar de moradia: a proximidade do mar, lugar de trabalho dos pescadores, e a vizinhança que foi se formando a partir das relações de parentesco e afinidade. Outro fator bastante considerado e que tem atraído e favorecido ao deslocamento para esta região da cidade é a condição de proximidade com o porto de atracação das embarcações pesqueiras e a estrutura de mercado, comportando a feira e o mercado, que passou a ser instalada nesta região, fundamentais para que o ritmo de vida tradicionalmente pesqueira dessa população pudesse ter continuidade.

Observando a conformação do bairro da Prainha, podemos considerar que se trata de um espaço em que pequena estrutura urbana ensaia existir, entretanto ainda insuficiente como tal. O bairro apresenta uma estrutura relativamente organizada por ruas, passagens e vielas, algumas delas asfaltadas e/ou pavimentadas, entretanto ainda com sistema de saneamento básico deficiente e, em muitos casos, inexistente. Ao lado disso, mantém certos aspectos de uma ruralidade, expressa através do modo de vida simples dos moradores, que marca o cotidiano local, especialmente no que se refere às relações sociais entre as famílias e a vizinhança.

É surpreendente observar que, num lugar aparentemente urbanizado, como o balneário de Salinópolis, recebendo constantemente pessoas de outras regiões, com costumes e hábitos tão diferentes aos do lugar, ainda tenha um bairro como a Prainha, que apresenta uma forma de vida própria e que lembra, em alguns aspectos, as populações tradicionais, especialmente no que diz respeito ao conhecimento e à utilização dos recursos da Natureza na prática doméstica como, por exemplo o uso da medicina caseira e da pajelança cabocla. Tal diferença parece escondida ou diluída nas épocas de veraneio, quando a população se volta para "receber" veranistas e turistas, e passa a maior parte do dia distante do mundo do bairro.

Nos períodos de férias e feriados prolongados é que a população inteira: adultos, jovens e até crianças, se empenham para "ganhar alguns trocados". De tudo fazem, em diversas maneiras e formas para aumentar a renda familiar: uns pescam para venda do produto para os turistas; outros trabalham fazendo pequenos serviços de construção ou reparos domésticos, que

são habitualmente realizados quando os donos das casas estão por perto (muro, jardinagem, telhados, enfim todos os reparos de casa). Aumentam, também, as vendas ambulantes de comidas e iguarias típicas, assim como os serviços volantes (lavadores de carro, carregadores de água, dentre outros).

Os caseiros (incluídos aqui, homens e mulheres), por sua vez, ficam à disposição do patrão, eventualmente, como empregados domésticos; as crianças locais, como pajens para o entretenimento das crianças dos "barão", como são conhecidos os donos de casas e veranistas no local[2]; além de ampliarem as vendas nas barraquinhas da praia, vendas de coco, tapioquinha, frutas locais a exemplo do caju, taperebá, agiru, etc., bebidas como cerveja, refrigerante, raspadinha – que é o suco de fruta congelado e servido com raspa de gelo e eventualmente com vodka ou cachaça; doces, tais como cocada, beijo-de-moça, trouxinha de coco, etc.[3]. Nestes períodos de grande movimentação na cidade, todo mundo do bairro se volta para o mundo balnear; sai de casa e da vizinhança para ganhar, às vezes, o "sustento do mês", expressão corrente entre os informantes.

O deslocamento, cada vez mais freqüente, para os serviços voltados para o veraneio, indisponibiliza os moradores do bairro para a vida doméstica familiar e para a vida sócio-cultural do bairro, contribuindo para desencadear diversas transformações no relacionamento entre a vizinhança. Haja vista que, mesmo depois das férias ou feriados prolongados voltem ao seu ritmo de vida normal, às vezes, não se reintegram ao cotidiano local, pouco se envolvendo com as comemorações da comunidade do bairro (comunidade de São Francisco de Assis), pouco contribuindo com as festas de safra pesqueira, pois cada vez mais estão se distanciando destas coisas do bairro em razão da crescente dedicação para a vida do balneário. Fato que representa um reflexo das mudanças pelas quais essa população vem passando.

---

[2] Não foi possível verificar a origem do uso do termo "barão" para identificar os veranistas e turistas que freqüentam a região. Foi observado, ao longo da pesquisa de campo, que é um termo freqüentemente utilizado para distinguir "quem é de fora e que apresenta poder aquisitivo maior que os do lugar – barão no sentido de ter "grana". Por vezes, é também empregado pejorativamente - uma espécie de falso barão, "gente que põe banca e quer mostrar o que não tem", como os salinenses dizem.

[3] O número e a variedade de iguarias típicas ou não vendidas na praia por barraqueiros ou ambulantes tem crescido sobremaneira com o fluxo de veranistas e turistas. Moradores locais, quando entrevistados a esse respeito, dizem que o queijo assado na brasa, o chá mate com limão, o sanduíche natural, os docinhos à base de "leite moça" e os salgadinhos fritos, são algumas das iguarias que surgiram como produtos de venda recente na região.

As transformações ocorridas com a mudança e/ou direcionamento da força de trabalho da pesca e da pequena produção rural para o serviço de caseiro e para os trabalhos eventuais e/ou de pequeno comércio abrangem diversas frentes que vão além das condições econômicas advindas com o trabalho. No domínio da casa e da vida doméstica, também ocorreram algumas alterações: as casas mudaram de dono e todo o seu em torno se transformou. E, por sua vez, a organização social das famílias do bairro, posteriormente analisadas, também passa por profundas transformações.

Com todas as modificações na questão do trabalho e no ambiente do lar, há uma mudança na forma de relacionamento social e na forma de relacionamento que liga o homem à natureza. A solidariedade, os trabalhos comunais que foram a base da produção rural e pesqueira, que permitiam uma relação de vizinhança e compadrio mais próxima – pois o tempo era compartilhado mais intensamente pelos companheiros que se faziam no bairro, na vizinhança e na casa como um todo – passa a ser cada vez mais restrita.

A roça não é mais prática costumeira e a pesca não é mais como antes, quando se buscava a solidariedade com os companheiros de pesca durante as horas de trabalho e também nas horas vagas, de descanso, numa prosa entre os companheiros ou, como eles expressam, numa "conversa fiada" e um trago. O tempo da pesca, que seguia o da maré, promovia a solidariedade entre os participantes da pescaria que enfrentavam o mesmo tempo, bom ou ruim. Como partilhavam de um tempo comum, o da pesca, outro era disponível para as conversas entre os companheiros e a vizinhança, programando nova pescaria; para os reparos dos instrumentos de pesca; para as cantorias, danças, bem como para outras manifestações sócio-culturais do bairro que congregavam a vizinhança.

Especificamente sobre o bairro em estudo, observamos que na maioria dos casos analisados ainda não há documento de propriedade ou registro de aforamento dos terrenos ocupados e construídos na periferia da cidade, onde o mangue foi aterrado. No entanto, há limites de propriedade de cada um em torno das residências, de conhecimento e com um certo acordo verbal entre eles.

A escolha deste bairro como o nosso lugar de observação e análise é por ser este um

dos bairros mais representativos da população e da vida local, concentrando os moradores mais antigos, caboclos, pescadores artesanais e pequenos produtores rurais que, gradativamente , vão se incorporando ao processo de urbanização balnear, através do trabalho de caseiro e outros ligados ao veraneio, no afã de melhorar de vida, alterando os sistemas sociais locais.

Essa mudança nas formas de ocupação e nas relações de trabalho tem contribuído para as transformações na organização social e na visão de mundo dos moradores locais. Daí, ser a mudança nas relações de trabalho o fio condutor dessa análise.

Capítulo 3 - TRABALHO E ECONOMIA

> "A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos narradores anônimos..." (Walter Benjamim.)

3.1 MUDANÇA NAS RELAÇÕES DE TRABALHO

Um dos aspectos mais importantes para analisar a interferência do veraneio na vida local é a mudança nas relações de trabalho, pois à medida em que os moradores locais abandonam suas ocupações tradicionais - pesca artesanal e pequena lavoura – partilhadas pelos membros da família e/ou do bairro e passam a se envolver com as solicitações do veraneio – caseiros e outros serviços voltados ao mundo balnear - as redes de solidariedade e compadrio dos sistemas locais, que marcam a vizinhança, e a rede de parentela são quebradas e/ou substituídas por relações com os veranistas.

Com a implementação do balneário nas últimas quatro décadas, tem crescido o número de casas de veranistas e o afluxo de uma população flutuante em função do veraneio e do turismo. Com isso, os moradores locais, pescadores-lavradores, buscam fora da pesca novos serviços que lhes proporcione maior ganho. Acreditam que os trabalhos voltados para o balneário possibilitam melhores condições de vida para si e seus familiares, pois acreditam que esses serviços são mais leves e menos perigosos do que a pesca. Nesta perspectiva, os trabalhos volantes, voltados para o veraneio crescem a cada dia, absorvendo grande parte da mão-de-obra disponível local, em função de maior diversificação na solicitação de serviços pelos veranistas. Esse fato tem contribuído significativamente para as transformações sociais e econômicas na região. A população passa a conviver com certos valores e a privilegiá-los, e um novo ritmo de vida advém dessa relação.

Desse modo, as ocupações principais no bairro da Prainha, que contribuem para a subsistência dos moradores locais são, sobretudo, a pesca, os serviços de caseiros e os de biscate[1] voltados para a vida balnear.

Na Prainha, os questionários foram aplicados a 50 chefes de grupos domésticos (GD); entre eles, 44 começaram sua vida ativa na pesca e na agricultura, acompanhando os pais na mesma profissão e/ou dando continuidade ao trabalho dos mesmos[2]. O número restante de chefes de GD (seis) relatou ter começado a vida ativa em outras profissões voltadas para a construção de moradias e pequeno comércio.

Atualmente, dos 50 entrevistados, somente dois ainda são agricultores e ao mesmo tempo pescadores; a grande maioria (44) continua a trabalhar na pesca e/ou em serviços voltados para o veraneio como se pode ver pela tabela abaixo. Entre essas atividades, as principais são as de caseiro e de comércio informal, sendo os trabalhadores que as realizam muitas vezes, considerados como biscateiros.

TABELA 2 - Ocupação Atual dos Chefes de GD dos Moradores da Prainha

TIPO DE OCUPAÇÃO	**NÚMERO**
Pescador / lavrador	2
Pescador (essencialmente)	5
Pescador / serviços voltados para o veraneio	21
Serviços voltados para o veraneio (essencialmente)	16
Outros	6
TOTAL	**50**

[1] Biscate é o serviço informal, eventual e remunerado. Biscateiro é aquele que vive deste tipo de ocupação. Segundo o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa: Biscate é o trabalho de pouca monta (bico). Biscateiro é o biscateador, aquele que vive de fazer biscates.

[2]Destes pescadores-lavradores 36 eram proprietários de seus próprios sítios; cinco eram ocupantes; três eram assalariados rurais, antes de migrarem para a cidade de Salinópolis.

À medida que a interferência do veraneio na vida local se torna mais expressiva através do direcionamento e da mudança, cada vez maior, das relações de trabalho, observa-se um novo ritmo de trabalho, seguindo os períodos de maior e menor solicitação dos serviços voltados para o veraneio.

3.1.1 Os Ciclos de Trabalho em Função do Veraneio

O cotidiano dos moradores do bairro da Prainha é marcado por “ciclos” de trabalho. Por períodos de “fartura" e de "poucos negócios", como os próprios moradores distinguem, respectivamente, os períodos de férias e os outros dias em que não há movimento de veranistas na cidade. Caracterizam as épocas de férias e feriados prolongados como de fartura por serem períodos que proporcionam maior movimento na cidade balnear e maior oportunidade de trabalho e de ganhar "um trocado" a mais. E, os outros dias, em que não há movimento de balneário, como momentos de completa calmaria e poucos negócios, pois a vida local modifica-se em função do veraneio, à medida em que os moradores locais abandonam ocupações tradicionalmente partilhadas pelos membros da família e/ou do bairro, como a pesca artesanal e a pequena lavoura, e passam a se envolver com as solicitações do veraneio e do mundo balnear, trabalhando como caseiros e em serviços eventuais, voltados para o comércio com o veraneio.

A região é considerada como de verão o ano inteiro, porém nas férias escolares há maior afluência de veranistas. Nos períodos das chuvas, denominado inverno para as pessoas da região, a corrida à praia diminui e, por conseguinte, os trabalhos e as vendas nas praias também. Deste modo, a economia das famílias do bairro, que se dedicam aos trabalhos com o balneário, oscila de acordo com o período do veraneio. Quando das férias e dos feriados prolongados, a cidade recebe muitos veranistas e turistas, proporcionando maiores oportunidades de trabalhos temporários ou ocasionais, freqüentemente envolvendo vários membros da família, incluindo menores, em vendas ambulantes de casa em casa, de iguarias regionais produzidas no espaço doméstico como tapioquinhas, cuscuz, beijus etc., e que sempre ajudam no ganho familiar. No período de férias intensificam-se as vendas nas barraquinhas da praia e as vendas ambulantes. De

um modo geral, todos procuram alternativas de trabalho para garantir o maior proveito possível da temporada de veraneio.

Durante o período balnear e de veraneio, o pescado é disputado, pois a demanda aumenta nos mercados e feiras-livres. Esse fato estimula alguns pescadores a se voltarem para a pequena pesca e do mesmo modo para o trabalho de coleta, cata e beneficiamento de mariscos com o propósito voltado para o comércio balnear, entre os moradores do bairro. O contrário ocorre nos outros períodos, em que a cidade fica "parada", sem a presença dos veranistas e turistas. Nestes períodos, a possibilidade de ganho vai a zero, conforme depoimentos de alguns dos moradores do local – "não tem nada para fazer, não há gente para comprar". Nos períodos em que não há veraneio, a "intenção" de pesca é menor entre os pequenos pescadores, assim como decresce o interesse de beneficiamento de marisco, pois o poder de comercialização no bairro é pequeno.

Depois das férias ou feriados prolongados, no período de ausência do veraneio, a cidade volta ao seu ritmo normal e, no bairro, tudo se aquieta. Alguns passam a viver dos insumos ganhos com os trabalhos da última temporada, da pequena pesca e de um ou outro serviço extra como pequenos reparos domésticos; trabalhos artesanais e/ou manuais tais como costuras, marcenaria, fabricação e/ou conserto de apetrechos de pesca etc., é época de pouco trabalho e pouco dinheiro.

Os moradores locais entrevistados são unânimes em dizer que a "vida do lugar vem com o balneário", com a visita periódica dos veranistas. Entretanto, como podemos observar nos trechos de conversas a seguir, o direcionamento para os trabalhos com o veraneio não é espontâneo, ao contrário, é alternativa encontrada para garantir a própria sobrevivência, frente à ausência de outras opções melhores. Como eles mesmos expressam: "não tem o que fazer", não há outras oportunidades de trabalho para os moradores locais, pescadores artesanais de baixa renda, que cada vez pescam menos por causa das limitadas condições de trabalho. Nestas falas há uma certa insatisfação com a constatação de que não há outra coisa a fazer senão participar de algum modo e ganhar proveito, do processo de turistificação implantado.

> "Eu vivo na expectativa da chegada de uma nova leva de veranista... a gente vive disso. Quando eles não estão, não tem o que fazer, não tem como ganhar o sustento da gente... Espero em Deus que eles nunca faltem...". (Mundoca, 45 anos, vendedora ambulante / barraqueira de iguarias típicas, oriunda do Penha).

> "Ah! quando tem os veranista é bom, num sobra o que fazê, num fica de saco vazio. Quem pesca num fica incalhado, vende todo peixe que pescá... o que num pesca, pega caranguejo, mixilhão aí na praia mesmo sem esforçá, e pode também vendê e ganhá uns trocados... só num ganha quem num procura ganhá". (Manoel, 48 anos, pescador/ artesão, oriundo de Cuiarana).

> "É assim o ritmo da gente daqui, quando os barão vêm feriá é época de trabalho pros daqui. Mas, quando eles vão daqui, a gente discansa também..." (Maria, 61 anos, caseira, oriunda de Derrubadinho).

Os depoimentos mostram o quanto os moradores estão envolvidos e/ou dependentes da vida balnear, passando a viver praticamente em função do veraneio. Quando passa a temporada do veraneio, os moradores da Prainha voltam para o seu "pequeno mundo" do bairro, esperando por um outro período de movimento balnear. O olhar da pesquisa está voltado para este "movimento": observar como vivem e se relacionam estes mesmos habitantes, que ora desempenham o papel de pescadores, ora de caseiros e ou biscateiros do veraneio, e como se dá o entrelaçamento destes dois mundos para os moradores locais.

3.2 AS RELAÇÕES DE TRABALHO NA PESCA

A pesca realizada na região é a pesca artesanal, seguindo, em grande parte, os conhecimentos e as práticas tradicionais, marcadas pela presença da solidariedade familiar extensa e a cooperação intrafamiliar.

Por essas razões a pesca representa um importante referencial para os aspectos da organização social e das relações sociais entre os moradores do bairro da Prainha, identificadas através do pessoal da pesca, da formação de equipes de pesca e de famílias de pescadores e coletores de marisco.

Tradicionalmente, eram os pescadores-lavradores os moradores locais que viviam da pequena pesca e dos trabalhos da roça, realizados pelos membros da família que se agrupavam construindo suas casas, próximas umas das outras, mantendo laços de reciprocidade e de

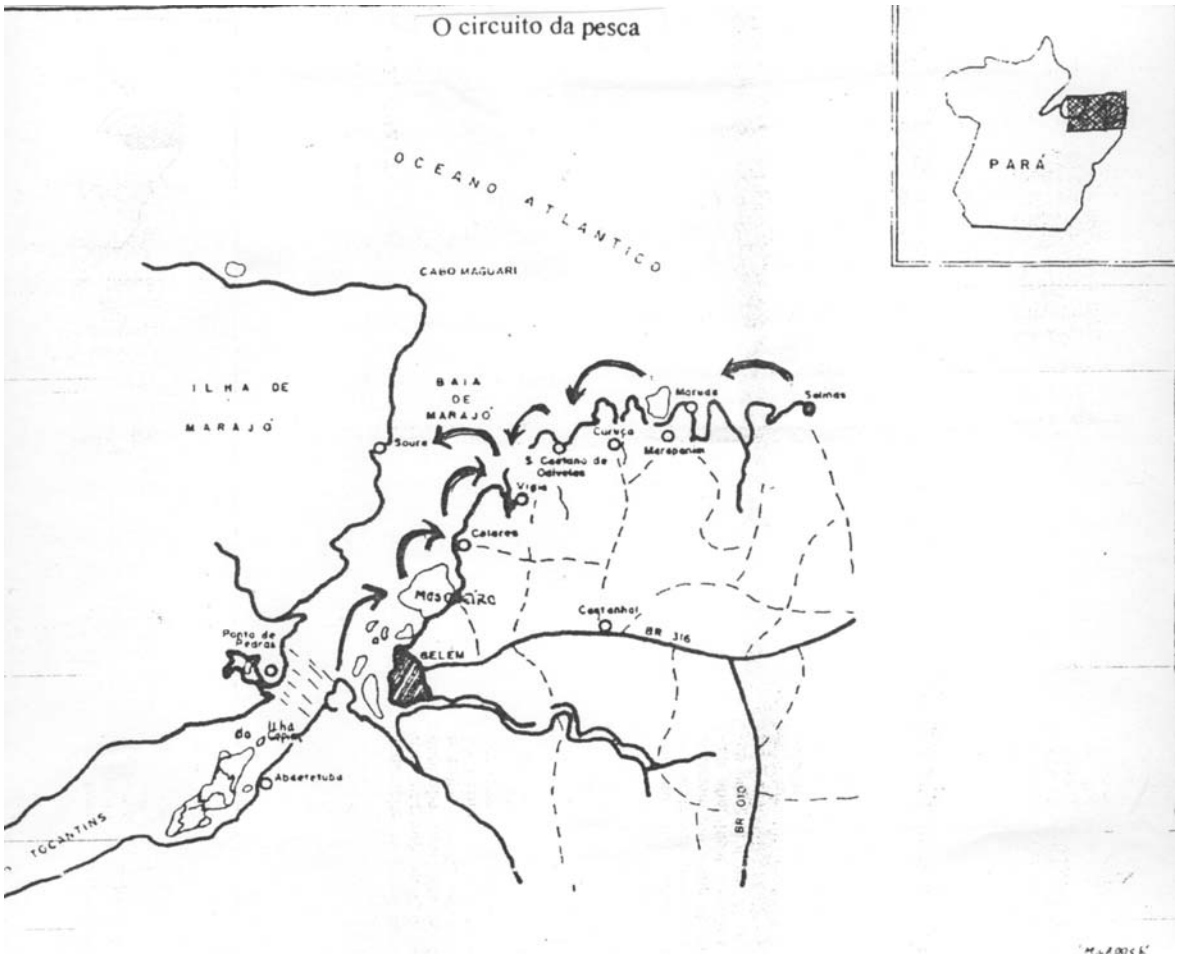
vizinhança. O peixe e a farinha de mandioca compunham, então, a base alimentar dessa população que mantinha certa autonomia na produção da sobrevivência familiar, trocando o pequeno excedente da pesca ,como o peixe seco, ou da farinha e derivados por outros produtos e/ou mercadorias, nos comércios das proximidades locais.

Para as atividades com a pesca, os pescadores costumeiramente se reúnem entre os seus camaradas e/ou companheiros em unidades domésticas que podem reunir membros de uma mesma família, como pais e filhos, bem como tios, sobrinhos e afilhados, e em grupos com membros de famílias diferentes, pertencentes ao bairro, que tenham relações de amizade, mesmo que indiretamente. É o caso de parentes, de conhecidos e amigos que recentemente chegaram na cidade e "estão precisando de uma forcinha", no linguajar local. Portanto, provêm do grupo doméstico, entendido como um sistema de relações sociais baseado no princípio de residência comum, que reflete e garante o processo produtivo. Desta forma, podemos dizer que a base da sociedade (dos moradores da Prainha) é o trabalho familiar e, nesse sentido, quando há necessidade de um aporte maior de braços (mão-de-obra), recorre-se a outras unidades familiares.

Os pescadores tradicionais, dos quais nos ocupamos, apresentam um saber prático dimensionado em sua totalidade pelas condições existenciais, numa relação direta e permanente com a natureza e com os companheiros na pesca. Ou seja, um saber que vem sendo transmitido por gerações, na prática cotidiana da pequena pesca ou pesca artesanal, diretamente dependente das forças da natureza e da ajuda dos companheiros de pesca.

Os pescadores artesanais exploram um ambiente ecológico limitado, não pescam muito além da costa (Ver Mapa n.º 2 – Circuito da Pesca)[3]. A canoa a remo não lhes permite ir muito longe e mesmo os barcos maiores, que fazem a pesca na costa oceânica, têm limites para enfrentar o alto mar. São essencialmente curralistas, pescadores de curral e pescadores de praia, onde utilizam pequenas redes, como o tresmalho, pequenos arrastos, a tarrafa, a zangaria, que também é uma espécie de rede. É ainda freqüente a pesca com a linha de mão e outros tipos de

[3] O circuito da pesca é realizado ao longo da costa de Salinópolis. Os Pescadores em melhores condições de pesca (poder de pesca), freqüentemente, se afastam de Salinópolis ao longo da costa em direção à regiões mais piscosas do estuário. A rota é no sentido da baia do Marajó: partem de Salinópolis para Marudá, Curuçá, São Caetano de Odivelas e Vigia aqui, normalmente encontram com outra rota pesqueira vinda de Belém. Os mais aparelhados na pesca, atravessam a baía e a enfrentam em busca de melhor pescaria.


O circuito da pesca
OCEANO ATLANTICO
CABO MAGUARI
ILHA DE MARAJÓ
BAIA DE MARAJÓ
Soure
Curança
Muaná
Salinas
Maracanã
S. Caetano de Odivelas
Vigia
Colares
Mosqueiro
Castanhal
BR 316
Ponta de Pedras
BELEM
Ilha das Onças
Abaetetuba
TOCANTINS
BR 010
PARÁ

Mapa nº 2

pesca como o da tapagem e o de espinhel[4]. Observa-se que o poder aquisitivo é um dos fatores determinantes à modalidade pesqueira, em função das condições para obtenção dos apetrechos de pesca necessários para implementá-la, do mesmo modo para reunir companheiros e comparsas da pesca para a empreita pesqueira.

> "Aqui [no bairro] nossa pesca é pequena... as condição é pequena, a gente tem pouco instrumento... pesca de linha, de rede, de espinhel... assim como dá... a agente muitas vez pesca junto cum outro porque junta o que tem prá podê pescá, fazê maior pescaria pra dá melhô" (Chico, 50 anos, ex-pescador e caseiro, oriundo de Salinópolis).

São os próprios pescadores os responsáveis pelo fabrico e manutenção das redes de pescar. Entretanto, apenas lembram que os seus antepassados teciam os fios para confeccionar as redes de pesca, que eram obtidos a partir de folhas da palmeira de tucum, curtidas na água, depois tirados os fios. Depois do fio de tucum, veio o fio de algodão e logo chegou o fio de náilon, que é mais prático. Hoje em dia, muitos pescadores já compram a rede pronta, por ser mais prático, mais fácil e o trabalho é apenas remendar. Entretanto, as agulhas para tecer as redes e/ou remendá-las ainda são confeccionadas por alguns pescadores - embora haja agulhas de plástico à venda, estas são menos apreciadas e mais frágeis do que as tradicionalmente confeccionadas em madeira (Ver Fotos 5 e 6).

> "É nos mesmos que prepara tudo pro pescá... agora tá mais fácil, compra linha, compra rede, compra quase tudo pronto... menos o sabê da gente que vem já de antigamente... agora tudo é mais fácil é só comprá... agora tem que tê o dinheiro... antigamente não, cheguei vê meu avô e meus pais tecendo rede de pesca... tudo era na mão, num era de plástico" (Hilário, 71 anos, pescador aposentado, oriundo de Enseada).

> "Coisa que é da gente tem que contribuí pra conservá... a rede já estão pra lá de arremendada mas ainda dá boa pescaria... aqui é assim, um arremenda a rede, um ajeita o curral pra não esbandalhar. A gente procurá coperá porque amanhã ninguém sabe" (Zenésio, 38 anos, pescador oriundo de Pirabas).

São também os mesmos pescadores que preparam e fazem a manutenção dos currais e demais "armadilhas" da captura do pescado. Em alguns casos os currais podem pertencer a mais de uma pessoa (curralista) e a produção (peixes) é dividida pelo número de proprietários e colaboradores da pesca; mais adiante abordaremos esse assunto.

[4] Sobre a prática da pesca em currais e outras modalidades de pesca, observar os trabalhos de Furtado (1987-1993) que os descrevem minuciosamente.

Foto nº5 Pesca em ritmo de espinhel

Foto de Denize Adião –jan/99

Foto nº 6 Panorama do Curral

Foto de Denize Adião –jan/99

A pesca é considerada como trabalho masculino, razão pela qual não é freqüente a presença das mulheres no lugar de pesca, à exceção do período de safra e grande produção, quando elas ajudam a "despescar"[5] nos currais, juntamente com um ou dois dos filhos mais velhos. Estes raramente acompanham a pesca na costa. Por outro lado, embora menos freqüente, na ausência do "cabeça do casal" (do homem), a mulher assume o lugar do seu homem junto aos outros companheiros de pesca[6].

3.2.1 Divisão Sexual do Trabalho da Pesca

A divisão sexual do trabalho é visível entre homens e mulheres moradores da Prainha: a pesca é essencialmente masculina, na pesca não há lugar para mulheres. "A pesca é coisa pra homem!" Premissa aceita através da justificativa do uso de força masculina necessária à atividade no mar, própria aos homens. O fato da pesca ser definida como uma atividade masculina contribui para tornar a mulher praticamente invisível na grande maioria dos estudos sobre regiões pesqueiras[7].

O mar é o espaço que se define como de domínio dos homens, em oposição à terra, domínio das mulheres: a casa, o quintal onde se localizam as fruteiras, hortaliças, plantas medicinais e onde se realiza a criação de animais de pequeno porte. Enfim, o espaço social da mulher é a casa e tudo a ele relacionado.

Entre os dois (mar e terra) há um espaço intermediário, que fica entre a praia propriamente dita e o mar aberto, onde os domínios se interpenetram, e onde tanto homens quanto mulheres exercem atividades produtivas de coleta de mariscos. Na praia, nos limites da

[5] "Despesca" é um termo usado na região para designar a atividade de pesca nos currais. Após o apresamento do pescado nas malhas do curral, o pescador retorna para despescar, ou seja, catar os peixes que ficam naquela armadilha.

[6] Durante o trabalho de campo, entre os entrevistados, havia apenas uma mulher que pescava junto com os filhos maiores, dentre os menores, e os outros pescadores. Segundo seu depoimento, assumira o lugar do marido na pesca por necessidade, pois recentemente havia ficado viúva e os filhos homens, ainda menores, não podiam tomar a frente do negócio da pesca.

[7] Proporcionalmente ao número de trabalhos já realizados entre comunidades pesqueiras, ainda são reduzidas as referências ao lugar da mulher nestas comunidades. Podemos encontrar estas poucas referências em Carneiro (1979,

costa, no mangue, através do trabalho feminino e masculino, vários tipos de moluscos e crustáceos são extraídos como fonte de alimento, especialmente como alternativa nos períodos de escassez do pescado.

> "O mangue é como casa de mãe... pode num ter muito... mas num nega o cumê pros filho... e é assim que eu vejo... a gente é filha do mangue tudo... se não chega o peixe, a gente se vira... os marisco são os peixe do mangue... é bem bom também... num pode é nós ficá com o braço cruzado e de boca aberta... num é?..." (Manoela, 58 anos, dona de casa, trabalha na coleta e descasca de mariscos, oriunda de Santa Rosa).

Mas é através do mar e das atividades nele realizadas que se constrói a identidade dominante do grupo. O mar é o espaço dominante, pois é através dele que as comunidades pesqueiras se identificam, são pescadores de profissão, embora outras atividades possam ser complementares, como é o caso dos coletores de mariscos e até o trabalho de caseiro.

Desta feita, existe uma relação entre gênero e ambiente que vai marcar e definir os espaços masculino e feminino ao longo do tempo e em diversos níveis. Esta relação vai além da definição dos espaços de trabalho (terra x mar) e do lugar social, por exemplo. Ocupa dimensões simbólicas que dividem outros espaços (mulher x homem). Os domínios do conhecimento da natureza, por exemplo, particularizam-se de conformidade com o sexo. Assim, de certa maneira, as mulheres detêm conhecimentos ligados ao seu mundo feminino, como recursos alimentares, remédios caseiros etc., e os homens, conhecimentos ligados ao mundo masculino, essencialmente do trabalho da pesca e dele derivados.

> "Ah! Minha filha, esse negócio de pesca é mais com o Chico, ele que é pescador e entende do negócio de pescaria. Eu, quando muito, ajudo na catação do marisco pra vendê. Sou mesmo é de casa... respondo pelo que é de casa, entende ?... assim cumo eles não intende das coisas da gente, a gente num entende das deles..." (Ana, 58 anos, doméstica, oriunda de Água Boa).

Como o trabalho de coleta de mariscos é intermediário entre a terra e o mar, o trabalho da mulher é assim observado como intermediário ao doméstico e ao trabalho de fora, trabalho propriamente dito. Este não-lugar, não-trabalho atribuído à mulher está associado a uma certa hierarquia que lembra também a hierarquia dos alimentos e da disposição das coisas na natureza. O peixe ocupa um lugar mais especial, hierarquicamente, do que os moluscos e os

---

p.38-41); Beck (1979, p.73-87); Maldonado (1986, p.21-22) Motta-Maués (1987-1999); Maneschy (1990-1994); Woortmann (1992-1995), entre outras.

mariscos, por exemplo, no que se refere à captura e no que se refere à dieta alimentar local: "os mariscos são os peixes do mangue", no linguajar local. Esta percepção, de algum modo, explica a invisibilidade da mulher nas regiões em que o trabalho da pesca é preponderante.

O domínio das coisas da natureza está "perfeitamente" disposto entre homens e mulheres: às mulheres certos domínios, certos saberes que estão mais relacionados com família, saúde, alimentação etc., como o cultivo e preparo de remédios caseiros (embora homens também tenham esse conhecimento); e aos homens aqueles que estão mais ligados ao seu trabalho, como por exemplo espécies vegetais que servem para construção e tintura para os barcos de pesca, fibras para o fabrico de cordoaria para atividade da pesca etc.

Às mulheres estariam evidenciadas as atividades que exigem habilidade e o domínio de dentro, da casa, da roça, que tem a função primeira de subsidiar a alimentação doméstica.

Como serviço feminino "voltado" para o lar destaca-se a coleta de produtos utilizados na alimentação familiar, tais como turu, sururu, sarnambi, mexilhão, camarão, siri, caranguejo. As mulheres são responsáveis também pela coleta de frutas silvestres, a exemplo o agiru, caju, taperebá, muruci, limão etc., no que são auxiliadas pelas crianças, em grandes incursões pelas matas e dunas. Além dessas atividades, há coleta de produtos para a produção dos apetrechos de pesca tais como cipós, para cordoaria; resinas e tinturas vegetais retiradas do mangue e produtos da medicina caseira, que mais adiante será abordada. A coleta do coco-da-bahia fica a cargo dos rapazes, assim como outros frutos cuja coleta seja feita subindo-se na própria árvore.

As mulheres trabalham no processo de beneficiamento e na preparação dos mariscos, que incluem as etapas de limpeza, escolha, cozimento e embalagem, para em seguida serem colocados à venda. É uma atividade realizada em casa, por grupos de mulheres constituídos pelas mães, filhas, noras, comadres, vizinhas e companheiras de trabalho. Em períodos de grandes safras de caranguejo, conhecidos na região como sauatá[8], que são períodos em que os

[8] Palavra de origem Tupi, uatá, que significa andar; çautá, lugar. A rigor, çauatá. Ver, Andrade (1984)

caranguejos submergem do mangue para o acasalamento, geralmente em estação chuvosa, as mulheres também auxiliam os homens na coleta destes mariscos[9].

3.2.2 Quem é Pescador e/ou a Identidade do Pescador

Entre os moradores do bairro todos os homens têm uma história que os identifica e/ou os relaciona com a pesca e, de algum modo, se consideram pescadores. São filhos, netos, irmãos e/ou comparsas da pesca[10]. Deste modo, existe uma diversidade nas condições em que cada um participa dessa atividade.

À primeira vista, todos consideram a si e aos outros do bairro como pescadores: "aqui tudo é pescadô". A maioria dos entrevistados são pescadores desde crianças e aprenderam o ofício acompanhando o pai e/ou o avô, desde muito cedo, antes mesmo de poderem escolher um ofício, respondendo freqüentemente que "pesco desde gitinho", ou seja, bem pequeno, "desde que me entendo". Falam como se a pesca fizesse parte da vida deles, como se fosse algo que marcasse a própria identidade, na medida em que foram criados entre os pescadores e/ou no trabalho da pesca.

Na pesquisa de campo, durante as entrevistas com os moradores locais, foram freqüentes as considerações sobre a vida dos pescadores no bairro da Prainha, onde todos, de um modo ou de outro, estavam ligados à pesca através de histórias de família de pescadores tradicionais na região. Mesmo que muitos já não pesquem e já estejam engajados em outros tipos de ocupação e trabalho, se consideram pescadores, dizem-se pescadores natos, nasceram e cresceram no meio da pescaria e o fato de não pescarem mais não invalida o seu conhecimento da pesca, do qual a qualquer hora podem lançar mão, como de fato lançam, na busca do pescado para o consumo familiar. Muitos mantêm em parceria o trabalho no curral e/ou algum apetrecho de pesca com a justificativa de, eventualmente, ajudar no sustento familiar.

---

[9]A atuação e o papel da mulher, da região do Salgado paraense, na atividade pesqueira são abordados por Motta-Maués (1993); Maneschy (1994); Maneschy, Alencar & Nascimento (1995); Alencar (1991), que revelam os problemas, dificuldades e proibições comuns que circundam o trabalho da mulher na região.

[10] O termo "comparsa" é utilizado, freqüentemente, como companheiro. Entretanto, recebe, às vezes, cunho pejorativo.

Através das diversas conversas com os moradores do bairro, observamos que há uma explicação para ser pescador e tornar-se pescador. Não basta pescar, é necessário saber pescar e ter uma ligação maior com as "coisas" que envolvem a pescaria, segundo a expressão de alguns pescadores.

Há uma espécie de distinção entre os pescadores locais; aqueles que são "nato de profissão" e os que apenas pescam como um meio de sobreviver, que não dominam "a arte de ser pescadô"*, que* "não têm o traquejo no pescá",. Que fazem da pesca um biscate e/ou que vivem de biscate na terra ou no mar para o interesse balnear.

> "Pescadô mesmo é aquele que conhece, que sabe identificá uma boa pescaria. Aquele que tem corage de enfrentá as coisa do mar... o que tem o dom de enfrentar a maresia, os perigo e ficá de pé sem lamuriá". (Chico, 50 anos, ex-pescador e caseiro, oriundo de Salinópolis).

> "O pescadô é aquele que possui certos predicados, que tem coragem, sabe o manuseio dos apetrechos da pesca, é aquele que conhece a arte de ser pescadô. Não basta dizer que é pescadô. Precisa ser pescadô. Não basta ter barco ou outra quarquer coisa para ser pescadô. Ser pescadô é dom... é saber a arte de enfrentar a natureza". (Pedro, 65 anos, pescador aposentado, oriundo de Maracanã).

Estes depoimentos demonstram como é ser pescador dentro de uma comunidade de pescadores, onde a maioria se intitula pescador de profissão. Mais que ser proprietário de barco, redes, curral e/ou dispor da força de trabalho, há outros "predicados" exigidos aos que se dedicam à atividade pesqueira.

Há um certo saber e um domínio necessário que distingue um bom pescador dos outros. É importante saber onde o peixe está, qual a melhor técnica para capturá-lo; estas são condições que, mais que permitir a alguém pescar, são essenciais para ser pescador. Condições que mesclam conhecimento e intuição. Este é um saber que não está escrito, que não se aprende na escola formal. Não se pode ensinar *a priori*, pois cada situação empírica exige um conhecimento específico no seu trato. Comparam com a própria vida, dizendo "ninguém ensina o outro a vivê", assim como "ninguém ensina o outro pescá".

> "O saber pescar é como a vida que se aprende vivendo". (Hilário, 71 anos, pescador aposentado, oriundo de Enseada).

Este ser pescador, saber sê-lo, conhecer a profissão, constitui alguns dos elementos utilizados na construção da identidade do pescador.

> "Aqui tudo é pescadô... a gente que é pescadô já tem aquele "q"... tem uma coisa como um dom de sabê como está de peixe... a gente sabe". (Zenésio, 38 anos, pescador, oriundo de Pirabas).

Embora não seja nossa pretensão desenvolver maior discussão sobre a questão da identidade do pescador neste trabalho, foi impossível deixarmos de refletir e tecer alguns comentários a este respeito, pois está subjacente às formas de pensar e se relacionar com a natureza e com o mundo dos homens. Portanto, torna-se importante observarmos como se constitui a identidade de pescador para refletirmos sobre o processo de mudança nas condições de vida e de trabalho dos pescadores, moradores da Prainha. Observamos através das entrevistas, que há critérios que identificam um pescador com outro, "um referencial simbólico construído secularmente, espinha dorsal da identidade cultural e visão de mundo comunitária" (Mello,1994, p.485).

A identidade é "resultante de uma relação de troca com a natureza, em que a reciprocidade é o princípio orientador da organização do trabalho" (Maldonado, 1986, p.34). São as condições de vida e de trabalho que traduzem um sistema social definido no tempo e no espaço, no qual crenças, valores, símbolos e histórias de vida em comum são partilhados.

Falar sobre a pesca é dos assuntos mais preferidos pela população. Estas conversas sempre estão entrecortadas de feitos que denotam coragem, força e habilidade com as coisas inesperadas da natureza. Contar sobre as atividades rotineiras do trabalho da pesca dia-a-dia é (re)contar a própria vida! A vida no mar com a pesca é, para muitos, a razão de viver! A pesca não é apenas uma atividade de subsistência, ou econômica; faz parte da vida das pessoas mais antigas do lugar, é um elo entre elas e, de algum modo, o antepassado, a vida com seus familiares. Já é conhecida a fama do pescador como contador de "histórias de pescadores", normalmente associadas a fantasias, notícias exageradas e/ou semi-verdades. Entretanto, é inegável que também apresentam a história de vida de muitos pescadores e suas famílias, na labuta com o mar e as coisas da natureza, contando de certa maneira, a vida do lugar.

As "histórias de pescadores" relatam, de certa maneira, a vida do lugar e de muitas famílias que ali residem. Velhos pescadores vão para os seus currais todos os dias, há anos, sempre pegam algum pescado, ajeitam alguma coisa, de modo a cumprir um certo ritmo de vida. Quando em terra, é satisfação mostrar o curral, seus instrumentos de pesca, o barco etc., falar sobre as suas experiências. Contar dos feitos na pesca é um dos assuntos preferidos, que lhes dá orgulho e que lhes "enche o peito", conforme se expressam demonstrando a grande satisfação por esses relatos; recordações com fatos heróicos, abundância de peixe, fartura são sempre elementos que compõem o discurso idílico e saudosista dos pescadores mais antigos.

A idéia de um "paraíso perdido" parece povoar o imaginário desses pescadores que contrastam passado com presente (esta idéia será melhor desenvolvida no Cap. 5). Embora considerem que nos dias atuais, haja muita facilidade com instrumentos e apetrechos da pesca, que permitem maior volume de pescado e maior segurança, as dificuldades de outrora, na construção e preparo do barco para a empreitada pesqueira, as limitações desta atividade não são lembradas como fatos ruins; ao contrário, apresentam um certo ar de desbravamento, coragem, sabedoria e habilidade com as coisas da natureza: apesar das dificuldades e enfraquecimento da pesca, é com ela que se identificam.

Os pescadores conhecem como ninguém as coisas e os fenômenos da natureza. Identificam o momento mais propício para a pesca, assim como reconhecem as regiões piscosas. São capazes de localizar cardumes e saber se a pesca vai ser boa, observando o tempo, as condições de vento, do sol, a cor e o movimento da água. Sem qualquer instrumento de precisão são capazes de falar com propriedade das condições de pesca. Tudo com o "saber da experiência", do olhar constante das coisas da natureza, segundo os próprios pescadores.

Esta proximidade e certa dependência dos recursos da natureza, dos ventos, das cheias e vazantes da maré - uma vez que suas atividades de pescadores são marcadas mais essencialmente pelo tempo natural e não pelo relógio[11] - mesmo que em alguns períodos haja interferência deste último, dependendo da atividade que desempenha como, por exemplo, os serviços voltados para o turismo. É curioso observarmos como apresentam certa similaridade

com o tempo ecológico dos Nuer – povo nilota, da África, que desenvolvia suas atividades com base nas estações da natureza (Evans-Pritchard, 1978). Observamos que, entre os moradores locais, o tempo natural na pesca diz respeito aos termos e aos meios para o desenvolvimento das atividades dos pescadores, cujos afazeres do dia-a-dia estão diretamente relacionados ao ritmo da natureza, diferindo do tempo do relógio, que tem uma relação de "mediação" (Nascimento, 1995).

Paradoxalmente, entretanto, a situação de ser pescador mas não viver da pesca causa um certo embaraço, pois de um lado se orgulham dos feitos, da coragem, da destreza, do conhecer a arte de capturar o pescado e saber sobre a natureza: como reconhecer regiões piscosas, transformando indícios em sinais que apontem ao sucesso da pesca e até serem reconhecidos por tudo isso e, dizerem-se pescadores. De outro lado, a cada dia vivem menos da atividade pesqueira, frente à possibilidade de ganho maior e mais fácil com o veraneio.

As afirmações no sentido de mostrarem a incerteza da pesca justificando o direcionamento para outros ramos de atividade foram recorrentes durante as entrevistas. Aqueles que atualmente não vivem prioritariamente da pesca ressaltam a insegurança da pescaria e apontam este fato como uma causa importante da alternância entre essa atividade e outras; argumentam que "pescaria quando dá é bom, mas quando não dá, é péssimo", representando a vida do pescador como um constante oscilar entre os extremos de fartura e de penúria, dependendo do "bom tempo" da pesca. Aqueles que vivem mais exclusivamente da pesca alegam que sempre há peixe, que no mar não falta peixe, mas que as condições para a pesca é que muitas vezes faltam, alegando a falta de investimento e financiamento para melhorar a condição do pescador artesanal.

Entre as razões alegadas para o direcionamento para outras atividades diferentes da pesca as mais recorrentes foram: insegurança da pesca, perigo, risco e dificuldade da profissão frente a uma certa facilidade, o não perigo e risco dos trabalhos voltados para o balneário e, especialmente, o fato de proporcionar "dinheiro mais fácil", aparece como grande atrativo (Quadro 1).

[11]No Cap.4 na seção sobre " Relações com o Mar, Espaço e Tempo" abordaremos a questão do tempo disciplinado

QUADRO 1 – Razões da Mudança do Trabalho da Pesca para outros Trabalhos voltados para o Veraneio

Trabalho da Pesca	**Trabalho de Caseiro e outros Voltados para o Veraneio**
Falta de condição (apetrechos e/ou material próprio para realizar o trabalho) da pesca	Não necessita de material próprio para realização do trabalho
Sucateamento do material de pesca	As condições de trabalho são alheias
Conhecimento específico, aptidão e coragem	Não necessita de conhecimento específico, nem aptidão e coragem
Muito esforço, trabalho pesado	Pouco esforço, trabalho leve
Concorrência de mercado	Concorrência
Perigo/Imprevisibilidade	Não corre perigo/certa rotina
Dificuldade de armazenamento e venda	Trabalho certo/pagamento certo
Remuneração pequena e incerta	Remuneração maior e certa (salário)
Degradação ambiental e/ou afastamento dos cardumes/dependente das forças da natureza	Independe diretamente das condições ambientais
Pouco tempo com a família	Mais tempo com a família
Satisfação/Identificação	Insatisfação/ não identificação
Autonomia	Não autonomia
Não proporciona ascensão social	Proporciona ascensão social
Não favorece com regalias/moradia	Favorece em certas regalias e moradia

mais detalhadamente.

Além dos fatores econômicos, outros fatores contribuem para o direcionamento para atividades distintas da pesca: a escassez do pescado é uma das justificativas que os pescadores artesanais começam a considerar, pois é necessário correr atrás dos cardumes cada vez mais para longe da costa e, as condições de pesca artesanal dos pescadores da Prainha, não acompanham. Por outro lado, provavelmente, a dificuldade crescente de obter peixe está ligada à deterioração ecológica de algumas destas áreas de pesca em função de depredação por parte de empresas pesqueiras que já estão atuando na região, do aterramento dos mangues e, em decorrência do veraneio, que tem se intensificado.

Sobre o problema da escassez e/ou diminuição dos cardumes nas proximidades da costa, embora já notório, especialmente pelos moradores locais, ainda não há trabalhos que tratem mais especificamente desta questão na região de Salinópolis. Bem como são poucos os trabalhos que abordam os impactos sócio-ambientais que afetam o ritmo de vida dos moradores da região – são questões ainda pouco problematizadas frente à gravidade do fato. Apesar de ser um dos processos naturais mais comuns no litoral paraense, a erosão costeira está sendo acelerada por intervenções antrópicas. A destruição dos cordões dunares, por exemplo, é uma das causas que perturbam o equilíbrio da praia do Farol Velho que outrora foi região de pesqueiro e hoje é praia balnear. A construção da estrada do Atalaia (1973) - que liga a cidade à praia do Atalaia - que expôs os ambientes naturais a um desenfreado e desordenado processo de ocupação urbana é outro exemplo que pode ser apontado para demonstrar o grau de intervenções ambientais desastrosas já ocorrido na região (Mendes, 1997).

A ocupação do mangue, o aterramento e/ou entulhamento de áreas de mangue, são definitivas para o afastamento e extermínio de espécies que compõem a cadeia alimentar de peixes e mariscos, fundamentais para a vida sócio-econômica dos moradores locais. Certamente todos esses fatores limitam a condição de pesca e contribuem para o direcionamento e/ou para a busca de outras alternativas econômicas pois estão diretamente ligados à própria escassez do pescado.

A existência ou não do peixe ou ainda certa qualidade de peixe está relacionada também com a época do ano, maré, condições meteorológicas e climáticas, mas dizer que não há peixe é falar sobre uma outra coisa que envolve a relação específica de um pescador com o mar e

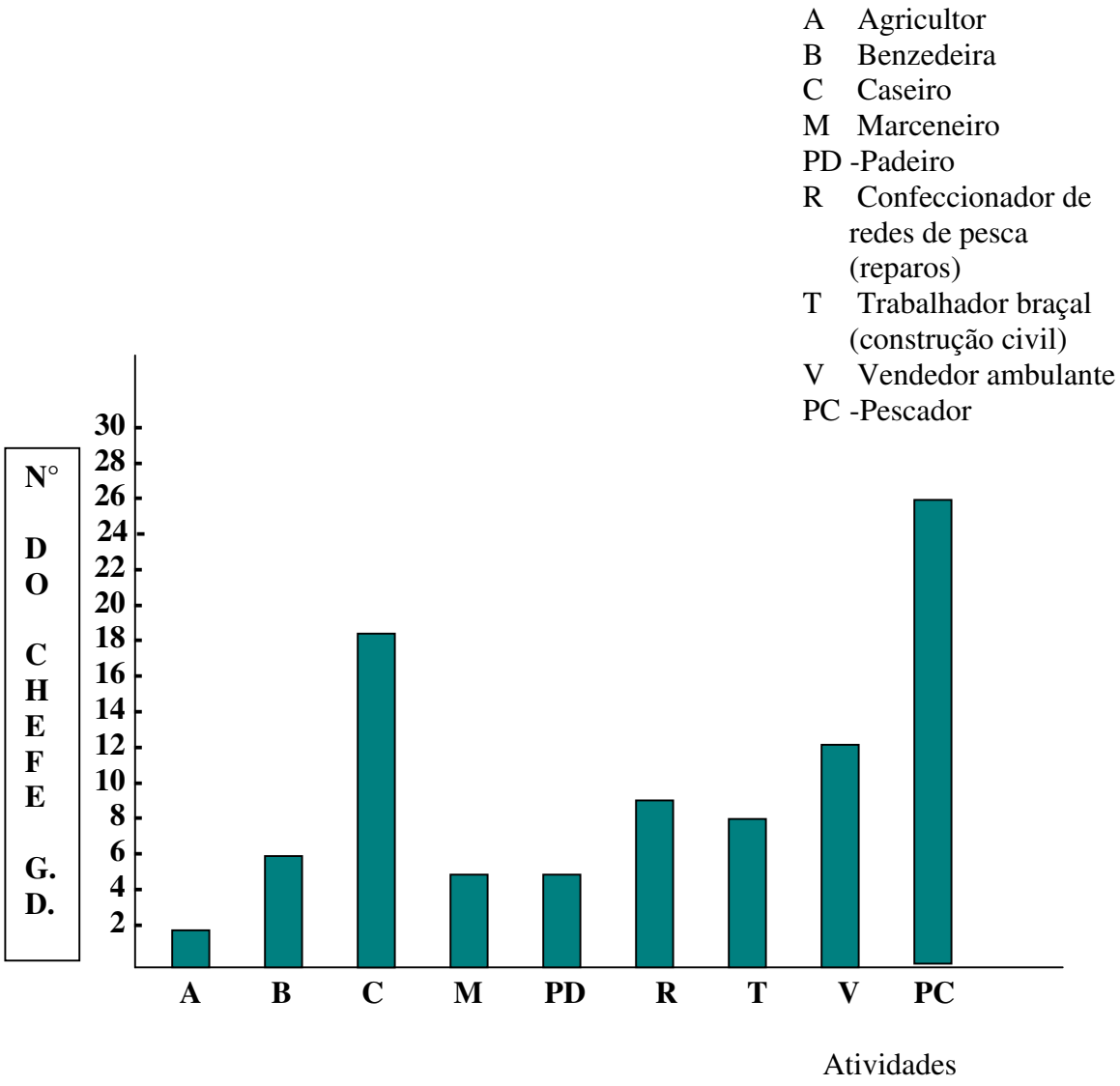
os peixes. Ou seja, se no mar sempre há peixe, o fato de alguns pescadores não pescarem está relacionado com a falta de técnica (não saber pescar) ou à relação com a natureza. A técnica é imprescindível, mas não suficiente, porque a natureza precisa ser dadivosa e, neste aspecto outros fatores contribuem para as explicações.

Os próprios pescadores consideram que o êxito da pescaria depende das condições naturais e do saber do pescador, entretanto, acreditam que "as não razões da pesca" além dos fatores já observados, dependem do merecimento: "A natureza é dadivosa com quem é dadivoso com ela", segundo vários depoimentos de pescadores e de suas mulheres.

> "tem época que o pescado é vasqueiro... mas é pouco, mas num falta, a gente é daqui, tem que respeitá, tem um limite a natureza, né.? Tudo demasiado é perigoso... a gente sabe que num adianta tê olho... tem pra todo mundo que merecê... A lei de Deus é poderosa, mas a lei dos home também... o defeso é de se respeitá" (Manoel, 48 anos, pescador, oriundo de Cuiarana).

A pesca realizada pelos pescadores locais não tem uma safra principal, eles não pescam e não escolhem uma espécie ou cardume determinado. "O que cair na rede é peixe", para estes pescadores, moradores da Prainha. Quando possível, a pesca é realizada especialmente à noite, enquanto que durante o dia os pescadores fazem de tudo um pouco, especialmente em épocas de movimento na cidade, segundo a necessidade imediata e a disponibilidade do que fazer para ganhar um dinheiro extra, como os trabalhos de caseiro, pedreiro e biscateiro; enfim, são verdadeiros "quebra-galhos" para os turistas (Gráfico 1).

GRÁFICO Nº 1 - Gráfico de atividades complementares dos chefes do grupo doméstico (G.D.) moradores do bairro da Prainha.



> "Entre uma maré e outra, a gente sempre procura ganhar tempo no veraneio. Procura fazê qualquer coisa para ganhar uns trocadinhos... se anda conforme a maré... se quebra um galho..." (Raimundo, 41 anos, pescador, oriundo de Bragança).

Como já foi visto no início deste capítulo, alguns pescadores entusiasmados com o ganho mais rápido, deixam de pescar para realizar "bicos" ou pequenos serviços voltados para o balneário, passando muitas vezes a comprar o peixe para as refeições diárias de outros pescadores, que continuam na ativa do trabalho da pesca e/ou dos marreteiros e comerciantes de peixe.

> "Ah... agora a gente já compra o cumê da gente, antigamente a gente pescava mais, era com a pesca que a gente se virava. Agora não, com os veranistas está mais fácil arranjá um outro servicinho de ganho certo e mais rápido... é por isso que vai deixando de pescá" (Raimundo, 41 anos, pescador, oriundo de Bragança).

Muitas vezes o pescador não possui condições materiais para a realização da pesca (instrumentos e apetrechos da pesca) e, neste caso, junta-se a alguém que proporcione o necessário para que a empreita pesqueira se realize.

> "É assim que se dá a relação entre os que têm mais e os que têm menos que são cumpanheiro de pescaria há muito tempo... aqui tudo é maioria pescador miúdos, que tem menos...se eu tenho canoa mas num tenho remo, tenho que me juntá àquele que tem pra consegui realizá a pescaria... Aqui na Prainha a maioria pesca assim, se junta um cum outro pra pescá" (Zenésio, 38 anos, pescador, oriundo de Pirabas).

> "Com os comparsa da gente é uma coisa, a gente junta o pouco pra fazê o muito... trabalhamo junto. Aqui num tem pescadô graúdo..." (Raimundo, 41 anos, pescador, oriundo de Bragança).

Há diversas formas de "empresariar" a pesca: há casos em que o proprietário do barco possui rede em quantidade insuficiente para uma pesca produtiva, daí junta-se a outro pescador para pescar de emenda, ou seja, os pescadores que possuem apenas as redes juntam-se aos que têm barco, completando a equipe e a condição favorável à pesca. Outros casos de proprietários de barcos que não podem e/ou não querem mais pescar, buscam igualmente parceiros para a realização da pesca, fornecendo seus bens para o trabalho pesqueiro, de forma que a pesca se realize, se transformando em empresários da pesca (Ver Fotos 7 e 8).

Foto nº 7 Barcos de Pesca

Foto de Denize Adião –jan/99

Foto nº 8 Vista da Construção de Barcos de Pesca

Foto de Denize Adião –jan/99

3.2.3 Empresários da Pesca

Os empresários da pesca são os que financiam a produção da pesca e podem ou não participar da pescaria. Normalmente são ex-pescadores e/ou pescadores-proprietários de barcos que proporcionam condições para a pesca: o barco, os apetrechos e instrumentos de pesca, gelo para o armazenamento quando em viagens mais longas, óleo diesel, alimentos etc.[12].

São poucos os pescadores que são proprietários de barcos e continuam pescando. Quem tem barco vira uma espécie de empresário da pesca para os pescadores locais, pois tem mais condições financeiras e pode proporcionar a empreita pesqueira. Não precisa, obrigatoriamente, se lançar ao mar como os outros pescadores que necessitam pescar, de algum modo, para a própria sobrevivência. Os empresários da pesca são normalmente os mais ricos dentre os pescadores locais, embora essa distinção de proprietário de barco possa parecer pequena, é bastante significativa entre pescadores de poucos recursos pesqueiros. Os pescadores proprietários de barcos, geralmente, são pescadores cadastrados (Colônia dos Pescadores Z 29), que recebem ou já receberam financiamento para a pesca e muitas vezes são ligados a empresas de exportação, são os pescadores graúdos.

Estes "pescadores graúdos" são distintos dos "pescadores miúdos": os pescadores graúdos, normalmente vieram de outras regiões pesqueiras de fora do Estado, com um certo poder aquisitivo, possuem barcos e/ou maior condição pesqueira e estão, de algum modo, ligados a "redes" de pesca maiores (empresas); os pescadores miúdos, ao contrário, apresentam pequena condição pesqueira e por isso mesmo não estão ligados à rede de financiamento e de empresas pesqueiras; são em maioria moradores do bairro da Prainha, de origem rural (pescador-lavrador), do interior, tradicionalmente ligados mais à pesca artesanal.

[12] Freqüentemente são os mesmos empresários da pesca que também financiam as despesas familiares dos pescadores em trabalho. Normalmente adiantam certos alimentos e víveres a serem pagos quando da chegada do pescador da empreita pesqueira. Há alguns empresários de pesca que são conhecidos na praça comercial, nos supermercados e que garantem um certo crédito à família do pescador. Há outros que são os próprios proprietários de casas comerciais. Encontramos no trabalho de campo dois ex-pescadores que hoje financiam a pesca, são empresários da pesca. São proprietários de imóveis e trabalham em suas próprias casas comerciais com a família (um é dono de um supermercado local e outro é proprietário de casa de armazém/armarinho). Não são moradores do bairro da Prainha.

Como a região é essencialmente pesqueira, os pescadores estão por toda parte. Entretanto, observa-se que, em função da especulação imobiliária com o veraneio, os pescadores afastaram-se do centro da cidade, passando a morar nos bairros mais periféricos.

Os pescadores graúdos, que pertencem à rede de financiamento da pesca, normalmente moram no Porto Grande, onde estão seus companheiros e toda a rede de condições para a empreita pesqueira: a fábrica de gelo, o porto/trapiche do sindicato dos pescadores com bomba de óleo diesel etc., para onde chegam os pescadores para desembarcar o pescado e também onde está o mercado para a venda do produto da pesca.

Os pescadores miúdos estão mais espalhados pela cidade e, especialmente, no bairro da Prainha, onde está o maior número deles, ou seja, onde se concentra a maior parte dos pescadores artesanais, freqüentemente não sindicalizados e não beneficiados pelo mesmo. As limitações nas condições de pesca desses pequenos pescadores moradores da Prainha enfraquecem ainda mais o seu circuito nas operações de pesca e comercialização, provocando a dispersão para trabalhos eventuais e informais. De certa forma, contribuindo para a falência da pequena pesca e/ou pesca artesanal.

> "Ah!... essas condição cada vez mais aperta o trabalho do home na pesca, como pode o pescadô pequeno pescá sem incentivá, são pouco os pescador daqui que já receberam alguma ajudinha.... os que pegaram alguma coisa tão melhó... tem uns que virarum atravessador e já num pescam mais, estão no bem bom, num arrisca mais a vida, agora é só vendê o pescado... é mas num é todos que pode pegá assim o peixe pra vendê, tem que possuir qualquer coisa pra entrá.... intermediá" (Vinenciana, 46 anos, dona de casa, oriunda de Derrubadinho).

Por outro lado, entre os pescadores de maior poder aquisitivo, ex-pescadores que financiam a produção pesqueira, há alguns que se tornam intermediários entre a pesca e a venda do pescado. Financiam parte da empreita pesqueira com o compromisso do pescador financiado entregar a produção para que o financiador-intermediário da pesca a coloque no mercado, estes são os atravessadores (Ver Fotos 9 e 10).

Foto nº 9 Aspecto do lugar onde os pescadores atracam seus barcos de pesca

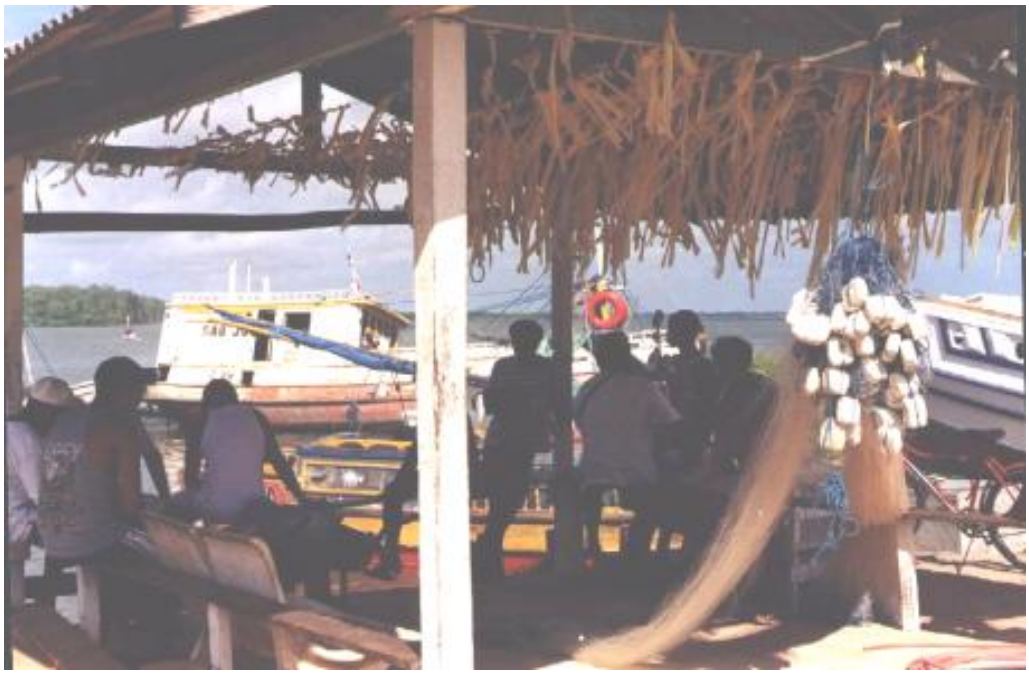


Foto nº 10 Aspecto do posto do sindicato dos pescadores Z-29

Foto de Denize Adião –jan/99

3.2.4 O Comerciante Atravessador

O comerciante atravessador é o intermediário entre o pescador e o consumidor-comprador no mercado de peixe e/ou em feiras livres.

Os pequenos pescadores têm compromisso de vender o pescado a um comerciante-atravessador fixo, que se responsabiliza pela venda nos "boxes" do mercado. Não é o próprio pescador que vende o seu pescado, é o "marreteiro", aquele que vive só da marretagem do peixe pescado por outro. Há um box no mercado destinado ao pescador associado (à colônia dos pescadores) que deseje vender o seu pescado, mas este não é usado pelos pescadores. São muitas as justificativas dos pescadores e dos marreteiros-atravessadores de peixe para que o próprio pescador não venda, ele mesmo, o seu pescado.

Os pescadores consideram distintas as atividades de pescar e de vender o pescado. Quem pesca dificilmente pode vender o seu pescado, a não ser numa relação informal e casual – fora do mercado – na chegada do barco ou no caminho de casa, como já foi dito, pois compreendem que são duas formas de trabalho distintas que requerem tempo e atenção diferentes.

Há um certo entendimento por parte dos pescadores e comerciantes de pescado para que alguns pesquem e outros se ocupem da venda. O fato é perfeitamente justificado por eles mesmos, que dizem que: "quem pesca não comercia", compreendem que não há tempo nem condições para que a mesma pessoa possa desempenhar as duas tarefas. Porém, muitos demonstram um certo desagrado e tecem alguns comentários e reclamações em função da situação de exploração, pois "o peixe é comprado na beira por 'X' e entra no mercado por duas vezes 'X', e quem sai lucrando é o marreteiro". Entre os pescadores entrevistados (aposentados e na ativa), 34 concordaram com o trabalho do marreteiro, mas afirmando que deveria haver fiscalização com propósitos mais justos para o pescador. Para estes, o pescador é o que menos ganha e não tem condições de melhorar de vida.

Deste modo, o trabalho do marreteiro é compreendido como necessário, embora os próprios pescadores reconheçam muitas situações abusivas no que se refere ao "preço baixo" que

os marreteiros pagam pelo pescado ao pescador e, ao "preço alto" pelo qual eles vendem no mercado.

Os marreteiros são, em sua maioria, ex-pescadores que deixaram de pescar para viver da comercialização dos pescados. Alguns destes apresentam maior poder aquisitivo e proporcionam a empreita pesqueira – fornecem seus instrumentos de pesca para uso de outros pescadores que ainda estão na ativa, já previamente combinados. Estes trabalham no sistema de meia com o marreteiro, os "meeiros" dividem entre si o pescado em proporções previamente estabelecida pelos contratantes. Há outros marreteiros que apenas compram e vendem peixe no mercado, estes são de origem interiorana e com pouco poder aquisitivo. Entre os entrevistados, no bairro há dois marreteiros nesta situação, ou seja, que apenas compram e vendem o pescado no mercado.

Esta vinculação com o atravessador às vezes é menor quando aumenta o número de turistas e de possíveis compradores, criando-se, assim, um mercado novo realizado "na beira", como eles próprios se referem ao lugar onde a canoa atraca, ou mesmo nas ruas a caminho de casa, e nas residências dos fregueses. Quando aumenta a possibilidade de venda e diminui a possibilidade do "pescado ficar encalhado", ou seja, no caso do pescador não conseguir vender logo a sua produção.

3.2.5 Estratificação na Pesca

Na medida em que o pescador artesanal passa a "armador de pesca", ou seja, proprietário não trabalhador de embarcações, proprietário de apetrechos da empreita pesqueira e/ou intermediário-comerciante da pesca, se instala entre os pescadores uma outra forma de organização, marcada pela estratificação social, que passa a segregar alguns pelas condições sócio-econômicas, distinguindo antigos companheiros de pesca.

Entre os moradores do bairro da Prainha entrevistados que atualmente são marreteiros, e que apenas compram e vendem no mercado, não há maior desavença, pois são considerados como vendedores de peixe, ex-pescadores que não vão mais pescar, apresentando

mais ou menos as mesmas condições econômicas dos pescadores que vão à pesca e a possibilidade bem maior de negociação entre eles – permanecem os laços de afinidade e vizinhança entre estes. Entretanto, entre os marreteiros que também financiam a pesca (marreteiro empresário) a relação se faz diferente. O fato de financiar a pesca atribui ao marreteiro um certo domínio sobre o preço a ser pago ao pescador que, certamente, é bem diferente do preço vendido ao mercado e o pescador tem menor poder de negociação e autonomia. Nestes casos, as relações de proximidade entre a vizinhança vão se rompendo, assim como as relações de compadrio, que muitas vezes ligavam pescador e marreteiro.

A reposição ou aquisição de um apetrecho da pesca é fruto de parcas economias, feitas em outras atividades não pesqueiras. Como raramente o reduzido excedente da produção pesqueira propicia ao pescador a compra e/ou reposição dos instrumentos de trabalho com a pesca, dificilmente podem comprar embarcações maiores e melhores equipamentos para ampliar o campo de captura. Assim, a condição de pesca autônoma desses pescadores diminui e cresce o empobrecimento e o sucateamento da pequena pesca e o direcionamento desses pescadores para outros serviços.

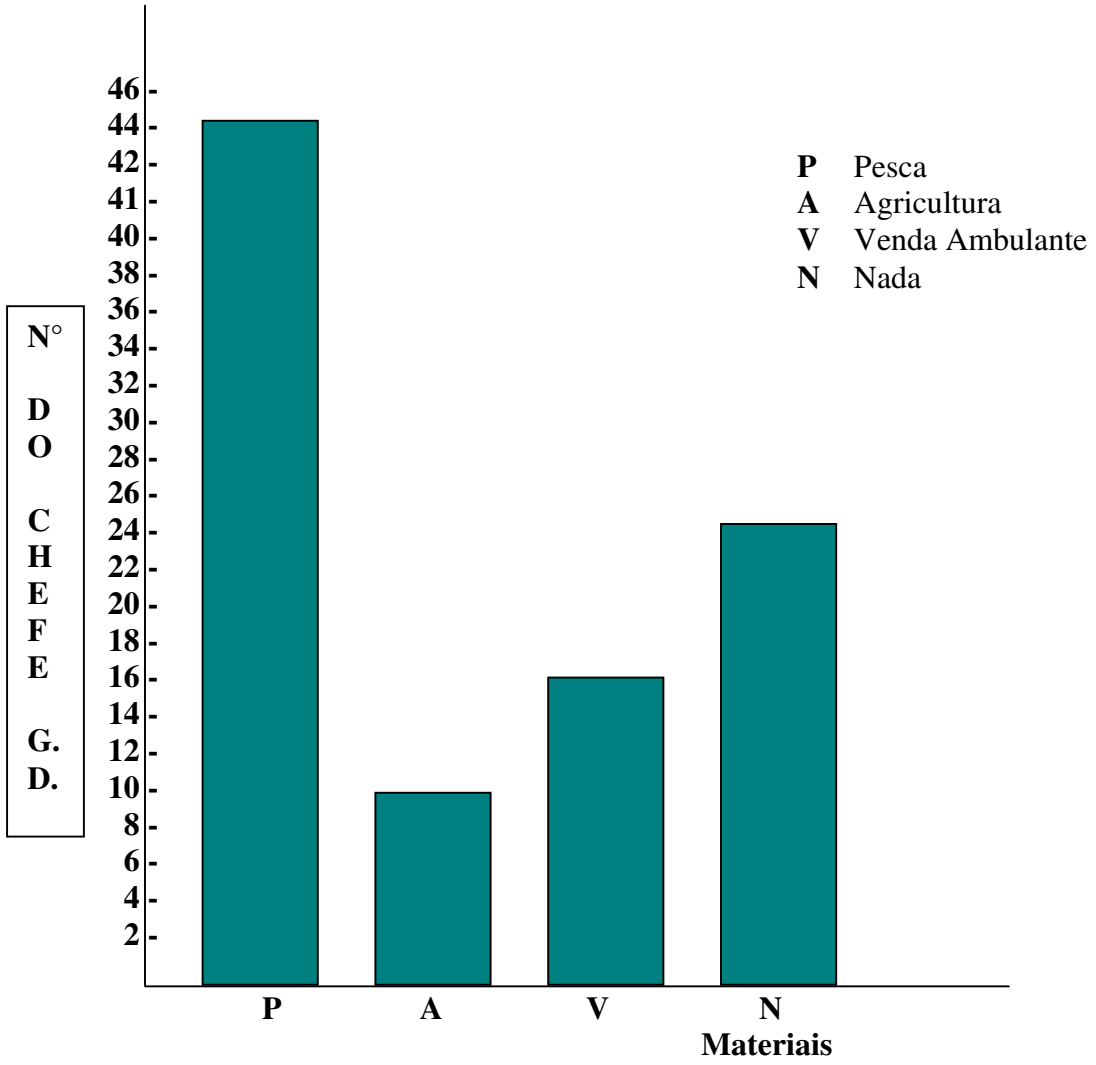
Entre os entrevistados no bairro da Prainha, antigos pescadores que atualmente trabalham como caseiros e/ou com o balneário, podem ser observadas várias razões justificando a mudança de trabalho da pesca para os trabalhos de caseiro e outros voltados para o veraneio. A desigualdade na concorrência de mercado, devido ao sucateamento de condições da pequena pesca entre os pescadores da Prainha, é uma das grandes razões para a mudança nas relações de trabalho.

Os pescadores da Prainha são os de menor poder aquisitivo entre os pescadores locais. Poucos possuem seus próprios instrumentos de trabalho; a grande maioria apenas possui um ou outro apetrecho de pesca – alguns possuem canoa a remo, outros apenas os remos, uns redes de pescar e outros, poucos instrumentos[13]; poucos são os que possuem barco de pesca, por

[13] Entre as 50 famílias entrevistadas (50 chefes de grupo doméstico), observamos que a grande maioria apresenta um ou outro instrumento próprio de trabalho e, entre estes, os mais recorrentes foram os apetrechos de pesca, os voltados para a venda ambulante e os de trabalho agrícola, embora em condições limitantes: um possuía rede de pescar de 30m, três possuíam rede de 20m e oito, de 10 m; oito possuíam isopor para acondicionamento do pescado; nove, canoas a remo; 14 apenas possuíam os remos; 18 possuíam linha de pescar; 20 possuíam espinhel; sete possuíam

isso mesmo, freqüentemente trabalham em parceria, partilhando dos recursos disponíveis como já fora observado (Gráfico 2).

GRÁFICO Nº 2 - Gráfico de Equipamentos de Trabalho dos Chefes do G.D. Moradores do Bairro da Prainha.



tarrafa; quatro possuíam canoa à vela; dois, barcos de pesca; oito possuíam carrinho de mão para venda ambulante de coco-da-bahia; dez,isopor para venda de bebidas e/ou coco-da-bahia; três, carros de pipoca; nove, material agrícola e/ou de construção civil de pequeno porte (terçado, ancinho, pá, enxada etc.).

> "É ... a pescaria vai cumigo... gosto de pescá desde pequeno... por isso a gente num deixa de todo de pescá... é assim coisa da gente, mas a gente num é pairo para os pescadô grande de lá do Porto Grande, eles vão longe, pescam em maior quantidade... eles pode tudo porque eles são financiado, eles têm costa larga, nós num temo, por isso é que a gente fica assim balançado entre uma coisa e outra... Numa parte a gente gosta da pesca, noutra parte a gente qué dá melhó sustento pra mulhé e prós filho da gente que a pequena pesca da gente num chega mais a dá conta do recado. Por isso é essa peleja de pesca e de comerciá com os veranista... pode perguntá, eu quero vê se aqui num tem um que fica nessa peleja" (Manoel, 48 anos, pescador, oriundo de Cuiarana).

A condição do pequeno pescador do bairro da Prainha com parcas condições de pesca frente ao pescador sindicalizado e com financiamento, em condições mais favoráveis para a captura de cardumes, na costa e em alto mar, coloca o trabalho da pesca, para estes pequenos pescadores, numa balança. Pesam, de um lado, a produção pesqueira e tudo que a envolve e, de outro lado, o trabalho de caseiro e/ou outros voltados para o veraneio.

3.2.6 Custo de Produção

Tradicionalmente, como pequenos pescadores que trabalham em parceria, muitas vezes partilhando com outros companheiros os poucos recursos materiais disponíveis para a realização do trabalho pesqueiro, não encontramos a noção de custo de produção facilmente definida entre os pescadores da Prainha.

Na medida em que uma parte considerável da produção se destina ao autoconsumo e não há o salário advindo desta atividade, mesmo entre aqueles que trabalham no "sistema de meia", em que o pagamento é feito pela partilha da produção pesqueira, em espécie, a noção de custo da produção é bastante vaga. Os custos de produção se limitam muitas vezes à compra de apetrechos para a pesca, como a do fio de náilon para o fabrico ou recomposição da rede de pesca e outros, fornecidos pelo atravessador, ao qual o pescador paga com a produção, justificando assim "um compromisso de venda" que liga os pescadores a certos atravessadores.

Por essas razões, na relação de pesca, a força de trabalho não é considerada um custo de produção e por isso mesmo não tem um preço; daí a superexploração da própria mão-de-obra pesqueira e de seus familiares. Embora alguns pescadores prestem serviços para determinadas

pessoas que dispõem de instrumentos de pesca e que precisam de parceiros para a empreita pesqueira, a relação entre eles não é, propriamente, a de patrão x empregado.

Não há uma relação empregatícia muito bem definida entre o pescador e o seu suposto patrão. Não há salário certo pago aos pescadores, isto porque a maioria deles se considera e é considerada pescador autônomo. A relação de trabalho é negociada entre as partes e muitas vezes não são muito justas.

No caso do "trabalho de meia", quando um tem a força de trabalho e outro os instrumentos de pesca, o pagamento é a própria partilha da produção, embora não eqüitativa, ficando sempre cerca de 2/3 da produção pesqueira para o dono do barco e apetrechos da pesca, em função de garantir a manutenção dos próprios.

Este tipo de "negociação" entre os proprietários das embarcações e instrumentos de pesca e os efetivos pescadores que trabalham na produção pesqueira subentende a partilha da produção e, por conseguinte, não caracteriza emprego e vínculo trabalhista. É uma prática largamente difundida entre os pescadores da região do Salgado paraense e do estuário do rio Amazonas.[14]

O sistema de trabalho de meia na pesca, que tradicionalmente propicia uma espécie de "compadrio" que mantém a proximidade entre os pescadores e uma certa cumplicidade entre a família dos pescadores envolvidos é, atualmente, também considerada como uma forma de evitar conflitos trabalhistas; quando há necessidade de contratar mão-de-obra para os serviços da pesca, se busca alguém mais familiar, um compadre, para evitar maiores conflitos. Observamos, entre os vinte e nove casos de pescadores/compadres, que tradicionalmente trabalhavam de meia na Prainha, dezoito pescadores que se tornaram compadres dos seus meeiros depois de algum tempo, alegando que "trabalhar com compadre é melhor, pois fica tudo em família e não tem problema".

De certo modo, o compadrio é um facilitador de relações, um termo de negociação entre meeiros, entre patrão e empregado. À medida em que as relações de pesca vão se esparsando e/ou se diluindo entre os moradores do bairro da Prainha, as relações de compadrio

[14] A este respeito, observar também os trabalhos de Mello (1985); Furtado (1987); Leitão (1997), entre outros.

vão perdendo e/ou transformando algumas funções, antes tradicionais, como juntar pescadores e a vizinhança, e vão ganhando outras, ligadas ao novo sistema de relações promovido pelo envolvimento com os veranistas e a vida balnear.

3.2.7 Crise na Pesca

As gerações mais jovens não estão se envolvendo com a pesca e nem com a agricultura. Estão cada vez mais distanciadas dos trabalhos que tradicionalmente foram a base de sustentação das suas famílias - raramente se integrando no ofício dos seus pais. Os pais, por sua vez, frente às dificuldades enfrentadas com a pesca e por almejarem um lugar melhor para os seus filhos, os incentivam à escola e aos empregos urbanos, contribuindo para o estrangulamento na pequena pesca. O anseio em sair da cidade com fins de buscar melhor escolaridade e conseqüentemente um bom emprego também é freqüente e garante um certo movimento contrário à pesca.

As dificuldades com a pesca frente à possibilidade de ganho mais fácil na sede balnear, engrossaram as fileiras dos que não querem mais pescar, que não querem mais depender da pesca e que passam a viver como caseiros ou como vendedores ambulantes e/ou envolvidos em trabalhos eventuais e informais, vendendo sua força de trabalho aqui e ali, em épocas de temporada turística.

Atualmente, no bairro, tem crescido o número de pescadores que realizam dupla ocupação (pescador e caseiro) e/ou, muitas vezes, dupla jornada de trabalho: o trabalho da pesca e outros voltados para o veraneio, especialmente entre os pescadores mais jovens e que podem agüentar. Mesmo os pescadores que possuem sua própria canoa e apetrechos, se podem, alternam eventualmente esta atividade com outras - serviços em construções e reparos de residências, de jardinagem, caseiro e no comércio, sobretudo nas vendas ambulantes de artigos e frutos regionais e nas barracas de praia.

Essas ocupações eventuais e mesmo outras mais estáveis, como a de caseiro, não inviabilizam saídas para a pesca, em caso de ser período de safra e/ou abundância de pescado.

Entre os entrevistados, apenas cinco viviam mais especialmente da pesca no momento da pesquisa; dois dentre eles já haviam passado algum tempo sem pescar e admitem a possibilidade de parar de pescar no futuro, por um trabalho mais "leve" na cidade.

> "Na minha casa só o meu pai continua pescando, só ele é pescadô mesmo, agora o restante trabalha mesmo é com venda e zeladoria de casa. Eu mais minha mãe trabalhamos como caseira, ela numa casa e eu noutra e os dois filho home trabalha nas barraquinha de venda pros turista, num quiseram pegar no pesado todo dia não, só o pai é que ficou na pesca. Agora, quando é suatá, época de muito caranguejo, marisco bom, a gente arregaça a manga, se volve mais... quando é época boa de peixe a gente vai despescar o curral, vai ajudá na pescaria" (Carolina, 19 anos, estudante, oriunda de Salinópolis).

Como já foi observado, uma das formas que os pequenos pescadores encontraram para garantir as melhoras necessárias à pesca e à vida familiar, foi a venda de seus lotes, posses e propriedades à beira-mar e/ou na cidade, muitas vezes herdadas dos seus antepassados. A venda significava em geral, pelo menos idealmente, mudança e melhora de condições de vida. Com a venda almejam renovar os materiais necessários à pesca e melhorar o nível de vida familiar.

Acabam comprando lotes mais distantes, menos valorizados e às vezes em condições de insalubridade, em terrenos mais baixos, em mangues precariamente aterrados, não apresentando condições de moradia. Desta forma, os pequenos pescadores ou pescadores artesanais se confinam à periferia da cidade e cada vez mais vão se afastando dos seus lugares de origem, das proximidades do mar e conseqüentemente dificultando a permanência no trabalho da pesca. Suas antigas propriedades passam a dar lugar aos anseios dos veranistas, viram estabelecimentos comerciais, belas casas de temporadas onde, muitas vezes, trabalham como caseiros.

Todos estes fatores contribuíram para um certo desencantamento com a vida que tradicionalmente levavam com a pesca e, por outro lado, impulsionam um interesse crescente de envolvimento com os trabalhos voltados para o veraneio balnear, como podemos conferir com este depoimento:

> "... antes tudo era mais fácil... muito dinheiro corria na praça. Era fácil vender o pescado... era fácil vender as casa para o veranista que chegava, pagava preço bom e a gente mudava para outro terreno... nesta época a gente mudava com o vento... era só alguém se engraçar com a nossa casa, que a gente já estava de trouxa arrumada para partir para outro lugar... eu aqui mais a mulhé e os filho, já mudamo pra mais de três vez... Agora não, quem quer vender não

> encontra quem quer comprar... não tem o dinheiro que chega... a situação é de penúria... a gente está tudo dependente... o pescador não vende direto o peixe... tem o marreteiro que ganha... hoje a gente pesca mais é pouco... antes cheguei a pescar e vender a um só freguês pra mais de 200 kg de Gó, na época de movimento lá das barraquinhas no Maçarico... hoje num compra nem 10 kg... diz que a saída na barraca também é pouca e pra nós a venda também é pouca. Agora eu despesco pouco... uns 50Kg não mais... uns a gente vende, outros a gente come... eu não me arrisco pro alto mar, pesca só aqui no curral. As mulher descasca caranguejo com as filha... tudo pra vender no mercado... é assim que dá sua ajuda; fica mesmo é em casa com os filho, os neto... não tem força e prumo pra pescá que é só pra home... Hoje o estado de coisas deste jeito... a caristia que hoje se encontra é culpa dos próprios veranistas que acostumaram e agora reclamam... eles chegavam... chegavam e pagavam por toda a safra, pagavam bem pra convencer a gente de vender... chegavam e botavam o dinheiro no peito da gente... às vezes num valor maior do que aquele que nós ia vendê... aí... [dá risada]... não tem quem resistisse... aí acostumou. O preço é alto, agora não podem reclamar, já acostumou... o preço é caro mesmo, mas sempre tem um que leva... que paga... já acostumou..." (Zé Francisco, 69 anos, pescado, oriundo de Pirabas).

Este depoimento proporciona reflexões acerca do processo de mudança por que vem passando a população local do bairro da Prainha, suas estratégias para a sobrevivência e até uma certa consciência deste processo. Mesmo breve, nesta fala observamos o quanto estão dependentes do mercado voltado para o veraneio, como a relação de espaço e trabalho da mulher, é definida na sociedade local e, de certo modo, a responsabilidade atribuída ao processo de implantação do veraneio, ante ao próprio veranista, por este estado de coisas atual.

3.3 TRABALHO ASSALARIADO: OS CASEIROS

3.3.1 Relações entre Caseiros e Proprietários da Casa

A vida balnear, com a presença da "segunda residência", a casa de veraneio, favoreceu o surgimento de uma nova relação de trabalho: os caseiros, que são pessoas que guardam e cuidam da casa dos veranistas, fora das temporadas e da presença dos proprietários das mesmas. "São os responsáveis pela casa, na ausência do dono", segundo os próprios caseiros.

Alguns caseiros são contratados apenas como "vigias". Não entram nas dependências internas da casa. São pagos apenas para "olhar" a casa. Permanecem residindo em suas próprias casas e diariamente vão à casa do patrão "olhá-la", ou seja, ver se tudo está em ordem. Não realizam nenhum tipo de trabalho nas dependências da propriedade, são de algum modo, pagos

para "espiar" a casa, no linguajar local. Comprometem-se em cuidar da propriedade, freqüentando-a diariamente, ligando as luzes, dando vestígio de presença diária de pessoas na casa.

Outros, mesmo que não entrem nas dependências internas da casa, são pagos para cuidar da parte exterior da propriedade, tratam do jardim, da piscina e de tudo o mais que pertença à parte externa da mesma. Igualmente como os "olheiros", os que são pagos para olhar as casas, residem em suas próprias casas e diariamente cumprem suas tarefas pelas quais são pagos.

Outros, ainda, moram nas propriedades em que trabalham como caseiros em dependências reservadas aos empregados, mas com o domínio de toda a propriedade. Tendo acesso aos diversos espaços e serviços que a casa de veraneio pode oferecer. Trabalham em família, com a sua própria família nuclear, dividindo tarefas: o homem cuida "fora da casa", das dependências exteriores da propriedade, do jardim, da piscina, churrasqueira etc.; a mulher "dentro da casa", das dependências interiores e como doméstica, quando da presença dos patrões em casa. Os filhos mais velhos, muitas vezes, também auxiliam nas tarefas dos pais caseiros e, de acordo com a idade e o sexo, responsabilizam-se junto aos pais por tarefas de dentro ou de fora da casa do patrão[15].

Deste modo, a vida cotidiana do caseiro varia em função do acordo firmado com o patrão-veranista - se o caseiro é apenas contratado para dar uma "olhadela" ou se é para "tomar conta mesmo", como eles próprios falam. Tanto a rotina de trabalho quanto o salário pago por esta prestação de serviço variam segundo o "tipo de caseiro", ou seja, o tipo de serviço acertado entre as partes. Entretanto, observamos que, de um modo geral, a dedicação pela casa do veranista é considerável, uma vez que a procura e/ou a disputa pelo lugar de caseiro é crescente. Desta feita, ao incorporar o papel de "segundo dono" da propriedade do veranista passa-se a dedicar grande parte do tempo para os encargos que se assume como caseiro.

[15] Lembramos que há também a categoria dos "zeladores" de prédios de apartamentos, entretanto, a relação de trabalho é diferente dos caseiros. Podem morar no prédio como zeladores mas a relação é independente dos veranistas moradores em particular, e sim com o condomínio, um tanto "impessoal". Pode ocorrer um caso ou outro em que um condômino trave relações mais próximas, semelhante às relativas ao tratamento com o caseiro.

3.3.2 O "Segundo Dono"

Os caseiros incorporam o lugar de "segundo dono" das casas onde trabalham como tal, são capazes de tudo fazer para manter o lugar privativo, senão em nome do dono ausente, por si e sua família que, de certa forma, passa a ter os "domínios" da casa.

Podem atritar com a vizinhança e até com certos conhecidos, se estes forem inoportunos, em razão de pequenos furtos de plantas e frutos nos jardins e quintais da propriedade que, na ausência do dono, estão sob sua guarda ou mesmo lhe pertencem. Podem chegar a desavenças duradouras com parentes e amigos por causa dessas propriedades nas quais trabalham como caseiros.

> "A gente num pode dizer que num é parente né, mas é mesma coisa que nada, num tenho a mínima razão de falá, de dá as hora... se eu pudesse num ia nem vê, pode ficá aí, que num ligo... ele é mesmo que um nada... é um besta, acha que o patrão dele é por ele, vive babando atrás... si calhá pensa que é melhó porque mora na casa dos barão" (Mariinha, 29 anos, dona de casa, oriunda de Motta).

Ambos, mulher e homem, no trabalho de caseiro lidam com um mundo novo, com relações diversificadas, com ocupações bastante diferentes das habitualmente realizadas, com uma infinidade de objetos e eletrodomésticos, que certamente são bem distintos dos utensílios habituais em suas residências e lugar de origem.

Como caseiros e responsáveis pela propriedade do patrão adaptam-se a novas formas de ocupação e trabalho, voltados para os serviços domésticos. Aprendem as artes da jardinagem, o manuseio da aparelhagem da piscina, novas receitas e maneiras de preparo de alimentos etc., de tudo aprendendo e fazendo um pouco para garantir seu lugar de caseiro.

> "Agora com esse trabalho na casa dos barão, a gente num precisa de ter muita coisa não, os apetrechos de pesca já ficam um pouco de lado, só mesmo de vez em quando que a gente pesca... agora é outra coisa... limpo a piscina, coloco a bomba pra funcionar, dissolvo o cloro pra colocar na piscina... é outra coisa" (Raimundo, 42 anos, caseiro, oriundo de Cuiarana).

Os apetrechos do trabalho de pesca cada vez menos são procurados e usados por muitos (ex) pescadores que se dedicam ao trabalho com o veraneio, com isso também são abandonadas certas práticas e convívio familiar, tais como na própria pesca, os trabalhos

comunais entre os companheiros e a vizinhança do bairro, as formas de preparo e tipos de alimentos, as festas etc.

A proximidade com o mundo do veranista e a vida balnear impõe um ritmo novo nas relações sociais e de trabalho entre a família e a vizinhança e amplia o nível de expectativa dos recursos disponíveis entre os moradores locais. Novos hábitos, novas preferências ampliam as expectativas e certas exigências de vida local (Ver Fotos 11 e 12).

Observa-se, desta forma, uma outra relação que não é mais a do bairro e/ou da vizinhança, que congregava companheiros na pesca. As responsabilidades do trabalho de caseiro são individuais e a relação é travada entre caseiro e patrão, não há lugar para a vizinhança do bairro.

3.3.3 O Salário e as "Regalias"

O salário pago, muitas vezes, é um acerto de contas que está longe das normas trabalhistas previstas em lei. O pagamento é relativo e depende muitas vezes do nível de relacionamento travado entre ambos, patrão e caseiro. No que se refere ao pagamento do trabalho dos caseiros constatamos que não há propriamente uma relação empregatícia amparada pela CLT, que o salário pago é um acordo entre as partes e muitas vezes compreende uma espécie de "agrado". Há pagamentos que são feitos com uma parte em moeda corrente e outra em compras, remédios, favores que de certa forma parecem suprir a prestação monetária propriamente dita[16].

A autonomia de certos caseiros, a "entrada" no linguajar local, na propriedade dos veranistas depende do acordo com os seus patrões; muitas das "regalias" são "negociadas" implicitamente com a "troca de favores". Lembram relações clientelísticas. Estas podem estar embutidas no salário pago, no tipo de serviço prestado e nas trocas propriamente ditas, de insumos e favores prestados entre caseiro e o proprietário da casa.

[16] Através da pesquisa de campo observou-se casos de caseiros que recebiam : dois, salário mínimo e meio; cinco, um salário mínimo; nove, R$ 70,00 (Setenta Reais) mais diversas formas de "agrados" (objetos semi novos, artigos de mercearia, remédios etc.), que compõem o pagamento do serviço de caseiro.

Foto nº 11 Panorama do Complexo Turístico da Praia do Maçarico

Foto de Denize Adião –jan/99

Foto nº 12 Aspecto de casa de Veraneio

Foto de Denize Adião –jan/99

> "A gente pode num ganhar lá essas coisas mas morar lá é bem melhor do que aqui no bairro que a gente vive... só de vê aquela piscina azulzinha esperando por mim já é outra coisa" (Celestina, 29 anos, caseira, oriunda de Salinópolis).

A relação do trabalho do caseiro com o veranista proprietário da casa onde trabalha e muitas vezes também reside com a família, guarda certa peculiaridade com os trabalhos domésticos[17], no que se refere às tarefas domésticas desempenhadas, à relação um tanto familiar entre patrão e empregado e, ainda, no que diz respeito ao salário e às obrigações trabalhistas pouco consideradas.

O salário pago e as condições de trabalho variam muito de acordo com as pessoas envolvidas. Há, muitas vezes, um certo envolvimento entre o caseiro e o patrão que ultrapassam as relações estritamente profissionais e/ou de prestação de serviços. É bastante comum que o caseiro(a) chame para padrinho de um de seus filhos o veranista patrão, estreitando os laços entre um e outro. Essas relações não são diferentes das relações tradicionais de compadrio em que uma rede de mútuos favores é tecida.

Algumas vezes, uma rede intrincada de "favores" estabelece as relações de trabalho, que muitas vezes são perpetuadas e passam de pai para filho, quase como numa relação de parentesco ou compadrio tradicionalmente travada entre os moradores locais. Desta feita, não é raro os caseiros usarem a piscina da casa do patrão, por exemplo, com o "consentimento" tácito deste, que "fecha os olhos" para não entrar em atrito e dispensar seus serviços, muitas vezes pagos subestimadamente, abaixo do valor que lhe seria devido (salário mínimo), por serem de "confiança", conhecidos ou pertencerem à família que há anos serve ao patrão como caseiros. Por outro lado, é freqüente o patrão receber peixes e outros alimentos, pela amizade que tem com a família do caseiro e, da mesma maneira, retribuir estas "gentilezas", favorecendo aos caseiros e/ou aos dependentes, de algum modo, na cidade.

Também é freqüente que alguns caseiros, que mantêm uma relação mais próxima, venham para a cidade de Belém, para tratamento médico especializado, através de seus patrões.

[17] Ver sobre o trabalho doméstico em: Saffioti (1977); Bilac (1983); Gonçalves Blay (1987); (1991); Dias (1991); Riccetti (1999), entre outros.

Enfim, são muitas as ocasiões e oportunidades que favorecem a "troca de favores" e estabelecem um tipo peculiar de relação de trabalho que é meio doméstico.

3.3.4 Outras Formas de Lidar com o Mundo

Esta relação de trabalho (como caseiro) certamente contribuiu para a introdução de uma outra forma de lidar com as coisas da natureza e se relacionar com as "coisas" do mundo. Não foi apenas o pescador que saiu do mar e deixou de pescar.

As relações sociais e de afinidade entre os moradores locais também se alteram em decorrência das relações de trabalho que passam a "aproximar" diferentes (caseiros e veranistas) e "afastar" semelhantes (parentes e afins, moradores da vizinhança).

As relações de compadrio que uniam companheiros de pesca e afins, ligam, agora, caseiros e patrões veranistas. Entre os moradores do bairro da Prainha entrevistados, encontrou-se vinte e oito famílias de caseiros que apresentam alguma ligação de compadrio com o patrão veranista: sete casos em que um(a) filho(a) do caseiro é afilhado do patrão veranista, mantendo relativa proximidade com os compadres apenas quando da presença desses no balneário, em épocas de festividades quando o afilhado vai tomar a bênção do padrinho/madrinha e receber ou levar algum presente.

É freqüente que na chegada do padrinho o afilhado e/ou compadre lhe presenteie com frutas regionais ou peixes da preferência do mesmo e, por conseguinte, como esperado, este retribui com alguma coisa trazida da cidade ou uma pequena quantia em dinheiro. Algumas vezes roupas, sapatos e brinquedos já usados são presenteados aos afilhados, assim como objetos e eletrodomésticos com pequenas avarias o são para o compadre caseiro. Três foram os casos observados em que os padrinhos e compadres mantêm uma relação de grande proximidade. Além dos aspectos anteriores com as trocas de presentes, o estudo dos afilhados é incentivado pelo padrinho/madrinha através do custeio do material escolar e uniforme, e de certa forma há um acompanhamento deste nas constantes visitas que os padrinhos fazem ao balneário. Um destes afilhados, já maior, recebeu ajuda para vir morar em Belém e já conta com certa autonomia

financeira; seis casos ocorreram em que os afilhados vieram para Belém com os seus padrinhos para estudar e trabalhar, dentre os quais cinco meninas como empregadas domésticas e um menino como auxiliar doméstico (faxineiro, jardineiro, ajudante dos serviços da casa) na casa dos padrinhos.

Foram observados ainda três casos de padrinhos que são os próprios pais dos afilhados e as relações são mais ou menos as mesmas dos outros padrinhos, não havendo maiores responsabilidades e nem paternidade assumida;. dois casos em que o compadrio é de fogueira, realizado durante as festividades de São João; cinco casos em que os afilhados não sabem dos padrinhos pois nunca mais apareceram na localidade, alguns desses padrinhos têm a casa abandonada e outros supõem-se que venderam suas propriedades de veraneio, não mantendo nenhuma relação com os afilhados e compadres; dois casos em que caseiro e patrão veranista mantêm uma relação de grande proximidade relativa à relação de compadrio, se chamam mutuamente de compadres, mas efetivamente não há uma relação formalizada de compadrio, ou seja não há afilhados e não houve batismo de fogueira. A contrapartida do caseiro nestas relações de compadrio freqüentemente ocorre através do cuidado mais especial pela propriedade do compadre-patrão-veranista, do abatimento do valor pago pelos serviços prestados como caseiro etc.

Os filhos mais jovens brincam e servem de pajem aos filhos do "barão" nos períodos de veraneio, mas não é pelo "simples passar bem", que no linguajar local se refere ao ritmo de vida do patrão, tipo de alimentação e abundância proporcionados pelo veranista. A intenção do pai é criar uma oportunidade para que seu filho possa mudar de vida, pois o contato com os filhos do patrão, que são vistos como "gente de bem", pode favorecê-lo, porque, pode ocorrer da criança do "barão" se "apegar", gostar e, invariavelmente, querer levar o filho do caseiro em companhia para a cidade. A amizade e o contato com os patrões veranistas são assim, de algum modo, estimulados como uma possibilidade de garantia para o futuro e/ou como uma forma de distinção e ascensão social.

> "A gente sempre qué o melhó pros filho da gente né? Qué encaminhá, qué que eles tenham vida melhó, né?... a amizade com os filho dos veranista é assim melhó do que ficá com essas amizade daqui que num leva à nada... às vezes uma boa amizade vale mais do que tudo" (Joana, 38 anos, caseira, oriunda da cidade de Salinópolis).

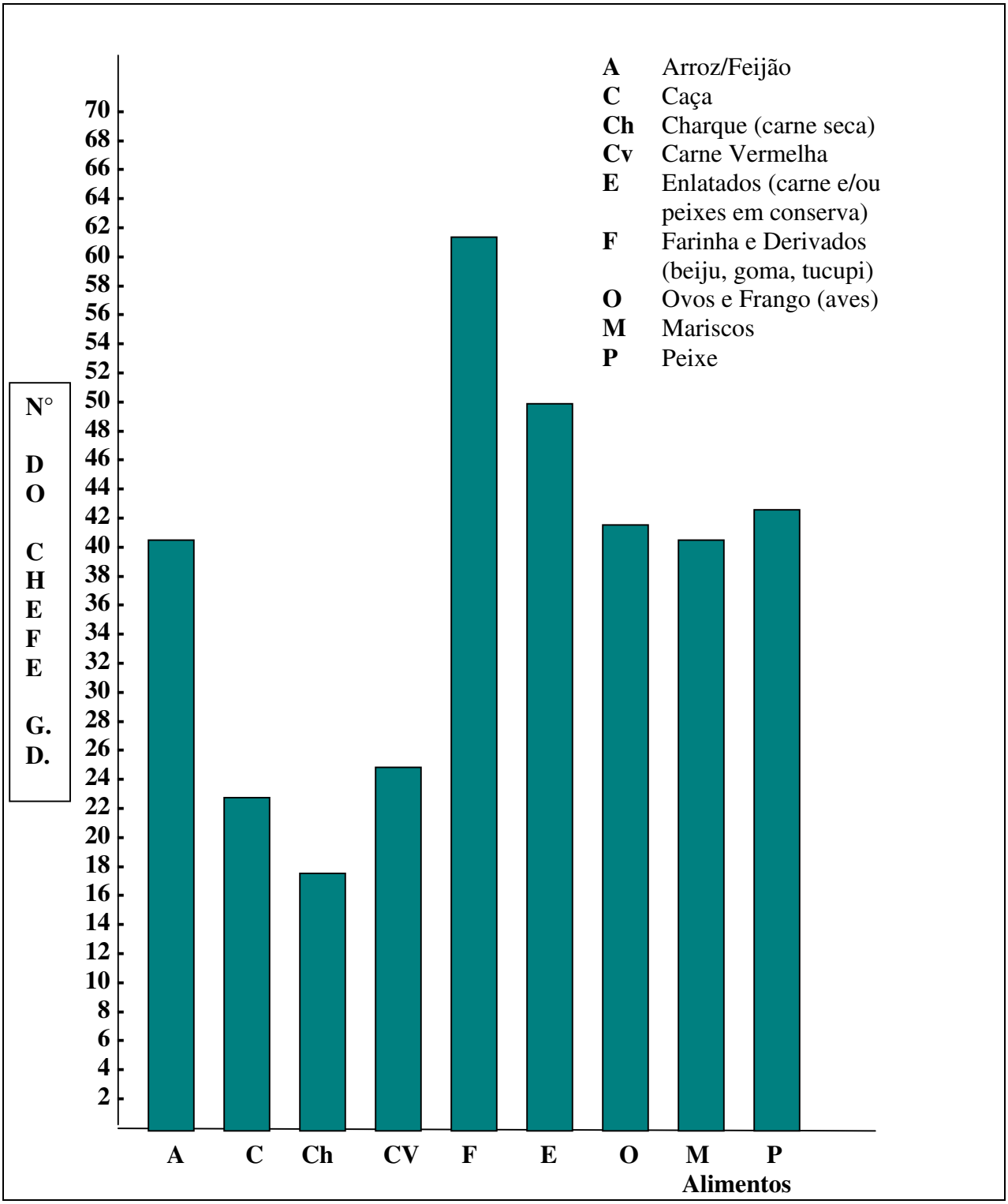
A cidade ainda parece ser um oásis que proporciona condições de melhorar o nível de vida, uma vez que oferece mais opção de trabalho e oportunidade de estudar e se relacionar com "gente de bem", entre os moradores da Prainha.

As relações de vizinhança e de companheirismo com o pessoal do bairro são gradativamente substituídas pelas brincadeiras com os "filhos da cidade"- filhos dos "barões-veranistas", especialmente nos períodos de férias escolares com o quê, logo após, novas brincadeiras e preferências como jogos, músicas, roupas, iguarias etc., bem como um novo linguajar, contribuem igualmente para mudanças nas relações de vizinhança também entre os mais jovens. Essas relações provocam novo comportamento e uma outra postura frente "as coisa" do bairro.

Valores, hábitos e costumes de fora passam a incorporar-se na configuração de um novo "desenho de mundo", que já vai além do vivido pelos moradores de um pequeno bairro rural, de pescadores-lavradores, que antes viviam apenas da pesca tradicional e de pequena produção rural, especialmente da roça no fabrico tradicional da farinha e derivados, que historicamente foram a base da dieta alimentar da região[18] (Gráfico 3).

[18] A associação do peixe com a farinha de mandioca na dieta é dos aspectos mais comuns no litoral e já foi observada por muitas pesquisas já referidas, entre estas: Mussoline (1945); Maués (1990); Furtado (1993).

GRÁFICO Nº 3 Gráfico da Preferência Alimentar entre os Moradores do Bairro da Prainha



Através de depoimentos de pessoas mais velhas, observou-se que a preferência alimentar constituía-se tradicionalmente de peixe cozido, assado de brasa e moqueado; habitualmente não se consumia alimentos fritos, o quê é atribuído atualmente à influência da preferência dos turistas.

Hoje, novos hábitos alimentares e de comportamento são incorporados como é o caso de alimentos em conserva que são relativamente mais baratos e podem ser comprados nas vendas do bairro a crédito – com pagamento no final do mês, quando recebem do trabalho como caseiro na casa dos veranistas. Esses novos hábitos podem ser explicados pelo nível de proletarização pelo qual vem passando a região como um todo e pelo "estrangulamento" da pesca sem a reposição de pescadores mais jovens que se direcionam para outros tipos de atividade.

As famílias de pescadores da Prainha, com o crescente envolvimento com o veraneio e conseqüentemente o abandono da pesca, passam a viver mais dependentes dos recursos vindos dos trabalhos com o balneário: como caseiros, dependem dos salários mensais com os quais passam a manter a família e, como trabalhadores informais e eventuais, vendedores ambulantes, dependem do que ganham nos períodos de veraneio. Com esse "ganho" passam a manter a casa e a família comprando tudo, da roupa ao alimento. Como deixam de pescar, compram o peixe e/ou passam a comprar outros tipos de alimentos, como os enlatados nas vendas e mercearias do bairro, em função da possibilidade de pagamento no final do mês, quando recebem dos patrões veranistas pelo trabalho de caseiro e/ou por outros eventuais.

Deste modo, algumas famílias que já não pescam, passam a "preferir" e incorporar outros alimentos na dieta familiar, em função das novas circunstâncias que se apresentam.

> "Não tendo quem pesque e nem quem plante, o jeito é comê sardinha de lata que a gente pega na venda e paga no fim do mês... quando se recebe dos barão... no ofício de zeladoria das casa ...". (Joana, 38 anos, caseira, oriunda de cidade de Salinópolis).

> "É assim mesmo dona, num pesca tem que comprá o quê comê... num dá pra sê diferente não... Eles num passa necessidade, só se eles qué... eles são caseiro, têm de um tudo na casa do barão... a gente aqui fora num pode nem ispiá [olhar], que eles leva porta na cara... então é assim que as coisa se dá... agora muito diferente." (Maria, 56 anos, marisqueira, oriunda de Macapazinho).

Estes depoimentos mostram como o direcionamento para os serviços de caseiro contribui, significativamente, para mudanças no relacionamento entre a vizinhança do bairro, distinguindo os que pescam dos que não pescam mais.

> "Eles num entende que agora eu num posso ficá de facilidade com todo mundo não... agora sou caseiro, sou como se fosse o dono de tudo aqui em nome do dono, respondo por tudo, por isso num pode deixá entrá qualquer um só por que foi vizinho, cresceu junto, num vou convidá só por conta disso não... eles qué vi pra bisbilhotá, vi visitá a casa aqui, tirá coco, pegá planta... essas coisa num pode né?... tomo de conta de tudo, sou responsave de tudinho, por isso num arredo o pé daqui pra canto nenhum... é por isso que eles fica com esse falatório, eles tem dô de cutuvelo" (Chico, 50 anos, caseiro, oriundo de Salinópolis).

> "Ela pensa que só porque é caseira dos barão é melhó do que nós... aqui ninguém é lambaio de ninguém cumo ela é lá pros barão... falsa que só ela, na frente é tudo, por de trás... só vendo cumo é pra acreditá, põe todos os dela na piscina... tira as fruta toda, a mãe dela e a irmã dela vende tapioquinha e cuscuz pros veranista, acho que por isso que tira todos os coco antes dos patrão dela chegá e diz que é a vizinhança" (Lurdes, 24 anos, barraqueira, oriunda de Salinópolis).

A mudança no direcionamento ocupacional dessa população trouxe modificações significativas para a estrutura sócioeconômica e cultural dos moradores da Prainha. Com a entrada aos serviços de caseiro, que são realizados individualmente ou por restritos participantes familiares, cada vez mais se individualizam as relações de trabalho, antes mais coletivas e mais participativas socialmente, como a roça, a pequena produção agrícola, a pesca etc. Com essa mudança, o mundo passa a ser "confinado" entre famílias nucleares, restrito às pessoas que trabalham como caseiros, em determinadas casas. Isto porque os trabalhos de caseiro circunscrevem-se nas casas em que eles tomam conta, em que só eles usufruem de ir e vir na propriedade.

Aos outros da vizinhança está vedada a entrada a não ser com o consentimento do seu respectivo caseiro, pois na ausência do patrão-veranista, são os caseiros os "donos" da casa. Essa situação distingue um vizinho que supostamente tem como sua a propriedade do veranista na qual presta serviço e sente-se responsável como caseiro e os outros vizinhos, por exemplo, que não são caseiros e portanto não usufruem de certas regalias. Essas regalias um tanto fictícias são suficientes para criar certos "melindres" (desavenças) entre a vizinhança que, em função do próprio tipo de trabalho como caseiro, particulariza e separa os indivíduos. As relações de

solidariedade tendem a diminuir frente ao tipo de ocupação que passa a atrair a maior parte dos moradores locais.

Observamos durante o trabalho de campo alguns casos de "melindres" entre famílias de ex-pescadores, que atualmente trabalham como caseiros para proprietários veranistas, casos que afastaram do convívio familiar membros da família, parentes, compadres, amigos e antigos companheiros de pesca. Para exemplificar esse fato, passamos a relatar um dos casos de desavença que ocorreu entre irmãos, envolvidos no trabalho de caseiro. Os dois irmãos deixaram de ser amigos e freqüentar os mesmos lugares juntos, como antes, por disputarem a vaga ao trabalho de caseiro do pai falecido; apenas um poderia ocupar o lugar de caseiro e ambos se consideravam herdeiros deste lugar - o que não foi escolhido pelo patrão-veranista para caseiro, considera-se injustiçado e não fala mais com o irmão, não freqüenta mais reuniões familiares e não participa mais de trabalhos em comum, embora mantenha relativa relação com o veranista, pois trabalha eventualmente em reformas na casa. Há outros casos de desavenças entre vizinhos, antigos companheiros de pesca e compadres, que se assemelham ao descrito, no que se refere à concorrência para o trabalho de caseiro.

O *status* que a atividade de caseiro proporciona, bem como o tipo de trabalho mais leve, menos perigoso e certo confronta com o trabalho de pesca, perigoso e incerto. O trabalho de caseiro, que com suas especificidades de trabalho particular oferece condições distintivas no bairro, está inversamente proporcional ao trabalho da pesca, realizado mais coletivamente gerando maior solidariedade entre os parceiros.

O conflito deste processo de mudança é observado no discurso de alguns dos mais velhos moradores locais, que ora privilegiam a pesca como um trabalho maior, autônomo, que identifica um grupo que se orgulha dele, ora negam o trabalho da pesca como capaz de garantir a sobrevivência familiar, frente à escassez do pescado e às próprias condições atuais de pescaria que são limitadas entre os pequenos pescadores da Prainha. Desta forma, constatamos que não há consenso entre os diversos depoimentos.

> "...Ah!... Eu sou pescador de coração... pesco desde os 13 ano de idade... já enfrentei muitas coisa... perigos grande... tenho marcas na cara e na mão que num deixa a gente pára, mesmo toda estrupiada... agora tá bom, antes a gente tinha que fazê de um tudo agora a gente

> compra... tem jeito pra tudinho... num tem abundânça mais não... a coisa tá preta... precisa ser home com agazão [‘h’ maiúsculo]... é preciso sabê vivê pra sê pescador... eu quero coisa melhor para os menino... mas maneiro... mas a pesca é bom ninguém manda na gente... é só sabê fazê que dá, eu num dô pra sê empregado de ninguém... esse negócio de zeladoria num dá pra mim não, não sou de receber orde...” (Adamor, 67 anos, pescador, oriundo de Santarém Novo).

> “O trabalho de caseiro é maneiro, só pega mais quando é feriadão e os barão ficam mais tempo por aqui, de resto, é tranqüilo... a gente limpa tudinho e depois é... fica quieto, a grana cai certo e ainda pode fazer outras coisas que qué... até o dia que eles (patrão/veranista) chegam de novo... Eu mesmo gosto de pescá, sair por aí a Deus dará, no encalço dos cardumes, sentir a brisa na cara e voltar quando chegar a hora, me entende? ... é muito mais trabalho, vai mais com a gente, vai mais com o homem...” (Raimundo 42 anos, pescador/caseiro, oriundo de Cuiarana).

Do mesmo modo, o desejo de viver livremente, de não receber ordem e não depender da vontade dos outros lembra, idealmente, o trabalho do pescador como um sonho e mostra uma certa insatisfação na relação com o veranista patrão:

> “O que eu gostaria mesmo era de poder comprar um barco bom e pescar mais longe... esse trabalho de ser mandado não dá comigo... eu gosto de ser dono do meu próprio eu, fazê o que bem entende... se o tempo é pra peixe, sai e vai pescar... fazê como quer... não tem de obedecê orde...”. (Jovenildo, 21 anos, pescador, oriundo da cidade de Salinópolis).

> “...é difícil declinar... a gente vem de berço, a gente é pescador de ‘gitinho’, de cueiro a gente já via o que é ser pescador, mas a gente num pode remar contra a maré... agora as vantage do trabalho com os veranista é boa e a gente tem que aproveitá as oportunidade” (Deocleciano, 58 anos, pescador/caseiro, oriundo de Salinópolis).

O trabalho de caseiro, embora lhes pareça mais “leve”, mais “rendoso”, e talvez uma forma de ascender socialmente, não é um trabalho pelo qual se identificam. Fazem-no mais como uma “boa alternativa” para viver e melhorar de vida.

Entre os entrevistados, tanto entre os que pescam quanto os que não pescam mais e já estão de algum modo incorporados em serviços eventuais para o veraneio e/ou trabalham mais diretamente como caseiros, grande parte declarou que o trabalho de caseiro é melhor do que o trabalho da pesca, especialmente, no que se refere à garantia da renda no final do mês e ao fato de proporcionar moradia de graça, essencialmente, entre os que moram na casa em que trabalham como caseiros. São estas “regalias” que o tipo de trabalho proporciona que os atrai, como eles próprios dizem.

Tanto entre os homens quanto entre as mulheres não se observou, durante a pesquisa, maior entusiasmo pelo tipo de trabalho desempenhado enquanto caseiro(a). O trabalho de caseiro, em si, não apresenta nenhum razão de orgulho e satisfação pessoal, como pode ser observado quando falam da pesca, por exemplo.

> "Sabe mesmo de uma coisa? Eu sou mesmo é pescador de profissão... me sinto mesmo pescador... Esse trabalho de zeladoria a gente faz mais por fazê... né? [o trabalho de caseiro] é melhor por uma parte, é meio mais garantido... mas a senhora vivê preocupado com as coisa dos outro, valha-me Nossa Senhora!... E ainda vivê muitas vez sob suspeita de qualquer coisa ... num é comigo não. O ser caseiro é vivê cum a corda no pescoço... ali, de guarda... Pescá não, é sastifação, se a gente faz uma boa pescaria chega em casa sastifeito... é uma coisa da gente... por isso num deixo de pescá... isso não... Agora ninguém é besta de desperdiçar as oportunidade... Com esses casario, com a dinheirama que vem com os veranista, aí a gente tem que se virá...". (Raimundo, 58 anos, caseiro, oriundo de Salinópolis).

No afã de ganhar um trocado a mais, alguns moradores locais em período de temporada, mudam-se com suas famílias para a casa de parentes próximos e/ou para pequenos compartimentos construídos às pressas e sem infra-estrutura doméstica, em pontos menos favorecidos da cidade, alugando suas casas para os veranistas. Estas casas, muitas vezes se transformam em casas de aluguel e estes "pontos" acabam se tornando novas residências, e vão se ampliando os bairros residenciais muitas vezes em lugares insalubres.

Esta "mudança" temporária de residência em função do veraneio, entre os moradores mais abastados, tem sido cada vez mais freqüente nas férias e, tem estimulado na melhoria de suas próprias casas, modificando-as e adaptando-as ao gosto do veranista, pois assim garantem o aluguel e uma renda familiar maior.

Por outro lado, além do trabalho de caseiro, a possibilidade de ampliar a renda mensal estimula o trabalho volante nos períodos de veraneio, quando todos os moradores locais buscam um "servicinho" a mais: um "biscate", um "quebra galho"; qualquer coisa para aumentar o ganho da família, aproveitando as oportunidades que aparecem, usando as expressões locais.

3.4 TRABALHO INFORMAL E EVENTUAL: OS VENDEDORES AMBULANTES

Os trabalhadores informais e eventuais são todos aqueles que, em sua maioria, sem uma especialização de trabalho, realizam diversos tipos de atividades voltadas para o comércio do veraneio. São pequenos comerciantes, vendedores ambulantes, mão-de-obra volante que é temporariamente utilizada a serviço da vida balnear.

São freqüentemente desqualificados profissionalmente, sem escolaridade, subempregados e quase sempre disponíveis. São carregadores de água[19], vendedores de iguarias e frutas regionais, bebidas e tudo o mais de consumo dos veranistas. Alguns montam "carrinho" – carro-de-mão adaptado para a venda ambulante de tacacá; outros vendem em barraquinhas montadas no mercado ou em pontos estratégicos, ou mesmo a domicílio, tapioquinha, cuscuz, que diariamente são procurados pelos veranistas, coco-da-bahia e bebidas industrializadas como refrigerantes, cervejas etc. Há também produção caseira de doces regionais, sorvetes e pães fabricados pelos moradores locais e, igualmente, vendidos aos veranistas. Por outro lado, já há venda de docinhos e salgadinhos que exigem maior elaboração no preparo e ingredientes, como por exemplo, açúcar cristal, leite condensado, produzidos e introduzidos pelo pessoal da cidade e que são também vendidos aos veranistas pelos vendedores ambulantes.

São vendedores ambulantes nas ruas, nas praças, nas praias que trabalham sem horário fixo, sem pagamento de impostos e alvarás. Ganham o quanto trabalham. São trabalhadores autônomos – mandam na sua força de trabalho, por isso mesmo seu trabalho não tem preço fixo. Não mantêm relações empregatícias e nem têm assegurado nenhum direito trabalhista. Podem com um único dia de trabalho "faturar" para a semana inteira. Trabalhar por um mês de férias e garantir o semestre até as próximas férias. É um trabalho que conta com a sorte, com o próprio empenho e habilidade para conseguir as coisas e aproveitar as oportunidades que aparecem.

[19] O trabalho de "carregador de água" citado por alguns dos entrevistados (cinco homens), que ainda complementam a renda familiar carregando água potável da Fonte do Caranã, para o consumo dos veranistas nos períodos de alta temporada, é uma das atividades mais antigas voltadas para o veraneio e que gradativamente vai entrando em esquecimento em função da melhoria no sistema de distribuição de água pela Companhia de Saneamento do Pará (COSANPA) e pela comercialização de água mineral engarrafada de outras regiões.

É um ramo de negócios informal que está crescendo e cada vez mais atrai novos adeptos, pois não necessita de grande investimento e capital, assim como não exige maior escolaridade e nível de informação. Por essas razões e com o crescimento no movimento do balneário a solicitação por serviços, dos mais variados, tem atraído tanto jovens sem ocupação e definição de profissão quanto os mais velhos, que largam ou procuram conciliar suas antigas profissões (pesca) com os biscates nas temporadas de veraneio, nas férias escolares e feriados prolongados.

Os serviços voltados para o veraneio são, como os moradores da Prainha consideram, de rendimento "quase que imediato" e de "lucro praticamente certo", pois não são descartadas as possibilidades do mercado oferecer variações. Por conseguinte, são um grande incentivo à vinda de pessoas de outras regiões do interior em busca de um "bico", de algum trabalho que os impulsione a crescer nestas temporadas.

Além da cidade receber grande número de veranistas e turistas nos períodos de alta estação, recebe gente do interior, que cada vez mais procura uma alternativa para ganhar dinheiro. Desse modo, é freqüente a presença de familiares do interior que se hospedam nas casas dos moradores locais. Há famílias que chegam a receber quatro ou cinco parentes e/ou agregados por temporada, que buscam uma alternativa de trabalho.

> "A gente vai conforme a maré... hoje a maré num está pra pescadô que nem nós... aí a gente pesca outros... procura outra freguesia, entende, uma outra coisa que nos valha, entende... trabalha como ambulante, vende pros turista que é o que está dando com essas condição.... trabalha de caseiro para os veranista e assim vai, conforme a maré que se apresenta pra nós... "hoje em dia um pescadô num vive só de pescá peixe não" (Chico, 65 anos, pescador, oriundo de Salinópolis).

> "Deixei a pesca por uns tempos... abri esta vendinha e estou por aqui num sei até quando... vou vivendo mais ou menos, abro e fecho quando posso, trabalho quanto posso, né? Fico mais sossegado... tomo conta do que é meu, que me vem a calhar, né? Num dependo de nada" (Memem, 58 anos, ex-pescador/comerciante, oriundo da Marieta).

Frente ao exposto, observamos que se desenvolve na cidade como um todo e na sua periferia, como é o caso do bairro da Prainha, à margem das atividades propriamente urbanas, um

"setor informal"[20] não moderno de artesanato e de serviços eventuais[21], que são empregos autônomos baseados quase que exclusivamente no trabalho sem uso de capital fixo ou financeiro de baixa produtividade e rentabilidade.

A maior parte desses empregos são relacionados com a construção civil, a venda de mercadorias, as atividades artesanais e, especialmente os serviços pessoais voltados para o veraneio. No caso da construção, são "carpinteiros", "marceneiros", "pintores", "pedreiros" e/ou ajudantes de pedreiro e serventes nas construções e reformas das casas de veraneio, sem qualificação nem garantia real de trabalho, ocupados em serviços eventuais. Quando são assalariados, não gozam de nenhum vínculo com o empregador, não possuem carteira de trabalho, não têm, portanto, acesso à Previdência Social e aos benefícios correspondentes. No setor do comércio, trata-se geralmente de pequenas vendas sem capital nem estoque, produtos para a subsistência não ou pouco industrializados: alimentação (café, sal, açúcar, cachaça etc.); alguns apetrechos de pesca (linha de náilon, agulha, anzol etc.); produtos de higiene pessoal e de casa, além de querosene, fósforo, velas, pilhas. As ocupações artesanais dizem respeito, principalmente, ao vestuário (costureira, alfaiate, sapateiro), ao mobiliário (carpinteiro), ao pesqueiro (confecção e/ou reparos em redes de pescar, remos, barcos). Recentemente, o comércio de artesanatos local, tem estimulado novos talentos artísticos e tem crescido o número de artigos colocados à venda[22].

Os dados apresentados no início deste capítulo representam uma amostragem bastante significativa do processo de mudança nas relações de trabalho e, embora longe de serem

[20] O termo "setor informal" foi cunhado pela Organização Internacional do Trabalho em 1972, designando o número de trabalhadores pobres, ocupados em produzir bens e serviços sem que suas atividades estivessem reconhecidas, registradas ou regulamentadas pelas autoridades públicas. Ver: Jakobsen, Kejeld & Martins, Renato (1996).

[21] A análise da mudança nas relações de trabalho e a vida sócio-econômica do bairro da Prainha tem inspiração no "baixo terciário" (Hebette & Acevedo, 1979, p.130): "O 'baixo terceário', que são serviços autônomos baseados quase que exclusivamente no trabalho sem uso de capital fixo e financeiro de baixa produtividade e rentabilidade são voltados estruturalmente, mas a título diverso, para a freguesia suburbana e rural por um lado e para a freguesia urbana, por outro lado. Ele atende provisoriamente à população urbana numa fase de transição, ate que se organizem, com base capitalista e empresarial, atendimentos próprios, de qualidade superior à altura das expectativas de uma classe média em crescimento; o que subsiste são os trabalhos de casa (empregada doméstica)... É essa população que sustenta, afinal, seu próprio terceário e que lhe garante a permanência: do mesmo modo que ela se reproduz a um nível constante de pobreza, ela gera e continua a reproduzir seus próprios serviços".

[22] Há uma associação local de artistas e artesãos, que expõe à venda seus trabalhos no lugar onde funcionava o antigo terminal rodoviário da cidade- em frente ao farol. Esse lugar também funciona como oficina de arte. Em grande

definitivos, sugerem que há possibilidade dessa tendência aumentar, no sentido de novas dissidências dos trabalhos tradicionais (pesca/agricultura) para os serviços voltados para o veraneio e/ou balneário. O destino ocupacional destas pessoas é esclarecedor, pelo menos em sua grande maioria, pois entre os pescadores que cada vez mais se envolvem com os trabalhos do veraneio: há dois pequenos comerciantes, do qual se falou acima, sem capital nem estoque - os casos encontrados estão ligados à marretagem pesqueira; 13 são vendedores ambulantes, barraqueiros; seis entram na construção civil como pedreiros, carpinteiros ou serventes. Todos, de algum modo, prestam serviços pessoais como caseiros: lavam, cozinham e fazem alguns reparos na casa, para os veranistas e eventualmente também pescam.

Com esses dados é possível considerar alguns aspectos: primeiro, que os pescadores lavradores moradores do bairro da Prainha, com exceção de alguns poucos, ingressaram em atividades não especializadas e/ou qualificadas. Deixam uma certa qualificação pesqueira ou agrícola adquirida na própria prática familiar, para improvisarem ocupações que, em sua grande maioria, não absorvem essa competência. Nesse contexto é natural que boa parte dos empregos por eles adotados sejam eventuais e voltadas para o veraneio e para o comércio com o balneário, a exemplo das vendas de iguarias regionais e ou de bebidas, artesanatos etc; e do comércio com o bairro através de mercearia e pequenas vendas, representando uma ocupação particularmente adequada à condição de ex-pescador/agricultor e à condição do lugar que, a cada dia, se volta mais para a vida do turismo balnear. Nessas ocupações, de certo modo, estaria preservada a autonomia e este seria o maior atrativo. Segundo, fora do comércio, as atividades desempenhadas se referem aos serviços pessoais como caseiros que, embora proporcionem certas “regalias” pelo tipo e lugar de trabalho, mantêm relativa dependência com o patrão/veranista.

Indiscutivelmente, a mudança nas relações de trabalho, nos moldes como está ocorrendo, não é benéfica nem do ponto de vista individual, econômico, nem do ponto de vista social e, portanto, postula a busca de outras soluções.

---

maioria, o artesanato exposto à venda consiste em objetos confeccionados com artigos naturais, essencialmente do mar, da praia e do mangue (conchas, moluscos, pedras, troncos etc.).

CAPÍTULO 4 - ORGANIZAÇÃO SOCIAL

> "E assim escondo-me atrás da porta, para que a realidade, quando entra, me não veja. Escondo-me debaixo da mesa, donde subitamente prego sustos à possibilidade. De modo que desligo de mim, como aos dois braços de um amplexo, os dois grandes tédios que me apertam – o tédio de poder viver só o Real, e o tédio de poder conceber só possível". (Viagem nunca feita II - Fernando Pessoa)

4.1. OS MORADORES DA PRAINHA

O número total de moradores da Prainha é de 938 habitantes[1], número bastante considerável, entretanto ainda é um bairro que apresenta um grupo social homogêneo, de pescadores artesanais e que recentemente estão incorporando novas formas de trabalho voltadas para a presença balnear. Atualmente a composição populacional do bairro da Prainha caracteriza-se pelo elevado número de crianças e adolescentes – pessoas entre as faixas etárias de 04 a 19 anos.

Os moradores do bairro da Prainha são essencialmente pescadores e pequenos produtores rurais, oriundos do interior do município de Salinópolis e de outras regiões vizinhas (Tabela 3 e 4) – Ver Mapa do Processo Migratório de Salinópolis.

---

[1]Dados de Pesquisa em dezembro de 1999, realizada pela Prefeitura Municipal de Salinópolis.

TABELA 3 – Municípios de Origem dos Chefes dos GD's Moradores do Bairro da Prainha (1999-2000)

Município	**Número de Moradores**
Augusto Corrêa	1
Bragança	6
Capanema	3
Curuçá	2
Maracanã	6
Marituba	1
Pirabas	4
Salinópolis	25
Outros Estados	2
TOTAL	**50**

Fonte: Trabalho de Campo, 1999/2000

TABELA 4 – Localidades dos Municípios de onde migraram os Chefes dos Grupos Domésticos Moradores do Bairro da Prainha (1999-2000)

Origem	**Número de Moradores**
Ajuruteua ** (Bragança)	1
Augusto Corrêa***	1
Bragança (cidade)	1
Capanema	3
Castanhal**	2
Coremas (Salinópilis)	3
Cuiarana (Salinópilis)	4
Curuçá	2
Derrubadinho (Salinópilis)	2
Fortaleza (Ceará)	1
Igarapé-Açu** (Bragança)	1
Imperatriz (Maranhão)	1
Iraquara (Salinópilis)	2
Maracanã	4
Marituba	1
Marudá	1
Motta* (Maracanã)	2
Pirabas	4
Prata	3
Salinópolis (fora do bairro da Prainha)	2
Salinópolis (do bairro da Prainha)	2
Santo Antonio do Urindêua	2
São Bento	4
Sasua	1
TOTAL	**50**

Fonte: Trabalho de Campo, 1999/2000

* Motta pertence à jurisdição de Maracanã, mas seus moradores se consideram pertencentes a Salinópolis.
** Ajuruteua, Castanhal e Igarapé-Açu encontram-se na Zona Bragantina, mas os moradores dessas localidades não são chamados bragantinos.
***Augusto Corrêa é município desmembrado de Bragança.

Processo Imigratório de Salinópolis;
Municípios de origem dos chefes dos grupos domésticos estudados
OCEANO ATLÂNTICO
SALINÓPOLIS
SÃO CAETANO DE ODIVELAS
CURUÇA
MARAPANIM
MAGALHÃES BARATA
MARACANÃ
SÃO JOÃO DE PIRABAS
VIGIA
SÃO JOÃO DA PONTA
QUATIPURU
SANTARÉM NOVO
PRIMAVERA
COLARES
TERRA ALTA
BRAGANÇA
AUGUSTO CORRÊA
STO. ANTÔNIO DO TAUÁ
IGARAPÉAÇU
PEIXE-BOI
CAPANEMA
VISEU
STA. BÁRBARA
SÃO FRANCISCO DO PARÁ
NOVA TIMBOTEUA
STA. ISABEL DO PARÁ
CASTANHAL
BONITO
STA. LÚZIA DO PARÁ
ANANINDEUA
BENEVIDES
INHANGAPI
STA. MARIA DO PARÁ
SÃO MIGUEL DO GUAMÁ
OURÉM
CACHOEIRA DO PIRIÁ
PA-391
PA-140
PA-136
PA-242
PA-395
PA-324
PA-446
PA-112
PA-106
BR-316
PA-427
PA-127
BR-010
PA-124
PA-252
LEGENDA
Capital do Estado
Municípios da Costa Atlântica Paraense
Limites Municipais
Drenagem
Municípios de origem dos chefes de Grupos Domésticos estudados
Escala
0
20
40
60KM

Atraídos pela possibilidade de "melhorar de vida"[2], muitos dos atuais moradores da Prainha, deixaram suas casas e sítios em diversas localidades do interior do município, para morar na sede balnear, em busca de trabalho, escola, melhores condições de saúde, enfim, uma oportunidade de melhorar a vida da família[3]. Os mesmos ideais, de "subir na vida" ou "melhorar de vida", que anos atrás impulsionaram a mudança do sítio para a cidade, também estimularam estes moradores já instalados em outros bairros da cidade, a venderem suas casas para os veranistas e turistas que passaram a freqüentar a região. Acreditavam que com o dinheiro da venda poderiam favorecer a vida da família, poderiam comprar nova casa em outro lugar mais acessível e aumentar as condições de pesca.

Os moradores do bairro apresentam certos elementos da cultura e da vida tradicional que lhes proporciona um modo de vida peculiar e distinto de outras regiões da cidade, ainda marcado por uma rede de relações de solidariedade e afinidade que congregam a vizinhança em torno de si mesma.

Hábitos e costumes tradicionais persistem nas mais variadas condições e situações do cotidiano, seja pelo precário estado econômico em que vive a maior parte da população, seja como uma forma de resistência cultural, a população local mantém certo estilo de vida, identificado pela vida simples e pacata, ligada e dependente da natureza e quase sem recursos tecnológicos ou o "conforto" da vida moderna, que lembra a convivência com os antepassados. Um ritmo que lembra a vida no sítio, nas vilas e povoados tradicionais[4].

---

[2] Estudos sobre migração rural no Brasil já apontam a tentativa de "melhorar de vida", isto é, de restabelecer, em nível mais alto, o equilíbrio entre as necessidades socialmente definidas e a remuneração do trabalho, como razão de migração para o trabalhador rural (Durham, 1984).

[3] Entre os entrevistados, 19 migraram para a cidade de Salinópolis em função de buscar melhor condição de trabalho e escolaridade para os filhos; cinco, em função de melhor recurso de saúde. Entre os que migraram, 20 expressaram que escolheram a cidade de Salinópolis e o bairro da Prainha porque mantinham uma certa ligação com parentes e afins já instalados na cidade ou no bairro.

[4] Vários trabalhos com sociedades tradicionais ou do interior mostram um certo ritmo marcado pelo contato mais direto e dependente da Natureza. Ver: Galvão (1959-1976); Wagley (1977); Brandão (1981-1986-1994); Descola (1989); Amoroso (1996).

Nos dias atuais, embora poucos moradores do bairro mantenham roça e pequena lavoura em sítios próximos, o seu cotidiano ainda lembra a vida rural, marcada pela solidariedade nas relações de trabalho centrada na pesca e nas relações entre a vizinhança.

> "Aqui a gente vive entre parente. Aqui é tudo companheiro antigo de pesca, a maioria é cumpadre, é aparentado, trabalha junto. Nosso mundinho é esse – aqui a gente vai vivendo. O peixe num falta na mesa de nenhum pobre. Aqui ninguém passa fome. Aqui a maioria é comparsa da vida de pescá" (Chico, 66 anos, pescador, oriundo de Cuiarana).

> "Nós vivemo aqui porque a nossa família e os nossos parente também vive aqui. A gente já num pesca, não demo continuidade ao ofício dos nossos pais e avós pescadores. A gente está noutro ramo mas continua ligado de um modo ou doutro com os pescadores daqui. Tem alguns parentes que ainda pescam... A gente comerceia, esta nossa vendinha assisti a muita gente do bairro, do pão ao querosene... tem gente que num paga no dinheiro mas paga com prestação de produto, é peixe, é marisco... conforme o caso que interessá" (Mendes, 58 anos, comerciante, oriundo da Derrubada).

No comércio predominam as transações monetárias, entretanto, a troca entre produtos é bastante freqüente entre os regionais. É comum entre os moradores do bairro da Prainha um certo escambo. Produtos do mar e do interior como frutas regionais, farinha de mandioca e derivados (beiju, polvilho, goma etc.) são vendidos e muitas vezes trocados em pequenas casas comerciais e nas feiras populares nos finais de semana (manhãs de sábado e domingo)[5]. É igualmente comum que nestas feiras, junto com frutos e iguarias fabricadas e vindas do Interior, também se encontrem remédios caseiros, raízes, óleos, paus, folhas etc., que são largamente utilizados e não encontrados com facilidade. Desta forma, os moradores da Prainha mantêm conexões com o interior no que se refere à produção econômica e, ainda conservam um intercâmbio alimentar, favorecendo a uma certa dieta que, provavelmente, se reflete no estado de saúde e de longevidade destes moradores, no próximo capítulo melhor apresentada.

[5] Atualmente há dois pólos comerciais na cidade: o comércio que se faz no Porto Grande, visivelmente mais intenso com a presença de várias casas comerciais, do mercado municipal e da feira livre, onde os pescadores chegam das suas pescarias, pesam o peixe e colocam-no para comercialização; e o comércio que se faz no "Terminalzinho" que, mais recentemente, tem cumprido esta função em virtude do crescimento da cidade em direção oposta ao centro da cidade.

> "Do sítio a gente traz farinha, beiju, curadá e uma porção de coisa que a gente produz por lá; Quando é tempo, também a gente traz fruta... aquelas que a gente num encontra mais por aqui, as do mato: taperebá do sertão, cajarana, ingá, buriti, taperoba, caju e mais alguma que num me lembro. Às vez a gente até vende para os barão que vêm veraneá" (Ana, 58 anos, dona de casa, oriunda de Água Boa).

Em função do veraneio, do consumo de certos produtos apreciados pelos veranistas, os produtos do "sítio" - como a população local se refere aos produtos vindos do interior - tendem a diminuir em função da demanda dos veranistas por outros produtos. A produção passa a privilegiar o mercado para os consumidores veranistas. Por essa razão, os produtos vendidos nas feiras se diversificam. Alguns produtos passam a ser freqüentes e outros nem sempre, em virtude da possibilidade de comercialização mais rentável com os veranistas. Observa-se que certos frutos e iguarias presentes normalmente nestas feiras, quando no veraneio[6], somem, dando lugar aos de preferência e comercialização na estação balnear, a exemplo das frutas: maça, pêra, melão, morango; dos legumes e verduras variados: couve-flor, espinafre, repolho, tomate etc.

> "Quando é tempo de veraneio é tudo uma caristia, se encontra muita coisa mas tudo é do gosto do turista, só tem coisa pros veranista comprá. O que é bom mesmo, o que é da gente fica mais vasqueiro, acaba rápido. Os vendedô investe mais no que vende pro veranista, num gasta tempo com as coisa que só o pessoal daqui vai apreciá" (Manoela, 58 anos, marisqueira, oriunda de Santa Rosa).

> "Em época de veraneio, nem adianta procurar certas coisas na feira. Só se encomendar para o pessoal trazê. Nestes períodos a feira se volta para a venda com os veranista, dá mais lucro, é por isso" (Maria José, 44 anos, professora primária, oriunda de Salinópolis).

Observamos que a despeito do movimento em outras áreas da cidade, em função da vida balnear em que há casas de veranistas, a vida dos moradores no bairro da Prainha é pacata, pois não há outro movimento senão o dos próprios moradores locais.

---

[6] Como já referimos anteriormente, o período de veraneio mais cobiçado é durante o mês de julho, que coincide com as férias escolares e com o período de sol mais intenso na região. O período das festas de final de ano só mais recentemente tem atraído os veranistas para as comemorações ocorridas na praia, é período de muitas chuvas.

A chegada dos pescadores do mar, com o pescado, é que sempre faz maior movimento, junto com as crianças que acompanham os pescadores pelas ruas até chegarem em casa. A vizinhança sempre quer saber e ver, através da quantidade do peixe capturado, como foi a pesca. As crianças são os primeiros informantes, pois acompanham o pescador desde o desembarque, numa espécie de brincadeira, correndo na rua à sua frente e, de certa maneira, anunciando a chegada dos pescadores, e conversando e sabendo dos feitos da pesca, informam aos moradores locais.

Normalmente, essas crianças ainda não foram à escola e vivem nas brincadeiras no bairro, numa espécie de socialização informal – se inteirando do cotidiano e da vida no bairro. Todos esperam a refeição, chamada de "bóia", que é trazida por eles, pescadores. Aí é que sai a refeição principal. Antes, o que possam ter comido é considerado apenas como merenda não importa a quantidade consumida. Deste modo, há sempre uma grande refeição que é partilhada por todos de casa, normalmente com o peixe trazido pelo "pai de família", o homem da casa.

Tradicionalmente, parte do tempo é compartilhado com o trabalho da pesca, parte com a vida doméstica familiar. É um ritmo de vida diferente em que o descanso é tão importante quanto o próprio trabalho. A sesta depois do almoço é tão importante que ninguém quer ser procurado nesse momento, marcando sempre os compromissos para "mais pra tarde", na "boca da noite", quando o "sol esfriar".

Os pescadores mais velhos, dizem que um bom descanso garante o sucesso do trabalho. As conversas soltas e o espreguiçar na rede ajudam o pescador a pensar na próxima pescaria. Consideram que conversar com os companheiros, numa conversa "solta" sempre ajuda nas informações necessárias para obter melhor êxito na pescaria e, portanto, fazem parte da empreita pesqueira.

As conversas com a vizinhança, de certo modo, preparam a vida do dia seguinte tanto entre os homens quanto entre as mulheres do bairro: as mulheres atualizando os assuntos com as "comadres", trocando receitas (preparos de alimentos ou remédios), plantas e até "mexericos" como assuntos da vida alheia; os homens, contando "causos" ou acontecimentos da pesca, "bebendo um trago" no boteco da esquina, conversando, preparam-

se para a próxima pescaria, "jogando verde para colher madura", no linguajar local. São conversas previamente pensadas que buscam informações importantes e que, aparentemente sem interesse, registram detalhes que beneficiarão ao observador mais atento, como por exemplo, dicas de pesqueiros e de cardumes.

Nos momentos em que se reúnem trocando informações, estão atualizando as notícias da vizinhança e preparando a pesca do dia seguinte: costurando ou remendando uma rede (no que as mulheres também participam), preparando as iscas e os apetrechos de pesca etc. São formas de sociabilidade que garante a vizinhança, são redes sociais que também estão sendo tecidas.

O "trabalho à toa" realizado pelos pescadores quando se preparam para a pesca do dia seguinte e pelas suas mulheres quando também trocam ou jogam "conversa fora" podem ser pensados como redes que metaforicamente tecem a própria vida do bairro (Beck, 1989)[7].

Como tradicionalmente apresentavam certa autonomia no exercício da pesca artesanal e da pequena agricultura, acostumados em comandar a própria rotina de trabalho e da vida em função da natureza, os moradores do bairro da Prainha têm um ritmo próprio e que ainda se expressa no seu cotidiano[8].

Tal modo de vida, pouco compreendido pelos veranistas, é considerado como indolência, preguiça, vagabundagem e atribuição que justifica a condição precária dos moradores locais, nos discursos inapropriados de alguns.

O ritmo próprio do bairro torna-se completamente diferente durante os feriados, quando a presença dos veranistas na cidade atrai a população local em busca de uma

---

[7] Anamaria Beck faz uma analogia entre a rede e a renda, simbolizando o masculino e o feminino no trabalho "Pertence à mulher: mulher e trabalho em comunidades pesqueiras do litoral de Santa Catarina". Seu trabalho inspirou-nos pensar que "o trabalho à toa" realizado pelos pescadores quando se preparam para a pesca do dia seguinte e das mulheres quando também jogam "conversa fora" podem ser pensados como as rendas que as mulheres de Beck (1989) teciam: rendas que tecem metaforicamente a própria vida.

[8] Mais adiante teremos oportunidade de discutir um pouco mais a questão do tempo (natural e disciplinado pelo processo de urbanização).

atividade rentável. E vem se modificando com o crescimento urbano e o processo de mudança sociocultural estimulado em grande parte pelo balneário, no qual se constituiu o lugar. Quanto às relações de trabalho, como já foi visto, o implemento da vida balnear contribuiu para a diversificação e direcionamento de serviços voltados para o veraneio.

Os jovens e adolescentes são os que mais estão envolvidos com esta mudança não apenas no que se refere ao direcionamento para os serviços com os veranistas, mas também e especialmente com a mudança e entrada de novos valores. São os jovens que normalmente se sentem atraídos pelas novidades que os veranistas trazem em suas "bagagens". São eles que acompanham os programas da televisão e passam horas em frente ao aparelho, por exemplo, além dos jogos eletrônicos e uma parafernália de outros tipos de entretenimento que distanciam os jovens da sua realidade familiar. E, mesmo que os adultos e os mais velhos muitas vezes se ressintam, participam ativamente deste processo de "consumo urbano", com a aquisição de aparelhos eletrodomésticos sofisticados e de elevado custo para o poder aquisitivo familiar.

Não há, por exemplo, interesse pela pesca entre os mais jovens e isso tem contribuído para conflitos pessoais e de identidade, pois se por um lado não são estimulados ao trabalho da pesca pelos pais que almejam um futuro melhor para seus filhos, os jovens, preterindo a pesca, negam a origem pesqueira e a identidade de pescador que os une à família e vizinhança. Em uma área tradicionalmente pesqueira, que não apresenta muitas outras oportunidades de sobrevivência, esta negação proporciona problemas.

Da mesma forma, os jovens não se interessam pelas "coisas do lugar": a música, a dança, artefatos e iguarias regionais tradicionais estão sendo esquecidas entre os mais jovens que "imitam" desde o linguajar até a vestimenta dos veranistas e turistas que freqüentam a região. Desta feita, um novo modo de vida, com valores e comportamentos distintos passam a fazer parte do lugar, especialmente quando é época de férias e de feriados prolongados, em que a cidade se enche de veranistas, especialmente entre os jovens.

> "Não tenho nada a ver com esse lugar... se eu pudesse iria pra Belém, continuar meus estudos, trabalhar. Não tenho nada a ver com pesca e esses caras daqui... Se voltasse pra cá, era pra montar um cursinho de vestibular... Eu vivo entre pescadores, meu pai, meu tio, meu avô, são pescadores mas eu não fui instruído a pescar. Desde pequeno fui pra

> escola, passei a gostar de outras coisas e a querer melhorar as coisas do bairro através da pastoral mas é muito difícil, aqui nós não temos o que oferecer de melhor para os jovens que acabaram o segundo grau e que não estão ligados à pesca e a outros trabalhos pesados" (Nazildo, 20 anos, estudante do 2º grau, oriundo de Salinópolis).

O modo de vida mais ligado com as coisas da natureza, com a pesca artesanal e a coleta, contrapõe-se à vida urbana dentro da qual estão inseridos. O mundo da pesca, coleta de mariscos, utilização de plantas medicinais e outros procedimentos da vida particular confrontam-se com o mundo de fora, do mercado, da compra e venda, da escola, do trabalho rotineiro nas poucas instituições públicas e da relação patrão x empregado. O mundo familiar com o seu ritmo próprio contrasta com o urbano, dos aparelhamentos e peculiaridades da cidade com seus horários e estilos de conviver diferentes.

4.2. UM MUNDO "DA CASA E DAS GENTES"

As mulheres, em particular, atraíram esta observação, uma vez que elas ocupam um lugar limítrofe entre o "mundo de fora" e o "mundo de dentro". Este, representado pela vida familiar, circunscrita às preocupações e afazeres domésticos: à preparação de alimentos, na roça ou pequena produção, cultivo e manutenção de uma medicina caseira, através do saber tradicional muitas vezes relembrado no transcurso da busca pela manutenção da vida familiar e aquele representado pela vida urbana, da rua, do bairro.

É surpreendente o quanto conhecem e utilizam práticas e costumes que incorporam recursos da natureza no seu dia-a-dia, não só por razões econômicas, mas por fazerem parte do seu mundo cognitivo. Não é possível dizer se os homens ou se as mulheres guardam maior ou menor conhecimento com as coisas da natureza. Entretanto, é possível considerar, *a priori*, que são diferentes em suas abordagens: o "pedacinho" que está ligado às coisas da natureza para utilização no âmbito doméstico é de cognição feminina; aquele que está voltado para a construção e o uso no trabalho da pesca, por exemplo, pertence, mais especialmente, ao sistema cognitivo masculino. Assim, de certa maneira, os domínios feminino e masculino são tratados desde o seu campo de conhecimento e relacionamento

com as coisas da natureza. Os homens ignoram pouco mais ou menos toda a vida íntima das plantas medicinais, assim como as mulheres desconhecem as coisas relativas ao mar.

Reconhecem e identificam detalhes. Cada parte da natureza tem nome, que individualiza cada pedacinho do chão, cada parte do Universo. As árvores e as plantas, de um modo geral, são identificadas não apenas pelos frutos e benefícios que proporcionam, mas também pela relação que eles têm com os mesmos, cada "coisa" tem uma particularidade. Falam dos vizinhos, dos moradores de um modo geral, quem eram e como eram ou quem são e como são, com muita familiaridade; sabem quando chegaram e se vão para o mar pescar, sabem e dão conta da vida do lugar. Sabem quem tem roça, a produção de cada um, em que terra está, em que sistema foi feita e quais as possibilidades de boa colheita, de acordo não só com os sinais do tempo, mas também com a relação "cuidado-afeto-condição".

Os pescadores entre si e seus familiares, todos são reconhecidos, não só pelo seus nomes, mas também pelas suas histórias que juntaram, muitas vezes, a vida e a morte de inúmeros homens. São reconhecidos por feitos, coragem, camaradagens, mas também o podem ser pelo oposto. Alguns são conhecidos por serem filhos de alguém com certas qualidades, admiráveis ou não, e dependendo destas, podem ser benquistos, relacionados ou não**.** Também são reconhecidos pelos apelidos que, freqüentemente, estão associados ao biótipo - as características pessoais: anomalia, trejeito e/ou pelo nome de família dos padrinhos, usualmente denotando proximidade ou , ao contrário, uma forma pejorativa de ressaltar o parentesco ou nuances de posição social: "cabeção" , como se conhece um trabalhador braçal que apresenta maior dimensão craniana; "bandeirado" (espécie de peixe regional) como se identifica um pescador; "papa-mingau", como se conhece um apreciador de mingau (come mingau) "Bosquinho", como se reconhece um apadrinhado do Sr. Bosco (pessoa mais abastada) etc. [9]

[9] Em Agier (1998) encontramos referências sobre os apelidos como códigos que denotam uma certa ordem relacional, conforme o caso, os laços, a linguagem ou os valores das relações familiais, inspirando nossas reflexões adiante, melhor desenvolvidas.

Contar das gentes, da vida, da vizinhança e das pessoas do lugar é tão rico em detalhes e interessante como contar das coisas da natureza, das malinezas, dos encantados[10] , do saber e do convívio com as coisas da natureza. A vida ou a morte estão sempre cheias de explicações que envolvem aspectos da Natureza.

Da terapêutica que leva desde folhas, frutos, raízes e óleos (vegetais e animais), incorporados pelo poder do "tempo" que controla as condições de uso (Sereno, Luas, Sol a pino - ou "forte do meio-dia" etc.), até ao tratamento dos rezadores, benzedeiras e pajés podemos observar quanto estão interligados a compreensão do homem com a Natureza (Ver Apêndice IV –Recursos da natureza largamente utilizados na região).

Por outro lado, as coisas da natureza também são cobertas de histórias além de fazerem parte da História. O mar e o rio são, ambos, lugares de trabalho e lazer, muitos os têm como meio de sustento e sobrevivência. A pesca é, ao mesmo tempo, fonte de renda e de convivência social e, às vezes, lúdica também.

Embora a pesca seja uma atividade essencialmente masculina e, por portaria oficial, ser proibida para crianças em idade escolar, é freqüente que a família saia para pescar. Fazem "rancho" – que são pequenos acampamentos temporários construídos nas praias ou nas regiões piscosas, nos pesqueiros - as mulheres normalmente ficam com os filhos menores nestes pequenos ranchos, enquanto o marido vai para alto mar pescar e depois retorna para juntos prepararem o peixe na brasa e, em condições mais simples, passarem alguns dias até retornarem à cidade. A mulher salga os peixes, ali mesmo na praia, para conservá-los e levá-los em maior quantidade para casa.

Por outro lado, o rio é o caminho para se chegar a muitos lugares, é a estrada que leva aos parentes que estão no interior, nos sítios e, também, é lugar para "um banho"[11].A praia, que antes era lugar das redes de pescaria, é "lugar de bola e de piquenique", além de lugar de venda nas barraquinhas e demais vendedores ambulantes. É, então, ao mesmo

[10] No capítulo 5 apresentaremos maiores considerações sobre "malineza" e encantados
[11] Na região, é ainda bastante comum o uso da água do rio para fins domésticos como preparação de alimentos, higiene da casa e pessoal. O tratamento potável é ainda escasso nos interiores da região do Salgado.

tempo, fonte de renda e de convivência lúdica e familiar; trabalho e lazer fazem parte do mesmo processo.

A noção de espaço que entre eles sugere viver dentro de um microcosmo[12], um mundo "da casa e das gentes", constata-se que o espaço percebido pelos moradores de Salinópolis, que convivem na região citadina, é no mínimo ambíguo. Embora menos formalmente diferenciado do que a percepção urbana do espaço, o "mapa" é provavelmente mais complexo: espaços naturais e sobrenaturais fazem parte de um todo não claramente definido em suas fronteiras externas e em seus limites interiores. Há um mundo submerso (encantados do fundo) que a qualquer momento pode reverter esta ordem. Esta relação simbólica que envolve as representações sociais sobre o meio ambiente ou as coisas da natureza está subjacente à própria relação concreta entre homem e natureza.

Nesta perspectiva, procuramos observar a complexa teia de relações existentes e construídas no cotidiano local - queremos evidenciar as diversas relações travadas pelos atores sociais entre si e com a natureza para compreender o estado da arte do lugar - lugar aqui entendido como espaço da vida cotidiana e espaço preenchido de identidade[13]. Não temos a intenção de abrir uma discussão sobre as questões das representações espaciais – espaços mentais[14], nem tampouco de "território e/ou territorialidades, pois já são desenvolvidas por vários autores[15]. Antes, queremos observar como essas questões se refletem entre os pescadores moradores do bairro da Prainha, uma vez que em suas

---

[12]Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973) faz um estudo sobre a percepção do espaço entre sitiantes tradicionais em São Paulo, o que muito nos ajudou a refletir sobre o mesmo assunto, na região do Salgado.

[13] Esta discussão foi inspirada nos trabalhos de Brandão (1998), Alcântara & Sader (1999), Rodrigues (2001) essencialmente por trazerem à reflexão a dimensão cultural de espaço: " Assim o espaço torna-se social, não uma categoria vazia de conteúdo, mas preenchida pela identidade cultural (1999- ibid.p78).

[14] Mauss(1974) em "Ensaio sobre as variações sazoneiras das sociedades dos esquimós" reflete sobre algumas idéias relacionadas à territorialidade de Ratzel , que ao levar em conta o espaço mental de determinados grupos humanos estaria indicando novas possibilidades para a análise do território, extrapolando assim sua noção clássica de território ligada modernamente, à apropriação do espaço por parte do Estado-nação. A respeito desta discussão ver também: Moraes (1990); Rodrigues (2001), entre outros.

[15] Na Antropologia a discussão sobre a noção de território se remonta à Morgan (1877) como critério para distinguir as formas de governo (societas e civitas), retomadas por Fortes e Evans Pritchard (1940). A este respeito ver Oliveira (1999), que faz uma discussão sobre situação colonial e territorialização. Ver também, para um diálogo maior com novos olhares e experiências sobre a noção de território: Falhauber (1987); Brandão & Mesquita (1995); Niemeyer (1995); Brandão (1995); Niemeyer & Godói (1998), entre outros.

construções imaginárias viveram as mais diversas experiências desterritorializantes[16]:- experiências de deslocamento do interior para a cidade (campo/cidade); do centro para a periferia (cidade/periferia) etc.

Cabe lembrar Guatarri (1986) quando diz: "os seres existentes se organizam segundo territórios que os delimitam e os articulam aos outros existentes e aos fluxos cósmicos. O território tanto pode ser relativo a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente em casa". A territorialidade é, então, um valor particular, pois reflete a multidimensionalidade do "vivido" pelos membros de uma coletividade (Raffestin, 1993:158). Entretanto, é necessário refletir além da tridimensionalidade (sociedade-espaço-tempo) para pensar os espaços naturais e sobrenaturais, o mundo das casas, das gentes e dos encantados[17]

> "Entre a terra e o mar há muita coisa que a gente não pode duvidá. Os encantado também fazem parte deste mundo maió: Os homens hoje vive na terra enquanto os encantados vive no fundo, mas isso a qualqué hora pode mudá. Os antigos dizem que os encantado do fundo são os verdadeiros donos disso aqui tudo e eles podem vir reivindicá de volta o que é deles se eles desejá. E se isso acontecê o mundo vira e eles volta a reiná" (Zarina, 82 anos, dona de casa, oriunda de Maracanã)

Alguns depoimentos como este sugerem reflexão acerca de como pensam a mudança e o destino dos homens. Se por um lado atribuem aos encantados o poder de revirar este mundo, por outro asseguram o direito de autóctones frente aos veranistas que chegam e lhes tomam suas casas, seus pesqueiros.

Para elucidar uma explicação, observamos o que diz Carlos Brandão:

> "...de alguma maneira, a lógica que explica as teias e razões das relações vividas nos espaços sociais: da família nuclear à parentela, desta à vizinhança, às outras

[16] Sobre "desterritorialização" ver a discussão de Oliven (1993); Rodriguez (1993); Lowry (1993); Souza 1994), entre outros.
[17] Apenas para lembrar como ainda é polêmica a noção de territorialidade, relembramos Raffestin (1986:159) "A história dessa noção está por ser feita, principalmente porque ela nos veio dos naturalistas, que se preocupavam com a territorialidade animal e não com a territorialidade humana". Ver também Oliveira (1999); Santos (1997) quando discutem a renovação de um disciplina ameaçada em busca de seu próprio objeto em as metamorfoses do espaço habitado.

> comunidades, aos outros grupos sociais externos, aos relacionamentos da vida cotidiana, às sociedades distantes, não experiencialmente conhecidas e apenas imaginadas, aplica-se, também, ao que se imagina acontecer nos espaços da Natureza e em domínios sobrenaturais. Bichos, santos e divindades também estão em algum lugar, também se relacionam socialmente entre eles e também possuem a base de suas vidas centradas em famílias." (1995:145)

À altura destas reflexões, lembra-nos que o predomínio dos homens sobre a Natureza (animal e vegetal) foi uma pré-condição básica da história humana. A forma como o homem racionalizou e questionou tal predomínio ainda constitui um tema a ser aprofundado através do tratamento histórico. Pois é impossível separar o que as pessoas pensavam no passado sobre as plantas e os animais, daquilo que elas pensavam sobre si mesmas. Certamente as relações afetivas que ligam os homens à Natureza são fatos que também continuam precisando de estudos aprofundados[18], pois tal pressuposto não dá conta da realidade que ora se observa: as relações dos moradores do bairro da Prainha com as coisas da natureza e da sobrenatureza ou dos encantados contribuem para uma outra percepção: a de que os desígnios dos homens têm certos limites impostos pela própria natureza.

4.3. ORGANIZAÇÃO DA FAMÍLIA: ALGUNS EXEMPLOS

Procuramos levantar alguns elementos que possam ser significativos à compreensão da forma como se organizam os moradores do bairro da Prainha. É através das observações no modo de vida dos moradores do bairro da Prainha que estão circunscritas as reflexões sobre o processo de transformação e mudança. É na vida cotidiana do bairro que está evidenciado o contraste entre o modo de vida tradicional e a vida balnear. Trata-se de

[18] Historicamente, a visão que se tornou hegemônica na sociedade moderna foi a de um mundo criado para o bem-estar do homem em que as outras espécies deviam se subordinar a seus desejos e necessidades. Deste modo, tal pressuposto serviu nas sociedades ocidentais como base de toda ação humana (Thomas, 1988). Entretanto, ousamos ressaltar que estudos de etnologia indígena na Amazônia oferecem pistas para outra reflexão, basta observar os mitos de origem e as relações que estas populações mantinham com a Natureza – não se percebe esta hegemonia da sociedade dos homens sobre a sociedade animal/natural. Ver: Faulhaber (1986-1998); Hugh- Jones (1988); Descola (1989); McGrath (1989); Brown (1993); Menget (1993); Nugent (1993); Rossevelt (1993); Kroemer (1994); Albert (1995); Overing (1995); e, além da Amazônia, Harris (1976-1978); Evans-Pritcgard (1978), entre muitos outros.

uma população tradicionalmente em contato com a vida mais simples e dependente dos recursos da natureza, originariamente ligada à pesca artesanal e que passa a conviver com o turismo-balnear, incorporando novos hábitos e valores que interferem em suas relações sociais e econômicas.

Através do trabalho de campo e dos questionários aplicados no bairro da Prainha, cinqüenta famílias foram pesquisadas em detalhes, observando-se a organização social.

> "... organização social como o conjunto de atividades, de ações e de relações sociais dos seres humanos em condições determinadas de existência social. ... Em outras palavras, a organização social de uma sociedade em um momento dado é definida como o conjunto de atividades, de ações e de relações humanas, de caráter adaptativo ou interativo, ordenadas em uma configuração social de vida" (Fernandes, 1948, p.19).

Passamos a demonstrar, com base em nossas observações de campo, entrevistas e questionários aplicados, a organização de algumas famílias do bairro da Prainha, selecionadas como representativas da vida local (Figuras 2, 3, 4, 5 e 6).

FIGURA 2 - Terminologia de Parentesco da Família **A** Residente no Bairro da Prainha - Salinópolis / Pa.

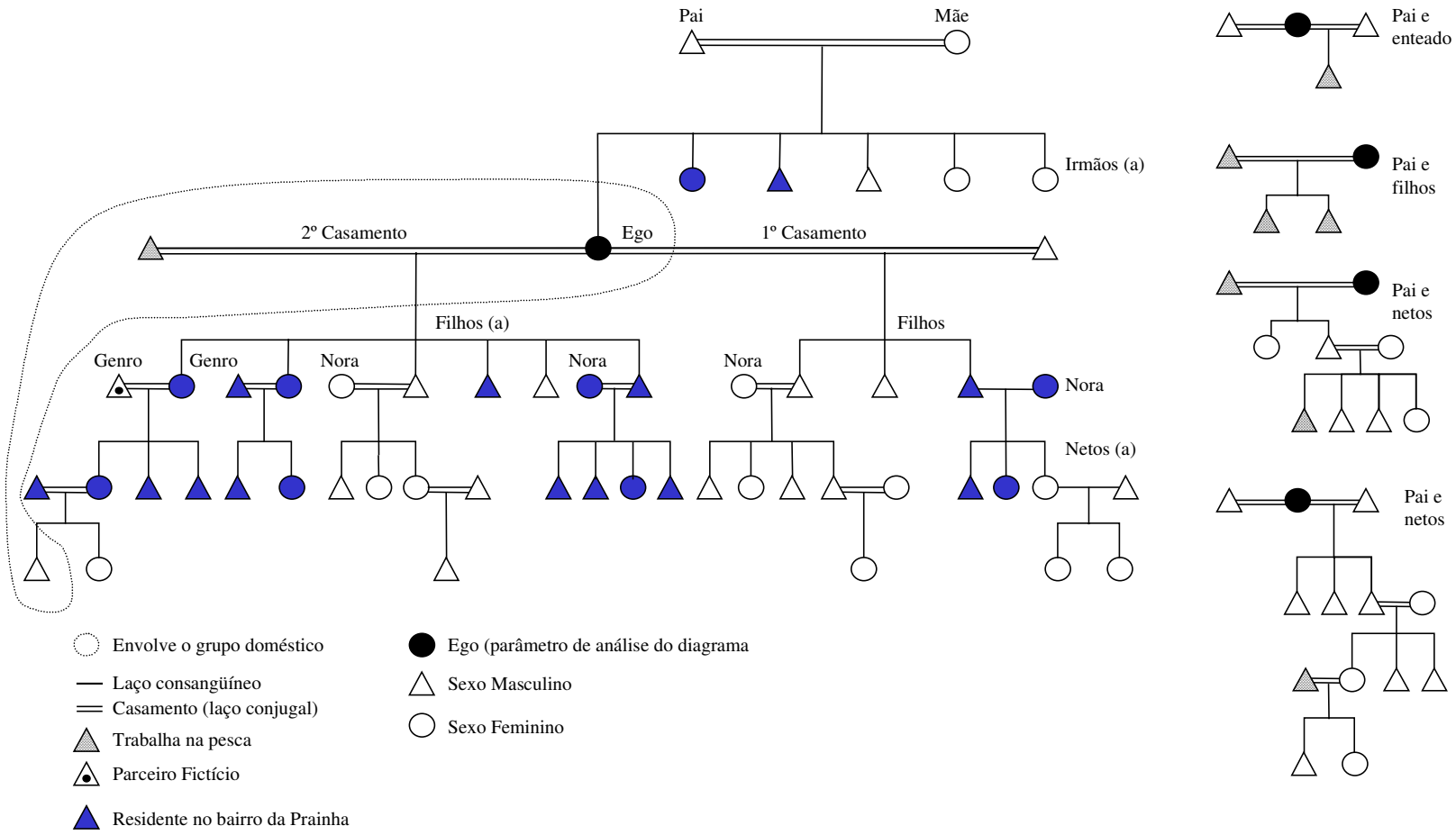
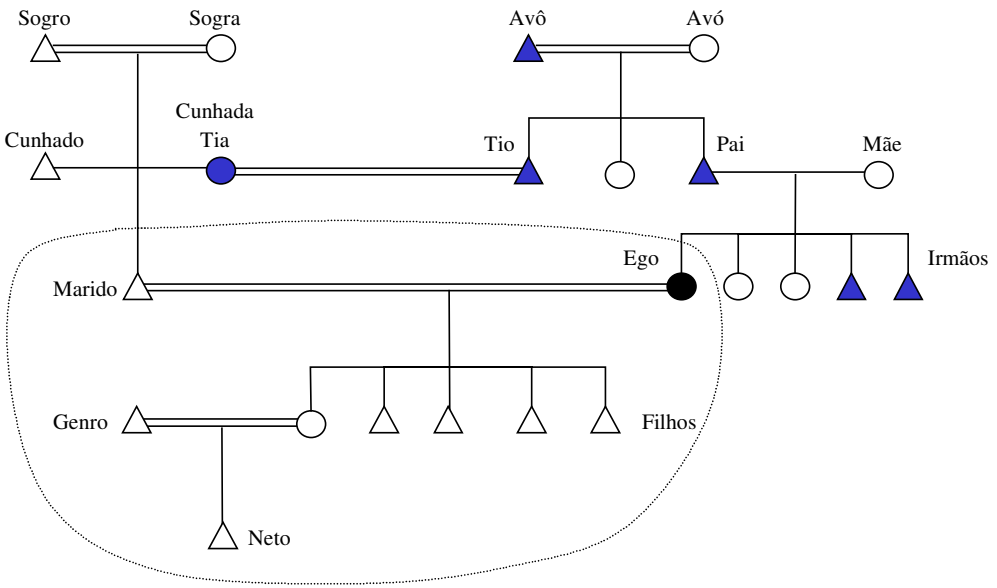


FIGURA 3 - Terminologia de parentesco da Família **B** Residente no bairro da Prainha -Salinópolis / Pa.



Envolve o grupo doméstico
Laço consangüíneo
Casamento (laço conjugal)
Trabalha na pesca
Parceiro Fictício
Residente no bairro da Prainha
Ego (parâmetro de análise do diagrama
Sexo Masculino
Sexo Feminino

FIGURA 4 - Terminologia de parentesco da Família **C** Residente no bairro da Prainha -Salinópolis / Pa.

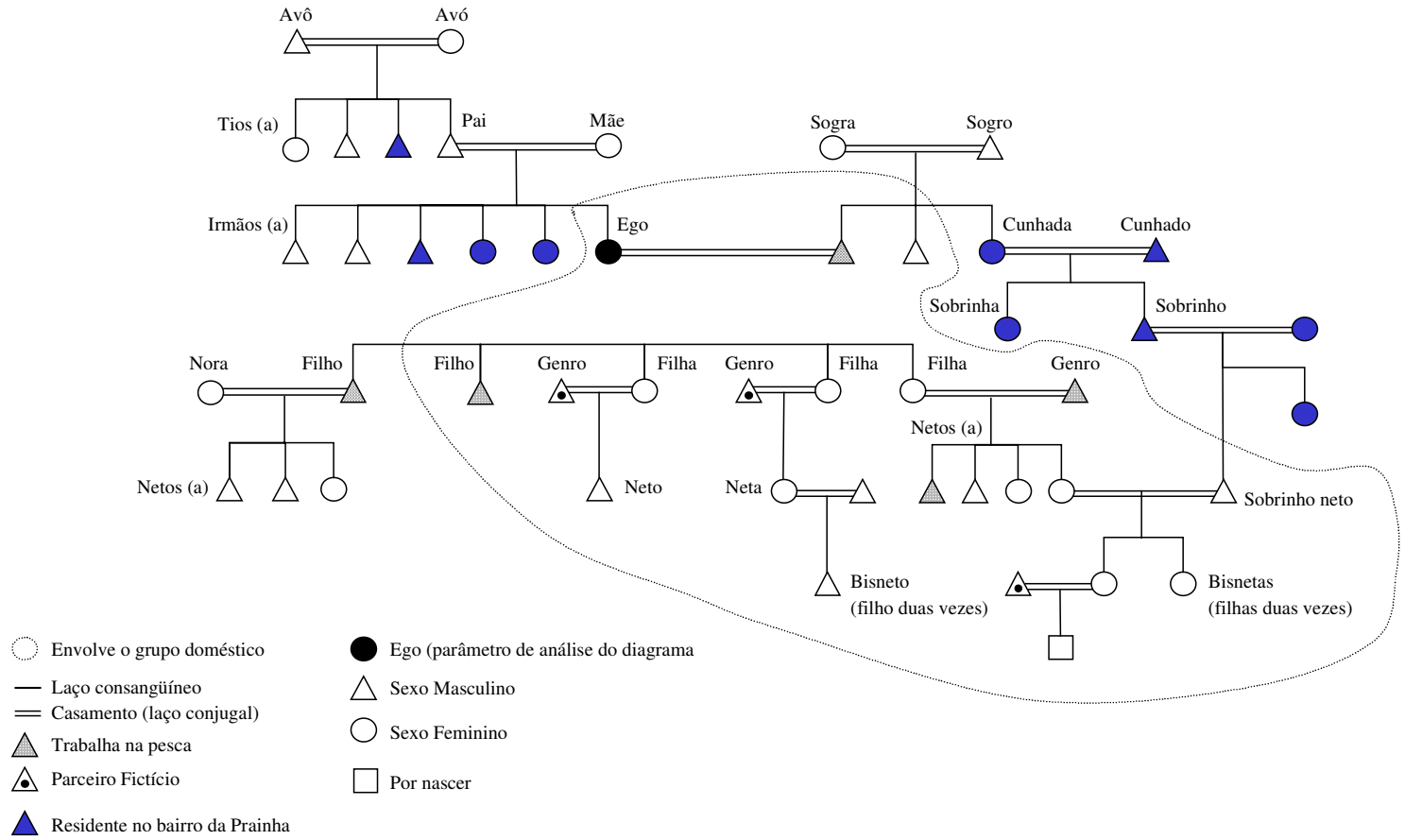


FIGURA 5 - Terminologia de parentesco da Família **D** Residente no bairro da Prainha - Salinópolis / Pa.

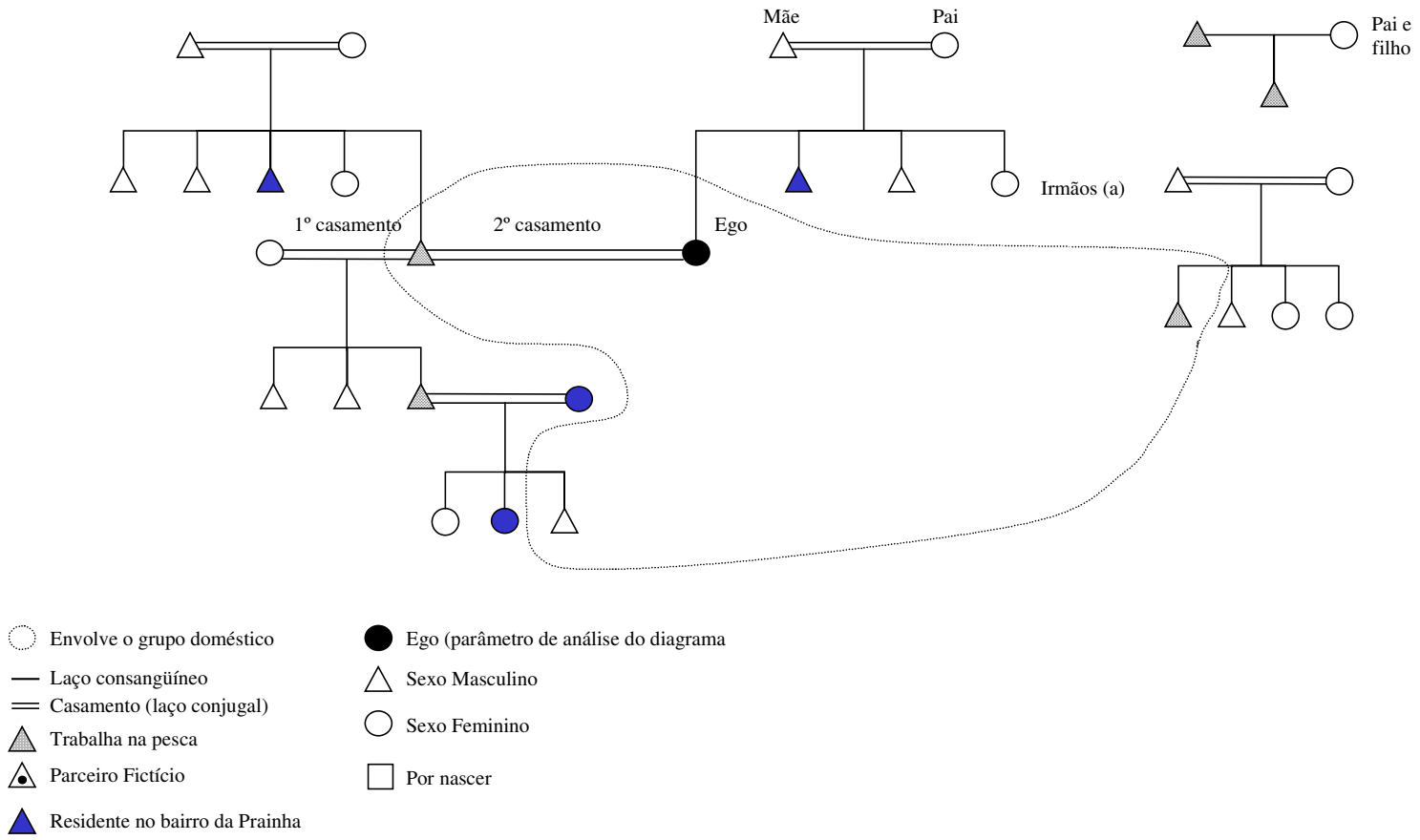
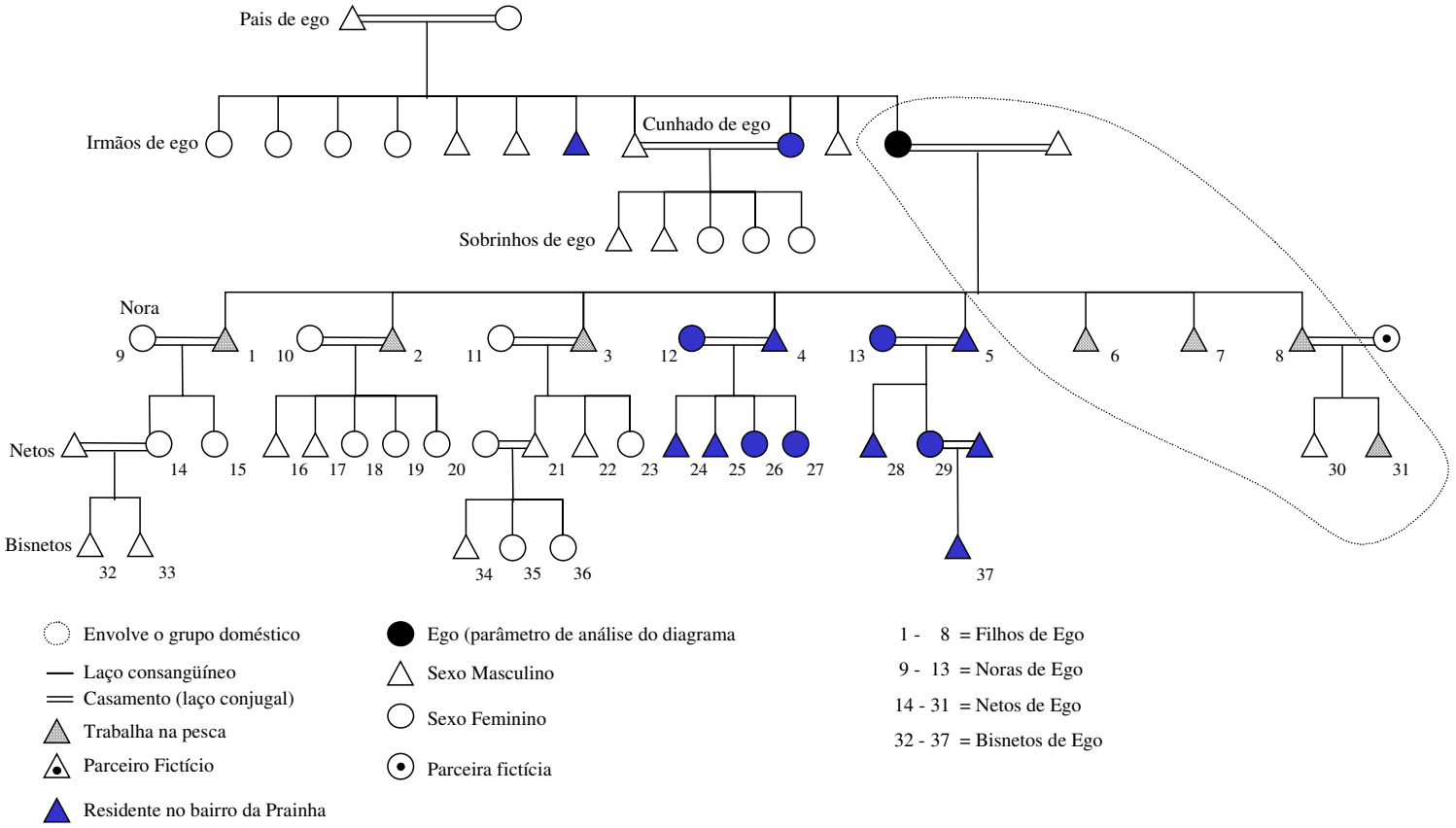


FIGURA 6 - Terminologia de parentesco da Família **E** Residente no bairro da Prainha - Salinópolis / Pa.



As famílias pesquisadas foram estudadas como exemplos de famílias urbanas, residentes num bairro específico, considerando-as, cada uma delas, como um sistema social. Em primeiro lugar, ficamos interessadas em observar como estas famílias funcionam enquanto um sistema de relacionamento pessoal e social.

Entre as cinqüenta famílias entrevistadas, quarenta e quatro chefes de Grupo Doméstico são originariamente de famílias de pescadores/lavradores e iniciaram a vida ativa/profissional acompanhando seus pais nestas ocupações, ou seja, na pesca e na pequena lavoura. Dentre estes, vinte e um dividem o tempo entre a pesca e o trabalho com o veraneio: pescam e trabalham como caseiros nas casas de veranistas. Cinco destes chefes de GD vivem apenas do produto da pesca, não atuando em outro tipo de negócio. Dezesseis entrevistados não vivem da pesca, não são pescadores ou deixaram de pescar; são caseiros e/ou pequenos comerciantes. Alguns destes, estão envolvidos com pequenos biscates voltados para o serviço com o veraneio e/ou realizam outros trabalhos (trabalho braçal – construção civil; carpintaria etc.). Todos, de algum modo, através das histórias de vida, apresentavam origem comum: famílias de pescadores e pequenos lavradores rurais que migraram de regiões mais interioranas em busca de "melhores condições de vida".

Estas famílias representam, de certa maneira, a estrutura das famílias dos moradores do bairro da Prainha, tradicionalmente pescadores artesanais e que hoje em dia acumulam, em função do veraneio, as tarefas de caseiros e biscateiros. Embora haja uma certa diferença de ordem econômica, percebidas por esses exemplos, a distância social entre as famílias de maior ou menor poder aquisitivo é quase imperceptível, ao contrário de outras situações - ou mesmo outra região da cidade - de estrutura social mais complexa, na qual já se começa a perceber uma certa estratificação social. Este fato tem a ver com as raízes da população, com o relativo isolamento do bairro, com o tamanho e a pouca diferenciação ocupacional e com a intrincada rede de relações de parentesco.

O pouco distanciamento social é devido ao fato dos moradores do bairro da Prainha terem migrado de áreas interioranas, quer no município de Salinópolis, quer de outros adjacentes. E, em suas respectivas localidades de origem, partilharem das mesmas condições sócio-econômicas: pescadores e pequenos produtores rurais autônomos. Os que procederam da cidade

de Salinópolis se situavam nas camadas mais baixas da sociedade local. Isso leva a crer que não há *status* a ser diferenciado, ou melhor, maior discriminação com os menos aquinhoados economicamente. A discreta diferenciação ocupacional, contribui para que as pessoas possam partilhar de certa identificação, mesmo *status* social e, ao mesmo tempo desfrutem de um convívio intenso.

O relativo isolamento do mundo mais urbanizado do centro e da cidade balnear do bairro da Prainha, é outro fator a ser considerado. Pois, tal situação proporciona aos seus moradores uma vida mais voltada para si, ou seja, para as relações locais, permitindo uma convivência mais íntima, relações pessoais mais estreitas e um conhecimento maior entre as pessoas.

As relações de parentesco, consangüíneo e/ou afim, contribuem para a interação entre os moradores do bairro, pois estimulam, de algum modo, relações de solidariedade e reciprocidade entre a vizinhança.

Os exemplos colocados mostram que a constituição dos grupos domésticos não encontra explicação apenas em consideração ao aspecto consangüíneo. A realidade observada no trabalho de campo e sentida através das histórias dessas famílias, sugere outras considerações, tais como de caráter econômico e social, que ligam afins e compadres na vizinhança: basta observar as relações de trabalho na pesca tradicionalmente realizada entre companheiros, parentes e afins.

4.3. GRUPOS DOMÉSTICOS

Os grupos domésticos no bairro da Prainha são geralmente compostos pela família nuclear: o homem, sua mulher e seus filhos, correspondendo ao modelo padrão da família

nuclear, característico da sociedade brasileira (Kottak, !967: 429)[19] e, normalmente, é ainda composto por parentes afins e agregados: sogros(a), afilhados(a), netos(a), sobrinhos(a) etc. De modo que a média de pessoas em cada grupo doméstico varia entre quatro a dez pessoas.

As casas não são comunais e se limitam por família. A família pode ser extensa, ou seja, em uma casa, podem residir uma ou mais famílias nucleares, parentes e/ou agregados (localmente também chamados de aderentes) vindos do interior do município ou mesmo de outras localidades próximas, como São João de Pirabas, Maracanã, Santarém Novo, Derrubadinho etc., dependendo da situação econômica, das condições da casa, além do grau de parentesco e afinidade familiar.

Além da possibilidade de parentes e agregados residirem juntos, é comum encontrar filhos adultos solteiros e/ou separados com seus respectivos filhos residindo na casa dos pais, os filhos-netos. É mais freqüente encontrar-se filhas (mães solteiras) e/ou separadas do que filhos (pais solteiros) e/ou separados residindo na casa dos pais, embora a permanência dos netos não, ou seja, é menos comum que o filho homem permaneça em casa dos pais, quando separados, enquanto que seus filhos, preferencialmente são acolhidos na casa dos avós. As famílias são assim numerosas e quase sempre o "sustento" é garantido pelo chefe da família – geralmente através do trabalho da pesca e/ou da zeladoria da casa do "barão" e de outros voltados para a vida do turismo balnear.

É comum que o casal, recém-constituído, também vá morar por algum tempo na casa dos pais - freqüentemente na casa paterna[20], até construir a sua moradia independente. De certo modo, a casa paterna é um grande guarda-chuva que abriga a todos das intempéries e vicissitudes da vida.

---

[19] Sobre a organização familiar no Brasil observar: Freyre (1943); Mello & Souza (1951); Hollanda (1956); Olveira Vianna (1957); Wagley (1957); Willems (1962) etc. Formas mais complexas de organização familiar encontramos apenas nas áreas de colonização estrangeira principalmente japonesa e italiana, segundo Durham (1966). Em literatura mais recente, se discute a constituição de família nuclear. Ver: Arantes (1975); Brandão (1994); Corrêa (1994).

[20] Embora não investigado em profundidade, a freqüência maior dos filhos recém-casados, temporariamente, residirem na casa paterna pode ter influência do "sistema patriarcal" que predominou no Brasil rural. Ver: Holanda (1956); Moura (1978); Freire (1996), entre outros.

Freqüentemente, a casa dos filhos recém-casados é construída no terreno de propriedade dos pais da esposa, ou bem próximo a este, dependendo da situação, como anuência dos pais ao matrimônio, da condição material da propriedade e poder aquisitivo familiar. Também é comum que os parentes mais próximos, compadres e afins sejam beneficiados com as mesmas condições, fato que contribui para a congregação de grandes famílias no bairro.

Normalmente o homem casa com mulheres da própria região, da própria comunidade, ou de comunidades vizinhas, referimo-nos a comunidades de pescadores e/ou de bairro. Entretanto, a mulher expressa interesse e preferência por homens de fora e procura casar-se com homens de outros lugares[21]. As mulheres entrevistadas durante o trabalho de campo, sugeriram que esta preferência por homens de fora estaria relacionada com o desejo de ascensão social e/ou mudança de vida.

A constituição das famílias emerge de uma relação de namoro e depois casamento[22]. Entretanto, estas relações maritais nem sempre são sancionadas pela igreja e/ou pelo Estado. Isto é, no linguajar local, os casamentos "no papel" e sob as "barbas do padre" mesmo, são raramente realizados. As cerimônias de casamento civil e religioso são, na prática, pouco freqüentes. Alegam que as despesas com os "papéis" nem sempre estão ao alcance dos "bolsos". Quanto ao ato religioso, embora o bairro tenha a sua representação religiosa com a presença do centro comunitário, casamentos ali não são realizados. Nestas circunstâncias, é maior o número de casais que vivem amasiados e só eventualmente legalizam a união, quando o pároco local promove casamentos comunitários, normalmente aproveitando as festas religiosas do padroeiro local.

---

[21] Com a pesquisa de campo, constatamos que a preferência das mulheres por "casamentos com homens de fora" apenas contribuiu com um grande número de "mães solteiras" e crianças sem o reconhecimento de seus pais biológicos. Entre as famílias entrevistadas, 12 mulheres jovens assumiram esse fato. À exceção de duas dessas mulheres que refizeram suas vidas e casaram com homens da região, as outras continuam solteiras e não "se agradam" dos homens locais.

[22] Estudos sobre parentesco e classe social no Brasil mostram que no tocante às relações maritais, há um contraste entre as classes alta/ média e a classe baixa. Esse contraste ocorre por serem estas relações maritais nas classes alta e média sancionadas pela Igreja e pelo Estado e nas outras classes não o são ou pelo menos em menor escala. Ver Kottak (1967).

Oficialmente, as uniões informais são distintas das formais, como o casamento civil e/ou religioso. Na prática, estas relações são semelhantes no que diz respeito à vida familiar, não se evidenciando, portanto, quem é de fato casado ou amasiado, especialmente no que se refere às relações com os filhos.

Observa-se que o importante não é a oficialidade ou não da relação de casamento e sim o compromisso que o casal assume com a vida familiar.

Os filhos são criados com a ajuda dos mais velhos; especialmente a mãe da mãe, em parte devido à matrilocalidade presente na estrutura de parentesco observada. Não é comum um casal doar seu filho para ser criado por outra pessoa e nem legitimar a doação. Entretanto, há alguns casos de doação informal como as crianças não reconhecidas pelos pais ou abandonadas pelos mesmos, que são adotadas pela mãe da mãe, que se apegou e se tomou de muita afeição por elas, em razão destas nascerem antes do casamento de suas filhas.

Também é costume que a avó materna adote as crianças menores num caso de orfandade. Caso a mulher fique viúva, ela conserva os filhos sob sua guarda e, sendo jovem, é provável que faça um novo casamento. Como já foi visto, embora em número menor que o das filhas que residem com os pais, há casos em que os filhos homens abandonados por suas mulheres, enquanto não realizam outro casamento, venham morar na casa dos pais com seus respectivos filhos, que passarão a ser criados pelos avós.

As relações de casamento quando se desfazem nem sempre são rapidamente substituídas por outras. E, quando o são, implicam em censura por todos. A troca freqüente de parceiros também não tem boa aceitação. Entretanto, constata-se que grande parte dos casais entrevistados já tiveram outro casamento e/ou outra família. Há filhos do primeiro casamento, do segundo e do terceiro matrimônio na maioria das famílias[23], compondo grupos domésticos e/ou famílias extensas que muitas vezes se auto-ajudam através das relações de afinidade e compadrio.

[23] Através dos questionários, observa-se que 27 famílias das 50 entrevistadas foram ou são compostas a partir de mais de um casamento. Há 13 casos de famílias de segundas núpcias; nove, de terceiras; quatro, de quartas núpcias e

4.4. RELAÇÕES DE COMPADRIO OU PARENTESCO RITUAL

O compadrio ocupa um lugar de grande importância entre os moradores do bairro da Prainha, reforçando o parentesco consangüíneo ou afim existente, ou criando uma forma de parentesco ritual com pessoas amigas e/ou de posição social mais elevada.

Nesta relação entre afilhado, padrinhos e compadres uma intrincada rede de "obrigações" e "deveres" é tecida. O compadrio estabelece uma série de obrigações mútuas, que costumam ser respeitadas. Entre estas, os afilhados devem respeito e uma certa reverência de cortesia para com os padrinhos, pedindo-lhes a bênção sempre que os encontrem, favorecendo-lhes e prestando-lhes alguns favores. Os padrinhos devem tratá-los bem e sempre que possível ajudá-los no que for preciso. Os compadres, por sua vez, e entre si, devem tratar-se por esse termo que, freqüentemente, suplanta até o do parentesco consangüíneo, tal é a importância dessa relação.

Além do batismo, estas relações de parentesco ritual também ocorrem com muita freqüência nas festas juninas[24]. Ao redor da tradicional fogueira de São João, pessoas com laços de afinidade estreitam-no ainda mais através de ritual que os une até o fim da vida. Estas relações firmadas ao redor das chamas da fogueira são bastante significativas. São respeitadas e levadas a sério por todos, assim como o compadrio por batismo. É uma relação de parentesco não consangüínea, mas extremamente considerada na comunidade, são os parentes escolhidos. São importantes redes de afinidade e mútua ajuda, pois firmam laços simbólicos de parentesco: devem ajudar-se mutuamente e, se forem de sexos opostos, estão impedidos de casar ou manter relações sexuais.

---

um, de quintas núpcias. As outras relações são de primeiro matrimônio. Ratificamos que as relações de casamento não necessariamente são uniões formais, mas que são semelhantes no que diz respeito à vida familiar.

[24] Mais adiante, no item "As Festas", apresentar-se-á melhores detalhes sobre as festas juninas e suas implicações no bairro. Aqui, fez-se referência apenas ao que tange ao compadrio.

A despeito das proibições sexuais entre compadres, há comentários e alguns indícios diferentes entre os moradores da Prainha. São situações veladas as ocorridas entre moradores do bairro, compadres próximos, pois ligam parentes e afins. E podem desmoronar o grupo social com brigas entre famílias, afetando toda uma rede de relações de trabalho e solidariedade entre a vizinhança. Comenta-se com menos censura e mais descontraído desdém outras situações que ligam moradores do bairro com outros de fora. Especialmente quando envolvem patrões e veranistas, em que as relações sociais do bairro não estão ameaçadas diretamente.

Algumas das relações de compadrio travadas entre veranistas e moradores locais são alternativas de atenuar o problema do envolvimento com moradores locais. Há dois casos de afilhados-filhos, ou seja, em que o padrinho é o próprio pai. A paternidade é, então, assumida indiretamente com a relação de compadrio. Em ambos os casos, os padrinhos são pessoas de fora, casados e com família. São veranistas – proprietários de casa na cidade, que freqüentemente estão em Salinópolis para as férias. A relação de obrigações mútuas é justificada entre padrinho e afilhado e mantém uma certa proximidade. As implicações da paternidade, nesses casos, às vezes, são assumidas pelo avô. Os avós são considerados os pais sociais da criança e o pai biológico o padrinho[25].

Na relação de compadrio, outro fato importante, mas que aqui apenas se evidencia, é a força do nome que liga padrinhos a afilhados: o nome do padrinho é dado aos afilhados. Muitos se identificam e são identificados através do nome do padrinho - causando sempre aquela dúvida, que já fora referida, na paternidade. Assim, alguns nomes se apresentam de modo contínuo e especialmente de famílias mais abastadas e poderosas no local. O nome dos padrinhos serve como carta de apresentação para que seus afilhados ascendam às melhores condições de escolaridade, vinculação profissional, crédito etc. Há inúmeras pessoas que se identificam com o

[25] Embora não tenha pesquisado detalhadamente esse assunto - acredito de grande importância para os estudos da Antropologia, apenas enuncio o fato de observar-se com o trabalho de campo, uma intrincada rede envolvendo padrinhos e afilhados. Apresenta-se como um elemento a mais para refletir sobre o processo de mudança na organização social dos moradores locais. Há indícios de crianças registradas com o nome dos avós.

mesmo nome de família e que não são parentes consangüíneos, pelo menos à primeira vista, pois foram batizados com o nome dos padrinhos[26].

4.5. IMPORTÂNCIA DO GRUPO DE RELAÇÕES PRIMÁRIAS, DEFININDO A VIZINHANÇA E O BAIRRO

Observamos que os moradores do interior que fundamentalmente compõem os residentes da Prainha - quer se trate de indivíduos ou de famílias - tiveram seu deslocamento dependente, em grande parte, da tradição migratória do grupo de relações primárias original[27]. As pessoas migram para localidades onde tenham conterrâneos, parentes e afins, dirigem-se onde há oportunidade de melhorar de vida. Assim, ainda hoje, as rotas de migração que muitas vezes envolvem mudanças radicais de estilo de vida, estão dentro de um universo de referência organizado nos moldes da comunidade rural. O deslocamento é em direção para onde está a família, antigos vizinhos, amigos de infância e compadres: o bairro, onde os parentes moram e lá já estão instalados, é preferencialmente escolhido pelos que procuram fixar nova residência.

O deslocamento não é igualmente fácil ou freqüente, pois envolve quase sempre, e mesmo temporariamente, a fragmentação da unidade doméstica. A migração para a cidade pode ocorrer com qualquer dos componentes e em qualquer caso do ciclo de vida da família nuclear, não sendo fácil nem para todas as fases nem para todos os membros. Disso dependendo de vários fatores entre eles o "apoio da chegada" na cidade, pelos parentes e amigos.

Diante da conclusão do ensino médio instala-se um impasse entre os jovens: de arranjar trabalho e/ou casamento. São estimulados a virem para a cidade em busca de melhores

---

[26] Volto a frisar a importância dos nomes de famílias e justificar que os dados apresentados são coletados com o trabalho de campo. Encontrou-se oito pessoas (do sexo masculino) que assumiam o nome de seus antigos padrinhos pelos quais foram batizados. Creio que esta nota de rodapé e a antecedente mostram quanto é importante a questão da nominação e o quanto ainda está confusa a questão dos nomes dados pelos padrinhos na região. Os nomes das famílias (sobrenomes) Santa Brígida e Capucho são alguns dos mais recorrentes.

oportunidades de vida. Mas não migram completamente sozinhos. Freqüentemente partem com famílias conhecidas, com amigos que já migraram antes ou vão à procura de parentes, já estabelecidos na cidade.

Para os casais jovens e sem filhos é mais fácil, pois são mais auto-suficientes em fase de desligamento da família e sem grandes obrigações com o grupo de origem. Em outras circunstâncias, são mais dependentes. É importante observar que a possibilidade de trabalho individual na cidade aparece, senão como uma solução, como uma alternativa que garante e estimula o movimento do interior para a cidade (Rever Mapa n º3 – Processo Migratório de Salinópolis).

Observa-se que para as cinco famílias selecionadas como representativas dos moradores da Prainha, a fragmentação da família se deu em função do casamento, da busca de melhores condições de vida nos centros mais desenvolvidos e com maior possibilidade de recursos para escolaridade e saúde. A maioria destas famílias contava com um parente ou amigo próximo, já instalado na cidade quando da iniciativa de mudança (Ver Apêndice III, alguns exemplos das famílias da Prainha e como se agregam no bairro Ver Croqui 3). Como parentes e afins se agregam no bairro – ver também o Croqui do Bairro identificando parentes e afins na Prainha.

A permanência na cidade - para os que chegam com pouco ou nenhum recurso - está condicionada à possibilidade de ajuda de um parente ou amigo, que garanta as necessidades imediatas de instalação e adaptação.

---

[27]Durham (1984) já discute o movimento migratório da zona rural para as grandes cidades, observando a importância da rota migratória do grupo de relações primárias original. Woortmann (1995) observa a importância das redes de parentesco entre colonos do sul e sitiantes do Nordeste.

BAIRRO DA PRAINHA: RELAÇÕES DE PARENTESCO E AFINIDADE
Rua Almirante Barroso
Alameda Tia Lula
Rua Oswaldo Cruz
Rua Joaquim de Castro
Pass. Sorriso
Pass. das Flores
Rua São Francisco de Assis
Travessa Floriano Peixoto
Tv. Iracema
Tv. Benjamim Constant
Mangue aterrado
Rua Capitão João Felix
N
LEGENDA
Residências pesquisadas
Relações de parentesco e afinidade definidas por cores
Escolas
Igrejas Católicas

> "Eu mais meu irmão viemo até com a tia Maria, irmã do meu pai que veio casada com um já pescadô lá das banda do Muiramipi aventurá a melhora da pesca... num tinha filho nem ninguém pra melhorá, mais veio conhecê e ficou... Ela passou... é catadora de marisco... lá no sítio não tem... a gente pega mas num tem pra quem vendê... as coisa ficam assim parada... como a gente tem... (mostra o braço)... pra trabalho, eles não tiverum filho algum e o irmão dela, nosso pai, foi filho em penca... nós somo em doze, qué dizê morreu já dois... a gente veio pra ajudá ela... mulhé, ela é mais de catá o marisco... e nós ajuda o velho dela... ele já é cansado... a gente ajuda e vai indo..." (José, 23 anos, pescador-marisqueiro, oriundo de Sasuá).

O processo da mudança do interior, do sítio rural para a cidade continua sendo visto para o migrante como um processo que, muitas vezes, inicia-se com uma visita ao parente ou amigo, um passeio pelo lugar para conhecer as possibilidades da troca de lugar de morada. Assim, a "visita de experiência" pode ser de curto espaço de tempo, durar algumas semanas e até meses para observação e adaptação ao novo lugar, permanecendo todo este tempo na casa dos parentes e/ou amigos.

Deste modo, os parentes e amigos já instalados na cidade servem como elemento de atração para a vinda dos parentes e amigos do interior. Estes se aventuram a sair dos sítios quando vislumbram a possibilidade de contar com um parente, amigo ou um "conhecido" que lhes possa valer na cidade. É interessante observar que a vinda temporária, em visita, para a cidade pode mesmo durar a vida toda.

Há pessoas que chegam do interior em visita e se estabelecem na cidade, arranjam um lugar para morar, a possibilidade de emprego ou outra oportunidade de subsistência. Ficam, dia após dia, até decidirem ao contrário. Havendo condições favoráveis, fixam propriedade podendo se estabelecer ou não. A vinda para a cidade é vista como uma possibilidade ou não de se adaptar e conseguir sair do interior, pois sempre consideram que podem mudar, retornando ou não para o lugar de origem. O deslocamento ou migração de uma região para outra, como eles mesmos se referem nos trechos das entrevistas, não têm caráter definitivo de mudança.

> "... vim visitar o meu irmão e me dei com o clima, aqui é muito bom pra saúde... fiquei eu e o home... e já vai longe a nossa vida aqui... os filho se deram tudo... já se formaram (estudaram)... um trabalha em Castanhal, outro em Pirabas, sou mãe de sete... um continua aqui... ele é pai deste um aqui... que também já pesca e no feriadão vende nas praia... ajuda

> cum avô e o pai dele... nós gostamos muito daqui... o clima é bom... a gente num fica doente... a troca de lugar de morada é assim... vem cumo uma visita assim... e vai ficando... mas o sítio tá lá... pode quarquer hora vortá...” (Maria Auxiliadora, 58 anos, aposentada, oriunda de Bragança).

Estes depoimentos retratam como se dá o deslocamento da população interiorana para a cidade, os interesses que o sustentam e a teia de relações sociais que a compõem. Evidenciam, por exemplo, que é através das relações de parentesco e afinidade que se inicia o processo de deslocamento e de mudança para a cidade. É sempre um parente ou um amigo que, já instalado, atrai do interior para a cidade os seus afins.

É através das boas relações com os parentes e amigos que há o deslocamento daqueles residentes dos sítios e lugarejos do interior para a cidade. A maioria das famílias entrevistadas na Prainha, veio para a cidade em busca de melhores condições de vida e trabalho; instalou-se nesse bairro por ser um lugar familiar, onde podem contar com os parentes e amigos.

> “Nós é tudo parente de um modo ou d’outro nesta vida!... de sangue?... irmão mesmo de sangue, temo o que está plantado aqui (enterrado no cemitério)... viemo tudo na corda dele... ele foi buscando um por vez... Ele era bom nestas arte de navegá e trouxe nós tudo pra modo de vê, de melhorá a vida de nós tudo (quatro irmãos)... Era prático mesmo, de ofício era prático de sabê... mas deles tudo só resta eu, que tô mais pra lá do que pra cá. Agora filho, nora tem em penca, tudo por aí... são nove filhos, são onze netos e, vinte e três bisnetos... todos mora na vizinhança... sabe como é um coração... um coração de parente mesmo... briga, xinga, mas um peixe sempre não há de faltá... é por isso” (Joaquim, 79 anos, pescador aposentado, oriundo de Bragança).

Os depoimentos deixam transparecer também uma forma de pensar e se relacionar com as “coisas do mundo”, onde alguns valores e concepções da sociedade moderna são incorporados, como é o caso da valorização da escola como aspiração de mudar de vida e garantia de melhores oportunidades de trabalho.

O que determina a escolha do destino a migrar é baseado mais na proximidade das relações sociais do que na proximidade física ou compatibilidade das atividades econômicas que espera exercer.

O que torna significativo, nesta breve observação sobre a importância do grupo de relações primárias, no qual se efetua a rota de migração, do interior para a cidade e subseqüentemente ou concomitantemente para o bairro da Prainha, corrobora para demonstrar como a rede de relações sociais locais está estruturada sob bases da comunidade rural em que a família e a parentela são as de maior importância (observar croqui do bairro da Prainha que aponta as redes de vizinhança).

De modo particular, o ponto de vista que nos interessa observar é o movimento no universo social frente ao estado de coisas atual. O deslocamento da população é determinado primeiramente pelas relações afetivas e, em segundo lugar, pelas relações de trabalho em função da organização da vida social vigente.

Parte de cada entrevista realizada com os moradores da Prainha destinava-se a obter informações sobre origem, razões de migração e deslocamento na cidade, bem como condições de vida na zona rural e na cidade, para compreender o processo de mudanças socioculturais e econômicas entre os mesmos.

Desse modo, sobre a vida rural, os dados referem-se quase sempre a uma situação bastante afastada no tempo, estando sujeitos a diversas distorções devidas à idealização ou simplificação do passado. A vida rural se por um lado quase sempre estava associada à fartura, por outro, ao não trabalho que estimulou e/ou estimula à migração. A falta de trabalho remunerado nos sítios e regiões rurais do interior do Município é sempre apontado como um fator desencadeante desse movimento do interior para a cidade, pelos entrevistados moradores da Prainha. Fato que também fora observado em diversas pesquisas sobre migração em outras regiões por Durham (1984); Woortmann (1992-1995); Sprandel (1998), entre outros.

Apesar das variações de tempo e permanência na cidade é surpreendente a uniformidade das informações sobre as condições de vida anteriores, refletindo a universalidade e permanência de elementos tradicionais na sociedade interiorana - sobretudo da unidade produtiva familiar e do modo de organização dessa unidade em grupos de vizinhança.

A impressão de uniformidade, aliás já examinada nos estudos de comunidade que se realizaram: entre comunidade de parceiros e sitiantes (Willems, 1961; Mello & Souza, 1964); posseiros do litoral (Willems & Mussolini, 1952) e agricultores amazonenses (Wagley, 1957; Galvão, 1976), encontramos sempre as mesmas técnicas produtivas, as mesmas formas de cooperação e auxílio mútuo, os mesmos laços de solidariedade. Estudos mais recentes na região do Salgado Paraense como Loureiro (1985); Furtado (1987-1993); Maneschy (1990-1994); Motta-Maués (1990); Alencar (1991); Leitão (1993-1997); Nascimento (1993); Quaresma (2000) etc., retratam também uma certa uniformidade entre as técnicas de produção e a mesma rede de solidariedade e cooperação entre os pescadores-lavradores da região.

Tal uniformidade contribui para um certo estilo de vida a meio caminho do rural e do urbano, onde formas de vida rural se adaptam e se reajustam às formas urbanas e vice-versa, contribuindo para uma nova conformação sociocultural, que particulariza o bairro.

4.6. REDES DE SOLIDARIEDADE

As relações sociais no bairro ainda são marcadas por uma infinita rede de solidariedade que mantém relativa coesão de grupo entre os moradores locais. Seja nas relações de trabalho seja nas relações domésticas parentes e afins mutuamente partilham das dificuldades e dos louros.

Como exercício de reflexão, a solidariedade entre os moradores do bairro da Prainha é pensada a partir das noções sobre a dádiva: “a esmola é fruto de uma noção moral de dádiva e de fartura, por um lado, e de uma noção de sacrifício por outro” (Mauss, 1974, p.66). Onde dar, prova-se afortunado e abre-se a perspectiva da retribuição; e o receber, por outro lado, envolve o compromisso de retribuir ou instaura o dever de gratidão.

As experiências sociais concretas sobre as quais Mauss (1974) discorre, estão expressas no ritual do Kula, nas Ilhas Trobriand no Pacífico, estudado por Malinowski; no Potlatch, costume típico entre comunidades Siberianas e de esquimós do Alasca, caracterizado como um sistema de prestações de caráter agonístico. Através de dádivas se revela útil para

estabelecer uma hierarquia: dar é manifestar superioridade, ser mais, aceitar sem retribuir ou sem retribuir mais, é subordinar-se, tornar-se cliente, apequenar-se. Características que, por analogia, são possíveis reconhecer no sistema de doação/solidariedade praticado pelos pescadores moradores do bairro da Prainha.

Com já fora observado nas relações do trabalho da pesca, os pescadores tradicionais, moradores do bairro da Prainha, ainda apresentam um sistema de relações de reciprocidade e solidariedade na vida cotidiana. A pesca é realizada entre os pescadores companheiros, compadres e afins que partilham das condições da pesca e dividem o pescado entre si, de modo a permitir a continuidade da pesca: uns entram na relação de trabalho com os remos, outros com a canoa e outros com a força de trabalho, no preparo e/ou despesca dos currais, de tal modo que a empreita pesqueira se realize mantendo, de algum modo, a tradição pesqueira e a vizinhança do bairro. A própria condição de pequena pesca (limite nas condições materiais da pescaria) proporciona, entre os moradores do bairro, mútua ajuda e/ou uma proximidade maior entre os companheiros da pesca, moradores do bairro.

> "Eu sempre pesco com o tio Chico, ele tem montaria, rede e outros apetrechos próprios pra pesca. Do pescado a gente tira as despesas e depois divide... a gente pesca mais pro nosso cumê" (José, 23 anos, pescador-marisqueiro, oriundo de Sasuá).

Em síntese, no que tange a pescaria, o sistema de doação de peixes na pescaria obedece a dois princípios: um que pressupõe uma retribuição imediata à ajuda recebida por ocasião da despesca nos currais ou da puxada da rede de pesca – "reciprocidade equilibrada", enunciada por Sahlins (1983); outro que consagra a bondade como mecanismo de garantir a reprodução da própria desigualdade social. Este último, caracteriza-se como "uma assistência temperada geralmente pelo poder porque os bens são na verdade implorados" (Sahlins, 1983, p.136), onde o doador atua como uma espécie de "pai do povo", "irmão mais velho".

> "Sempre vamos despescar o curral com o cumpadre Otacílio e os irmão dele. Eles são dono de curral, têm um bom curral, ele num tem filho home pra ajudá e a gente num tem como pescá... uma mão lava outra. Uma ajuda outra a despescá " (Raimundo, 58 anos, caseiro, oriundo de Salinópolis).

A despesca nos currais, modalidade de captura mais freqüente na região, feito por dois ou três pescadores e, eventualmente por alguma mulher de pescador, que junto com o marido possa ajudar na captura do pescado, é um exemplo de solidariedade nas relações de trabalho. O ajuntamento para pegar mariscos e o trabalho na catação, essencialmente realizado entre as mulheres, assim como o trabalho com a roça, o preparo da farinha e derivados entre algumas pessoas que se juntam e seguem para local determinado, fora do bairro onde há casa de farinha, confirmam sinais de coesão de grupo nas suas diversas formas de trabalho. Na Prainha há, ainda, duas famílias que freqüentemente fazem roça em sítios próximos a Salinópolis e mantêm essa rede de solidariedade com a vizinhança do bairro, pois, numa espécie de mutirão, alguns vizinhos acompanham a empreita da fabricação da farinha e derivados, recebendo também em troca do trabalho quantia proporcional do produto obtido.

> "Não é sempre que a gente vai, mas quando dá, eu gosto de ajudá a comadre na produção da farinha... A gente relembra a vida do sítio por uns dias. É um trabalho gostoso prepará farinha, fazer beiju, tapioca essas coisas que vem da mandioca. A casa da farinha é casa das comadres – a gente se encontra. Trabalha e conversa ao mesmo tempo... vai disparecendo, vai aliviando muitas vez as amargura do peito... quando a gente volta parece que vem aliviado mesmo cansado de tanto trabalhá. É por isso que eu gosto de í " (Vinenciana, 46 anos, dona de casa, oriunda de Derrubadinho).

> "De vez em quando eu também acompanho pra ajudá na produção da farinha, mas quando o negócio está vasqueiro (difícil) e a gente num tem de onde tirá a bóia (alimento)... Quando a gente trabalha na fabricação da farinha a gente tá como numa empreita... trabalha tantos dia e ganha mais ou menos o equivalente da produção... é também forma de vazê a vizinhança – eles são dos nosso... são cumpadre também - ajudo na roça, no mais pesado, e também ganho para o cumê dos filho" (José, 55 anos, ex-pescador, oriundo de Iraquara).

> "Quando tenho que procurá alguém pra me ajudá, procuro aqui os da vizinhança... é melhô a gente trabalhá entre os cunhecido da gente... assim a gente tem menos surpresa, aborrece menos" (Bené, 58 anos, marisqueira, oriunda de Maracanã).

Do mesmo modo, podemos observar traços de solidariedade no trabalho, quando chegam da pesca. Os pescadores ajudam os companheiros na arrumação e limpeza da embarcação e dos apetrechos de pesca. Se a pesca foi boa, geralmente trazem algum dinheiro ou maior quantidade de peixe, que servem para amenizar as dívidas com a mercearia e as vendas do bairro e outra parte para alimentação da família durante a semana. Caso o resultado seja negativo,

outras alternativas são viabilizadas pelo grupo doméstico, inclusive e ou especialmente algumas atividades oriundas do turismo.

As reflexões aqui realizadas foram, em parte, inspiradas por Brito (1986) entre os pescadores de Arraial do Cabo - Rio de Janeiro: a "reciprocidade equilibrada" e a "assistência temperada": "todos esses significados, associados à importância que a pescaria assume no sistema de trocas monetárias dominantes, constituem precisamente a base que a legitima como força catalisadora das relações sociais".

Observa-se que ainda há uma relativa organização na divisão da costa no intuito de distribuir, equilibradamente, o lugar para a pesca nos currais, por exemplo, como se fossem "cercas do mar", no sentido demarcar os limites de propriedade de um ou mais pescadores, responsáveis pela manutenção e captura dos peixes – os currais são respeitados como propriedade dos que lhes são responsáveis, na construção, manutenção e captura do pescado – entre os moradores do bairro da Prainha.

É uma divisão simbólica, pois no mar não há propriedade particular que se circunscreva legalmente[28], entretanto, essa divisão se faz real e prática na medida em que os pescadores curralistas, ao construírem seus currais, passam a incorporar tradicionalmente como seu um certo "lugar no mar". Essas delimitações de propriedade e de uso dos currais são respeitadas por todos, garantindo a solidariedade do grupo e a identidade de pescador curralista. Por outro lado, não é apenas nas relações de trabalho e na geografia dos currais traçados pelos pescadores curralistas que se observa a presença de coesão no bairro.

No âmbito familiar, entre a parentela e a vizinhança, há igualmente uma intrincada rede de solidariedade, no que diz respeito aos cuidados com a saúde e aos afazeres domésticos. Entre as mulheres, especialmente as mais velhas, algumas são rezadoras, benzedoras e parteiras e normalmente costumam socorrer os casos de urgência no bairro muito antes que seja procurado o sistema oficial de saúde. Na vizinhança sempre há alguém, já conhecido e legitimado por todos,

[28] Observar o que preceitua a Constituição Federal sobre propriedades marítimas (de milhas marítimas).

que atende aos casos de urgência no bairro, muitas vezes substituindo o tratamento médico do sistema público de saúde. Do mesmo modo, atuam como apaziguadoras e/ou conselheiras nas situações de conflito entre família e/ou a vizinhança do bairro, resolvendo entre si os problemas.

Como já foi demonstrado, o bairro é de periferia e está relativamente distante dos serviços públicos que a cidade oferece. Entretanto, além deste fator, que poderia ser a justificativa para a busca dos primeiros socorros dentro do próprio bairro, observamos que é mais significativo para os moradores do bairro buscar ajuda dentro da vizinhança, com as pessoas conhecidas e nas quais confiam. Muitas vezes, o interesse de procurar primeiro resolver entre si os problemas do bairro estão associados mais a uma espécie de coesão e solidariedade entre os membros da vizinhança do que, propriamente, a uma questão de dificuldade de acesso a outros recursos.

> "Num quarqué aperreio eu corro pros nosso aqui vizinho... é mais garantido de socorrer... eles são dos nosso... sabe intendê a gente. É cumpanheiro daqui, intende melhó as nossa aflição... as dificuldade são parecida, né... " (Chico, 65 anos, pescador, oriundo de Salinópolis).

> "Ah!... aqui num tem como a comadre Maria, é quase uma santa na terra de tão boa, prestativa, já ajudou a dar à luz a num sei quantos aqui... Ela é muito boa nos assunto de curá, sabe de um tudo que tem na natureza..." (Bené, 58 anos, marisqueira, oriunda de Maracanã).

> "... ela é mais que tudo amiga, mãe velha, vó. Uns chama pra ela é de vó Maria, porque ela é igual a uma vozinha mesmo, ajuda, aconselha a gente quando a gente tá de pá virada. Eu merma já fiz umas coisa errada e agradeço a ela aconselhá eu e o Zé..." (Lurdes, 24 anos, barraqueira, oriunda de Salinópolis).

Estes trechos de conversas travadas entre moradores do bairro, mostram como é significativa a cooperação entre certos membros da vizinhança: a confiabilidade, a proximidade e o companheirismo são critérios que, de certo modo, justificam a procura de auto ajuda entre a vizinhança e se mostram importantes na rede de solidariedade do bairro.

4.7. AS FESTAS

No que diz respeito as festividades do bairro, podemos dizer que ainda é expressiva a rede de cooperação entre os moradores da Prainha. Entretanto, tal processo também vem se modificando em decorrência da presença do veraneio e das mudanças nas relações de trabalho.

A solidariedade é presente na vida sócio-cultural do bairro da Prainha. As festas e comemorações, ainda que sejam eminentemente comemorações religiosas - dias de santos e ou equivalente a dias santos, de guarda, encontramos outras festas que estão ligadas a produção agrícola e pesqueira, iluminação aos mortos e as de "sonoro" e/ou "aparelhagem", como são considerados, pelos moradores da região, as festas com uso de aparelhos de som possantes.

Nas festividades à São Francisco de Assis, o padroeiro do bairro, por exemplo, todos se juntam no preparo da procissão e da festa. O "mastro do santo" que é um tronco de árvore, erguido no centro do "terreiro", ou seja, do espaço ao lado da capela, onde são pendurados tradicionalmente frutos da época, hoje se juntam a estes, sacos de "bolacha" (biscoitos), de "bombom" (bolas de gude) e outros doados pelos moradores do bairro e que no final da festa são distribuídos aos participantes; e o leilão de comidas, regado a galinha assada, preparada com farofa, com uma ou outra novidade, igualmente doadas por pessoas da comunidade, de forma que, no momento determinado, todas as galinhas são leiloadas e praticamente todos acabam arrematando pelo menos uma galinha no leilão. São exemplos da vida tradicional em mudança no local. O esforço dos organizadores para arrecadar o maior número possível de ofertas para leiloar é sempre muito grande, pois de certa maneira, garante a festa. A quantidade de doações esperada para o leilão deve ser proporcional a arrematada, de modo que a troca tem um sentido simbólico, coloca de uma forma ou de outra, todos unidos desfrutando igualmente as possibilidades de ganho (Mauss, 1974).

Nos meses que antecedem a festa do padroeiro do bairro, inicia o trabalho da comunidade de São Francisco em que todos os moradores ligados a essa comunidade participam intensamente - são católicos ligados ao Centro Comunitário que trabalham para angariar fundos para a festividade. Preparam várias rifas e bingos a correrem no próprio Centro Comunitário para angariarem os proventos necessários a festa. Cada ano a festa tem um diretor – uma pessoa do

bairro que coordena e dirige a festa, freqüentemente o próprio Presidente do Centro Comunitário assume a função, coordenando os trabalhos dos outros membros da comunidade franciscana do bairro.

A festa de São Pedro, padroeiro dos pescadores, entre as festas juninas – santos juninos: Stº Antônio (13 de junho), São João (24 de junho)- São Pedro (29 de junho) e São Marçal (31 de junho) - é uma das mais comemoradas no bairro com intensa participação dos pescadores. As festas de N. Sra. do Socorro (1 a 8 de setembro) padroeira da cidade, São Benedito (22 a 30 de novembro) e N. Sra. da Conceição também são lembradas pelos moradores da Prainha, entretanto, não são realizadas maiores comemorações no bairro.

> "A nossa festa maior mesmo é a São Francisco, padroeiro do bairro, nessa a gente se empenha mais porque é do nosso bairro, os outros santos são comemorados nos seus bairros – todos os bairros tem seus santos padroeiros – por isso a gente se empenha mais... os outros santos a gente também gosta é devoto e tudo, mas num tem a aquela responsabilidade de trabalhá pelo santo, entende, num precisa se empenhá" (Virgínia, 69 anos, dona de casa, oriunda de Salinópolis).

As festas ligadas à produção agrícola já não são mais faladas como tal, pois no bairro não tem produção agrícola para se festejar[94]. Entretanto, as festas de produção pesqueira cada vez mais estão sendo fortalecidas. Estas festas em comemoração à safra pesqueira comumente feita entre pescadores e os envolvidos na pesca, contam tradicionalmente com a contribuição dos pescadores e de seus familiares, que se auto ajudam fazendo verdadeiros banquetes comunitários. São festas em que todos, de um modo ou de outro, participam e fazem o que for possível para que tudo saia da melhor forma: uns trazem certa quantidade de peixe, de acordo com a safra do peixe que dá nome à festa, como por exemplo, o "festival do serra" - que é a festa do peixe serra, "festival da curvina" - que é a festa em comemoração à boa safra da curvina; outros oferecem farinha; aguardente; frutas para suco e/ou batida etc. Enfim, todos cooperam de algum modo, nem que seja oferecendo sua mão-de-obra para o trabalho de realização da festa. O peixe é preparado coletivamente pelas mulheres dos pescadores, em diversas modalidades como assado na brasa, cozido, frito etc. e oferecido para degustação a ser partilhada por todos os presentes,

[94] Embora o bairro da Prainha esteja num processo rururbano, entre o rural e o urbano, anteriormente já referido (Capítulo 2). A pequena produção e /ou roça ainda existentes são realizadas por alguns moradores mais antigos em lugares bem afastados do que é considerado o bairro ou em sítios em localidades do interior.

numa espécie de quermesse. Todos os alimentos são oferecidos gratuitamente e as bebidas sim, são pagas. Com estas vendas de bebidas, o pouco dinheiro arrecadado é direcionado para o pagamento das despesas realizadas, pois o festival tradicionalmente não tem fins lucrativos.

> "Antigamente a gente comemorava pequeno... era só entre nós pescadô, agora não, é comerciante, é prefeito, é dono de hotel, e um tantão de gente de fora que qué participá, que qué patrociná... Isso é bom por um lado, num vamo negá, mas muda o nosso entrosamento, fica diferente uma festa que tem patrocinadô querendo mandá, tira a graça da gente" (Chico, 66 anos, pescador, oriundo de Cuiarana).

> "Estas festas (festivais de peixe) estão crescendo, atraindo gente de fora e isso é bacana... divulga o nosso lugá, Enquanto o pessoal daqui num qué mais contribuí nem ajudá na feitura da festa, outros se chegam e se a gente quer continuar a realizar a festa tem que receber quem quer participar, num é mesmo" (Pedro, 62 anos, pescador, oriundo de Marudá).

Estas festas em comemoração à "safra pesqueira", tradicionalmente, realizada entre os envolvidos na pesca como uma forma de solidarizar-se com os familiares e comparsas da pesca, bem como agradecer a Deus o sucesso da pescaria, atualmente, tem sido motivo de campanha política e ou razão para incentivar a vinda de turista para a região, com incentivo de Secretarias do Estado e Prefeitura local, passando a ser também incentivada por não pescador e por outras categorias de pessoas de fora. O que vem contribuindo para algumas mudanças significativas nestas comemorações, como a presença de gente de fora não envolvida com a questão pesqueira e com o mundo do bairro.

Como festas do bairro, "Festas da Comunidade" estão incluídas as festas do Padroeiro do bairro e todos os outros festejos realizados no centro comunitário, sob à direção da própria igreja através do(s) seu(s) coordenador(es) de bairro: as festas de santos de época como as festas juninas, julhinas e outras, são realizadas de forma coletiva. Todos de um modo e/ou de outro ajudam na preparação da festa, seja capinando o terreno, limpando e/ou decorando o centro comunitário, tirando madeira do mangue para a construção de barracas e outros para a festa, participando e/ou ensaiando as cantorias e as danças, angariando patrocinadores entre os comerciantes ou mesmo arrecadando contribuições entre os moradores do bairro.

As celebrações de casamentos e batizados no bairro, embora não muito freqüentes, são realizados preferencialmente de forma coletiva. Em todas as ocasiões, o coordenador

comunitário responde às diretrizes da Matriz procurando controlar os excessos e garantindo o melhor termo. Assim, observa as músicas, o excesso de bebidas e de comportamento dos casais.

É ainda bastante freqüente nas festas juninas como de Sto. Antônio, São João, São Pedro, promovidas na comunidade, com músicas, danças, comidas e iguarias da época e com a tradicional fogueira de São João as pessoas se tornem compadres, primos de fogueira. Um verdadeiro "aparentamento" (primos, afilhados, compadres, tios), no linguajar popular local, é selado ao redor da fogueira. Pessoas com laços de afinidade estreitam-no ainda mais através das fogueiras, num ritual que os une até o fim da vida. Estas relações, firmadas ao redor das chamas da fogueira, são bastante significativas, são individuais e não significam nada para os outros da família que não travaram este pacto. Entretanto, são respeitadas e levadas à sério por todos. São importantes redes de afinidades e mútua ajuda, pois firmam laços simbólicos de parentesco que mantém uma certa coesão e garante a vizinhança. É uma relação de parentesco não consangüínea, mas extremamente considerada na comunidade, são os parentes escolhidos e, talvez, por essa razão são relações mais leves e apreciadas mutuamente.

> "...nós somo parente há quinze anos... parente escolhido, sabe? Parente de fogueira. Mas até hoje ele me vale como ninguém no mundo..." (Vinenciana, 46 anos, dona de casa, oriunda de Derrubadinho).

> "...eu e o cumpadre somo que nem unha e carne, cumpanheiro de pesca e sócio no negocio... quando a pescaria tá boa a gente chama mais alguém pra ajudá nois, mas o costumeiro mesmo é só a gente, entre cumpadre as coisa se equilibra, um faz uma coisa outro, outra, um segura aqui, outro aculá, e assim a gente vai levando... somo cumpadre de fogueira, cumpadre até debaixo d'água..." (Chico, 66 anos, pescador, oriundo de Cuiarana).

Do mesmo modo se comemora com muita animação o dia dos finados. O "dia da iluminação" como é considerado o dia dois de novembro, modifica por inteiro a rotina diária do bairro. O fato do único cemitério da cidade se localizar no centro da cidade, o movimento do bairro, nesta data e durante o dia inteiro, é dirigido para lá. Tanto adultos quanto jovens e crianças estão, a seu modo e possibilidade, dedicados à festividade. Todos trabalham com a limpeza e embelezamento do lugar desde as primeiras horas do dia e mesmo os que não tem ninguém a quem "festejar", festeja pelo vizinho, amigo ou afim. De forma que todos estão imbuídos de preparar o melhor que possam para suas almas: limpeza, pintura, jardinagem e

muitas flores de papel colorido e/ou naturais[95]. As velas, em grande quantidade são acesas ao escurecer e iluminam a noite. O lugar vira uma verdadeira festa: barracas com bebidas, comidas e iguarias regionais são vendidas durante o dia inteiro, pois muitos estão ali desde cedo e só retornam muito tarde da noite. Há música, cantoria e até os que dançam; os que cansam antes da hora dividem os espaços disponíveis com as crianças em cima das catacumbas.

> "A iluminação é uma comemoração muito boa, armo minha barraca de venda aqui, todo ano... ao mesmo que ganho, festejo com os finados... a família toda vem ajudá e quando os pequeno cansam, é só pedir licença e esticar ali mesmo um pouquinho (nas sepulturas). Varo a madrugada enquanto tiver gente por aqui. No ganho, é mesmo que fosse veraneio vendendo na praia... por uma parte aqui é melhô, aqui a festa é da gente... estamo entre os conhecidos da gente... encontramo muita gente que vem de longe, que faz tempo sem encontrá" (Socorro, 57 anos, vendedora ambulante, oriunda de Bragança).

A festa da iluminação também é momento de confraternização e encontro dos mais concorridos do lugar: as pessoas se arrumam da melhor forma, põem o melhor vestido, o melhor sapato. Todos da cidade, dos diversos bairros, confluem para o mesmo local, assim como também o fazem pessoas das vilas e povoados próximos que chegam para homenagear os seus mortos. Deste modo, o "dia dos finados" é uma festa dos vivos: dia de encontros de parentes e afins que trocam notícias e afetos entre si. A iluminação é festa da vida, pois além da festa em homenagem aos mortos, é festa entre os vivos, dia de encontro de parentes e amigos. É celebração da vida.

Não encontramos, entre os moradores do bairro da Prainha, comemorações de aniversário e outros realizados no âmbito familiar. O Natal e o Ano Novo são datas que mais recentemente passaram a ser comemoradas pelos locais. Nos últimos anos, por ser período de feriado, é grande o movimento de veranistas e turistas que vêm passar estas datas festivas em Salinópolis e na "mala" trazem as suas tradições, o hábito de enfeitar as casas, árvore de natal, presentes e um jantar ou "ceia" de Natal e/ou festa de Reveillon, no que os moradores locais, de acordo com a condição financeira da família, passa a comemorar também. Esse fato é mais notado nos bairros e nas casas mais próximas do veraneio. Nos bairros mais periféricos, mais

[95]As flores naturais, em maioria, são tiradas dos jardins das casas dos veranistas. Quando coincide desta data provocar um feriado maior trazendo os veranistas para suas propriedades os caseiros ficam divididos. De certa forma querem passar o dia da iluminação com e para suas almas e se encontram impedidos. Alguns chegam a fazer "reza" para os patrões retornarem para a cidade o quanto antes para não atrapalhar a festa e impedir que eles, os caseiros, possam catar as flores mais bonitas do jardim das propriedades que cuidam para levar ao cemitério e distinguir, portanto, suas almas com flores do jardim do "barão".

pobres e distantes da presença balnear de veranistas e turistas, isso já não ocorre com tanta freqüência, como é o caso do bairro da Prainha.

Por outro lado, observa-se que os ritmos e as danças regionais como os Pássaros Juninos e o Carimbó[96] por exemplo, que há algum tempo atrás tinham larga aceitação entre os moradores do bairro, estão gradativamente deixando espaço para outros tipos de manifestações sociais, especialmente entre os mais jovens. O gosto pela música que embala as coisas da natureza e conta da região a cada dia que passa emudece[97].

> "ichi! esse negócio de carimbó num tá com nada, é coisa pra velho... tô fora. Eu gosto de outro tipo de música" (Mariano, 19 anos, estudante, oriundo de Salinópolis),
>
> "Acho bunito o carimbó, mas eu tenho vergonha de dançá... Nas outras festas a gente numa aparece tanto, num fica todo mundo olhando, né" (Marli, 17 anos, estudante, oriunda de Salinópolis).

Além destas festividades, mais recentemente e com mais freqüência, se tem visto as "serestas" como são chamadas, regionalmente, as festas realizadas com aparelhos de som eletrônico de alta potência. São festas dançantes realizadas em sedes e/ou terreiros alugados, realizadas durante a noite e que se estendem até ao amanhecer, com vários tipos de ritmos e músicas, especialmente as de sucesso popular, como brega, forró, funk, etc., atraindo cada vez mais a população jovem da cidade. Essas festas também guardam uma certa solidariedade entre os participantes. São festas para angariar fundos para a comunidade do bairro ou são festas que tem participação e lucro dividido entre os organizadores: uns se responsabilizam pela bebida, outros pela comida e outros pelo ingresso, por exemplo. São festas pagas e normalmente visam lucro. São festas apreciadas por todos crianças, jovens e adultos, mas quem participa com mais

[96] Os Pássaros Juninos são manifestações folclóricas que apresentam dramatização musicada no estilo de opereta, onde o tema básico é a morte e ressurreição do pássaro da mulher amada, embora apareçam inúmeros incidentes cômicos no desenrolar da história. O Carimbó é ao mesmo tempo instrumento, música e dança. É semelhante ao tambor pelo qual se entoam canções populares com características rítmicas e passos de dança próprios. O Carimbó também é uma manifestação folclórica da região que canta a vida do povo e da região. Ver: Vicente Salles (1969); Inventário Cultural e Turístico da Micro Região do Salgado (1979) e outros constantes na bibliografia.

[97] No bairro da Prainha apenas existe a lembrança de um Carimbó atualmente adormecido - o grupo de dançarinos e cantadores não se reúne mais. Em toda Salinas dois grupos de Carimbó mantinham a tradição e se alternavam nas apresentações: um deles era liderado por um homem e outro por uma mulher que tradicionalmente compunham as canções, as entoavam e dançavam. Na verdade, segundo depoimento de um dos líderes de Carimbó, todos faziam parte de um mesmo grupo e por desavenças entre as lideranças, se bifurcou; atualmente estão em franco declínio, pois certos participantes faleceram e ainda não foram substituídos por outros à altura.

assiduidade são jovens e adolescentes do lugar. Normalmente, nestas festas estão também os visitantes da cidade, ou seja, veranistas e turistas do balneário, especialmente os do sexo masculino, que vão ao encontro de "namoradas" nativas. Estas festas também podem ser vistas como lugar de encontro entre os jovens de fora como os veranistas e turistas e os moradores locais, de conquistas e novos relacionamentos amorosos também. Palco de mudanças sócio-culturais, enfim, um trampolim para novas formas de relacionamento com o mundo de fora.

Como foi possível observar, as mudanças nas relações de trabalho da pesca para os serviços voltados para o veraneio, contribuíram para alterar todo sistema sociocultural que mantinha os pescadores e seus familiares no bairro, quebrando as redes de solidariedade e de prestígio que, de certa forma congregavam a vizinhança, como veremos a seguir.

4.8. RELAÇÕES DE PRESTÍGIO

As redes de solidariedade que marcam presença na vida sociocultural local, também contribuem para intrincada teia de relações de prestígio que liga os indivíduos e/ou famílias à sociedade. Há pelo menos duas formas que marcam as relações de prestígio no bairro: as relações de prestígio adquirido por esforço próprio, reconhecimento e merecimento por qualidades pessoais, consideradas importantes no meio sociocultural local; e as relações advindas com a proximidade e o prestígio de terceiros, normalmente adquirido pelo estreitamento das relações com os veranistas e turistas que freqüentam a região.

Ser reconhecidamente um bom pescador é um dos fatores mais importantes e gratificantes para os pescadores. Este prestígio é adquirido com o tempo ao longo da vida, com reconhecimento dos seus feitos por anos. O saber pescar e o ser pescador são categorias que estão imbricadas e socialmente reconhecidas pelo grupo social local. A coragem, confiança, o conhecimento da natureza e domínio das técnicas de pescar, do tempo, do lugar das condições para pescar etc. são alguns atributos que distinguem um bom pescador do outro.

> "Hum! aquele um sim... é pescador com "P" maiúsculo... é pescador mesmo... tem sabedoria, sabe a hora de í e a hora de vortá... moça. Com as coisas do mar não se brinca. É preciso mais

> que forças nos braços. É preciso sabê... o mar num tem cabelo...” (Pedro, 67 anos, pescador, oriundo de Salinópolis).

> “O sabê de pescador às vez num passa de pai pra filho não... É uma coisa que num se sabe explicá, às vez a pessoa fica li ano e ano impatando, mas num leva jeito pro negócio. Veja lá o cumpadre Chico, grande pescadô, cunhecido por todo mundo destas bandas daqui, mais qualé o filho que lhe compara? Num tem um que deu pro ramo... o velho tem prumo, tem o traquejo de enfrentá o mar, mas dacompuco a idade vai chegá e ele vai tê que aposentá e dos filho, num tem um que possa contá” (Maria do Socorro,57 anos, dona de casa-marisqueira, oriunda de Salinópolis).

O reconhecimento de ser um bom pescador é um prestígio de importância pessoal de dentro da comunidade, prestígio de valoração subjetiva e individual. O filho de um bom pescador, por exemplo, não necessariamente é um bom pescador e os louros do pai nem sempre lhe cabem, favorecendo-o socialmente.

Outra relação de prestígio de valoração pessoal dentro da comunidade é a das rezadoras e benzedeiras, que igualmente não necessariamente se estende aos outros membros da família. O dom de rezar e benzer, assim como o fato de algumas pessoas possuírem certos saberes, lhes confere lugar especial no bairro da Prainha: são respeitadas e legitimadas como destinatárias de um poder divino que as torna mais especiais dentre os outros moradores do bairro.

> “Minha comadre é uma grande rezadora, é conhecida por todos daqui do bairro e até por muito veranista que vem aqui por ela, ela é muito boa nesses assunto de benzeção, quarqué coisa todo mundo corre pra ela... quarqué coisa que acontece ela é a primeira a sê chamada... ela tem um Dom, um Dom de aconselhá, um Dom de apaziguá... ela é uma palavra, ela é respeitada num é só pela idade, é o sabê dela... ela é que nos valhe em muita coisa aqui no bairro... ela tem muito conhecimento, muita gente deve favô...” (Manoela, 58 anos, dona de casa, trabalha na coleta e descasca de mariscos, oriunda de Santa Rosa)

Por outro lado, as relações de “apadrinhamento” com pessoas “graúdas”, no linguajar local, gente de poder econômico maior e de influência local, da região e/ou de fora, podem ser vistas como favoráveis, muitas vezes para todos da família. Com relação aos parentes rituais como os compadres, esta tem sido em sua maioria uma questão de aquisição de prestígio, pois as relações de compadrio podem ser uma alternativa para galgar um certo prestígio, especialmente quando a escolha dos padrinhos é feita entre os “barões”, os patrões – veranistas.

Esta forma de aquisição de prestígio advindo das relações com terceiros tem estimulado os moradores locais para um maior relacionamento e entrosamento com os veranistas que freqüentam o balneário.

A preferência de oficiar relações de compadrio, através de batismo, com os patrões (barões) e varanistas tem sido notória e às vezes expressa pelos moradores locais. Através das entrevistas realizadas com os moradores do bairro da Prainha, oito pessoas expressaram que uma das razões de escolherem para padrinhos de seus filhos patrões-veranistas era a condição socioeconômica do padrinho que poderia favorecer no futuro do filho e da própria família; quatro expressaram que a amizade antiga entre as famílias (do caseiro e do veranista) estimulou as relações de compadrio.

> "Os padrinhos do meu filho são os meus patrões. Faz 8 anos que sou caseiro deles. Moro aqui nessa casa que também é deles desde quando arranjei família... Sou para tomar de conta de um tudo daqui, a mulhé cuida da casa... Eles são os padrinhos porque eles são bacana com a gente. Desde do nascer da criança eles ajudaram. A mulhé teve muitos problemas, a criança tava toda enlaçada sei lá, e foram eles que arranjaram lugá na Santa Casa em Belém pra ele nascê. Eles gostam muito da criança e também, se calhá vão ajudá no futuro dele, quem sabe. Eles são bem de vida, são doutô. Por isso acho que eles são um bom padrinho" (Josenildo, 37 anos, caseiro, oriundo de Maracanã).

Ter como padrinho uma pessoa de maior poder aquisitivo em condições maiores e melhores de manter "as obrigações mútuas das relações de compadrio" é motivo de prestígio entre os moradores locais que vêem no sujeito (afilhado) uma potencialidade distinta dos outros. Essa expectativa é dada em função do padrinho que pode lhe proporcionar bens, como: roupas melhores, objetos, presentes em datas comemorativas que tradicionalmente entre os locais passam despercebidas etc.; oportunidades melhores como: estudar, chegar ao segundo grau e quem sabe à universidade em Belém, conseguir um emprego etc.. Enfim, um sem número de expectativas que são delegadas ao padrinho e algumas vezes com benefício extensivo aos da família, pois a relação de compadrio envolve também os compadres, além dos afilhados propriamente ditos. Ampliando, de certo modo, as redes de solidariedade e prestígio aos familiares.

> "Ela levou este um para afilhado do compadre Manuel tem 5 anos... Ah! Sou caseiro do compadre Manuel há 8 anos e não saio daqui... pescá só pra cumê que eu quero. Essa vida aqui é melhó, mais garantida... a filha do meio, tá na cidade, estuda em Belém. Vive na casa

> da nora da comadre (esposa do compadre Manuel)... ela ajuda a tomar de conta das crianças pequena... eles lá são muito bom pra ela... já o afilhado deles é esperto, gosta de estudá... quem sabe segue cum o compadre, vai nos passo do padrinho dele. Eles têm comércio, são grande por lá... têm casa bonita... têm empresa de ônibus...” (Chico, 50 anos, ex-pescador e caseiro, oriundo de Salinópolis).

Ser caseiro e ainda compadre de uma pessoa importante, de sucesso, que tem um certo poder na região: políticos, médicos, advogados, enfim, “pessoas ilustres”, é um dos prestígios mais cobiçados pelos moradores locais, marcando a importância das relações com os veranistas. Quanto maior a importância, o poder aquisitivo demonstrado e o lugar social ocupado por esses veranistas a relação de proximidade pode garantir maior ou menor prestígio aos moradores locais.

> “Ah desde que passei a sê caseiro e cumpadre do doutô Manoel passei a sê a segunda pessoa dele aqui... respondo pela casa, pelas embarcação – ele só faz me telefoná e pode deixá... o pessoal já me procura, eu é que tenho as chaves e controlo tudo... Tenho carta branca pra usá a lancha do doutô quando precisá. Eu tomo de conta de tudo que é dele aqui e.... sabe, gosto muito é de pescá e às vezes também arrumo uma pescaria. Às vez vem gente da parte do doutô pra fazê pescaria e eu que acompanho... posso usá a lancha para passeá com a família também... Sou conhecido na praça e se precisá de alguma coisa por aqui é só falá comigo que eu resolvo ” (Zé, 58 anos, caseiro, oriundo de Salinópolis).

A aquisição de objetos mais modernos e da moda na cidade, dá um certo prestígio, assemelhando o morador do bairro a um morador da cidade de Belém, por exemplo, com um certo “tom de civilidade” daí a razão das roupas e modo de vestir dos moradores locais, especialmente os mais jovens, copiarem a dos veranistas. O uso de rádio, entre os mais velhos e/ou gravadores portáteis, entre os mais jovens, em diversos modelos e potência, são habituais companheiros dos moradores do bairro quando saem a passeio nas ruas, assim como o uso de bicicletas – meio de transporte mais usual entre os moradores locais mais abastados - também são formas de demonstrar certo poder econômico, civilidade e prestígio. As relações de prestígio com as coisas da cidade e com as pessoas de fora, como os veranistas, por exemplo, são tentativas de ascensão social no balneário e de distinção entre os locais, moradores da Prainha.

Ao longo do trabalho de campo, pôde-se observar que eram comuns entre as conversas dos moradores do bairro os assuntos sobre os patrões-veranistas. Os caseiros disputavam o *status* de seus respectivos patrões como se fora o próprio: o que tinha a casa mais bonita, o que tinha melhor carro, enfim, o patrão-veranista que mais ostentava e/ou que mais

visivelmente apresentava maior poder aquisitivo ou rede de influências, era considerado por eles como o mais poderoso e ser caseiro de alguém poderoso era bem melhor do que ser caseiro de alguém comum. Deste modo, a disputa por um patrão "poderoso" entre caseiros é recorrente.

4.9 RELAÇÃO COM O MAR, ESPAÇO E TEMPO

Um fato interessante de observar é a relação da população local com o mar, no que se refere ao laser e a diversão. Constata-se através da pesquisa de campo e dos próprios depoimentos, que o turismo e a vida balnear contribuíram para algumas mudanças: mudanças nas formas de se relacionar com a natureza.

> "Agora tudo mudou, as criança vão pra praia brincá. No meu tempo... não lembro do meus pais me levarem pra praia... assim como passeio.. assim igual os turista faz. É verdade que a gente acabava dando uns mergulhos, mas não era assim não. A gente ia junto com os pais trabalhá... o mar era lugar de trabalho... ia pescá, ajudá na pesca, né!". (Fernando, 43 anos, comerciante-pescador, oriundo de Salinópolis).

De certa maneira, foi com estranheza que os naturais do lugar receberam o hábito de tomar sol na praia e brincar na água introduzido pelos veranistas que passaram a freqüentar o balneário mais amiúde no final da década de cinqüenta e início de sessenta, como fica evidenciado nos relatos de alguns dos antigos moradores:

> "Quando eu me iniciei por aqui não se falava em praia. Praia num existia cumo hoje não, quer dizer, existia, existia, mas não assim de passeio. Digo assim, que existia praia mas para nós era praia pra pescá, não pra tomar banho, ficar torrando no sol como os banhistas fazem no veraneio. Isso naquele tempo num existia" (José, 55 anos, ex-pescador, oriundo de Iraquara).

> "Esse negócio de ir pra praia, banhar e passear no sol quente nunca vi não... no meu tempo num tinha esse negócio de usar roupa de banho e de ir pra praia assim não. Os homens iam pra praia pescar e as mulheres quando iam, faziam-no junto com o marido e os filho... sempre se acabava dando uns mergulhos quando já ia se voltando pra casa. Praia era pra pescá" (Manoela, 67 anos, dona de casa, oriunda de Fortaleza).

Observamos que tomar banho na praia passa a ser um traço diacrítico de identidade entre os moradores locais e o pessoal de fora. E, o fato de usar a praia para tomar banho de sol e

de mar continua sendo, até hoje, um dos hábitos que mais fortemente distingue aos olhos dos mais velhos do lugar, os novos habitantes, veranistas, deles próprios.

Na Prainha, ainda é pouco freqüente, entre os seus moradores, o hábito de usar a praia para tomar banho de sol e de mar, com exceção das crianças que transitam com mais facilidade nestes ambientes - os mais velhos levam as crianças para a praia mas raramente se banham no mar. As mulheres jovens, casadas vão a praia quando acompanhadas dos seus maridos. Para as solteiras, o espaço da praia só aos poucos vai sendo visto como legítimo. As que vão a praia, o fazem contra o consentimento dos pais, muitas vezes escondido e, embora já usem trajes de banho, são facilmente distinguíveis das mulheres de fora da mesma idade, pelo jeito, pelos gestos e pela fala. A ida a praia, muitas vezes, está relacionado com a possibilidade de conquista de um casamento com um rapaz de fora, desejo compartilhado por muitas jovens do lugar. Os homens jovens do lugar costumam jogar bola (pelada) na praia, mais especialmente na praia da Coroinha, que é a mais próxima da cidade e freqüentemente partilham destas peladas com os veranistas jovens também.

Os moradores locais quando vão a praia o fazem pela tarde, depois do almoço quando o sol está mais brando[98]. Dizem que não é recomendável os horários de sol forte. Nestes horários também evitam, o quanto podem, qualquer trabalho ao sol.

[98] O fato de a população local preferir o horário da tarde para ir à praia, ficou conhecido pelos veranistas. Neste horário também as empregadas domésticas, depois de servir o almoço aos patrões, vão às praias, preferencialmente à praia da Coroinha e do Maçarico que são as praias mais próximas à cidade. Neste horário esta praia ainda é mais freqüentada pelos rapazes que vão jogar futebol (pelada de futebol) e "caboquear", paquerar, namorar, no linguajar dos próprios rapazes que dizem ser o melhor horário para encontrar as "caboquinhas" (como chamam as moças do lugar) e "motoras de fogão" (como são chamadas as empregadas/cozinheiras domésticas). Esta divisão de horários para freqüentar a praia é sugestiva à reflexão. Atualmente, como a praia mais badalada e freqüentada pelos veranistas é a praia do Atalaia (na ilha do Atalaia), que fica a 13 Km da cidade, estes hábitos estão mudando em parte. Os veranistas costumam ir à praia por volta do meio dia e retornam no final da tarde, quando almoçam e jantam, descansam um pouco e vão para as barraquinhas (bares e restaurantes localizados na praia do Maçarico) até quase o amanhecer. Este ritmo frenético que é bastante freqüente entre os veranistas e turistas, jovens e mais velhos, muda de certa forma o ritmo da própria cidade que vive voltada para o balneário. Recentemente foi construído um complexo turístico: com calçada para caminhadas esportivas, pista de bicicleta, parques temáticos com brinquedos infantis, restaurantes, postos de vendas, etc., ao longo da orla da então praia do maçarico que hoje é conhecida por todos como da curvina. Há poucos anos atrás, a ponta da curvina (onde hoje se instalou o complexo turístico em referência) era um pesqueiro, zona rica em pescado e freqüentada especialmente pelos pescadores em pesca.

> "Às vezes nos vamos à praia banhar, sim... levar os menino. Mas vamos depois do almoço, quando o sol já está enfraquecido, lá pra três hora, sol muito forte num faz bem pra saúde...". (Mariinha, 29 anos, dona de casa, oriunda de Motta).

Ao longo do trabalho de campo, observando o cotidiano entre os moradores da Prainha, deparamos com a ausência, quase que absoluta, de referência a alguns indicadores temporais "abstratos", tais como ano, mês, dia e hora propriamente dito. Embora este não seja um dado raro entre grupos de camponeses e populações tradicionais[99], surpreende-nos que aqui, numa agência balnear, ainda se encontre tal fato. As referências ao "tempo do relógio" são diminutas e, quase sempre numa relação que envolve gente de fora, ou de fora do contexto.

A noção de "tempo disciplinado" característico das sociedades urbanas e industriais em que "tempo é dinheiro", em que o manipulação do tempo está associado a interesses e objetivos particulares, passa a ser vivenciado, especialmente, pelos moradores locais envolvidos com trabalhos voltados para o balneário, para o comércio e para a pesca empresarial[100].

A questão tempo se colocou pelo menos em duas questões que supunham imediatamente a referência à temporalidade: uma, quando perguntávamos há quanto tempo residiam no local – tentando reconstruir locais de residência e a vida local; outra, quando perguntávamos sobre o trabalho da pesca, há quanto tempo pescavam – tentando reconstituir o trabalho da pesca e a vida sócio econômica, etc. Observamos que mudam as relações com o "tempo natural" para "tempo relógio" a partir do contato mais freqüente com a vida do balneário.

Quando os moradores locais se referem a questões sobre as atividades econômicas sempre se remetem à temporalidade concreta, neste caso, ao inverno e verão, as estações amazônicas[101]. Os encontros são marcados entre os moradores locais segundo as referências de

[99] A questão da ausência de indicadores abstratos relativos a marcação do tempo é tão amplamente abordada por estudos de Etnologia indígena quanto por estudos de camponeses/ pescadores de um modo geral na Amazônia. Entre estes estão: Thompson (1967); Nascimento (1984-1995); Costa (2000); Almeida (2002); Aviz (2002), entre outros.
[100] Aviz (2002) Mostra como a atividade pesqueira na Amazônia, que sempre teve caráter artesanal e regional, a partir da década de 60, vai se configurar de maneira diferente, pois se instala a grande empresa da industrialização do pescado na região, se instala o "disciplinamento" da força de trabalho pesqueiro em Icoaraci-Belém(Pa.).
[101] Considerando-se o clima da Amazônia, que de um modo geral apresenta um período de mais chuvas e menos chuvas; o período de mais chuvas caracterizado como de inverno e de menos chuvas como o de verão. A região é de verão o ano inteiro, apenas alternando-se o nível pluviométrico nos meses de dezembro a março.

"quando o sol esfriar", "quando o sol enfraquecer" , "boca da noite", "quando o sol se for" e/ou no "sol quente", "sol a pino", "de manhãzinha" , "boca do dia" etc.

> "No Domingo, boca da noite, o Pároco vem rezá missa no centro comunitário do bairro" (Manoela, 58 anos, dona de casa-catadora de marisco, oriunda de Santa Rosa)
>
> "Costumávamos sair para pescaria bem de manhãzinha, na boquinha do dia, antes do amanhecê, antes do sol aparece... mas costumávamos chegar no sol quente, quando já virou a maré" (João, 80 anos, pescador, oriundo de Pindorama).

Sobre a questão do tempo, uma análise já clássica sobre as dimensões ecológicas e estruturais de que se compõe a experiência humana é a de Evans-Pritchard (1987) entre os Nuer. Tratando da percepção do tempo entre os Nuer ele fala das dimensões que esta noção assume naquela cultura: a ecológica e a estrutural. O "tempo ecológico", expresso na prática social e determinada por fatores naturais; e o "tempo estrutural" constituído da dinâmica das relações sociais relativas a essa noção.

A dimensão de um "tempo ecológico" e um "tempo estrutural" de que se compõe a experiência humana pode, de certa forma, ser transposta com relação ao modo como os pescadores pensam e regulamentam o espaço marítimo em que trabalham, demonstrando assim um maior envolvimento e percepção das condições reais da natureza.

Do ponto de vista social, o processo de socialização da natureza e transmissão da tradição é uma relevante dimensão da capacidade que o homem tem de conferir significado simbólico ao espaço, inclusive ao espaço social em que ocorrem as suas relações, como o lugar de ocupação, de posse, de exclusão, lugar de respeito que deve ser resguardado etc., fundamentais a toda sociedade. A representação do espaço é uma expressão fundamental da organização social, fornecendo referenciais que propiciam a ocorrência de outros comportamentos (Maldonato, 1993).

Outro aspecto que merece atenção na questão do tempo e do espaço como fatores de ordenação do mundo, é a distinção do tempo de férias e o tempo do trabalho, o lugar de lazer e o lugar de trabalho que, passam a definir e constituir um novo ritmo de vida para os moradores do local. Certamente a partir do implemento do balneário e do afluxo de veranistas para a região novas concepções sobre tempo e espaço passam a coexistir com as tradicionais – fato

perfeitamente observado nos ciclos de trabalho, anteriormente descritos, que introduzem um ritmo de trabalho ligado ao tempo do veraneio e espaço do balneário e outro bem distinto destes, ligado à vida cotidiana do bairro.

Lembrando Brandão(1998) quando fala sobre indicadores, marcadores do tempo entre as pessoas do Pretos de Baixo: "É preciso compreender que o sentimento do tempo vivido como imaginário, conhecimento, preceito e gramática da vida individual e coletiva, nunca é medido por meio de uma esfera única de indicadores... é preciso ler na soma e na lógica de todos e de cada um dos sinais da natureza os presságios dos dias e meses seguintes..., mais do que se imagina, usam as relações práticas e simbólicas entre as variações do mundo natural e as respostas sociais através do trabalho, como um indicador essencial do fluxo dos tempos e da própria ordem de ambos os mundos, pensados um pelo outro: o da sociedade e o da natureza" (op. cit. p.152).

Refletimos como os moradores da Prainha usam as relações, práticas e simbólicas, como indicadores da própria ordem do mundo; onde, mais recentemente, as "folhinhas" (calendários) e as previsões de tempo dadas pela televisão passam a interessar um pouco - pois, é verdade que os feriados e um "tempo bom" que garantem movimento maior de veranistas, passa a interessar aos que, cada vez mais estão envolvidos com os serviços voltados para o veraneio.

Como demonstrado, as relações com o mundo de fora, com o mundo balnear passa a ser valorizado em detrimento, de certa forma, das relações e da vida local no bairro. Tal investimento acarreta mudanças nas relações com a natureza, entre a vizinhança, entre parentes e afins, contribuindo para o desencadeamento de alguns problemas sociais que estão transformando os grupos domésticos locais.

4.10 PROBLEMAS SOCIAIS E CONFLITOS: TRANSFORMAÇÃO DO GRUPO DOMÉSTICO

Como foi observado anteriormente, ao longo de todo esse capítulo, o ambiente é um espaço construído por agentes sociais específicos que lhe atribuem significados que só podem ser

compreendidos se procurarmos entender a preferência, a organização e/ou distribuição do grupo social estudado. Foi o que tentamos fazer até aqui. Como diz Yi-fu Tuan (1980), é necessário examinar a herança cultural e a experiência do grupo no contexto para avaliar o modo de organização social:

> "Nas culturas em que os papéis dos sexos são fortemente diferenciados, homens e mulheres Talharão diferentes aspectos do meio ambiente e adquirirão atitudes diferentes para com ele... Deste modo o mapa mental dos homens e das mulheres é diferente em função da diferente percepção e valores ambientais culturalmente distribuídos". Yi-fu Tuan (1980:70).

Assim, podemos considerar que para os moradores do bairro da Prainha aqui estudado não é diferente. Com a mudança no contexto de vida dessa população, muito das representações que a ligavam ao mundo mudou[102]. Não são apenas os grupos domésticos e as famílias que mudam o seu lugar de morada; Mudam as relações sociais de trabalho e com elas as formas de se relacionar com o mundo e suas representações.

> "...A vida no bairro é assim... os home pesca, a mulhé fica em casa... e num tem o quê fazê...". (Francisca, de 23 anos, dona de casa, oriunda de São Bento).

Esta fala de uma das moradoras do bairro, é significativa para a reflexão acerca dos problemas sociais e conflitos que contribuíram para desencadear o processo de transformação e mudança porque passam os moradores da Prainha, pois demonstra compreensão do espaço destinado a cada um dos sexos, o lugar e o domínio de cada um na vida urbana do bairro.

É importante considerar que as mudanças ocorridas com o ambiente, com a vida rural-urbana na sede balnear, ajudam a transformar a mulher e as relações entre os sexos. No espaço tradicional da mulher, houve uma transformação radical e uma mudança de valores bastante expressiva.

De uma maneira geral, os estudos de comunidades pesqueiras privilegiam os atores sociais masculinos, isto porque a atividade da pesca é concebida como masculina. As atividades femininas, mesmo que contribuam substancialmente para a subsistência familiar, permanecem

[102] Ver: Yi Fu Tuan (1980); Santos (1982-1997); Moraes (1988); Rodrigues(2002); entre outros.

quase em anonimato[103] - se desconhece o lugar da mulher nestas comunidades pesqueiras e o papel que desempenha frente às transformações e mudanças ocorridas. Ignora-se assim, parte importante das atividades econômicas para essas comunidades e os agentes sociais dessas atividades. Neste sentido:

> "...ignora-se por completo o impacto das transformações ambientais que afetam a condição feminina, isto é, as mudanças do espaço/ambiente sobre o qual se constrói a identidade feminina e no qual se realizam suas atividades produtivas, reprodutoras do grupo como um todo". (Woortmann, 1992)

A contribuição à subsistência do lar através do cultivo da roça sempre foi fundamental na organização e produção familiar. O trabalho da roça, a produção da farinha e derivados era predominantemente feminino e garantia junto com o pescado trazido pelo homem da casa, o sustento familiar. Hoje a cidade cresceu, já não há mais lugar para roça, quem ainda produz alguma coisa através de roça ou outro cultivo rural é porque mantém um sítio no interior e vive entre a cidade e a roça. E, em razão das próprias condições que se apresentam, vão produzindo cada vez menos, não agüentando este ir e vir do sítio para a cidade em busca de vender seu produto e tampouco a concorrência da produção de mercado. É praticamente impossível concorrer com a produção de mercado, pois as condições de infra-estrutura, produção, escoamento e mercado são ínfimas se comparadas às do próprio produtor. A pequena produção familiar não tem como concorrer junto às recentes e verdadeiras fábricas de farinha que já estão instaladas e atendendo a demanda regional[104].

O mangue está sendo aterrado e virando lugar de moradia, e os poucos que ainda se mantêm estão sendo poluídos. A mulher, que antes alimentava a família com o produto da roça e da coleta, hoje em dia, no contexto da cidade, torna-se cada vez mais dependente do marido, seja do peixe que ele traz para a casa, como alimento, seja do dinheiro auferido pela venda do pescado. Agora é com este dinheiro que são comprados o feijão, a farinha, que antes eram produzidos pela mulher, e todo o resto de coisas necessárias à família. Inicia-se um processo de

[103] Há alguns trabalhos que observam essencialmente o caso do trabalho das mulheres na pesca e/ou regiões pesqueiras, mas esses ainda são minoria. Ver: Beck (1989); Motta/ Maués (1993); Alencar (1991); Woortmann (1992); Maneschy (1994); Cardoso (2000), entre outros.
[104] Atualmente há "produção industrial de farinha", verdadeiras fábricas de farinha que produzem em larga escala e destinam-se ao mercado na região (Capanema e Marapanim).

crescente mercantilização das relações sociais, de crescente necessidade monetária, ao mesmo tempo em que são mais limitadas as possibilidades de ganhar dinheiro.

Com já foi visto anteriormente, a vida no bairro da Prainha se restringe à pequena pesca, ao beneficiamento de mariscos e aos trabalhos voltados para os veranistas nos períodos de férias e feriados prolongados. A pesca realizada no bairro é cada vez menos intensa e mais para o consumo particular - o pouco excedente é vendido para suprir outras necessidades da família, embora, em épocas de veraneio, com a possibilidade de maior demanda, a pesca passe a ser feita com intenção de mercado.

Por esta razão, nos dias que antecedem os feriados e finais de semana prolongados os pescadores se lançam ao trabalho da pesca o quanto podem, pois se a safra é boa, melhor será a renda familiar. Ao contrário se dá em outras épocas em que não há maior movimento para a compra do pescado e a intenção de pesca é menor. Isso se dá também pelo fato de ser limitado o número de pescadores, no bairro, que possuem suas próprias condições de armazenamento da produção. Por outro lado, não há na cidade nenhuma fábrica de beneficiamento de pescado e nem produção para a exportação que inclua os pescadores artesanais da Prainha.

Como a pesca é essencialmente tarefa masculina e as outras referidas ocupações são, de algum modo, sazonais em virtude do balneário, a mão-de-obra feminina fica a maior parte do tempo disponível, em função da divisão sexual do trabalho, que distingue o que é trabalho masculino e o que é trabalho feminino. O que "pertence à mulher" ou "não pertence à mulher", utilizada localmente para indicar quem deve e quem pode e quem não pode exercitar uma determinada atividade[105].

As mulheres que antes produziam e contribuíam para a própria subsistência familiar, nos sistemas rurais, com o fim das roças passam a contribuir no sistema familiar, como "catadoras de marisco", beneficiadoras do caranguejo.

[105] Sobre a oposição trabalho x não trabalho, o que pertence à mulher e o que pertence ao homem Ver Heredia et alli. (1984).

No processo de catação/beneficiamento a família mantém uma certa aliança. Os homens de fato coletam e as mulheres beneficiam completando o ciclo do trabalho com o marisco para colocá-lo à venda, em função do turismo balnear. A demanda do marisco já beneficiado prende a mulher em casa – de certo modo no lugar que lhe é reservado socialmente e seu trabalho está atrelado ao do homem.

Um dos problemas cruciais para a transformação dos grupos domésticos foi a mudança nas relações de trabalho. Mais recentemente, algumas mulheres, passaram a trabalhar como caseiras e/ou eventualmente como empregadas domésticas e outros serviços temporários voltados para o balneário como vendas de iguarias típicas.

No cotidiano, embora ainda considerem que a subsistência familiar dependa mais do trabalho masculino, pois são os homens que tradicionalmente pescam e vendem o peixe que garante o sustento diário familiar, cada vez menos se conta com a pesca artesanal realizada pelos homens do bairro que vêm diminuindo o seu poder de pesca com o sucateamento dos apetrechos de pesca e a conseqüente impossibilidade de concorrer com a pesca mais aparelhada dos pescadores de outras áreas da cidade, que podem correr atrás dos cardumes cada vez mais distantes da costa. Frente a esse processo, os serviços de caseiro e outros voltados para o veraneio atraem a mão-de-obra local disponível.

Os domínios sociais correspondentes aos espaços de "dentro de casa" (familiar, privado) e os de "fora de casa" (público) que compõem a rede social entre homens e mulheres, no bairro da Prainha, são um campo fértil para iniciar as reflexões acerca das mudanças nos grupos domésticos. E, embora a questão de gênero não seja ponto de interesse principal deste trabalho, é importante para compreender as transformações porque passa o grupo doméstico, tendo em vista que o espaço feminino, tradicionalmente doméstico, com a entrada do veraneio abre a possibilidade de trabalho como caseira na casa dos veranistas.

O trabalho de caseira por ser essencialmente um trabalho doméstico, proporciona que as mulheres sejam mais facilmente empregadas como caseiras e/ou empregadas domésticas por temporada, para os veranistas - as mulheres são rapidamente incorporadas às condições de trabalho doméstico na casa dos veranistas.

O espaço feminino ainda está, predominantemente, atrelado às coisas domésticas, responsabilidades com a família, com o lar e as que lhe são próximas: fabricação de alimentos; costuras; cultivo de algumas hortaliças e de plantas medicinais caseiras; cuidados com a casa no que diz respeito à higiene e arrumação e com a educação dos filhos. E igualmente algumas atividades que, mesmo fora de casa, são como uma extensão às tarefas do lar, como as atividades de coleta e beneficiamento de mariscos, o magistério, os trabalhos de caseira, além de trabalhos como barraqueiras de praia ou equivalentes, quando são as responsáveis pela cozinha.

> "Acho que essa classificação ainda calha bem para nós mulhé... em tudo por tudo a gente trabalha relacionado com a casa... sou do lar, caseira... mas eu trabalho é na casa do veranista... é de lá que eu ganho para ajudá no sustento daqui de casa... cuido da minha casa mas cuido da casa do barão também... faço cuscus e tapioquinha de manhãzinha pras crianças venderem nas casas dos veranistas" (Maria, 61 anos, caseira, oriunda de Derrubadinho).

> "Quando morava no sítio carregava muita mandioca na costa, fiz muita farinha pra dá de cumê pros filho... meu trabalho sempre foi de casa na ajuda do home pra encaminhá os filho... Agora não, na cidade é outra coisa... tudo mudô... tivemo sorte de pegá essa casa e tomar de conta... é mesmo que fosse minha... cuido de tudo na casa, às vez até o cumê deles eu faço quando eles num vêm cum empregada... é um servicinho certo, de ganho todo mês ... a pesca nem sempre dá boa... sempre precisa dum calçado, um livro... esse dinheirinho que me vale" (Nena, 45 anos, caseira, oriunda do Bandeira Branca).

Entretanto é importante observar que o trabalho feminino classificado como doméstico no qual não se atribuía valor de trabalho, é visto como extensão do realizado em âmbito doméstico, voltado para a família e/ou auxílio do trabalho do homem (marido) – quase um não trabalho. Com a entrada do veraneio e o trabalho de caseira na casa do veranista, com renda igual e/ou às vezes superior a da pequena pesca, provoca mudanças significativas na economia doméstica embora não atribua às mulheres lugar maior no que se refere à "hierarquia doméstica" de chefe doméstico.

Mesmo sendo, muitas vezes, financeiramente, a responsável pela vida familiar, a mulher raramente assume esse fato publicamente. Mesmo que, com o seu trabalho mantenha a subsistência de todos da família, inclusive sustentando *"de um tudo"* o marido, o fato é compreendido como circunstancial e, para ela, no âmbito doméstico, não tem maior representação. O fato repercute publicamente, apenas como uma situação temporária. O papel que acaba sobressaindo é sempre o de "mãe de família" e de "dona de casa". O trabalho

feminino, por mais que traga renda à família, ainda é considerado como uma "ajuda" ao trabalho do homem; é considerado como um trabalho menor.

Com o direcionamento cada vez maior para os trabalhos de caseira e outros serviços voltados para o veraneio, tais como preparo e venda de iguarias típicas largamente procurados no período do balneário, as mulheres (re)conquistam espaço na economia doméstica e adquirem certa autonomia.

O direcionamento para os serviços como caseira na casa dos veranistas atrai a atenção e o maior tempo possível é voltado para este mundo de fora do bairro. Enquanto isso, suas casas que em conforto e condições não se comparam com as que cuidam e passam a maior parte do dia como caseiras, ficam cada vez mais abandonadas, e junto com elas a própria família. Esse distanciamento da vida doméstica e do bairro tem ocasionado mudanças significativas na organização social do bairro. Um dos fatores que contribui para este estado de coisas é a concorrência para garantir o emprego como caseira, pois para ser uma boa caseira, caracterizada pela dedicação e cuidados expressos com a casa do veranista, acabam negligenciando os cuidados com suas próprias casas, se afastando do meio doméstico, da vizinhança e da vida sociocultural do bairro. O trabalho de caseiro é disputadíssimo[106] por ser considerado estável, mais tranqüilo e rentável

O trabalho como caseira constitui-se em uma extensão da atividade doméstica e embora muitos homens exerçam a função de caseiro, os serviços domésticos internos são especialmente realizados pelas mulheres. O universo masculino tem caráter público, de fora, enquanto o feminino é privado; o espaço da mulher é o de dentro, é o da casa. Quando a mulher busca um trabalho fora de casa ele ocorre, em geral, no interior de outras unidades domésticas que não a sua própria, onde a rotina do trabalho reproduz a rotina de sua própria casa. O homem, ao contrário, quando trabalha fora o faz no espaço aberto do mar, na pesca e na rua através das vendas e biscates. Por esta razão, o mundo masculino é considerado como aquele do trabalho e o

[106] O trabalho como caseiro com os veranistas é visto como certo, com pagamento todo mês, mais tranqüilo e menos perigoso além de proporcionar uma certa "esperança e expectativa" de melhores condições. E, embora muitos caseiros tenham certa conscientização da relação de trabalho, muitos têm verdadeira adoração pelo seu patrão-

mundo feminino como o do não trabalho. Entretanto, com a entrada do veraneio e os trabalhos como caseira(o), em que tanto homens quanto mulheres se empenham, tal representação é revisada socialmente, pois concretamente as mulheres estão contribuindo substancialmente, com os trabalhos de caseiras e de marisqueiras.

Observamos que a mulher também sente e reflete a mudança no modo de vida que passa a levar na cidade: a ausência da roça, dos quintais com criações domésticas, a concorrência para o lugar de caseiro etc., provoca uma certa insatisfação, especialmente nas mulheres que não estão incorporadas nos poucos serviços disponíveis. O agravo é visível no trato pessoal, na família, com as crianças e com a própria casa. Fato que também se reflete nas relações entre os sexos, estabelecidos entre os casais e na consideração com as mulheres, como podemos verificar através de alguns comentários:

> *"...As crianças ficam perambulando na rua, todo lambuzado, enquanto a mãe fica vadiando... olhe como está aí fora... essas moças de hoje não querem nada... é só conversa fiado que não dá futuro... eu já não posso fazer nada... já estou cansada de aconselhar. Agora é só colocar menino no mundo para passar as maiores necessidades... depois empurrar para a escola ou prós velhos criarem. Precisa ver como chegam as crianças... elas querem colocar desde cedo pra gente tomar de conta... mas aqui não pode... tem que voltá... tem que ser mãe a pulso... ou deixa largado como a maioria com as velha cansada..." (Maria do Socorro, 57 anos, dona de casa-marisqueira, oriunda de Salinópolis).*

Os depoimentos demonstram uma certa indignação da situação social da mulher do bairro, que se reflete através do descaso das relações familiares.

> "...Eu mais minha velha criamo três dos cinco netos dos filho... não deram sorte com as mulhé... separaram... uma delas foi pra Belém... disque já acompanhada. Outra fugiu com caminhoneiro, sabe Deus pra onde, deixou filho verdinho, que é criado por nós até hoje... o filho endoidou ficou chorando pelos cantos sem a mulhé... até hoje, faz cinco ano, não arranjô mulhé... pesca... ajuda a gente mas vive só nesta casinha aqui nos fundo... é de amargá coração... rapaz forte, bonito que só vendo, assim abandonado feito cachorro sem dono... ah! dona vou lhe dizê... não são toda mas, as moças de hoje só se engraça pra rapaz de fora... elas qué sair no mundo... poucas fica com a gente aqui... qué sê companheira da gente... fazê família e ir ajudando na vida como antigamente... já vi muito sofrê de home" (Chico-Pescador, 66 anos, pescador, oriundo de Cuiarana).

---

veranista, cultivando o interesse de estreitar os laços afetivos através do compadrio (levar um dos filhos à afilhado do patrão) e/ou do apadrinhamento (favorecimento através do patrão).

Apesar da situação insatisfatória, podemos observar que a rede de solidariedade entre os parentes e afins ainda mantém a sobrevivência familiar apesar do rompimento gradativo de formas tradicionais de organização social.

> *"Antes era possível a mulher ser companheira... mulher minha nunca precisou fazer roça, ajudava na salga do peixe quando eu pescava... agora não precisa... virei caseiro do doutôMendonça e eles são bacana... o que ganho dá pra mim e pra mulhé folgado, aqui a gente tem tudo, quando eles vêm, ainda deixam um extrazinho... a gente não deixa a casa sozinha nem por um instantinho... cuida como nossa... se fosse prefeito fazia uma fábrica de salga de peixe para ocupar esses jove todo que fica assim... não é bom... deprime... acho que ninguém gosta de gastar a vida assim inútil sem fazê nadinha... precisa ir buscar pra fazê melhor a vida... tem muita coisas... é só pensá...." (Pedro, 76 anos, pescador aposentado-atualmente caseiro, oriundo de Capanema).*

Com estes depoimentos, também se procura ilustrar, a preocupação com o "lugar feminino". A mulher tinha papel fundamental ao lado do homem na produção familiar, isso a valorizava junto aos homens e à sociedade como um todo. Este fato parece ter sido ameaçado com a mudança de vida para a sede balnear.

O fluxo de veranistas e turistas trouxe consigo uma forma de ganhar a vida diferente, que somou à desvalorização da mulher: a sedução de moças do lugar e conseqüentemente uma fila de crianças não legitimadas pelos pais, que passam a ser criados em casa dos avós, misturando os papéis de filha, mãe, irmã. Essas jovens entre 12 e 13 anos de idade se tornam mães precoces através de relações com turistas e veranistas, que depois do sonho e da promessa de casamento e mudança de vida para a cidade, usufruindo as benesses efêmeras que estes poderiam oferecer, como ir ao restaurante, passear de carro, de lancha ou mesmo ir ao motel, são dispensadas. Estas meninas-moça que buscam ser vistas pela vizinhança, acompanhadas e em lugares freqüentados pelos turistas, como uma forma de iniciar um novo "status" diferencial da vida simples que as outras meninas levam. Quando abandonadas, tendem a ser rejeitadas pela vizinhança e colocadas, às vezes, numa situação de semi-prostituição, muitas vezes estimuladas por seus "parceiros temporários" do último veraneio e/ou, algumas vezes, por patrões-veranistas.

Estas jovens que, na maior parte delas, continuam a morar com seus pais e agora trazem para junto o "filho sem pai" que passa a ser criado pelos pais-avós, vivem na expectativa de sair de casa, muitas vezes fugindo ou mesmo migrando para outras localidades em busca de

melhor condição de vida. Há muitos casos de moças que fugiram de casa logo após os períodos de férias, em que a cidade recebeu veranistas e turistas de fora; algumas fugiram por encontrarem-se grávidas, envergonhadas e sem coragem de falar com os pais sobre seu estado e permanecer na vizinhança e na cidade; outras por encontrarem-se enamoradas e pretenderem ir atrás dos seus amores ou mesmo por aventurar a vida lá fora[107].

Algumas viram empregadas domésticas em Belém, trazidas pelos patrões dos seus pais, que lhes são caseiros ou mesmo vêm através deles para a cidade. Jovens e sem escolaridade tornam-se, muitas vezes, presas fáceis para trabalhos irregulares e até a prostituição. Há muitas que vivem de forma não declarada, mandando uma certa quantia em dinheiro para ajudar nas despesas dos pais com seus filhos. Mas as histórias contadas sobre a vinda para a cidade não são apenas de infortúnio, alguns "se dão bem", como se referem aos que melhoram de vida, ou seja, algumas destas histórias tentam mostrar que alguns destes melhoraram suas condições de vida. É esta possibilidade de sucesso que serve como atrativo para certas pessoas. Assim, é notório o interesse de jovens que buscam a cidade grande em função de melhor condição de vida. Interessante perceber que o número de mulheres que migram para outras áreas é maior que o de homens, contribuindo para que o número de homens na cidade seja maior que o de mulheres[108].

Resumidamente, pode-se considerar que são três os principais focos de conflitos internos no bairro: os levados pelas mulheres (dado o que já foi dito anteriormente), pela bebida (visto que há os que se excedem em álcool, principalmente entre os jovens adultos solteiros-problemas, muitas vezes em função das próprias relações entre os sexos) e pela pesca

[107] Escondidas da família, mas sempre com o auxílio de uma amiga que acompanha e ajuda na fuga, ficam em pontos previamente combinado, onde o ônibus de linha intermunicipal costumeiramente passa. Fazem com que o ônibus pare para pegar passageiros e, pegam-no junto com outros passageiros às pressas e às escondidas. Durante uma das viagens que realizava para Belém, tive oportunidade de presenciar uma destas tentativas de fuga: uma moça de cerca de quinze anos, pega o ônibus num dos pontos costumeiros de parada do ônibus de linha, já um tanto distante da cidade. Esta procura se alojar como um outro passageiro qualquer. Mal o ônibus dá a partida e interrompe seu percurso em função dos pedidos que se faziam lá fora já um tanto em desespero e em gritos que estavam sendo dados por uma senhora já de certa idade que vinha correndo em direção ao ônibus, chamando atenção dos transeuntes que também passavam a participar de algum modo para que o ônibus parasse. A fuga foi interrompida pela avó da moça que há poucos minutos tomara conhecimento do intento da neta e fez com que o ônibus parasse. Desvairada, entrou às pressas à caça da moça que então se escondia entre as últimas poltronas do carro. Nervosas as duas choravam e entre palavras ásperas a moça foi puxada para fora do ônibus à força; as roupas da moça foram rasgadas e um grande constrangimento foi partilhado por todos os passageiros e motorista que a tudo assistiam, mas nada faziam.

(principalmente quando um pega as iscas para a pesca de linha do outro, ou mexe no curral de alguém).

Nos últimos anos, a procura de serviço na casa dos veranistas também tem causado problemas entre a vizinhança e até entre parentes que disputam um bom trabalho, como o de caseiro para os veranistas. Mais recentemente, o problema das drogas tem se intensificado, especialmente entre os mais jovens e adolescentes, problema atribuído aos "turistas e veranistas de fora da região que trazem essas novidades", como se referem os moradores.

Pequenos roubos, realizados fora do bairro, costumam ser atribuídos à gente de fora, especialmente aos moradores das invasões. A estes também são atribuídos os casos de violência sexual que passaram a ocorrer com mais freqüência na região.

> "Ah!... os poblemas daqui chegaram também com os turista... esse povo de fora, avançado que vem cansado daí de fora e vem estrupiá com os jove da gente, os filhos da gente... São os turistas e esses veranistas de fora da região, esses moderninho, do Rio de Janeiro, daí das cidades grandes... 'papaizinho' sabe? 'Filhinho de papai' que não pensa em nada de bom... tem dinheiro quer 'azarar' com tudo e influencia esses jovens, pobres, daqui que ficam deslumbrados com esse pessoal de fora, que só querem é aproveitar.... sabe é muito triste ver esses meninos pegando droga por tudo... viciando na droga, a família passa a não ter mais sossego, num tem o que chegue... é insatisfação... ninguém mais quer continuar na escola... ficam desanimados... eu também fico..." (Maria José, 44 anos, professora primária, oriunda de Salinópolis).

Neste aspecto, é interessante observar que, embora de maneira e por razões diferentes, há um certo preconceito no que diz respeito ao comportamento de alguns turistas e veranistas mais "moderninhos", assim como entre os nordestinos (maranhenses e cearenses) que se instalaram na cidade, moradores nas invasões, aos quais tudo de ruim que acontece na cidade é atribuído. E não é apenas entre a gente simples do bairro que se encontra esse pensamento. Há uma espécie de disseminação entre os moradores da cidade que identificam claramente os de fora, especialmente se tratando do que não é socialmente correto (roubos e outros). Embora a identidade da "gente do lugar" não se apresente muito bem definida (são em maioria pescadores/pequenos produtores rurais do interior e arredores, auto identificados do lugar), eles se distinguem dos outros de fora da região e concorrem para deixar claro esta distinção. Algumas

[108] Pesquisas realizadas na região do Salgado: Algodoal, Mocooca, Fortalezinha, Camboinha, atribuem o número

das razões para tal comportamento de aversão ao "de fora" pode estar relacionado com o comportamento dos mais jovens, ligados ao uso de droga e ao homossexualismo, das mulheres que preterem os homens locais e, no que se refere à oportunidades de trabalho, especialmente no trabalho na casa do "barão", como caseiros.

O trabalho de caseiro não absorve toda a demanda de pessoas do lugar, uma vez que para cada casa de veraneio basta apenas uma pessoa que ocupe o lugar de caseiro. E, a preferência é por "gente conhecida", alguém ligado a uma relação mais antiga de conhecimento entre a família do veranista-proprietário da casa e a do caseiro, especialmente parentes próximos dos antigos caseiros. Por esta razão, é grande a concorrência para o trabalho de caseiro e a disputa, às vezes, provoca desavenças entre os próprios irmãos que, em idade de trabalhar, querem substituir o pai ou a mãe, já mais velhos, neste tipo de trabalho. O problema é que entre os vários filhos em condições de trabalho, só um pode substituir os pais no seu trabalho de caseiro. Há, então, um certo esforço do candidato para vencer o seu concorrente, trazendo desafeto e às vezes alguns aborrecimentos entre famílias.

Este tipo de trabalho não atrai apenas aos moradores locais, do bairro da Prainha, mas também aos migrantes de outras regiões, de fora do município e da região do salgado e de outros estados que passaram a procurar o lugar como uma nova opção de vida. Entretanto pelo que já falamos, os veranistas preferem os moradores locais para caseiros.

> "Eu agora vou trabalhar de caseiro, vou mudar de vida... arranjei mulhé e filho, num quero mais continuar aqui em casa (casa dos pais), não tem como comportá, é pequeno... Na casa do barão não, se tivé sorte, quero í lá pro Atalaia (praia) ficá num casarão daquele... tomo conta, moro de graça e ainda descolo uma grana final do mês". (Luís, 22 anos, estudante, oriundo do Maranhão).

O fato do trabalho de caseiro oferecer algumas condições favoráveis como a possibilidade do caseiro ter uma casa para morar de graça - sem nenhum custo, seja ela uma casinha de fundo, um compartimento em separado ou mesmo um quarto na casa do veranista, atrai aos que querem mudar de vida. Pode favorecer aos recém casados que enfrentam o problema de moradia e condições de trabalho etc. Do mesmo modo, atrai aos mais velhos,

---

maior de homens em função da migração de mulheres. Ver: Quaresma (2000); Costa (2000), entre outros.

antigos pescadores aposentados que buscam um trabalho mais leve, seguro e certo como consideram ser o de caseiro na região. As mulheres que não trabalham mais na roça, sem escolaridade e sem maior possibilidade de outros empregos, também concorrem ao trabalho de caseiro. Começam com a possibilidade do trabalho doméstico nos períodos do veraneio, servindo especialmente de empregada doméstica e/ ou de babá para as famílias dos veranistas. Através deste trabalho, quando mostram seus dotes e presteza, acabam muitas vezes ocupando o lugar de caseiro substituindo quem porventura estava neste lugar. Assim, o trabalho de caseiro, é motivo de disputa entre membros de famílias, entre os mais velhos e os mais jovens, entre os homens e as mulheres locais, ainda mais entre os "do lugar" e os que chegam "de fora" que são, de certo modo, desconhecidos.

Ao lado do trabalho de caseiro, voltado para os cuidados com a propriedade dos veranistas, estão também os zeladores de prédios de apartamentos e de condomínios fechados que, embora também realizem o trabalho de zelar pela propriedade do veranista, estão ligados a um condomínio e não a um patrão-veranista específico e, portanto, não apresentando necessariamente, ligação mais próxima aos veranistas. Observamos que nestes casos, os migrantes de outras regiões são mais facilmente incorporados, como observado nestas entrevistas.

> "Já cansei de procurar uma casa para ficá de caseiro com a mulhé e os filho, mas parece que tudo quanto é casa já tem caseiro... Ainda não tenho paradeiro certo (casa) e estou na fase de se fazer conhecer pelo pessoal daqui... acho que é por isso" (Raimundo, 44 anos, vendedor ambulante, oriundo do Ceará).

> "Estou procurando alguém para ficar como caseiro na minha casa aqui em Salinas, mas eu não quero gente desconhecida. Não quero deixar minha casa na mão de qualquer um. Tem muita gente procurando casa pra ficar como caseiro, mas eu quero gente daqui, conhecido, que eu possa contar" (Carmem, 46 anos, dona de casa, portuguesa).

> "Custei arranjá emprego por aqui... o pessoal é bairrista. Ninguém qué caseiro que num seja daqui de Salinas... Agora arranjei esse lugar, estou como zelador deste prédio. Acho que estou até melhor do que muito caseiro por aí... não preciso ficá puxando saco de nenhum patrã... a gente se quisé pode fazê um servicinho aqui outro acolá, pra um ou outro morador que a gente simpatizá mais, mas é por nossa conta, nosso compromisso é aqui do condomínio" (Mário, 52 anos, zelador, oriundo do Ceará).

A população mais jovem que termina ou está a terminar o segundo grau completo e pretende seguir os estudos, se especializar, seguir outros rumos que não a pesca, produção rural e as atividades de caseiro, dificilmente permanece na região. Normalmente contam com a Capital

(Belém), para o prolongamento de suas vidas. Os que desde crianças acompanharam os pais em suas atividades cotidianas estão mais adaptados ao serviço da pesca, por exemplo, e são mais suscetíveis a permanecerem no lugar. Não sofrem de certa forma, o problema do desemprego, pois como estão familiarizados com certas atividades e já são conhecidos na profissão ao lado dos pais, são mais facilmente absorvidos no trabalho, muitas vezes substituindo os pais em idade avançada. Conhecem o traquejo necessário para sobreviver da atividade herdada pelo pai. Os que seguiram a vida escolar param no 2º grau e ficam literalmente, como eles se referem, "a ver navios", poucos são incorporados em atividades rentáveis. Normalmente os que estudaram, espontaneamente não querem trabalhar na pesca ou mesmo de caseiros.

Os jovens não têm muitas opções: ou são incorporados nos trabalhos que tradicionalmente são desenvolvidos pelos seus pais como a pesca e/ou a pequena produção agrícola na periferia da cidade e interiores ou nos serviços de caseiro ligados ao veraneio, substituindo muitas vezes aos pais já em idade avançada. Esclarecemos que, no observado em campo, não há aposentadoria no trabalho de caseiro, ele é desligado de suas atribuições (aposentadoria compulsória) quando já está muito idoso e não corresponde mais à exigência do trabalho de caseiro. São substituídos por gente mais jovem, muitas vezes pelos filhos e/ou filhas mais jovens bem como parentes próximos. Esse fato se deve ao não amparo legal que predominam nas relações empregatícias entre caseiro e patrão.

Com raras exceções há outras opções que os incorpore na cidade. Por essa razão, muitas vezes optam em sair da sua cidade para aventurar e ganhar a sobrevivência em outros lugares que, acreditam, mais desenvolvidos. Freqüentemente quando o fazem, em condições desiguais às dos jovens destas cidades com maior escolaridade e capacitação, enfrentam a difícil concorrência de trabalho. Acabam se lançando para serviços domésticos e, muitas vezes marginalizados e prostituídos na cidade grande. Essas dificuldades proporcionam uma grande frustração e desestímulo para os jovens.

Dois mundos parecem rompidos: o dos pais que estimulam a escolaridade afastando, de certo modo, da realidade local seus jovens filhos; e o dos filhos que estimulados a valorizar o "saber de fora", perdem a noção do que é o seu próprio mundo. Parecem marginais na sua própria cidade e na sua própria casa, perdem sua identidade, quando não encontram razão de

permanecerem nela. Aos filhos é cobrado, na sua maior idade, um interesse pelo ofício do pai (pesca) que antes nunca lhe foi cultivado. Aos mesmos jovens se cobra um "rumo produtivo" e se diz, especialmente aos que não vão espontaneamente à pesca e não estão estudando mais, que não querem nada, fortalecendo um "desencontro" entre estes jovens, seus familiares e a vizinhança.

> "Ah!... que os pescadô de hoje são bem diferente... os pescadô que se faz hoje num têm amô não... num têm cumpanheirismo... por isso tanta mazela de piratanismo agora nessas bandas..". (João, 80 anos, pescador, oriundo de Pindorama).

Por outro lado, embora a dificuldade e o desencontro dos mais jovens com a pesca seja evidente e notório. Alguns jovens vislumbram, com um certo interesse, a possibilidade de melhorar de vida a partir do conhecimento adquirido com a escolaridade. Alguns poucos já atentam para o fato de se utilizarem dessa instrução para transformar a realidade até então vivida por eles. Estes jovens normalmente terminaram o Segundo Grau ou estão a terminá-lo, não foram atuantes nos trabalhos da pesca, mas são filhos de pescadores vivendo todos os dilemas da pesca. São freqüentemente ligados ao Centro Comunitário e aos trabalhos de jovens na igreja que buscam alternativas para melhorar o nível de vida local. São jovens cheios de projetos sociais para a melhoria de condições de vida dos jovens do bairro mas, pela falta de condições e de patrocínio, ficam apenas como "uma boa idéia".

> "Aqui tem muito jovem, tem muita criança que fica perambulando na rua... jovens que estão se envolvendo com coisas ruins... com droga. Abandonam a escola, abandonam tudo... Aqui no centro poderiam ser feitos cursos e palestras instrutivas que atraíssem a todos. Quem sabe até cursos profissionalizantes para ampliar a possibilidade de trabalho para os jovens" (José, 19 anos, estudante, oriundo de Salinópolis).

A despeito de todos esses conflitos econômicos e sociais que vêm transformando a vida das famílias no bairro da Prainha e de ser esta uma região afetada pelo balneário, a população local ainda convive com o saber tradicional marcado por crenças e seres sobrenaturais, garantindo-lhes uma certa especificidade e identidade que lhes proporciona uma outra leitura sobre o processo de mudança pelo qual estão passando.

Capítulo 5 – INFLUÊNCIA DO SOBRENATURAL NA VIDA LOCAL

> "O pensamento simbólico não é uma área exclusiva da criança, do poeta ou do desequilibrado; ela é consubstancial ao ser humano: precede a linguagem e a razão discursiva. O símbolo revela certos aspectos da realidade - os mais profundos que desafia qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser... As imagens são portanto, estruturas multivalentes. Se o espírito utiliza as imagens para captar a realidade profunda das coisas, é exatamente porque essa realidade se manifesta de maneira contraditória e consequentemente não poderia ser expressa por conceitos" (Eliade, 1991, p.10-12).

5.1 CRENÇAS E PRÁTICAS DA PAJELANÇA CABOCLA

O largo conhecimento e a íntima relação que as pessoas do lugar, especialmente as mais antigas, mantêm com a natureza - ambiente físico, em que convivem: com a roça, com o mangue, com o mar, bem como com os produtos e seres dos mesmos, enfim, com as coisas da natureza e com o sobrenatural, marcado pelos encantados que estão presentes e perfeitamente estabelecidos num e noutro domínio, fazem parte da vida cotidiana da população local seja nas relações do trabalho da pesca e/ou na prática doméstica, no uso dos recursos da natureza para a subsistência seja nas formas de tratamento e de cura. Observa-se que não há uma distinção muito clara entre natureza e "sobrenatureza" para os moradores do bairro da Prainha entrevistados. A natureza como ambiente físico propriamente dito contêm a sobrenatureza e o sobrenatural. Os seres encantados que povoam o imaginário dessa população estão estabelecidos num e noutro domínio e fazem parte das explicações do cotidiano.

Neste particular, o sentido do *bricoleur***,** elaborado por Lévi-Strauss em O Pensamento Selvagem (1976), é interessante para pensar os mitos e histórias dos encantados em Salinópolis: o mito parte de uma estrutura por meio da qual empreende a construção de um conjunto (objeto + acontecimento).

Há entre os moradores da Prainha inúmeras prescrições culturais, tabus e crenças populares que regem o cotidiano e os identifica do lugar, distinguindo-os dos de fora. A familiaridade com as histórias dos encantados e dos seres do fundo, traz explicações e formas de se relacionar com o mundo distintas da vida urbana balnear. Determinados lugares, certos horários, alguns animais, bem como espécies vegetais, são respeitados por todos do lugar. Algumas plantas são respeitadas desde o próprio cultivo até o uso doméstico- nas plantas também moram os encantados, as plantas têm o seu encante[107].

> "Estas uma são cultivadas aqui em cima, elas são especiá... são mais sensíver e num é pra criança buliná... a gente tem que cuidá prás galinha também num mexer... elas são pra tratamento... elas num pode tá misturada, num é pra confundi... num é a quarqué hora que se mexe, é só eu mesma que cuido, num gosto que ninguém põe a mão... pode levar a fortidão".(Vinenciana, 46 anos, dona de casa, oriunda de Derrubadinho)

Contam os moradores que as pessoas de fora não "guardam", ou seja, não respeitam certas coisas e por isso acontecem fatos que os de fora dizem inexplicáveis e que para os moradores locais já são esperados e até justificados. Há, de alguma forma, para esses moradores, uma relação de causa e efeito que já é conhecida entre os locais: a noção do castigo. O "respeito" e a "guarda" a alguns lugares assim como à alguns comportamentos e preceitos garantem uma certa estabilidade social e ecológica.

Preceitos culturais e/ou crenças religiosas relacionados ao meio ambiente podem ser considerados como uma função de conservação importante. Áreas de reprodução de aves e animais são, muitas vezes, protegidos por tabus e interdições sociais que garantem assim as espécies. Alguns esquemas de manejo são baseados em técnicas tradicionais que a população costeira utiliza para pescar sem destruir o habitat e seus recursos. O conhecimento dos pescadores

[107] Observações a respeito de que "nas plantas, moram também os encantados" foram realizadas por Figueiredo & Vergolino e Silva (1967); Figueiredo (1979), entre outros.

sobre pesqueiros que não é transmitido aos outros, por exemplo, tem uma função de conservação das espécies além de garantir também, o potencial pesqueiro[108].

> "Ah! ninguém é besta de dizer... ninguém entrega ouro a bandido né? O sabê da gente tem uma função nossa... se a gente entrega o lugá, amanhã num tem mais peixe pra gente pescá... tem que guardá só entre os companheiro" (Chico pescador, 66 anos, pescador, oriundo de Cuiarana).

A prática da medicina caseira e da pajelança cabocla[109] também é comum entre os moradores da Prainha, pois convivem no seu cotidiano com o saber tradicional (medicina caseira) e com os remédios de farmácia, por exemplo (Ver gráfico do Sistema de Cura utilizado pelos moradores do bairro da Prainha).

Lendas, crendices de cura através da prática de "benzedeiras" ou rezadores bem como o uso de plantas, ervas, raízes, paus, óleos vegetais e animais fazem parte do cotidiano em toda a cidade de Salinópolis, especialmente entre os moradores locais[110]. Estas benzedeiras ou rezadoras são vistas como capazes de tratar de todas as doenças, tanto aquelas naturais ou "normais" como aquelas provocadas por espíritos ou encantados, ou pela inveja e pela feitiçaria. São popularmente conhecidas como "experiente", uma espécie de especialista no assunto de curar que conhece muitos procedimentos da medicina popular ou caseira e grande variedade de recursos da farmacopéia natural[111]. Com todo esse conhecimento, assumem também lugar especial como "conselheiras" e "apaziguadoras" entre os vizinhos e moradores locais.

---

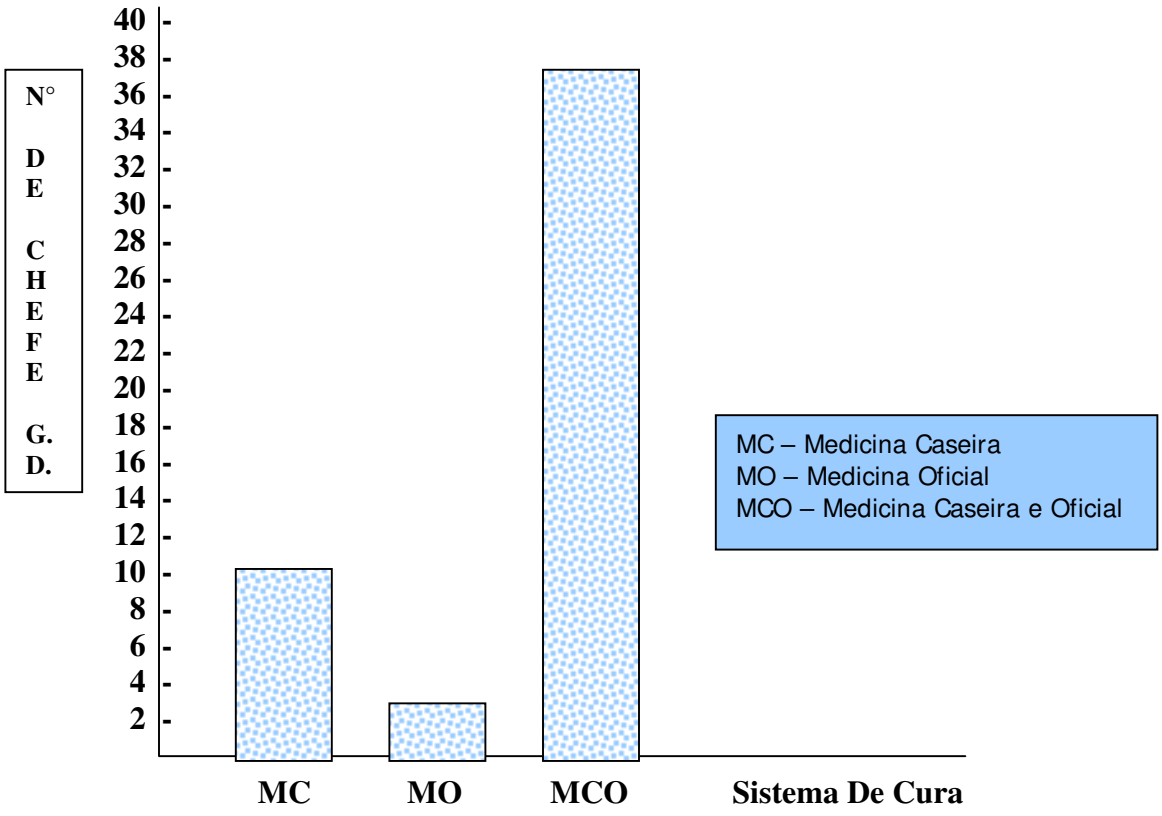
[108] Ainda que não existam pesquisas sistemáticas, alguns esquemas tradicionais de manejo da pesca podem ser identificados ao longo da costa brasileira por Forman (1970); Diegues (1983); Cordel (1983), entre outros.

[109] Maués (1995), dedica um capítulo aos encantados e a pajelança cabocla. Neste, analisa a "Pajelança cabocla" como uma prática que, embora não exclusivamente, destina-se, sobretudo ,à cura de doenças apresentando uma forma peculiar de tratamento em que a medicina e/ou forma de cura em que convivem o conhecimento tradicional e certos processos da medicina oficial.

[110] Observar listagem de plantas medicinais e receitas usuais na comunidade, apresentada como anexo ilustrativo no Apêndice IV.

[111] O registro da utilização da "medicina popular" na sociedade amazônica ou em segmentos da mesma, está presente ao longo de uma vastíssima bibliografia, onde os informes mais antigos sobre o seu uso são encontrados desde nas notas dos cronistas da época colonial e avançando o tempo, nos registros dos naturalistas viajantes: As notas mais antigas datam de 1613 e constam na obra de D'Abbeville (1874, p.258-261); Landi em 1753 em sua História Natural (fac-símile, apode Meira Filho,1976) faz inúmeras referências sobre o uso de plantas medicinais na Amazônia; Daniel (1976, p.371-376) em 1757-1775 em seu Tesouro Descoberto, igualmente registra "que são tantas as plantas e ervas medicinais do Amazonas que se podem fazer multiplicados herbulários". Os trabalhos de Aldrin Figueiredo (1992-94) apresentam referências e dados sobre denúncias de feiticeiras e pajés na Região do Salgado; consultando jornais da época oitocentista que circulava em Belém e Vigia, encontrou, com certa freqüência, notícias falando da prática de feitiçarias na cidade. Além das pesquisas de Angélica Motta/ Maués (1980) e Heraldo Maués (1985-1990).

GRÁFICO Nº 4 - Gráfico de Sistema de Cura



A despeito da vida urbana e da relativa proximidade com os serviços de saúde oficial, promovido pelo serviço médico-hospitalar, são bastante difundidos os serviços de parteiras-curiosas no bairro da Prainha. Elas são conhecidas parteiras, rezadeiras e utilizam deste conhecimento nos partos bem como na cura de muitas doenças. Algumas delas são reconhecidas e recebem treinamento pelos serviços oficiais de saúde da sede municipal. As mais consideradas são as "parteiras de dom", isto é, aquelas que, além de conhecerem as técnicas de atendimento às mulheres grávidas, também são assistidas por entidades sobrenaturais, caruanas e/ ou guias que as auxiliam nas tarefas: atendem as parturientes com a ajuda dos encantados.

As parteiras têm uma importância especial nas localidades rurais, onde é mais difícil a presença do médico e de hospitais. Observa-se que a prática de partos com parteiras-curiosas é reconhecida e ainda bastante freqüente entre os moradores(as) do bairro da Prainha. Constatei com as entrevistas 14 casos de mulheres que tiveram todos os seus filhos em casa e com parteiras; 17 casos de mulheres que tiveram suas primeiras crianças com as parteiras e depois, os outros filhos no hospital; 12 casos de mulheres que tiveram todos os seus filhos no hospital, entretanto freqüentando periodicamente as rezadeiras e parteiras ao longo do pré-natal.

Algumas benzedeiras e rezadoras, além de usarem os recursos da floresta (óleos vegetais e de animais, folhas, raízes etc.) utilizam linha, agulha, pedaço de pano velho, emplasto sabiá, sabão de coco etc., incorporando outros elementos ao processo da terapêutica. É freqüente o uso de água benta pelo padre local, ou curada pelo próprio rezador ou espírita; imagens de santo (normalmente do santo padroeiro) dependendo do pedido que se quer fazer, pois os santos também têm uma certa especialidade: tem santo que é invocado para o parto - Nossa Senhora do Bom Parto; tem santo que é invocado para a proteção em alto mar ou perigo eminente - Nossa Senhora do Socorro etc.; normalmente o uso de crucifixo ou terço compõe o acervo ritualístico de cura.[112]

[112] Importante também lembrar, que a utilização das plantas como instrumento de cura ainda são observados por segmentos da sociedade belemense, na capital, embora um tanto diluída no tempo e no espaço. Figueiredo (1976, p. 161), atribui tal decorrência à integração de elementos culturais de que eram portadores os que participaram do processo colonial da região. As mudanças hoje encontradas, são decorrentes da transformação de uma sociedade colonial de índios, portugueses, africanos e mestiços, na atual sociedade Amazônica. Igualmente importante, são as referências dos naturalistas e viajantes do século passado: Spix & Martius (1870-1820); Wallace (1939); Bates

As rezas e orações que usam para a realização da cura, já elaboradas tradicionalmente, fazem parte de uma "cartilha" de cura que as benzedeiras possuem na memória, e diferem em parte das orações oficiais do ritual católico embora estas também façam parte do mesmo. A diferença significativa entre uma e outra está no sentido de não constituírem apenas invocação ou meio de comunicação com a divindade, mas possuírem o poder de curar.

O conteúdo e a forma das rezas variam de acordo com a situação específica para que são destinadas e de acordo com a rezadora. Dessa maneira, há rezas para mau olhado, quebranto, espinhela caída, ersipla (erisipela), carne rasgada, dores em geral etc. Assim como há um tipo de reza para cada ocasião, as substâncias (espécies de plantas, óleos etc.) junto com os instrumentos (objetos religiosos) utilizados no processo de cura também variam com o caso e com a rezadora.

Estas rezadoras, parteiras habitualmente são devotas fervorosas da Igreja Católica[113], participando de missas, festas e comemorações religiosas e, não raro, chegam a se relacionar amigavelmente com o padre e todo o pessoal da igreja. E do mesmo modo, atualmente, parece que da parte dos clérigos há uma proximidade grande, pois é comum que estes utilizem os serviços destas rezadoras sem maiores problemas e sem causar espanto nenhum na comunidade, em casos de torções e quebraduras, fato comum e partilhado por todos. Porém os domínios são perfeitamente demarcados e respeitados entre um e outro. O espaço de um é bem distinto do outro - não há tratamento de cura através do rezador na igreja por exemplo.

Não misturam o ritual católico com os processos de cura e por mais que sejam utilizados certos elementos como a reza, o benzer, a água benta, o crucifixo etc., fundados na prática cristã, estes incorporam uma outra função: o da pajelança, que possui um significado mágico diferente do divino, da igreja, embora o divino seja-lhe subjacente. É como se o "mágico" da cura xamanística advindo com a rezadora, só pudesse ocorrer com o poder permissivo do "divino"[114]. Desta feita, assim como nas festas do padroeiro do lugar convivem o "sagrado" e o

(1944); Vianna (1906), entre outros, que dizem que o povo do Pará, com especialidade o do interior, possui largos conhecimentos sobre as propriedades curativas de uma infinidade de plantas.

[113] Ao perguntarmos sobre a religião, todos (a) responderam sem titubear que são católicos. Entretanto, uma das mulheres entrevistadas, foi apontada como umbandista.

[114] Maués (1990), aborda a questão da pajelança cabocla em Itapuá, na região do Salgado. Observando o "mágico" e o "divino" presente na pajelança.

"profano" lado a lado, no que concerne à concepção religiosa há uma certa semelhança a medida em que o "divino" e o "mágico" também fazem parte de um mesmo processo.

> "Sou católica apostólica romana, mas não posso negá este Dom que Deus me deu... é um compromisso que a gente traz e que num pode negá pro nosso próprio bem... só existe um só Deus... assim como o santo padre vem cum uma missão na terra, se prepara a vida toda pra exercê bem essa função em nome da igreja, em nome de Deus e em ajuda dos home Nem sempre nós somo assim tão preparado pra exercê esse Dom, mas é uma força de Deus que nos põe luz nas mão, que guia a gente, que ilumina o nosso agi" (Gregória, 72 anos, rezadora, oriunda de Salinópolis).

Entrevistamos seis dos oito rezadores(a) mais conhecidos e importantes moradores no bairro da Prainha: seis mulheres e dois homens - ambos os sexos com mais de 45 anos de idade, de origem rural, descendentes de pescadores-lavradores do interior do município, aposentados e/ou com pequena atuação profissional (01 homem continua na pesca e 01 mulher é lavadeira-lava roupa para uma família mais abastada), vivendo modestamente com o "compromisso" maior com a prática da pajelança; a prática da pajelança embora não seja um trabalho com pagamento certo, como um salário, por exemplo, sempre envolve alguma forma de pagamento/ganho financeiro, seja como doação seja como pagamento da compra do material a ser usado na prática ritualística e/ou na continuidade do tratamento. À exceção de uma senhora, que se mantém solteira até hoje, todos os outros já foram casados, hoje viúvos ou mantêm uma relação problemática com o cônjuge. As histórias de vida de todos os entrevistados, são pontuadas por lembranças trágicas até o momento em que é admitido e assumido o "dom de curar" evidenciando um certo legado, uma determinação e/ou sina de nascença a ser efetivamente cumprida sob pena de certas perturbações. As provações estão relacionadas à negação do Dom - do "fugir de certas responsabilidades do alto". Estes rezadores, constituíram famílias extensas, com netos e bisnetos e ora vivem uma espécie de "sacerdócio" com o compromisso de ajudar e atender a todos que lhe batem à porta. Com tais características este ofício, tradicionalmente, não tem uma remuneração certa ficando muitas vezes a critério do freguês.

O fato do número de mulheres se sobrepor ao número de homens que são reconhecidos rezadores e/ou curadores conduz à reflexão sobre o papel feminino na pajelança, atualmente.

Estudos sobre o assunto apresentam a viagem pelo mundo dos espíritos, a prática xamânica, como essencialmente do domínio masculino (Eliade, 1951; Lewis, 1977). Considerando a pajelança cabocla como uma forma de xamanismo, embora distinta do xamanismo siberiano (op. cit.), isto é, uma forma de pajelança praticada por populações de origem rural não indígena amazônica (Galvão, 1953; Maués, 1985-1995; Queiroz, 1988; Villacorta, 2000 etc.), traz-se à reflexão o lugar, cada vez mais atuante, da mulher nesta prática.

É importante salientar que os parcos estudos sobre o assunto mostram que o papel feminino na pajelança é passivo e subordinado em relação ao do homem. Afirmação fundamentada através da observação sobre a construção simbólica que é feita sobre o corpo da mulher, que se remete aos aspectos fisiológicos como menstruação, gravidez etc., vistos como elementos que, próprios apenas às mulheres, são perigosos, sujos, capazes de perturbar a ordem estabelecida pelos homens ou, do universo essencialmente dominado pelo masculino.

Motta/Maués (1993), em seu trabalho sobre Itapuá, município do interior da Amazônia, na região do Salgado, salientou as conseqüências sociais da menopausa: observou o fato das mulheres, ao atingirem a menopausa, serem consideradas como tendo "virado homem", já que perdem a capacidade reprodutiva e deixam de menstruar. O sangue, simbolicamente, é considerado como "poluidor" nas relações entre os seres humanos e, a menopausa, assim, tem o fato de retirar de sobre a mulher uma série de restrições que se impunham socialmente ao seu comportamento, após o que, há uma redefinição da mulher no sentido de sua atuação social sendo-lhe permitido atuar em esferas antes apenas masculinas.

> "...para a mulher atuar em setores masculinos, é sempre necessário que ela não se encontre na posição 'normal' que seu sexo ocupa dentro dos padrões vigentes... a mulher precisa estar ocupando a posição que em situações normais, é reservada ao homem, para que ela possa assumir essa mesma posição em outros níveis de atuação mais decisivos (como na esfera econômica ou do ritual). Se ela não tiver marido, ou se mesmo que o tenha, ele seja impedido por algum motivo de assumir integralmente suas funções como 'chefe de família', só então é permitido a mulher, embora ainda com restrições, atuar em esferas que não competem a seu sexo" (Motta/Maués, 1993: 124-125).

Este fato é importantíssimo para a análise, pois oferece elementos que podem explicar a presença cada vez maior da mulher, de meia idade, na prática da pajelança cabocla, como uma forma de se afirmar como pessoa e, por outro lado, compreender melhor as razões da proibição

das mulheres no trabalho da pesca. Em resumo, podemos observar dados explicativos sobre a divisão sexual de trabalho e a organização espacial dos moradores da Prainha.

Parafraseando o que diz Lewis (1977: 115):

> "Uma alta proporção daquelas que se tornam xamãs constitui-se de fato de mulheres que passaram a menopausa ou suas irmãs estéreis, mais novas. Assim, as mulheres a que o casamento tem pouco a oferecer e aquelas que já gozaram seus frutos como esposas e mães encontram no papel de xamã uma atraente carreira nova. Que essa posição de domínio sobre os espíritos e de liderança das esposas rebeldes seja assumida por aquelas que a sociedade encara como meio-homens (desde que não são inteiramente mulheres) é, de fato, altamente apropriado. Assim, o que podemos chamar de síndrome da infertilidade estabelece o caráter andrógino que é atribuído freqüentemente às lideres desses cultos periféricos".

Como já foi visto, a população local distingue duas categorias de doenças: males naturais, cujas causas podem ser consideradas e explicadas como naturais e outras atribuídas à força do sobrenatural e dos encantados.

Pode-se dizer que em toda Salinópolis é bastante forte o uso da pajelança cabocla para a cura de doenças e malefícios atribuídos aos encantados. A experiência de campo constatou "clientes" de outros bairros da cidade, inclusive pessoas mais abastadas e ocasionalmente, veranistas, que procuravam com certa freqüência os rezadores(a) do bairro da Prainha, conhecidos como "os bons" neste ofício.

Particularmente no bairro da Prainha, ocorrem fatos semelhantes aos encontrados nos estudos realizados em Vigia, região que também pertence ao Salgado paraense, por Maués (1990). Segundo o autor, há uma infinidade de doenças e/ou sintomas de desconforto físico atribuído a seres e/ou fatos sobrenaturais, ditos como doenças não naturais[115]. As causas estão quase sempre ligadas a determinados agentes humanos e não humanos, além de seus motivos, o modo pelo qual a doença foi provocada e, também, certas atitudes e disposições da vítima. As doenças naturais são consideradas como "mandadas por Deus" em vista das idéias religiosas da população. Porém não constituem castigo divino, mas simplesmente doenças permitidas por Deus e que nada têm a ver com a maldade dos homens. Parafraseando Rubel (1960: 107), "mal artificial (mal puesto isto é, feitiçaria) que resulta do trabalho conjunto com o demônio".

[115] Raramente se ouve falar em "desconforto psíquico" atribuído aos seres e/ou fatos sobrenaturais – não foi encontrado nenhum caso de demência ou qualquer outro distúrbio psíquico entre os moradores locais.

De modo geral, os sintomas das doenças não naturais costumam ser os mesmos de certas doenças naturais e por essa razão facilmente confundidas por pessoas menos experientes com as "coisas de encante". Muitas vezes, quando as doenças ditas naturais tratadas com remédios caseiros e/ou por alopatia, sob orientação de especialistas locais ou mesmo médicos, resistem ao tratamento considerado "normal" é que surge a suspeita de ser de outra ordem a razão da doença; o que antes se havia diagnosticado como doença (natural) passa agora a receber outro nome, como por exemplo feitiço, quebrante e/ou quebranto, mau olhado etc.

Noções como a de "mau olhado", "quebranto", "encante", "flechada", "feitiçaria", etc., fazem parte das explicações sobre as relações com as "coisas do mundo", entre os moradores da Prainha. O conceito de "malineza"[116] é central para compreender a visão de mundo dos moradores deste bairro, mesmo daqueles que não comungam do catolicismo popular e da pajelança.

Doenças provocadas por encantados, como por exemplo "flechada de bicho" e "mau olhado de bicho" são freqüentes nas redondezas do bairro. Os moradores do bairro e das redondezas se referem à flechada quando a pessoa por descuido ou mesmo por um ato de desrespeito, em certos lugares, está sujeita a ser atingida por uma flechada (sujeita a desconforto, dores e mal estar), devido aos encantados do fundo e/ou do encantado que governa aquele local, como por exemplo o sapo encantado da fonte do Caranã, e o Trocatinho que protege a frente da cidade. Mau-olhado quando um "olho ruim" um "olho gordo" de alguém com inveja, despeito etc., provoca sintomas de desconforto (dor de cabeça, tontura, náuseas etc.) em determinadas pessoas ou é capaz de queimar e/ou matar plantas ou produção, pelas mesmas razões. Estas são espécies de "malinezas" e que são atribuídas aos seres do encante.

Para alguns informantes, o ato de fazer o mal ao próximo (malineza) deriva da inveja, que é decorrente do "mau olho" de certos indivíduos - isso no plano dos humanos - sem considerar a ação dos encantados, dos espíritos e outras entidades e seres que pertencem ao plano extra-humano e sobrenatural. Neste particular, uma das dificuldades que se coloca ao investigador deste processo é justamente saber quem causou a malineza, por exemplo - pois

[116] Maués, H. (1995, p.216) trata do conceito de malineza como central na visão de mundo da microrregião do Salgado, contrapondo-o ao princípio cristão da caridade, fato que também verificamos em Salinópolis.

desejar e/ou fazer o mau a outrem deliberadamente não é coisa aceita por ninguém. Pois, como é obvio, ninguém assume pessoalmente a culpa da "malineza" contraída por alguém, embora suspeitas e indícios do "mau feitor" possam coexistir, como parte do jogo. Contudo, e sobretudo, em momentos de extremo desespero, algumas acusações são precisas e contundentes especialmente quando partem de pessoas atingidas, em momentos de indignação e cólera, e só servem para causar brigas e "desavenças entre os vizinhos".

As acusações não passam de "indícios" que não se comprovam nunca e provocam resultado ao revés, pois sem provas não há como culpar ou julgar ninguém e, ao contrário, servem para fortalecer o poder de ser temido do "mau feitor". Desta forma, parece haver um código: ninguém sabe, ninguém viu – uma maneira de não se comprometer , receio e medo com o revés do que pode ser dito. Os depoimentos a respeito desses fatos freqüentemente assumem o tom do "eu não sei", "eu não faço"; "parece que foi assim"; "eu ouço dizer que é assim".

Por outro lado, a "malineza" no plano dos encantados e seres do sobrenatural e do extra-humano, não tem como comprovar mas os indícios, os detalhes "do que é" e "como aconteceu" conduzem a autoria, pois estes seres têm tipos de "malinezas" que lhes são mais específicos e que o identificam, é como se cada encantado tivesse o seu tipo de malineza e, portanto, é facilmente identificado por todos.

É interessante observar que entre os veranistas estas crenças também são difundidas. Muitos veranistas através do intermédio e do conhecimento do seu caseiro(a), que pertence à vizinhança, procuram freqüentemente os "tratamentos locais" baseados no saber popular e na utilização dos recursos da natureza, para certas enfermidades e desconforto, sempre que possível. Há inúmeros casos de veranistas que se utilizam da medicina caseira e do saber tradicional dos rezadores e benzedeiras locais.

Durante o trabalho de campo constatamos alguns casos de veranistas que procuravam os rezadores e benzedeiras para, sob tratamentos locais baseados na medicina caseira e no saber tradicional, curar certos desconfortos e doenças. Através das entrevistas com alguns dos rezadores e benzedeiras do bairro, obtivemos a informação de que é grande a procura dos

veranistas aos tratamentos de "quebrante", "mal olhado" especialmente nas crianças; "carne rasgada", "peito aberto" entre outros, nos jovens e adultos[117].

Muitos rezadores e benzedeiras passam a ser conhecidos e ter um certo convívio com os veranistas. Há vários deles em toda a cidade, porém um número significativo mora no bairro da Prainha e são reconhecidos por todos, como "autoridade no assunto", mesmo por pessoas de fora do bairro ou mesmo de fora do lugar, como os veranistas. A fama de alguns "corre o mundo" e há pessoas que chegam na cidade para especialmente encontrá-los. Às vezes há um movimento de entre e sai na casa destes rezadores e benzedeiras - um "trancetê" de tanta gente que os procura, nos períodos de férias e feriados prolongados. Não é todo mundo que claramente assume este tipo de procedimento. A relação vem do contato prévio feito, normalmente, pelo caseiro que conhece o rezador, que mora no bairro e o conduz ao interessado. Este é que marca a hora e os detalhes da visita do rezador que se desloca até sua residência, só alguns, mais familiarizados ao próprio contexto dos rezadores e benzedeiras chegam às suas casas.

Alguns depoimentos demonstram como os rezadores e benzedeiras são bastante solicitados nos períodos de veraneio, dando-lhes um certo prestígio, pois é ser reconhecido também por outros, de fora. Demonstram também as mudanças nos sistemas locais que passam a considerar e, às vezes, privilegiar outras relações.

> "Ah! dona.... hoje tá um trancetê danado por aqui... parece que o mundo todo tá com a pá virada... é um entra e sai que só Deus... Eu acabei de chegá e a cumadre tá... esperando p'eu segui com ela... já foi mulhé parindo... iche! com criança travessada... é perigoso!... Hoje tá um dia assim... de perna pró á... já costurei carne rasgada que o home nem podia... agora vou atendê o filho da mulhé... o bichinho tá mal... parece que num para comida no buchinho dele... come-vumita desde onte de noite... tem dia que é assim os barão qué se atendido tudo... e nós num pode negá... é ofício de Deus que a gente tem.."[118]. (Gregória, 72 anos, Rezadora, oriunda de Salinópolis).

Observa-se também que o misticismo é tão forte entre os moradores da região por este trecho de depoimento de uma rezadora:

[117] 40% da procura foi para benzimento de crianças com quebrante e mal olhado; 30% adultos, empresários ou não a procura de tratamento para "bons negócios" que pessoalmente ou através de objetos enviados à rezadora querem ser bentos - benzidos no linguajar local, diferençando do tratamento com água benta pelo Padre; 20% adultos com problemas de saúde (torções, erzipla, peito aberto, carne rasgada, especialmente); 10% adultos que procuram melhorar o relacionamento conjugal, prender o marido e/ou namorado.

> "Ah!... eu nunca vi gente tão crente... aqui o povo todo me procura por quarqué coisa... desde um simples sonho, tenho que ouvi e interpretá. Tudo levam pra coisas do alto, de sinal, sabe como é... é num consegui dormi, é vim bater na minha porta... Dor de cabeça, dor de barriga é tudo. Tem uns que traz pra benzê os materiar da pesca pra vê se melhora. Traz peça de roupa, é tudo... se tem uma água escorrendo na porta ou coisa ansim, corre pra eu tirar... desempate. São mesmo um povo bem crente das coisa..." (Maria, 69 anos, rezadora, oriunda do 40).

O saber tradicional com relação à saúde e doença está intimamente relacionado com a visão de mundo e com as formas de se relacionar com a natureza, onde ambos homem e meio fazem parte de um todo, com lugares e formas definidas socialmente.

À primeira vista, o saber tradicional que de certa forma tende a ser expulso do meio urbano, do interior das casas que se modificam junto com a sociedade balnear que ali se instala, trazendo novos hábitos e formas de ver o mundo, apenas incorporam estes novos hábitos e modos de viver.

A população, antes de substituir a prática da medicina caseira pela valorização e utilização da medicina moderna, através do incentivo que vem sendo dado pelos governos locais ao atendimento médico-hospitalar e ao posto de saúde, incorpora estes saberes. Manipulando-os ora um ora outro, conforme a necessidade e condições dadas.

> "Nós atuamos diretamente com as pessoas... incentivamos as mãezinhas virem à cidade fazer acompanhamento médico, pré-natal e seguirem os aconselhamentos todos.... mas aqui é difícil, é longe... chega um tempo que não dá.... não pode ir à pé, no sol quente, deixar as outras crianças o dia inteiro... nem todas anda de bicicleta... não tem condições de seguir tudo do médico não. Às vezes a realidade obriga a gente entender... sabe?... é difícil também pra nós que sabemos a vida como é que é e como ACS temos que fazer e dizer isso assim, forçá a barra mesmo... senão ninguém sai de casa não, mas tem hora que a gente vê e entende a vida delas. Avisa, diz que é da responsabilidade dela, mas a gente entende... muitas têm com parteira ali mesmo... graças a Deus dá certo, mas às vezes tem que correr e a gente fica num sufoco danado porque a gente é ACS, sabe né?..." (Matilde, 33 anos, Agente Comunitário de Saúde- ACS, oriunda de Salinópolis)[119].

O sistema de saúde pública instalado na região não dá conta da real situação da população e muito menos têm compreensão do "mundo simbólico" povoado por tabus, crenças e

---

[118] Fragmentos de uma conversa, meio apressada, com uma rezadora bastante conhecida no bairro da Prainha, que estava sendo solicitada para atender a um chamado de um veranista.

[119] Durante o trabalho de campo, entrevistei algumas ACS que trabalhavam nos bairros da cidade de Salinópolis e sítios próximos. Participei de duas reuniões mensais das ACS e a coordenação. Conversei longamente com as ACS que trabalhavam atualmente no bairro da Prainha. Nestas oportunidades, observei e adquiri dados sobre o trabalho

práticas de cura, que definem a relação saúde e doença entre os moradores locais[120]. Apesar de toda a força institucional dos programas de saúde (medicina oficial), ainda é bastante expressivo o uso da medicina caseira e dos rituais de pajelança cabocla como procedimentos da terapêutica na vida local do bairro da Prainha.

> "Eu tenho nas minhas plantinhas a minha fé... junto com Deus ninguém pode!... Ah! estas plantas são minhas irmãzinhas, coqué aperreio eu corro pra elas... faço chá, xarope pra 'ramo de ar', 'constipação'... pra tudinho eu faço... Aqui em casa é o que socorre, nem sempre dá pra levá no hospital... não é sempre que dá pra aviá receita... dinheiro às vês não tem fácil pra pegá... aí a gente socorre mesmo é com o que a gente tem no quintá... a gente tem que contá com as nossas plantinhas... abaixo de Deus é elas que me socorre... pode acreditá". (Rosa, 65 anos, dona de casa-parteira, oriunda de Salinópolis).

O conhecimento e o uso de plantas medicinais cultivadas no quintal como remédios, fortificantes e também como protetores (amuletos) é bastante intenso entre os moradores da Prainha, que ainda guardam certas formas de se relacionar com a natureza, traduzidos muitas vezes através do "respeito" a determinados lugares e coisas da natureza, proibições e tabus. Neste particular, as mulheres têm papel importante, elas estão a meio caminho entre a natureza e a cultura[121]. A maioria das proibições estão relacionadas às mulheres, em virtude da sua natureza: a menstruação, a gravidez, o pós-parto etc.. Do mesmo modo, as abusões são freqüentemente associadas a essas proibições e, consequentemente às mulheres.

> "A mulher em estado interessante (grávida) deve evitar certas coisa... quando dá a luz então, Deus o livre! Tem que cuidar, pra não prejudicá o bebê e ela mesma. Antigamente, no meu tempo, tinha resguardo de quarenta dias, a gente levava sério, era coisa de respeitá mesmo, não se comia qualquer coisa não... guardava-se de muito sol, guardava-se de sereno... cobria a cabeça com pano quando tinha que sair... agora não, ninguém quer acreditá nesses ensinamentos, por isso passa o que passa na vida". (Firmina, 44 anos, Agente Comunitária de Saúde, oriunda de Salinópolis).

A mulher "por natureza" está mais suscetível às interdições sociais (classificações simbólicas). E, embora transite entre dois domínios, não pode ultrapassar certos limites que a faz permanecer num certo lugar (classificação social). Lembrando novamente o que diz Angélica

---

das ACS, do nível (tipo) de tratamento e condições de saúde no bairro da Prainha e, de um modo geral da cidade de Salinópolis.

[120] O sistema de saúde pública de Salinópolis atende tanto a população local quanto às pessoas vindas das localidades interioranas próximas do município.

[121] Já referida anteriormente, Angélica Maués em "Trabalhadeiras e Camarados: relação de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade amazônica", traz preciosa análise sobre as proibições relativa a natureza das mulheres.

Maués, "os elementos simbólicos ligados aos estados fisiológicos femininos permitem classificar a mulher como uma categoria à parte, marcada por uma ambigüidade peculiar apenas a ela, o que a faz tornar-se potencialmente fonte de desordem e perigo para ela própria, para as outras pessoas e, em ultima análise, para todo o sistema a que está ligada"(Motta/Maués,1993:181-199).

> "Nós num pesca... a pesca é coisa de home. Mas a gente às vez ajuda a despescá o currar... Sabe, a mulhé tem assim uns limite de natureza, a gente é que enche a barriga, dá a luz... As mulhé são rachada é uma outra natureza que num condiz com certas coisa de home... A natureza do home é dura, é inteira por isso eles pode fazê força, carregá peso... aí eles pode pescá, ficar horas a fio dentro d'água pró home nada faz mal...". (Gregória, 72 anos, rezadora, oriunda de Salinópolis).

Não é pretensão, aqui, discutir a questão da eficácia das diferentes formas de terapêutica utilizada na região: medicina popular ou oficial, o que já tem sido realizado por diversos autores[122] e, sim demonstrar como é presente na região balnear de Salinópolis a crença e a prática da pajelança cabocla, bem como refletir como esta prática é utilizada e difundida pelos visitantes – veranistas no lugar.

Entre cinqüenta famílias entrevistadas apenas uma minoria (três) disse que usava exclusivamente dos recursos da medicina oficial (medicina legal), por não acreditar e não conhecer das práticas de saúde mais tradicionais, ligadas aos recursos da natureza e do saber popular[123]. As outras famílias usavam de ambas as formas de conhecimento médico à medida do necessário.

O entrelaçamento destes dois procedimentos, muitas vezes criticado pelos médicos oficiais e agentes de saúde, foi a alternativa encontrada pela população, que mesmo já urbanizada residente num bairro da cidade de Salinópolis guarda certas tradições da vida rural.

A dificuldade financeira na aquisição dos remédios e no acompanhamento médico-hospitalar muitas vezes usada para justificar o uso dos recursos da medicina caseira são pertinentes em alguns casos. Porém, observando mais detalhadamente a vida dessas pessoas,

[122] Os Clássicos trabalhos de Lévi-Strauss (1970): "A eficácia simbólica" e o "O feiticeiro e sua magia" são expoentes nesta discussão e têm servido de orientação a muitos que estudam as práticas do xamanismo.
[123] Duas destas respectivas famílias entrevistadas que disseram usar apenas da medicina oficial, tratavam-se de famílias convertidas à Igreja Quadrangular e a Igreja Batista.

percebemos que não se trata apenas de uma questão econômica. Ao contrário, é uma questão muito mais forte que está certamente ligada às formas de ver o mundo e se relacionar com ele.

Deste modo, por exemplo, ao sintoma de uma dor de cabeça podem ser atribuídas muitas causas que apenas um remédio receitado pelo médico não é capaz de aliviar. As vezes uma simples dor de cabeça é uma "flechada" de um encantado em que o doente recebe o sintoma como aviso e/ou punição por ter transgredido alguma norma social pré-estabelecida, por exemplo. Neste casos sim, os "banhos"(como são chamados os chás e/ou infusões com plantas específicas: raízes, folhas, cascas, flores etc., para banhar a cabeça em alguns casos) que são receitados por rezadeiras e benzedeiras, além das rezas e benzeções é que levam ao alívio e à cura, conforme o caso[124].

5.2 A HISTÓRIA DOS ENCANTADOS COMO UMA FORMA DE (RE)INTERPRETAÇÃO DO MUNDO

A reflexão sobre as representações em torno da categoria (encantado), em Salinópolis, é aqui realizada, à luz de Galvão (1955), que se refere às próprias considerações locais sobre o que é encantado, isto é, uma força mágica atribuída aos fenômenos sobrenaturais capaz de "encantar" seres humanos, animais e objetos.

[124] Passamos a relatar uma experiência em campo, que serve de ilustração à esta discussão: Logo que iniciei o trabalho de campo caminhava ao dirigir-me para o bairro em análise, e sob sol escaldante, as 13:00 horas esperava a chegada dos pescadores vindos da pesca, na beira onde eles iriam aportar. Como estava muito quente. Uma moça que também estava por ali esperando a chegada dos pescadores, tirou os sapatos e molhou os pés por alguns minutos e voltou para procurar uma sombra e sentar-se para esperar os pescadores que ainda tardariam um pouco. Quando chegou na pequena venda, onde nós estávamos à sombra, pediu-nos ajuda pois encontrava-se tonta com uma súbita dor de cabeça, tontura e sensação de vômito. Depois dos primeiros socorros quis voltar para casa, pois não conseguia fazer mais nada. Depois de alguns momentos, coincidentemente fomos visitar por entrevista, uma senhora que momentos antes prestou assistência a moça. Segundo a sua explicação para o fato, a moça tinha sido "flechada" pela mãe do rio, por não ter pedido licença para molhar os pés, entrar no rio e ainda estava em "estado proibitivo", menstruada. Esta senhora é reconhecida no bairro como entendida do assunto e foi logo receitando procedimentos e banhos de cheiro para molhar a cabeça da paciente pois, segundo seus conhecimentos, se a moça não cuidasse como ela indicava, ficaria com dores de cabeça muito fortes e continuadas. Acabamos ajudando a fazer o banho de cheiro, que por sinal é muito agradável. Fomos a procura das ervas e depois juntas preparamos, macerando-as em água.

A existência de um "mundo encantado" faz parte de um sistema de crenças, característico na região Amazônica. Um mundo povoado por lendas e histórias que explicam e procuram dar conta da vida local.

De acordo com Morin (1986: 150), os mitos não podem ser interpretados por uma lógica única, mas por uma polilógica. Pois, segundo o mesmo autor, os mitos são narrativas que descrevem a origem do mundo, a origem dos homens, a sua lei e a sua sorte na natureza, as relações com os deuses e os espíritos. Mas os mitos não se restringem à cosmogênese, não falam só da passagem da natureza à cultura, mas também de tudo o que concerne à identidade, o passado e o futuro, o possível e o impossível, de tudo o que suscita a curiosidade, a necessidade e a aspiração. Os mitos transformam a história de uma comunidade, cidade, povo, tornam-na lendária, e mais geralmente, tendem a desdobrar tudo que acontece no nosso mundo real e no nosso imaginário para os ligar e os proteger juntos no mundo mitológico.

A representação que se faz dos encantados a partir da experiência de campo e das leituras pertinentes, é que eles são seres sobrenaturais que, sob poder mágico, são capazes de alterar a ordem dada, transformando e/ou recriando a própria história. Neste particular, nos interessa observar que a inversão da ordem, cantada em verso e prosa através das estórias dos encantados, pelos moradores locais é uma forma de "proteção" frente à "invasão" do veraneio.

Entre os encantados estão os "encantados-da-mata" e os "encantados-do-fundo"[125]. Os "encantados da mata", segundo os próprios informantes, seriam entidades que se manifestam sob forma de animais, geralmente um porco, paca etc.. Os "encantados do fundo", categoria mais verbalizada entre os sujeitos da pesquisa, são seres que habitam um "reino encantado", uma espécie de "mundo submerso", "cidade submersa e encantada", habitada por "caruanas" e "oiaras", que são encantados que se manifestam em sessões de cura, "coisas de pajelança" e em forma humana, próximo aos igarapés e olhos d'água, respectivamente. São encantados que servem de proteção. Os sapos, "encantados" que aparecem sempre nos caminhos ou na beira dos igarapés, olhos d'água e nas fontes, são vistos como protetores destes lugares, aparecem no

[125] Essa crença no "mundo dos encantados" característico da região Amazônica, já tem sido estudada, entre outros antropólogos, por Galvão (1955); Maués (1990); Figueiredo (1996).

sentido de proteger esses locais dos abusos dos homens (Ver Apêndice II - lendas e histórias da fonte do Caranã).

O "mundo dos encantados", segundo os moradores de Salinópolis, está provisoriamente submerso e pode a qualquer momento emergir, disso dependendo do comportamento dos próprios homens. Não tem um lugar muito preciso, ora encontra-se submerso nas imediações da cidade ora mais distante, nas imediações da ilha de Fortaleza, nas proximidades de São João de Pirabas, ou mesmo na ilha de Maiandeua, Maracanã (Pa.), onde está o Lago da Princesa, "reino encantado" mais importante, governado pelo Rei Sebastião ao qual todos os encantados do fundo estão subordinados[126].

> "Os encantados do fundo... o nome já fala, diz o que é, né? São gente do fundo das profundezas. Desde menina, já ouvia dizer que eles moravam numa cidade no fundo do mar igual esta daqui com um tudo... mas até melhó... encantada. Povoada dos caruanas... os guia, aqueles que vêm ajudá as pessoas que trabalham com as coisas de curá... o que benze, que faz reza, né?... antes dizia que era coisa de pajé, né? agora a gente nova fala que é coisa de índio (hoje não se fala em pajé)[127], num fala mais... agora é rezador (agora se fala em rezador)... é Deus (que vem ajudar e não os caruana)... essas coisa de dizer das gente do fundo é mesmo difícir... eu não sei... mas eu creio que eles ajudam pró bem de todos... às vezes até é como mãe que ralha, bate mas num bate muito... é pra aprender a num fazê mais aquilo... eles sempre estão ali... vigilante". (Ana, 44 anos, caseira, oriunda de Santo. Antônio do Urindeua).

Neste particular, os "encantados", diferentemente dos santos que são conhecidos normalmente por suas representações materiais (imagens com formato, com corpo e feições humanas ou estampas que retratam suas semelhanças deixadas na terra, como pessoas); não têm materialização definida, não são representados por uma forma própria que os caracterize e os identifique (Maués, 1995: 188). Mas assim como os santos se comunicam e se manifestam diante de pessoas eleitas, devotos privilegiados, em aparições, vozes etc., proporcionando um certo

[126] Maués (1995) trata da idéia messiânica de uma possível inversão do mundo relacionada com o Rei Sebastião (sebastianismo português). Observa que estas histórias aparecem em outras regiões que também são vistas como morada do rei além de São João de Pirabas (ilha de Fortaleza): No município de Maracanã (ilha de Maiandeua); no município de Primavera (pedra do rei Sabá), no estado do Pará e no Estado do Maranhão (na praia do lençol). O mesmo autor lembra que o rei sebastião é uma entidade presente tanto na pajelança cabocla quanto na umbanda. Maués (1987-1995).

[127] Na região pesquisada e entre os moradores locais é bastante restrito o uso do termo pajé como designativo para aqueles que conhecem e trabalham com a arte de curar tradicional, os rezadores e benzedeiras. Em uma das entrevistas realizadas obtive uma explicação para a ausência do termo entre eles, disseram-me que os atuais rezadores eram os pajés dos índios de antigamente. Como hoje não tem mais índio, não tem mais pajé. Porém, se por

destaque a estas pessoas que tiveram um sinal ou se comunicaram com o mundo divino dos santos. O mesmo acontece com os encantados, embora de modo bastante variado e muito mais freqüente que os santos pois, de certa forma, os encantados estão mais próximos aos homens, são homens que se encantaram e vivem em uma cidade encantada.

> "Ah! minha senhora... deuso livre! Coisa de encante num tem nada a ver com santinha lá do céu não... eu num sei, mas santinha é aquela muita boa, muito linda que subiu pró céu de nosso senhor, que sofreu pra ajudá nós tudo aqui na terra... sofreu muito, de coração puro, virou santinha por (sua) bondade.... Tem história no livro e tudo, mas eu num sei contá.... Agora coisa de encante é diferente tem o do fundo e o da mata... eles num tem uma cara assim propriamente iguar, a gente num sabe identificá... é propriamente mais difícil... deuso livre!... Disque morum no fundo do mar, numa cidade encantada. Ficou no fundo pra esta aqui ficá, mas pode a quarqué hora virá... desencantá né?. deuso livre nossa senhora![se benze]..." (Joana, 69 anos, dona de casa, oriunda da localidade do Km 40).

Através dos depoimentos e entrevistas de campo, observa-se uma certa distinção valorativa entre os que se comunicam com o divino dos santos e o mundo dos encantados.

> "Eles num tem uma cara própia... pode aparecê de muitos modos diferente... pra alguns dum jeito pra outros doutro... num é como santinho que tem uma cara só, uma veste só... É diferente o jeito que aparece os encantados.... Também os santo são mais escolhidos... aparecem pra uns pouco merecedor de graça do céu. É uma gente especiá.... Os encantados não, é o contrário é prum devedor... que tá aprontando alguma, é pra avisá... é assim essa diferença... mais o menos assim essa diferença.... eu nunca vi encantado nenhum, mas sei de gente que já ficou muito doente por isso" (Francisca, 55 anos, dona de casa, oriunda de Salinópolis).

As aparições dos encantados não são tão seletivas e o privilégio de vê-los não é tão merecedor de distinção frente aos outros como o é para as aparições do santo- que dignificam o visionário por exemplo, embora não sejam possíveis para todo mundo. Nestas aparições, o respeito e o medo das visões fazem parte do processo, e são como espécie de sinais de alerta, aviso, repreensão etc. a determinadas ações ligadas às relações entre os homens e entre o homem e a natureza.

Os encantados aparecem em diversas formas como animais e/ou seus ruídos; fenômenos da natureza (tempo bom e tempo ruim - através de vento forte, tempestades, ondas gigantescas, correntes marinhas que podem levar ou trazer abundância de peixe etc.); bem como

---

um lado quando se referem à "coisa de índio" estão denotando fatos de antigamente, por outro lado, também podem estar, pejorativamente, classificando esses mesmos fatos.

pessoas que não se tem bem definida a fisionomia, aparições que assustam em contextos e situações incabíveis, invisíveis muitas vezes para pessoas comuns. Isso pode ser responsável pela variedade de denominações que recebem: bichos do fundo, oiaras e caruanas. São considerados como "bichos do fundo" quando se referem às aparições sob a forma de animais aquáticos, que vivem no fundo dos rios e mares, como peixes, cobras, botos etc. Quando aparecem sob a forma humana, são chamados de oiara. Já os caruanas, são um pouco diferentes, pois são "encantados que trabalham", são os encantados que se manifestam nos trabalhos dos pajés, incorporados neles; são conhecidos como "guias" , "cavalheiros" e/ ou "cavalos" (Maués, 1995).

> "Ah!... os encantados são muitos... aparece em forma de bicho... pode aparecê como quê... já viu galo cantá em alto mar, pois é... vem do fundo, dos encantes do fundo... é cachorro latir... é tudo que se ouve. Disque no fundo tem uma cidade submersa muito maior e mais bonita que esta daqui... é dos encantados... às vez eles vêm espiá... assustá... às vez não quer a gente... as vez é lugar dele... sei lá, essas coisa num têm como explicá... só acreditá... e atentá pra num se dá mal... gente de encante se vira de um tudo... os bicho muitas vez é uma gente do encante.. . às vez pode que queira fazê o bem , às vez o mal". (Antenor, 55 anos, pescador, oriundo de Maracanã).

Há uma certa ambigüidade nas ações e procedimentos desses encantados entre os moradores locais, pois ora lhes aparecem como do bem ora do mal. Quando o encantado que protege e habita nas fontes e mananciais (que é identificado e aparece em forma de sapo) castiga aos que não estão tratando com o devido respeito o lugar, ele (encantado) está agindo para o bem da coletividade. O castigo é uma repreensão. Entretanto, dependendo do castigo e do castigado, tal tratamento pode ser visto como uma "malineza", "judiação", "castigo exagerado e sem precisão".

> "Ah!.. foi bem feito, num tinha nada que fazê lá essa hora... se calhá num pediu nem licença pra bebê na fonte... porre do jeito que anda..." (Mariinha, 29 anos, dona de casa, oriunda de Motta).

A ambigüidade da ação dos encantados não é particular a um ou outro encantado, pode ser vista também na estória dos feitos de "Trocatinho", quando já por diversas vezes derrubou o cais de arrimo da frente da cidade, considerado por alguns como uma espécie de um alerta em atenção ao lugar que lhe pertence.

> "É eles tom pensando que são dono disso aqui, que chega vai fazendo o que bem qué e pronto, mas num é assim não, o dono disso aqui é o trocato, se ele num quizé nada fica em pé... até o ingenheiro leva o dele, por sê inchirido e se metê a fazê coisa sem permissão do

> dono, né mesmo?... aqui num é casa de ninguém, de vi um e achá de fazê o que qué não... aqui nós tem um protetô, pode acreditá... tem uns que num acredita... mas é só observá". (Vinenciana, 46 anos, dona de casa, oriunda de Derrubadinho)

Do mesmo modo, é interessante atentar para o discurso ritualizado que se apresenta na fala de alguns entrevistados, demonstrando um certo peso a determinados fatos e circunstâncias sociais, que servem para alertar ao observador.

> "As pessoa invisive... dizem que oiara... aparece iguar... pode sê quando tá de tirar o caranguejo, já naquela peleja... . ouve conversa assim iguar iguar dois conversando e não tem ninguém... num aparece..." (José, 65 anos, pescador e coletor de caranguejo, oriundo de Santo Antônio do Urindeua).

> "Já ouviu falar no trocatinho? pois é... é ele que vive no fundo, na cidade dos encantados, que sopra forte pra modo de não permiti estes dinheirame todo na feitura da calçada, do passeio para os turista do prefeito. É o trocatinho que faz a maré ficar braba e quebrar tudinho, não tem quem possa... ele é do fundo" (Maria, 65 anos, dona de casa, oriunda de Pirabas).

> "Ah!... os caruana são encantados que trabalham junto com a gente, são os nossos guias... é o meu cavalo... é uma parte que acompanha com a gente rezadô". (João, 69 anos, rezador, oriundo do Prata).

A citação de parte da fala de alguns salinenses moradores do bairro da Prainha, servem como instrumento reflexivo da relação com as "coisas" da natureza, pois as relações entre o homem e a natureza estão pautadas na (re)interpretação do mundo através das histórias dos encantados[128]. Os encantados são como a "gramática simbólica" pela qual traduzem o mundo. É por meio das histórias dos encantados que esta população (re)conta o seu próprio feito.

Observando as diversas falas sobre os encantados é possível rever a própria história. São como narrativas históricas construídas, face ao artefato, que proporcionam uma visão mais completa e reveladora da vida do lugar e da sua gente. Mostra como o processo de mudança que eles enfrentam depende de como eles pensam o seu passado e cada momento histórico particular pode conduzir a sociedade a um novo rumo.

[128] Ver em anexo, Apêndice II, que mostra lendas e estórias de encantados cantadas e poetadas por membros da população residente no bairro da Prainha e filhos da cidade de Salinópolis.

As articulações que eles fazem nas suas narrativas sobre os encantados demonstram caminhos para interpretar a história. Essas narrativas incorporam mais especificamente aspectos políticos que envolvem as relações sociais e mantêm a própria sobrevivência[129].

A mudança na vida sociocultural da região em função da presença de veranistas e turistas e tudo o mais ligado à vida balnear tem contribuído para esta (re)interpretação, em que elementos novos advindos com a situação de contato são incorporados nas explicações e na visão de mundo que os estabelece.

A idéia que os encantados desejam desencantar-se está sempre presente entre os informantes. Existem histórias que contam sobre pessoas que foram levadas pelos encantados e que depois de um certo tempo de "sumiço" conseguiram voltar para o convívio familiar, tendo se tornado grandes curadores, rezadores, pois aprenderam sua arte no fundo[130].

Alguns rezadores contam como se iniciaram na "arte de curar", entretanto nem todos sabem ao certo. Uns consideram um "dom de nascença", mas que só se manifesta no momento certo. Um dos rezadores entrevistados lembra que há muito tempo atrás passara dois a três dias sumido de casa e que seus familiares perguntavam aonde esteve todo esse tempo e ele não sabia dizer nada. Esse tempo coincidiu com sua iniciação nas "coisas de curar", segundo seu depoimento.

Outra idéia que parece fazer-se presente entre a população local é a noção de uma possível inversão da ordem do mundo, quando consideram a existência de uma cidade submersa melhor que a atual, onde vivem os encantados. Os "seres encantados" aparecem então como mediadores entre estes dois mundos. São a possibilidade de inverter a ordem; eles podem reagir contra o poder dos homens que explora desregradamente o ambiente e interferem na vida

[129] Um sobrevôo sobre a perspectiva histórica dos estudos da Etnologia Contemporânea, inspirou-me observar a "mudança" como um fato social, dentro de uma perspectiva de "processo", de "mudança que muda" uma sociedade pode se apropriar politicamente da mudança e, como o "moderno" pode ser reinterpretado. Dessa forma, a interpretação dos fatos históricos tende a desmistificar a idéia de "aculturação" e põe certos limites à interpretação da mudança bem como a idéia de colocar os sujeitos (população alvo) como vítimas da estória. Ao contrário, mostram uma consciência histórica, uma outra visão de interpretar a história. Essa breve reflexão foi à luz das leituras de Brown, Michel; Granero, Santos; Menget, Patrick; Rossevelt, Anna; Whitehead, Neil. Todos na Rev. L'Homme, (1993, vol.123-128), Homi Bhabha (2001).
[130] A esse respeito Ver Maués & Villacorta (1998); Villacorta (2000).

sociocultural, podendo assim, garantir um certo "ajuste" nas relações entre os homens e entre estes e a natureza[131].

Muitos fatos sociais são explicados a partir das relações com os seres sobrenaturais, os encantados. Através das entrevistas com os moradores do bairro da Prainha, observa-se que há uma espécie de "código de postura" regido pelos encantados, que ainda mantêm certos comportamentos e, consequentemente, uma tradição no uso e nas formas de se relacionar com as coisas da natureza, basta lembrar do encantado que mora na fonte do Caranã, que a protege, regulando a forma e o uso da fonte (Ver Apêndice II - lendas e histórias dos encantados).

Certos lugares são considerados, pela população local, do domínio dos encantados e por isso devem ser respeitados, caso contrário, haverá uma punição, um castigo. Relatos da população demonstram esta relação de causa e efeito que, de certa forma, é conhecida por todos. Como é o caso do sapo encantado que mora na fonte do Caranã , a protege e "malina"[132] com as pessoas que desrespeitam o lugar.

Lugares respeitados pela população, considerados como sagrados, são incorporados pelo processo de urbanização e atração balnear, passando a compor a nova paisagem urbana com uso e significados que se aproximam, mas nunca se igualam. Estes lugares parecem ser verdadeiros "calidoscópios" da vida sociocultural local, onde se pode observar uma infinidade de combinações de imagens significantes. É um olhar de possibilidades de interação que sempre é um desafio por juntar crenças, mitos, ritos, enfim, a forma de pensar tradicional com a forma atual de se relacionar com os mesmos.

Há sempre "causos" que são relembrados pelos moradores, relacionados com os diversos lugares da cidade como: a Fonte do Caranã, a fonte do Açaí, a praça Beira-mar, a estrada do Maçarico, a estrada do bode, a praia do Atalaia. Histórias que compõem a vida do lugar e que estão presentes no cotidiano através da memória viva dos encantados de outrora.

As histórias contadas apresentam uma linguagem própria que subtendem "normas de interdição" que têm por fundamento a preservação da natureza. Na história da fonte do Caranã

[131] A esse respeito Ver Maués(1995).

por exemplo, essa interdição está associada à presença de um sapo que dita as normas de utilização da fonte. Se alguém as desrespeitar será punido com severidade.

> "Na Fonte do Caranã existe um sapo, que devido o local onde habita é difícil vê-lo de dia, devidamente as placas de concreto que fazem a proteção da referida fonte. Ele está lá no seu lugar, todos os dias; à noite ele sai em busca de alimento e bem cedinho volta para o seu posto de observação e trabalho, isto é, todo e qualquer inseto que seja prejudicial ao homem que passe por ali, é imediatamente impedido, servindo-lhe de alimento... a água é boa e límpida. Boa para consumo, porque sempre encontra-se um sapo de tamanho avultado, tem sempre um aspecto desagradável e que causa medo as pessoas... As pessoas antigas tinham grande preocupação e respeito quando iam aos mananciais, para tomar banho, lavar roupa ou buscar água, principalmente quando levavam crianças; faziam o possível para que estas não bulissem com o sapo e também não chorassem, isso traria resultados contra a saúde: uma dor de cabeça e até mesmo uma febre. O que eles faziam ao chegar na fonte era: 'Oh! minha vó, me dê licença para tomar um banho. Para lavar umas roupas ou então para tirar um pouco d'água...Olhe lá! não me faça mal! Com isso elas ficavam tranqüilas; E se por ventura acontecesse algo estranho, conforme já falamos e o caso fosse sério, o jeito era levar a pessoa (criança ou adulto) a casa de um curandeiro, para uma ligeira benzeção... dizia, ela ou ele, está flechada da mãe do rio, assim eles chamavam para o sapo..." (José, 61 anos, contador de estórias legitimado pela comunidade como tal, oriundo de Salinópolis).

A fonte do Caranã, de onde tradicionalmente a população local sempre retirou água potável (bicarbonatada, cálcica e magnesiana), é um dos lugares respeitados e que foram incorporados ao processo de urbanização e atração balnear, passando a compor um dos pontos turísticos da cidade, Estância Hidromineral de Salinópolis. Por esta razão, tem recebido toda uma infra estrutura voltada para a vida balnear, lazer e turismo. Mas apesar de todas as transformações ocorridas continua como um lugar especial para os moradores locais. Dos carregadores de água[133] de outrora apenas há algumas lembranças. Porém, ainda hoje é grande o número de veranistas e turistas que preferem a água do Caranã à da COSAMPA, mas são eles mesmos que buscam ou os seus empregados domésticos e/ou caseiros, não há mais ou pelo menos diminuiu muito, o número de pessoas que carregam água por profissão, aqueles que tradicionalmente prestavam esse serviço à população de veranistas como carregadores de água.

Na fonte não é permitido banhar-se, lavar roupa ou objetos e utensílios domésticos, como uma forma de conservar a qualidade da água. Para os moradores na cidade, estas proibições

---

[132] O ato de "malinar" muitas vezes, é visto como um castigo brando, uma espécie de punição leve.

[133] Antigamente na cidade, havia o trabalho de carregar água potável para as casas dos veranistas e por esse serviço se ganhava. Era um trabalho essencialmente masculino, os homens carregavam nos ombros em uma vara, duas latas de água por vez e iam e vinham abastecendo as propriedades dos turistas.

legais só vieram corroborar com o que eles mesmos já cumpriam há anos em função da mãe do rio, que estava ali para proteger a água da fonte. Para esses moradores é necessário pedir licença para poder pegar água, pois a fonte tem dono, tem um encantado que a conserva. A fonte é lugar de encantado e deve ser por todos respeitada; aquele que ousar será certamente punido.

A fonte do Caranã e a fonte do Açaí ainda hoje são povoadas por "gente do encante" segundo os moradores da região, apesar de já terem sofrido modificações estruturais na utilização desses espaços.

> "A fonte do Caranã é guardada, ainda vive nela a "mãe do rio" a sua protetora, por isso é que não acaba nunca, mesmo com essa montarada de gente pegando água de lá... é verdade que a fonte está toda esculhambada, mas isso é coisa de gente... gente sem escrupi... num acredita, então vai, vai fazê coisa errada... vai pegá água lá no caranã e num vai cum devido respeito.. num pede licença pró dono, num toma abença pra minha avó, vai e vê o que te acontece... uma porrada na certa!" (Feliciana, 48 anos, dona de casa e caseira, oriunda de Salinópolis).

Essa mesma interdição e punição aos transgressores pode ser vista no relato que segue sobre a fonte do Açaí.

> "Eu já vi muita coisa... não dá pra duvidá. Já fui castigado, sabe comé coisa de menino, não quer acreditá. Sabe aquela fonte lá do Açaí, que agora já é de particulá... é eu ia muito pegá água pra encher os pote de casa e gostava de banhar naquela água cristalina que nem sei ô quê!... uma vez fui com os companheiro, já era assim taludinho [mostra com a mão o tamanho] e na bricadeira, fui logo entrando pra banhá. Era noitecer, me lembro bem, pois foi noite toda gritando de dor de cabeça e febre brava.... Não respeitei o lugar... não pedi a licença devida ao local... Mas hoje não brinco, aprendi a respeitá. Só aquietei com a reza da dona Zarica, que é boa nesses negócios de flechada..." (Raimundo, 73 anos, Pescador aposentado, oriundo de Pirabas).

Alguns entrevistados são indicados e legitimados pela comunidade para contar suas histórias[134]. Não se trata de histórias contadas por brincadeira, consideradas fantasiosas (estórias da carochinha), mas sim "verdades" que fazem parte da vida do lugar e são legitimadas por todos. Os mais velhos conversam várias horas com entusiasmo e até com certa familiaridade.

Os jovens residentes na Prainha se retraem nas conversas e (re)lembranças da história dos encantados do lugar, por vergonha e por considerarem "coisa de caboco" (caboclo). Os jovens que publicamente desconsideram as histórias dos encantados atribuindo descrédito às

[134] Dentre os entrevistados, 37 demonstraram vasto conhecimento e uma verdadeira afeição ao seu mundo, atribuindo ao crescimento e mudança rápida demais os maiores problemas na vida das pessoas.

coisas do lugar, se contradizem quando guardam e temem certas coisas, como por exemplo, quando temem aos castigos da mãe do rio. Na verdade, parece, que por desvalorizarem de certa forma o seu mundo, esses jovens não admitem suas crenças embora considerem-nas de algum modo.

Os encantados estão presentes em diversas manifestações artísticas realizadas na região, através de uma infinidade de músicas, poemas etc., realizados tanto pelos mais velhos quanto pelos jovens. Embora estes últimos se expressem de formas diferentes, contam dos feitos e das estórias dos encantados, (re)criam e incorporam novos elementos, atualizando e fazendo (re)viver estas estórias, em pinturas, obras de arte que incorporam elementos da natureza. As estórias são contadas e cantadas como sempre. E os encantados continuam vivos entre a moradores do bairro da Prainha, assim como entre a população que mora na cidade como um todo, apesar da presença constante dos veranistas e turistas.

A história do "Trocatinho", por exemplo, é cantada em verso. Trocatinho é um jovem que fora encantado e que guarda a cidade. Sem o seu consentimento, nenhuma construção pode ficar de pé, especialmente se estiver localizada em frente a cidade - lugar de sua preferência e morada (Apêndice II).

Os versos contados por gente do lugar, mostram uma versão, com poucas variantes de outras ouvidas sobre os mesmos. Esses, junto aos depoimentos, retratam o quanto é presente no imaginário regional, as estórias dos encantados, bem como, as (re)elaborações que se juntam à fatos políticos e administrativos. Demonstram a visão de mundo e as implicações com o processo de modernização e mudança correntes. Neste particular, é que nos interessamos por esses relatos, a medida em que refletem as mudança ocorridas nas relações de trabalho frente ao processo balnear e turístico implantado na região.

Observamos, através desses relatos, que há uma ligação simbólica que envolve as representações sociais sobre o meio ambiente e que esta está subjacente à própria relação concreta entre o homem e natureza. O espaço social não é apenas um lugar, tem identidade que é partilhada pelos homens e pelos encantados, nas suas constantes elaborações. São o constructo resultante dos mitos que explicam a vida, são as bases de referência do seu eu construído

historicamente. Aí, talvez esteja a explicação da permanência de hábitos e costumes, que são legitimados socialmente pelas estórias dos encantados. A dificuldade de mudança ao lado do rápido modismo incorporado, pode ser também, talvez, explicada por esse estado de coisas.

Podemos considerar que, através das histórias dos encantados, da crença na existência do mundo submerso, o mundo dos encantados, os moradores locais garantem a sua própria sobrevivência no lugar. Pois, tal como os encantados que deixaram sua legítima morada – se encantado no fundo – os moradores locais, afastados da cidade pela especulação imobiliária – foram morar nos mangues aterrados, nos bairros de periferia.

Há uma certa similaridade no processo de expulsão e/ou inversão da ordem que identifica os verdadeiros donos do lugar: os encantados e os caseiros - representando os moradores locais, ambos foram expulsos pelo processo de turistificação que trouxe os veranistas , os de fora do lugar que passaram a ocupar o balneário. Daí podemos dizer que o encantado "Trocatinho" é o morador local travestido; ele se traveste através das inúmeras histórias dos encantados, não só como mediador entre dois mundos mas também como narrador e sujeito da mudança porque passam nos dias atuais.

CAPÍTULO 6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

*"Só Pode compreender quem trabalha com o coração". (*Gerhard Ritter)

Neste capítulo final, à guisa de conclusão, retomo a discussão e/ou interpretação em torno das transformações e mudanças que ocorreram na tradicional organização social dos moradores do bairro da Prainha, pescadores artesanais da agência balnear de Salinópolis, especialmente, procurando refletir sob dois prismas: o primeiro sintetizado e expresso através das respostas que eles mesmos (pescadores moradores do bairro) articulam diante das injunções de mudança entendidas não como uma trajetória pré-determinada, mas como uma realidade dinâmica e socialmente construída (a mudança nas relações de trabalho da pesca para o trabalho de caseiro e outros voltados para o balneário, por exemplo) e, segundo, como estas mudanças processadas inclusive através das estórias dos encantados sintetizam a reprodução simbólica, sob a qual os pescadores concebem sua identidade social.

Como vimos, os moradores da Prainha são os mais antigos pescadores da região salinopolitana, que viveram o processo de deslocamento centro-periferia em função da urbanização balnear iniciada a partir das décadas de 60-70 com a implantação da "Estância Hidromineral". São pequenos pescadores que venderam suas propriedades para a construção de "segunda residência" dos veranistas e se deslocaram para a periferia da cidade, ocupando regiões de mangue aterrado, muitas vezes em condições de insalubridade. São estes pescadores que se envolvem, mais especialmente, com os trabalhos voltados para o turismo balnear em função de apresentarem menor poder de pesca.

Sem condição de concorrência com a pesca comercial, paulatinamente a pesca tradicional vai sendo substituída por serviços com o veraneio e, entre estes, o trabalho de caseiro é o que mais tem atraído os moradores locais. Como procuramos mostrar ao longo deste trabalho, diversos fatores contribuíram para as mudanças nas relações de trabalho da pesca para os trabalhos com o veraneio: desde o sucateamento dos apetrechos de pesca (envelhecimento dos

instrumentos de pesca e a não substituição a contento) até a diminuição do pescado em função do distanciamento das regiões pesqueiras frente a pesca comercial, muito mais aparelhada e intensa.

Para os moradores de Prainha, os trabalhos com a vida urbana do veraneio são alternativas de sobrevivência frente as modificações sociais e econômicas enfrentadas. Para os moradores locais, o trabalho de caseiro é concebido como "tranqüilo" . O tipo de trabalho exercido que dispensa especialidade e instrumentos de trabalho atraindo os menos favorecidos; a razão custo x benefício – menos perigoso, menos penoso, menos tempo de trabalho dispensado com garantia de pagamento contínuo o ano inteiro; o prestígio que esta relação pode acarretar, pois ser caseiro de determinadas pessoas pode favorecer o crédito na praça comercial, entre outras.

No que se refere as mudanças que de fato ocorreram devido a passagem do trabalho da pesca para o trabalho com o veraneio, concretamente podemos dizer que, na própria organização social do trabalho, ocorreu uma mudança significativa que abalou todo o sistema de troca e solidariedade que envolvia o trabalho da pesca na vizinhança do bairro. No trabalho de pesca tradicionalmente exercido pelos moradores locais, o trabalho era coletivo: os apetrechos e sua conservação bem como os frutos da pesca eram partilhados pelos parceiros pescadores e seus familiares, por exemplo. Como o trabalho era exercido em parceria pelos vizinhos e afins, o tempo do trabalho e o tempo livre era comum e freqüentemente era partilhado conjuntamente pelos parentes e afins, mantendo uma certa coesão entre a família e a vizinhança do bairro. O trabalho com a pesca, antes exercido mais livremente no âmbito do bairro quando preparavam a pesca do dia seguinte tecendo as redes de pesca, também teciam as redes sociais do bairro e da vizinhança (Beck,1989).

Com a mudança do trabalho da pesca para os trabalhos com o veraneio e para o mundo balnear, mudaram as relações de trabalho e as relações entre a vizinhança. O "ganho"[131] que antes era, de certa forma, partilhado e até comemorado por todos os parentes e afins, da vizinhança, atualmente passa a ser ganho particular de quem o realiza. Como, por exemplo, o trabalho de caseiro que é exercido individualmente e/ou se confina, no máximo, à própria família

[131] "ganho" no sentido de oportunidade de trabalho e de remuneração, como se referem os moradores locais.

nuclear, quando esta possui filhos menores de idade e estes de algum modo participam do trabalho.

Com o direcionamento cada vez maior para o veraneio, os moradores locais se afastaram da vida coletiva e cotidiana do bairro tais como comemorações locais, religiosidade, trabalhos comunitários – mutirão na roça, na construção de casas populares, na confecção e reparo de apetrechos do trabalho da pesca - curral e rede de pesca etc. Quanto mais se envolvem com os trabalhos externos – trabalhos de caseiros, por exemplo, e/ou outros com o veraneio mais se ausentam da vida local da família e da vizinhança, pois passam a permanecer mais tempo na casa dos "barões veranistas" e a freqüentar a vida urbana balnear, do que a suas respectivas casas residenciais e o que diz respeito ao bairro.

Com o crescente envolvimento com a vida no balneário os moradores locais da Prainha passam a privilegiar as relações com os "barões veranistas", substituindo antigos laços que antes ligavam companheiros de pesca, parentes e afins como as relações de compadrio tradicionalmente realizadas entre a vizinhança do bairro e que hoje passam a ser entre caseiros e patrões veranistas, por exemplo. Essa mudança, embora traga alguns ganhos materiais, como ajuda do padrinho/ barão ao afilhado/caseiro são ganhos aparentes de pouca significação econômica e social, pois na realidade o mesmo sistema que criou essas relações de trabalho, ampliou as necessidades fazendo com que o fruto do trabalho seja insuficiente para garanti-las.

Embora seja de grande importância, este estudo não desenvolveu maior discussão teórico/política sobre os aspectos positivos e negativos da instalação do balneário; não se trata de verificar se as mudanças com o veraneio foram benéficas ou não para os moradores locais, pulamos esta "armadilha discursiva", pois seriam outros os procedimentos da pesquisa. No entanto, é preciso ter claro que a sociedade em que vivemos e estamos falando não é uma sociedade qualquer, não estamos falando da sociedade "A" ,"B" ou "C" – trata-se do encontro de sociedades – focalizamos a relação entre pescadores tradicionais, caboclos e a sociedade moderna representada pelos veranistas e turistas. Falamos de sociedades modernas que, segundo Giddens (1995), são "sociedades cerradas", sociedades da negação, que discriminam e separam por estereótipos diferentes sujeitos sociais.

Mais do que o interesse de verificar se a relação com o veraneio é benéfica ou não, todo esforço foi feito no sentido de observar como os moradores locais articulam no seu cotidiano as injunções de mudança, ou seja, como estes pescadores do bairro da Prainha elaboram as mudanças processadas com a nova relação de trabalho e o convívio com o veraneio. Este trabalho procurou descrever e analisar como certas inovações vindas com o veraneio e o turismo balnear, por exemplo, chegaram ao lugar de vida, ao modo de vida, ao cotidiano e à cultura de uma comunidade tradicional e popular e a seus grupos humanos, provocando alterações significativas, aparentemente irreversíveis e nem sempre desejadas.

Assim, não se trata tanto de uma "sociologia do turismo e a sua influência sobre a vida dos pescadores" , mas uma "antropologia de como estas mudanças aconteceram e foram vividas, pensadas e verbalizadas por tais pescadores. Em suma, esta pesquisa observou qual o trânsito entre saberes na prática cotidiana e como os moradores locais dialogam com suas tradições frente as mudanças engendradas pelo veraneio e o turismo balnear.

Cabe ressaltar que, embora tal perspectiva incida sobre o que já se constitui em uma tradição de pesquisa antropológica (estudos de mudança social), que pelo menos dos anos 50/60 começaram a se multiplicar os estudos a respeito das mudanças socioculturais na vida de populações e comunidades haliêuticas e de pescadores, especialmente, no sul e sudeste e, posteriormente, em outras regiões do Brasil. No bojo destes estudos, mais recentemente, o estudo do turismo ganhou legitimidade nas ciências sociais e tem se constituído objeto de múltiplos artigos, dissertações, teses, congressos etc. Entretanto, apesar do intenso interesse de pesquisa sobre as "mudanças sociais provocadas pelo turismo" na região Norte, este tipo de estudo começa a dar os primeiros passos e, ainda há muito que precisa ser desvendado, ou seja, há frações ainda não conhecidas desta relação: agentes sociais externos, como veranistas e ou turistas de fim de semana verso populações tradicionais em geral que mudam de produtores autônomos ou semi - autônomos à empregados ou serviços de pessoas, famílias ou outras instituições sociais.

Pode-se dizer que estas mudanças iniciadas com o deslocamento espacial dos moradores locais para regiões mais periféricas e de menor valor comercial afetaram os sistemas sociais locais, alterando um certo ritmo de vida mais ligado as coisas e saberes da natureza; as casas passam a ser construídas sob o mangue e este destruído pela invasão dos esgotos e entulhos

da cidade que o aterram; a madeira que antes era tirada do mangue e/ou das matas nas proximidades para as necessidades domésticas passam a ser compradas, a palha dos telhados são substituídas por telhas compradas, as tinturas e outras riquezas vegetais e animais antes largamente conhecidas e utilizadas pela população local não passam de lembranças que paulatinamente se perdem na memória dos mais jovens. Novos valores e hábitos passam a ser incorporados especialmente entre os mais jovens – a preferência musical, o linguajar, os trajes e roupas, as formas de vestir e de uso de cosméticos, tipo de diversão etc.. Produtos diversificados passam a ser oferecidos ao consumo no comércio local – os frutos e iguarias tradicionalmente apreciadas pelos regionais passam a ser escassos e outros produtos do consumo dos veranistas passam a ser vendidos com mais freqüência e variedade e, de certa forma, novos hábitos alimentares são incorporados. Por outro lado, a diversificação das formas de trabalho em decorrência do veraneio introduz novas oportunidades de trabalho e de certo modo, sazonariamente, abrange um considerável número da mão-de-obra volante e disponível local.

Deste modo, por tudo o que anteriormente já procuramos demonstrar, as mudanças nas relações de trabalho contribuíram para as transformações na vida social local, no âmbito familiar e sociocultural dos moradores do bairro da Prainha. Isto porque, as mudanças nas relações de trabalho implicam em novas representações sobre a natureza e na visão de mundo, consequentemente, nas formas de organização social. Através das relações de trabalho que ligam os homens entre si e com a natureza no seu cotidiano, nas suas diversas modalidades, é possível vislumbrar um desenho de mundo em que se representam na natureza.

O trabalho apresenta diversas dimensões desde a sua repercussão no tempo subjetivo (lembranças representações) a sua realidade no interior da estrutura econômica capitalista[132]. O trabalho não é apenas ação - é também o lugar da ação - que a lembrança do pescador, do caseiro e, enfim, do biscateiro que é voltado para o trabalho balnear, enfrenta e conhece muito bem, identificando dois mundos distintos: um mais tranqüilo e familiar, representado pela vida familiar outro, do inesperado (do perigo da ronda no mar), do desconhecido, do afastamento e da solidão

[132] A esse respeito, interessante a discussão é apresentada por Bosi (1979), retomada por Adrião (1991, p.78) e, que, neste trabalho, verifica fato similar aos percebidos aqui na região do Salgado.

do mundo da casa, representada pela vida no mar, o mundo da pesca e ou por uma vida diferente, de ritmo mutante voltada para o balneário.

Através das histórias dos pescadores e/ou da vida na pesca, povoada por seres do encante, os moradores locais contam da sua força e resistência frente à questão da invasão imobiliária advinda com o veraneio e estimulada pelo turismo balnear: os pescadores perdem suas propriedades – o seu lugar, e ficam confinados às periferias em lugares menos favoráveis à moradia, que não apresentam interesse imobiliário e nem condições turísticas; por outro lado, não perdem o domínio simbólico da cidade – o território simbólico acompanhado de suas crenças as quais os encantados assumem um papel especial.

Os feitos heróicos que os pescadores contam da lida com as coisas do mar, contam também sobre a vida, esperanças e dissabores; (re)contam a história e, estão povoadas pelos feitos e visão dos encantados, que representam o poder das coisas do outro mundo, do fundo do mar, do sobrenatural, através de uma linguagem própria e perfeitamente compreendida, e de certa forma, temida pelos da região, marcadas por meio dos sinais de alertas e punições para observar as coisas do outro mundo e da natureza[133].

A presença dos encantados ou o (re)encantamento do mundo é um aspecto da relação homem, natureza e sobrenatureza que marca a vida dos moradores da região. Nas histórias dos encantados e seres sobrenaturais encontram-se interpretações dos processos sociais em mudança. Estes encantados que marcam uma certa "territorialidade" na expansão da cidade podem marcar também uma história de resistência, como um álibi para marcar a identidade frente aos veranistas e turistas com quem passam a conviver mais freqüentemente nos dias atuais.

Os relatos sobre os encantados contam histórias que metaforicamente são similares a reprodução social dos moradores locais. As histórias dos encantados, de certa forma, mostram como as mudanças são incorporadas – de algum modo, através das histórias dos encantados estão contanto a sua própria história: da situação de expulsão - quando vendem suas propriedades para

[133] As estórias dos encantados narradas podem ilustrar este aspecto, como é o caso das explicações sobre a Fonte do Caranã, a Fonte do Açaí, as aparições na estrada do bode (**Ver** Apêndice 01, em anexo). Ao lado dessas explicações a fala de alguns entrevistados corroboram para exemplificar quanto é presente na vida local a crença na existência dos seres encantados que ora protegem, ora punem os que transgridem as normas sociais.

os turistas - à de "segundo dono" como caseiros – refletem a inversão de papéis. Como já dissemos, as histórias do encantados são a linguagem simbólica pela qual expressam as mudanças processadas com o veraneio .

O trabalho de zeladoria dos caseiros é igualmente povoado de representações. E, ainda que por razões diferentes, configuram uma forma de lidar com as coisas do mundo, bem como das aspirações e desejos que envolvem esses caseiros. Apresentam, de certo modo, as contradições e os conflitos vividos pelos moradores do bairro, que vivem entre as suas casas simples de moradia, desprovidas de maior conforto material e, das casas dos veranista, em que trabalham como caseiros onde passam parte do dia junto aos filhos, "brincando de gente rica", com as coisas dos patrões, como televisão, som, piscina, brinquedos, cadeira confortáveis enfim uma casa "bem montada de um tudo", como eles dizem. Esse mundo de fantasia, "do faz de conta" que tudo é seu "o faz de conta de barão", o barão que o caseiro encarna, quando assume como se fossem seus os bens do patrão, quando "brinca" e usufrui da propriedade e das coisas do patrão também podem ser vistas como uma inversão de papéis da realidade, uma inversão de poder. Basta lembrar que muitas dessas casas que hoje pertencem aos veranistas, antes, pertenceram a alguns caseiros.

As inversões da realidade observadas tanto, nas histórias dos encantados contadas pelos pescadores quanto, no cotidiano dos caseiros que encarnam o lugar do patrão, na qualidade de segundo dono, o faz de conta de barão - observadas durante a pesquisa de campo - parecem a face da mesma moeda, em ambas a inversão da realidade é uma forma alternativa encontrada para mediar o sonho e a realidade.

Lembrando Bhabha (2001), " É sempre no lugar do outro que o desejo colonial é articulado: o espaço fantasmático da posse, que nenhum sujeito pode ocupar sozinho ou de modo fixo e, portanto, permite o sonho da inversão dos papéis.... a fantasia do nativo é precisamente ocupar o lugar do senhor enquanto mantém seu lugar no rancor vingativo do escravo... a questão da identificação nunca é a afirmação pré-dada – é sempre a produção de um imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem" (Bhabha, 2001:76).

Os encantados são os porta-vozes dos moradores locais e expressam o desejo e a identidade do lugar. Através dessas histórias os moradores locais asseguram, de algum modo, a identidade e o "pertencimento" ao lugar. Eles se pensam como uma família, descendentes de um "veio" antigo (significando veia, artéria) – uma gente que tem nos encantados uma espécie de memória genealógica, um ancestral simbólico comum que lhes garante a noção de donos do lugar, distinguindo-os dos de fora. Os moradores da Prainha partilham uma história oral, que os situa no seio desta ancestralidade encantada.

As diversas narrativas coletadas durante a pesquisa de campo e já apresentadas no texto, nos remetem a um passado comum - de encantados - que vai constituir o primeiro domínio onde a memória coletiva cristaliza-se, associando a imaginação desses moradores à uma certa experiência de convívio fundador do lugar[134]. Elas não se situam, contudo, no domínio do mito nem no da história, mas na interseção de ambos (Lévi-Strauss, 1984). Não se trata de assimilar o mito a história, ou vice-versa, o que observamos é um caminhar da história em direção ao mito através do trabalho da memória (Godoi, 1998) [135]. Aqui, a memória e as (Re)lembranças do passado embevecidas de histórias de encantados, envolve o indivíduo e se confunde com o tempo, fazendo com que os moradores locais vivam em um só tempo dupla dimensão (temporal e atemporal).

A memória não está dentro deles, antes são eles que se movem dentro de uma "memória-mundo" (Deleuze, 1985). Considerando que:

" Nesta memória-mundo , não se trata, para o indivíduo, de se apreender a si mesmo dentro de um passado pessoal, mas de se situar em uma ordem geral, de estabelecer, em todos os planos, a continuidade entre si e o mundo, ligando sistematicamente a vida presente ao conjunto do tempo" (Godoi, 1998).

Podemos lembrar como os moradores locais evocam nas suas falas a história do mundo submerso dos encantados como garantia de uma inversão na ordem do mundo - o mundo

[134] A história da ancestralidade indígena já foi conferida no Primeiro Capítulo no item "Origem da Cidade e Razões da colonização de Salinópolis. Entretanto, é através da ancestralidade evocada à encantaria das histórias dos encantados que os moradores locais reivindicam um sentido de pertencimento ao lugar.

submerso x mundo imerso - uma inversão de papéis que de certa forma lhes assegura legitimidade no lugar. É através das normas socialmente estabelecidas, que garantem convívio e certo respeito à determinados lugares sob o olhar dos encantados.

A mesma reflexão pode ser feita para as observações do cotidiano dos caseiros. Os caseiros, são a própria inversão do lugar; sem intermediários, são eles, que antes eram os proprietários das casas que hoje são caseiros, na condição de empregados. Quando encarnam o lugar de segundo-dono, apenas reocupam o lugar que, de algum modo, também é seu.

A possibilidade de dessacralização dos lugares que marcavam uma identidade com o lugar, como por exemplo, a fonte do Caranã, do Açaí, os pesqueiros etc., assim como suas casas que passaram a dar lugar aos veranistas e ao balneário, contribuem para uma espécie de desencantamento do mundo e/ou, ao mesmo tempo, idealizações - um (re)encantamento - quando invertidos os papéis e os lugares, garantindo-lhes, de algum modo, a sobrevivência.

Lendas e estórias contadas ao longo do Trabalho de Campo demonstram o conhecimento da história enriquecidos pela imaginação e crenças populares ligados ao sonho de tesouros submersos ou enterrados na cidade, bem como de uma povoação, verdadeira cidade submersa. Mostram a relação tempo e espaço, uma nova ordenação de mundo, com um tempo cíclico: que já foi e/ou que é, como uma forma de resistência e sobrevivência frente ao impacto do turismo. Através das lendas e histórias contadas pela população local, observa-se uma certa consciência do processo de transformação e mudança pelo qual estão passando: nas histórias que contam e (re)contam estão incorporados novos elementos que fazem parte de uma história real vivida por eles. Exemplo são as inúmeras versões da história do trocatinho e de outros encantados que sempre aparecem na região em situações como defensores e protetores das pessoas do lugar, talvez, uma espécie de porta-vozes dos moradores locais, garantindo a identidade e a própria sobrevivência.

Os acontecimentos fantásticos das estórias dos encantados de algum modo se assemelham aos sonhos e quem sabe, devaneios dos pescadores na realização de desejos de donos

[135] Interessante observar semelhança com certos elementos da história de origem dos camponeses de Limoeiro, São Pedro, Barreiro Grande e Barreirinho, povoados do sertão do Piauí, observados por Godoi (1998).

do lugar quando exprimem, nestas estórias, o que normalmente são impedidos: vitória sobre todos que tentam construir nas suas terras, punição ao inimigo que ameaça a ordem social etc, apresentadas em diversas versões das histórias dos encantados de Trocatinho e Sapo da Fonte do Caranã, por exemplo.

"Pescadores de sonhos", são os moradores do bairro da Prainha. São pescadores que largam o trabalho da pesca para se envolver nos trabalhos de caseiros e outros serviços voltados para o veraneio buscando melhores condições de vida. Pescadores que pescam sonhos: sonhos capazes de inverter a ordem do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHESON, James M. Anthropology of fishing. **Ann. Anthropol**. v.10, p.273-316,1981.

ADRIÃO, Denize**. O Processo de identificação étnica:** a recriação da identidade indígena de Barcelos - AM. 1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Instituto de Filosofia Ciências e Humanas / Depto. de Antropologia / UNICAMP. Campinas, (mimeo).

ALBERT, Bruce. **L'Or cannibale et la chute du ciel.** Une critique chamanique de l'economie politique de la nature(Yanomami,Brésil).[s.n.t.]. 1995. mimeo.

ALCÂNTARA, Maria de Lurdes B. & SADER, Regina. **Paisagem e Cultura**. In: Revista Imaginário, NIME/LABI, Instituto de Psicologia, USP, n.5, São Paulo, 1999.

ALENCAR, Edna F**. Pescadeiras, companheiras e perigosas.**1991. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília. 1991. mimeo

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Carajás**: a guerra dos mapas. Belém: Falangola,1994

_____. et al. **Os Garimpos na Amazônia como zona crítica de conflito e tensão social" Pará Desenvolvimento**. A Questão mineral. Belém, n.19, junho,1986.

ALMEIDA, Marineide Pereira de. **Usos Sociais do Tempo por Mulheres de uma comunidade agropesqueira do Estado do Pará**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

ALVES, Isidoro**. Promessa é dívida**: valor, tempo e intercâmbio ritual em sistemas tradicionais na Amazônia. 1993. Tese (Doutorado em Antropologia)- Museu Nacional/ UFRJ, Rio de Janeiro. 1993 (mimeo).

AMOROSO, Maria Cristina de Mello. **Um Sistema de agricultura camponesa em Santo Antônio do Leverger, Mato Grosso - Brasil**. 1996. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Universidade de São Paulo, São Paulo (mimeo).

ÂNGELO, S. Picinguaba: Três décadas numa vila de pescadores do litoral Norte do Estado de São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia, AGB**, São Paulo, v.69, p 61-74, 1992.

ARANTES, Antônio. A sagrada família: uma análise estrutural do compadrio. **Cadernos do IFCH.** Campinas: UNICAMP, v.5, 1975.

ARRILAGA, J.I. **Introdução ao estudo do turismo**. Rio de Janeiro: s.ed., 1976.

ARAÚJO, Alceu Maynard**. Medicina rústica**. São Paulo: Nacional, 1995(Coleção Brasiliana, 300).

AZEVEDO, J. Lúcio. **Os Jesuítas no Grão Pará - suas missões e colonização**. 2º ed. Belém: Imprensa da Universidade, 1930.

AVIZ, Adriana de. **A Empresa Pesqueira em Icoaraci: Tempo e Disciplina**. 2002. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas /Departamento de Sociologia/ UFPa . Belém (mimeo).

BAENA, Antonio Ladislau. **Ensaio corográfico sobre A Província do Pará**. Belém: Typographia de Santos & Menor, 1839.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo horizonte: Ed. UFMG,1998.

BANDUCCI JR., Álvaro. **Os catadores de iscas das Baias do Lontra**. In: Revista de Geografia. Campo Grande: UFMS., p.55-62, jan-jun,1999.

BARBOSA, Sonia Regina da Cal Seixas (org.). **A Questão ambiental**: cenários de pesquisa. A Experiência do ciclo de seminários do Nepam. Campinas: UNICAMP, 1995.

BARRETO, Margarida. As Ciências sociais aplicadas ao turismo. In: LUCHIARI, M.T.D.P. (Org.) **Turismo e meio ambiente**. Campinas: IFCH/UNICAMP, v. 2, n. 31, p.13-34 Dez.1997, (Textos Didáticos, 31).

BECK, Anamaria. **Pertence a mulher:** mulher e trabalho em comunidades pesqueiras do Litoral de Santa Catarina. Fórum de Discussão Sobre o Universo Social da Mulher, a Pesca e sua Relação com a Ecologia. Natal, 1989 (mimeo).

_____. **Lavradores e Pescadores:** um estudo sobre o trabalho familiar e trabalho acessório. Santa Catarina. 1979. (Trabalho apresentado ao Concurso de Professor Titular na Área de Antropologia das Sociedades Rurais da UFSC) (mimeo).

BERNARDES, S. Os Pescadores da Ponta do Caju: aspectos da contribuição de portugueses e espanhóis para o desenvolvimento da pesca na Guanabara. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, n.2, 1958.

BILAC, Elizabete Dória. **Família e trabalho feminino:** a ideologia e as práticas familiares de um grupo de trabalhadores manuais de uma cidade do interior paulista. 1983. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

BLAY, Eva Alterman. **Mulher e o trabalho qualificado na indústria paulista.** 1987. Tese (Doutorado em Antropologia) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

BOSI, Ecléa**. Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Queiroz,1979.

BOTH, Elizabeth. **Família e rede social**: Papéis, normas e relacionamentos externos em famílias urbanas comuns. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.(Ciências Sociais).

BOURDIEU, Pierre. Sociologia. Ortiz, Renato (Org.), São Paulo: Editora Ática, 1983.

BRABO, M. J. C. Pescadores, geleiros e fazendeiros: os conflitos da pesca em Cachoeira do Arari. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Nova Série Antropologia, v.1, n.77, 1981, pp.1-22.

BRAGA, Theodoro. **Noções de chorografhia do estado do Pará**. Belém: Empreza Grafhica Amazonia, 1919.

BRANDÃO, Carlos R. **Sacerdotes de viola**. Petrópolis: Vozes, 1981.

_____. **Identidade e etnia** - Construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. **Somos as águas puras**. Campinas: Papirus, 1994.

_____. Parentes e parceiros: relações de produção e relações de parentesco entre camponeses de Goiás. In: ARANTES, Antônio Augusto et al. **Colcha de retalhos:** estudos sobre a família no Brasil. Capinas: Editora da UNICAMP, 1994. p. 115-159.

_____. A partilha da vida. **São Paulo: Cabral Editora, 1995. Cultura, Educação e Ambiente no Vale da Paraíba, 1.**

_____. Do sertão à cidade: quantos territórios? In: MESQUITA, Zilá & BRANDÃO, Carlos. **Territórios do Cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre/ Santa Cruz do Sul: Ed. Universidade/ UFRGS/ Ed. Universidade da Santa Cruz do Sul/ UNISC,1995.

BRETON, Yvan. L'Anthropologie sociale et les sociétés des pêcheurs: réflexions sur la naissance d'un sous-champ disciplinaire. **Anthropologie et société**, Québec,v.5,n.1, p.7-27.

_____; ESTRADA, E. L. **Ciências sociales y desarrollo de las pesquerías: modelos y métodos aplicados al sector haliéutico de México**. México: Instituto Nacional de Antropologia e História. (Colección Divulgación).

_____, et al. **Pescadores y turistas a Sámara y EL Coco**: um amor de temporada? Quebec: Departament d'anthropologie, Dinámica social y comunidades pesqueras en el pacifico costarricence. Université Laval 1, 1991.

_____. **L'effet récurrent du capitalisme sur une communauté de pêcheurs: St. Paul'S River, Basse- Côte-Nord.** In: La Construction de l' Anthropologie Québécoise, Université Laval.

_____. Les méandres institucionneles du management: municipes et pecheries dans le Sud-Est Bresilien. Conférence présentée dans le cadre des jounées d'études su les institutions et le co-management. Université Du Quebec a Rimouski. Février, 1996 (mimeo).

_____. **Espaço, pesca e turismo em trindade**. São Paulo: NUPAUB / Pró-Reitoria de Pesquisa da USP, 1977.(Documentos e Relatórios de Pesquisa n.23).

BRITO, Raquel Soeiro de . **Agricultores e pescadores portugueses na cidade do Rio de Janeiro.** Lisboa: J. Invest. Ultramar. 1960.

BRITTO, Rosyan Campos de Caldas. **Modernidade e tradição:** construção da identidade social dos pescadores de arraial do Cabo (RJ). Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Agrícola)-Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ-CPDA).Rio de Janeiro, 1989.

BROWN, Michael F. Facing the state, facing the word: Amazonia's native leaders and the new polititics of identity". **L'Homme**, v.123-128, p.307-326, avril-sept.1993.

BRUHNS, Heloisa Turini. Turismo e Lazer: Viajando com personagens. In: Luchiari, M.T.D.P.(Org.). **Turismo e Meio Ambiente**. Campinas:, v.2, n.31, p.5-29, dez. 1997,. (Textos Didáticos).

CALVENTE, Maria Del Carmen Matilde Huertas**. No território do Azul-Marinho:** a busca do espaço caiçara 1993. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Geografia Humana, da Universidade de São Paulo,1993

_____. Ilhabela: turismo e território. In: Diegues, A .C. (Org.). **Ilhas e sociedades insulares**. São Paulo: NUPAUB/USP,1997, p. 93-109

CÂMARA, Evandro P. Leal & McGrath, David G. A viabilidade da reserva de Lago como unidade de manejo sustentável dos recursos da várzea Amazônica. Belém: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Série Antropologia, v.11,n.1, jul. 1995, pp.87-132.

CAMPOS, N. J. DE. **Terras comunais na Ilha de Santa Catarina.** Florianópolis: FCC-UFSC, 1991.

CANCLINI, _____. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**, São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1982.

CARDOSO, Denise Machado. **Mulheres catadoras:** uma abordagem antropológica sobre a produção de massa de caranguejo - Guarajubal - Pará. Dissertação 2000.(Mestrado)-Universidade Federal do Pará. Belém.

CARDOSO, Omar de Almeida. Ubatuba-SP: **Urbanização, paisagem e meio ambiente.** Dissertação 1999, (Mestrado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo/Área: Paisagem e Ambiente. São Paulo.

CARNEIRO, Simone Dantas. **Terra liberta**. Dissertação1979. (Mestrado)-UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Brasília: UnB.

CAROSO, Carlos & Rodrigues, Núbia. Nativos, veranistas e turistas: identidades, mudança e deslocamentos sócio-cultural no litoral norte da Bahia. **Turismo em Análise**, São Paulo, v.9, n.1, p.61-75, maio, 1998.

CARVALHO, Maria Betânia Matos. **Mutações na paisagem do litoral Paraibano.** Dissertação1997 (Mestrado)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo/Programa de Pós Graduação em Ciências Ambientais e Urbanas. São Paulo.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. **O sexo das coisas: a reprodução da diferença de gênero no espaço doméstico.** São Paulo: EDHAL, 2000.

CASTRO, Edna Ramos - Marin, Rosa Azevedo(Org.). **Amazônia em tempos de transição**. Belém: UFPa./NAEA,ARNI,CELA, 1989.(Série Cooperação Amazônica).

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

COHEN, Erick. Who is a tourist? A conceptual clarification. **Sociological Review** v.22, , p 527-55,1974.

CONCEIÇÃO, Maria de Fátima Carneiro da. **Região e sociedade na Amazônia brasileira:** política, ciência e mitos. Tese 1996 (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira - notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil: **Colcha de Retalhos**: Estudo sobre a família no Brasil. Antonio Augusto Arantes et al. Campinas: Editora UNICAMP., 1994. p.15-42.

COSTA, Gercilene Teixeira. **Na Rota do Camarão:** um estudo Antropológico sobre a pesca e comércio do camarão em zona costeira. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-Centro de Filosofia e Ciências Humanas / Departamento. de Antropologia / UFPa., Belém,2000 (mimeo).

COSTA, Letícia Borges. **Participação da mulher no mercado de trabalho:** O caso do estado de São Paulo. Tese (Doutorado em Economia) – Faculdade de Economia da Universidade de São Paulo, 2000.

CRUZ, Silvia Helena R. Turismo: a percepção dos residentes da vila de Pesqueiro, Município de Soure, Ilha do Marajó/Pa. In: Figueiredo, Silvio Lima(Org.). **O ecoturismo e a questão ambiental na Amazônia.** Belém: UFPa./NAEA, 1999, p.175-204.

CRYSTAL, Eric. Tourism in Toraja (Sulawesi, Indonesia) : SMITH, Valene **L. Hosts and Guests, The Anthropology of Tourism**. 2 ed., Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995, p 139-168.

CUNHA. Lúcia Helena de Oliveira. **Imagens das águas - mitos, saberes e fazeres**. (Tese) Doutorado - Instituto de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1999.

D'ABBEVILLE, Padre Cláudio**. Viagem Filosófica pelas Capitanias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias**: Zoologia, Botânica. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

DANIEL, Padre João. **Tesouro descoberto do máximo Rio Amazonas (1757-1776).** Rio de Janeiro: Anais da Biblioteca Nacional,1976.

DEBERT, GUITA G. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. IN: Cardoso, Ruth, (Org.) **A Aventura Antropológica - Teoria e Pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986, p.141-156.

DESCOLA, Philippe**. La selva culta: simbolismo y praxis en la ecologia de los Achuar**, Lima: Abya-Yala/MLAL, 1989

DIAS, Daniella Maria dos Santos. **Propriedade privada, política urbana e meio ambiente** - Considerações Jurídicas sobre a Ilha do Atalaia, no Município de Salinópolis, Estado do Pará. Belém: UFPa./NUMA, 1996. (Estudos do NUMA, 8).

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

_____. **A interdisciplinaridade na análise das questões ambientais**. Simpósio anual de Aciespe,13: O Meio Ambiente, Ocupação e Recuperação. 1988.

_____. **Populações humanas, rios e mares. São Paulo**: Programa d Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas no Brasil/Museu Paraense Emílio Goeldi/Universidade Federal do Pará,1992. (Coletânea de Trabalhos apresentados no IV Encontro de Ciências Sociais e o mar no Brasil).

_____. **Ecologia humana e planejamento em áreas costeiras**. São Paulo: NUPAUB-USP, 1995.

_____. **Povos e mares**: leituras em Sócio Antropologia Marítima. São Paulo: NUPAUB.1995.

_____. **O mito da natureza intocada**. São Paulo: Hucitec. 1996.

_____. (Org.). **Ilhas e sociedades insulares. São Paulo**: NUPAUB/USP, 1997.

_____. **Ilhas e mares**: Simbolismo e Imaginário. São Paulo: HUCITEC, 1998.

_____. **A Sócio-Antropologia das comunidades de pescadores marítimos do Brasil,** 1999 (mimeo).

_____. **A imagem das águas**. São Paulo: HUCITEC, 2000.

DUBOIS, Padre. **Salinópolis (ex-Salinas) praia balnear oceânica** 1949. (Ensaio de Monografia) Belém: Oficinas gráficas da Revista da Veterinária.

DURHAN, Eunice. **A Caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Perspectiva,1973 (Coleção Debates).

_____. **A Pesquisa Antropológica com populações urbanas**: Problemas e Perspectivas. In: A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa. CARDOSO, Ruth (Org.) Rio de Janeiro: Paz e Terra,1988.

DURKHEIM, Emile & MAUSS, Marcel. **Contribuição para o estudo das representações coletivas(1903):** Ensaios de sociologia. São Paulo: Perspectiva, 1981.

ELIADE, Mircea. **Le chamanisme et les techniques archaiques de l'extase.** Paris,1951.

_____. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes,1991.

EVANS-PRITCHARD,E.E. **Os Nuer**. São Paulo: Perspectiva,1978.

FAULHABER, Priscila. **Signos e símbolos na historiografia indígena no Médio Solimões.** Curitiba/PR.,1986. (Trabalho apresentado no G.T. "História Indígena e do Indigenismo", XV Reunião Brasileira de Antropologia).

_____. **O lago dos espelhos**. Etnografia do saber sobre fronteira em Tefé/Amazonas. Belém: FUNTEC, 1998.

FERNANDES, Florestan. **Organização social dos Tupinambá**. Brasília: Editora UnB/ São Paulo: Hucitec 1989 [1948]. (Coleção Trópico I)

FIRTH, Raymond. **Malay fishermen: their peasant economy**. 2. ed. London, Routledge & Kegan Paul, 1966.

_____. **Elementos de organização social.** Rio de Janeiro, Zahar,1974.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de A feiticeira do rio Maracajó: notas sobre uma acusação de feitiçaria na Vigia oitocentista. In: MARIN, Rosa Acevedo, (Org). **A Escrita, da história paraense**. Belém: NAEA, p.153-167.

_____. Os reis da mina: a irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos no Pará do séc. XVII ao XIX: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v.9, 1992.

_____. **Pajés, médicos e alquimistas: uma discussão em torno de ciência e magia no Pará oitocentista.** Campinas, ANPUH/UNICAMP, 1994. (mimeo).

_____. **A Cidade dos encantados:** Pajelanças, feitiçarias e religiões afro-brasileiras na Amazônia. A constituição de um campo de estudo, 1870-1950. 1996 Dissertação (Mestrado em História)-UNICAMP, Campinas:, (mimeo).

FIGUEIREDO, Napoleão; VERGOLINO E SILVA, **A. Festas de santos e encantados.** Belém: Academia Paraense de Letras, 1972 [1967].

FORMAN, Shepard. The raft fishermen: Tradition and change in the Brazilian peasant economy. Bloomington: Indiana University Press.

_____. **Rezadores, pajés & puçangas**. Belém: UFPA./Boitempo, 1979.

FRANÇA, A. **A Ilha de São Sebastião**. São Paulo: José Magalhães, 1951.

FRAKE, Charles O. Notes on queries in Ethnography. **American Anthropologist**, v 66, n.2, p.133-145, 1964.

FREIRE, Gilberto. **Casa grande e senzala:** formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943.

FORMAN, FRAKE,Charles **The raft fishermen:** tradition & change in the Brasilian peasant economy. Indiana University, Latin America Series, Columbia, 1970.

FOOT-WHYTE, Wlliam. Treinando a observação participante [1943] In: GUIMARÃES,Alba Zaluar, (Org.). **Desvendando máscaras sociais**, Rio de Janeiro: Livraria Francisco Álves, 1980, p.77-86.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. (Org.). **Amazônia:** desenvolvimento, sócio diversidade e qualidade de vida. 1997. 165p.

_____. **Curralistas e redeiros de marudá:** pescadores do litoral do Pará. 1980. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)-USP, São Paulo, (mimeo).

_____. **Curralistas e redeiros de marudá:** pescadores do litoral do Pará. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1987.

_____. **Pescadores do Rio Amazonas:** um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área Amazônica. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

_____ et al, (Org.). **Povos das águas:** realidade e perspectiva na Amazônia. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

_____. Características Gerais e Problemas da Pesca Amazônica no Pará, **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi,** Nova Série. Antropologia, v.6, p. 41-93, jun,1990.

_____. (Org). **Recursos naturais e antropologia das populações marítimas, ribeirinhas e lacustres da Amazônia**. Belém: MPEG .s.d. (no prelo)

GALVÃO, Eduardo. Aculturação Indígena no Rio Negro. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi:** Nova Série. Antropologia, Belém, n.7, p.1-60. 1959.

_____. **Santos e Visagens um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas.**2 ed.São Paulo: Ed. Nacional/INL, 1976. (Brasiliana,284).

_____. A vida religiosa do caboclo da Amazônia. **Boletim do Museu Nacional**. Nova Série: Antropologia, Rio de Janeiro, n.15, 1953.

GALVÃO, Raul Ximenes. **Relatório e Superintendência da Zona Franca de Manaus (SUFRAMA):** síntese sobre observações relativas à pesca no Estado. Manaus, 1975.

GERRTZ, Clifford**. A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. **O saber local.:** novos ensaios em Antropologia interpretativa. Petrópolis - Rio de janeiro: Vozes,1997.

PARÁ. Secretaria de Estado de Planejamento. Coordenadoria de Articulação Municipal. **Plano Anual de Trabalho**: Salinópolis. Belém: SEPLAN,1981

_____. **Pesquisa sobre abastecimento de produtos hortifrutigrangeiros nos balneários:** Mosqueiro, Soure e Salinas. Belém: CEASA, 1988.

_____. **Inventário cultural e turístico da micro Região do Salgado**. Belém: Secretaria de Estado de Cultura Desportos e Turismo/ IDESP., 1996.

GIDDENS, Anthony. Modernidade.In: **Conversas com Anthony Giddens**: o sentido da modernidade. Rio de janeiro: Editor FGV. 2000.

_____. Modernidade, Totalitarismo e Teoria Crítica In: **O Estado- Nação e a Violência**: Segundo volume de uma crítica contemporânea ao Materialismo Históico. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2001.(Clássicos:22)

GONÇALVES, Emílio. **Direitos sociais dos empregados domésticos.** 1991. Dissertação (Mestrado em Direito) Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

GRANERO, Santos F. From Prisoner of the Group to Darling of the Gods: An Approach to the Issue of Pawer in Lawland South America.. **L'Homme**, v.126-128, avril-sept.1993. p.213-230.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**: o deslumbramento do novo mundo. São Paulo: EDUSP, 1996.

HARRIS, Marvin. History and signicance of the emic/etic distinction. Ann**. Rev. Anthropol**. V.5, p.369-50. 1976.

_____. **Vacas, porcos, guerras e bruxas**: os enigmas da cultura. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1978.

HEBETTE, Jean. **A questão da Terra.** In: Estudos e Problemas Amazônicos -História Social e Econômica e Temas Especiais.Belém: Governo do Estado do Pará/ Secretaria de Estado de Educação/ Instituto de Desenvolvimento Econômico do Pará.1889.

HEBETTE, Jean & Acevedo Rosa. **Colonização para quem.** Belém: UFPA./NAEA, 1979.

HEREDIA, B. A. **A morada da vida.** Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 1979.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro: José Olímpio,1956.

_____. **Visão do Paraíso**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

HUGH-JONES, Stephen. The gun and the bow. myths of white men and indians. **L'Homme**, v.106-108, v.126-128, avril-sep.1988.

HURLEY, J**. No domínio das águas**: livro dos pescadores paraenses. Belém: Dom Macedo Costa, 1933.

JAFARI, Jafar. La Cientizacion del turismo**. Estudios y perspectivas en turismo**. Buenos Aires:CIET, v.3, n.1, p7-36, Jan. 1994.

JAKOBSEN, Kjeld ,et. al.. **Mapa do trabalho informal**: Perfil sócio econômico dos trabalhadores informais na cidade de São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/ CUT Brasil, 1996. (Coleção Brasil Urgente).

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1989.

KROEMER, Gunter. Kunahã Made **- O povo do veneno**: sociedade e cultura do povo Zuruahá. Belém: Mensageiro, CIMI Norte 2, 1994. (Coleção Antropologia).

KOTTAK, Conrad. **The structure of equality in a brazilian fishing community.** Ph.D. Dissertation Columbia: University Press.

LABATE, Beatriz Caiuby. A Antropologia e o tema das viagens. In: Luchiari, M.T.D.P., (org.) Turismo e Meio Ambiente. Campinas: IFCH/Unicamp., Textos Didáticos, n.º 31(1), nov/1997, pp:80-102.

LAGO, M. C. DE S. **Memória de uma comunidade que se transforma:** de localidade agrícola-pesqueira a balneário. 1983 Dissertação (Mestrado)- , UFSC., Florianópolis.

LANGDON, Esther J.. **Xamanismo no Brasil**: Novas Perspectivas. Florianópolis: EDUFSC., 1996.

LEITÃO, Wilma Marques. **O pescador mesmo: um estudo sobre o pescador e as políticas de desenvolvimento da pesca no Brasil**. 1997 Dissertação (Mestrado em Antropologia)- , Universidade Federal do Pará/Centro de Filosofia e Ciências Humanas/ Depto. de Antropologia/Programa de Pós Graduação em Antropologia Social (mimeo).

LEMOS, Amália Inês G.,(Org). **Turismo**: impactos sócio ambientais. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Os lugares do lazer dos migrantes em São Paulo**: A conquista da cidade. São Paulo: Deptº de Geografia/FFLCH-USP, 1997 (mimeo).

LEVI-STRAUSS, Claude. **O pensamento selvagem**. 2º ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

_____. O Feiticeiro e sua magia. In: **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro,1970.

_____. A eficácia simbólica. In: **Antropologia Estrutural**. Rio de janeiro: tempo Brasileiro, 1970.

LEWIS, Ioan. **Êxtase Religioso**: um estudo antropológico da possessão por espírito e do xamanismo. São Paulo: Perspectiva,1977

LIMA, Roberto Kant de; PEREIRA, Luciana F. **Pescadores de Itaipu**: Meio Ambiente, conflito e ritual no litoral do Estado do Rio de Janeiro. Niterói: EDUFF, 1997.

LOUREIRO, V.R. **Os Parceiros do Mar**: natureza e conflito social na pesca da Amazônia. Belém: CNPq./MPEG., 1985.

_____. **Inventário cultural e turístico do Salgado**. Belém: Instituto de Desenvolvimento Econômico-Social do Pará, 1987.

LOWRY, Lyn. Grietas en la ciudad, grietas en el sistema colonial: migración y identidade andina en Lima Colonial. In: FONSECA, Cláudia (Org.) **Fronteiras da Cultura**: Horizontes e Territórios da Antropologia na América Latina. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.

LUCHIARI, Maria Tereza D.P. (Org.) **Turismo e Meio Ambiente**. Campinas: IFCH/UNICAMP., Textos Didáticos, n.31(2), dez. 1997

_____. **Turismo e cultura caiçara no litoral Norte paulista.** In: Luchiari, M.T.D.P.(Org.) Turismo e Meio Ambiente. Campinas: IFCH/UNICAMP. Textos Didáticos, nº. 31(2), dez/1997, pp.53-84.

LUSTING, Luís. **Doces caseiros**. Edição independente, 2000.

MACCANNELL, Dean. **The tourist: anew theory of leisure class.** Berkerly e Los Angeles: University of California Press, 1999.

MARQUES, José Geraldo W**. Pescando pescadores**: Etnoecologia abrangente no Baixo São Francisco alagoano. São Paulo: NUPAUB-USP., 1995.

MACEDO, Silvio Soares. **Paisagem, urbanização e litoral**: do éden à cidade. 1993 (Livre Docência) - Universidade de São Paulo/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo.

MADRUGA, Antonio Moacir. **Litoralização:** da fantasia de liberdade à modernidade autofágica**.** 1992 Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Mestres e mares**. Espaço e indivisão na pesca marítima. São Paulo: Ed. Anna Blume, 1994. (Selo Universidade, 7).

_____. **Pescadores do mar**. São Paulo: Ática, 1986. (Série Princípios).

MANESCHY, Maria Cristina. Notícia sobre conflitos na apropriação do mar Paraense. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi,** Nova Série. Antropologia, v.6, n.1, jun., pp.19-27, 1990.

_____. A arte do pescador artesanal. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Nova Série. Antropologia, v.6, n.1, p.95-105 jun, 1990

_____. **Ajuruteua:** uma comunidade pesqueira ameaçada. Belém: EDUFPA, 1993.

_____. Uma presença discreta: a mulher na pesca. In: D' INCAO, M.A & SILVEIRA, I.M. **A Amazônia e a Crise da Modernização**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994 pp.251-258 (Coleção Eduardo Galvão).

MARANHÃO, Túlio. **Homens e náutica**. 1975 Dissertação (Mestrado) - UnB, Brasília.

MARÈCHAL, Catherine**. Women in artesanal fisheries in West Africa.** IDAF Newsletter, n.7, june-juin, 1988.

MAUÉS, Raimundo Heraldo. Catolicismo e pajelança entre pescadores da Zona do Salgado. **Comunicações do ISER** v.4, n.14, p. 54-61, 1985.

_____. Impasses da romanização e da teologia da libertação na Amazônia: o choque com a lógica do catolicismo popular. **Ciência e Cultura**, v.40, n.11, nov. 1988.

_____. Pesca e agricultura na Amazônia: a integração de uma comunidade rural ao modo de produção capitalista. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Nova Série. Antropologia, , v.6, n.1, jun., p29-40, 1990.

_____. **A Ilha encantada: medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: Ed. Universitária/PIDL/NAEA-UFPA. 1990 (Coleção Igarapé).

_____. **Malineza**: um conceito da cultura amazônica. Rio de Janeiro: ISER/UFRJ., 1994 (mimeo).

_____. **Padres, pajés, santos e festas** : catolicismo popular e controle eclesiástico. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995.

_____. **Uma outra "invenção" da Amazônia: religiões, histórias, identidades**. Belém: Cejup,1999

MAUÉS, Heraldo & VILLACORTA, Gisela. **Pajelança e encantaria amazônica.** In: Simpósio de Pesquisa conjunta "As outras religiões afro-brasileiras"/ Jornada sobre Alternativas Religiosas na América Latina, 8., 1998, Paulo (mimeo).

MAUSS, Marcel. Manuel **D'Ethnografie. Petite Bibliothéque Payot**. 1967.

_____. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP. 1974.

_____. **Ensaio sobre a dádiva**. Lisboa: Edições 70, 1988.

MELLO, Alex Fiuza de. **A pesca sob o capital:** a tecnologia a serviço da dominação. Belém: Ed.UFPa, 1985.

MELLO E SOUZA, Antônio Cândido de. **The brazilian family.** In Brazil, portrait of half a contigent. Editado por T. Lynn Smith e Alexander Machant. New York, Dryden Press, 1951.

_____. Capitalismo, pesca e empobrecimento na Amazônia: A contraface da modernização. In: D' INCAO, M.A; SILVEIRA, I.M. **A Amazônia e a crise da modernização**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994 p.473-489 (Coleção Eduardo Galvão).

MENDES, Amilcar Carvalho. A expansão urbana e seus efeitos danosos ao meio ambiente da Ilha do Atalaia - Salinópolis/Pa. In: COSTA, Marcondes Lima da; Angélica, Romulo Simões org. **Contribuições à Geologia da Amazônia.** Belém: FINEP/SBG – Núcleo Norte, 1997, pp. 359-396.

MENGET, Patrick. "Les frontieres de la chefferie: remarques sur le systeme politique du haut Xingu (Brésil)". **L'Homme,** v.126-128, p.59-76, avril-septembre,1993, La Remonté de l'Amazone. Anthropologie et histoire des societés amazoniennes.

MESQUITA, Zilá & BRANDÃO, Carlos. **Territórios do Cotidiano:** uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre/ Santa Cruz do Sul: Ed. Universidade/ UFRGS/ Ed. Universidade da Santa Cruz do Sul/ UNISC,1995.

MORAES, Antônio Carlos Robert**. Ideologias geográficas**: espaço, cultura e política no Brasil. São Paulo: Hucitec,1988.

_____, **Ratzel**, São Paulo: Ed. Ática, 1990.

MOREIRA, Edna S.; Martins da Rocha, Rossilan. Pesca estuarina: uma contribuição ao estudo da organização social da pesca no Pará**. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi,** Série Antropologia, v.11,n.1, p.41-56, jul. 1995.

MORETTI, Edvaldo C. Atividade turística no Pantanal e as transformações no trabalho. **Revista de Geografia. Campo Grande**: UFMS, p.41-46,jan.-jun.,1999

MOTTA/ MAUÉS, Maria Angélica. **O dom xamanístico e a sujeição feminina numa comunidade amazônica**. Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, I Antropologia. Belém,1980.

_____. **A Questão Étnica**: índios, brancos, negros e caboclos. In: Estudos e Problemas Amazônicos -História Social e Econômica e Temas Especiais.Belém: Governo do Estado do Pará/ Secretaria de Estado de Educação/ Instituto de Desenvolvimento Econômico do Pará.1889.

_____. **Trabalhadeiras e camarados**: relações de gênero, simbolismo e ritualização numa comunidade Amazônica. Belém: UFPa/Centro de Filosofia e Ciências Humanas., 1993. (Coleção Igarapé).

_____. "Lugar de mulher". Representações sobre os sexos e práticas médicas na Amazônia (Itapuá/Pará). In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de Souza, orgs. **Saúde e doença**: Um olhar antropológico. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994.

_____. Pesca de homem / peixe de mulher(?): Repensando gênero na Literatura Acadêmica sobre Comunidades Pesqueiras no Brasil. **Etnográfica**,vol.3,n.2, p. 377-399, 1999.

MOURA, Margarida Maria. **Os herdeiros da terra: parentesco e herança numa área rural.** São Paulo: HUCITEC, 1978.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. **Os pescadores do litoral Sul do Estado de São Paulo**: um estudo de Sociologia diferencial, 1971 Tese (Doutorado)- Universidade de São Paulo. São Paulo (mimeo).

_____. **Pesca no Litoral Sul do Estado de São Paulo e o pescador na região lagunar Iguape Cananéia.** São Paulo: Ffcl, 1967

MUSSOLINI, Gioconda. Aspectos da cultura e da vida social no litoral Brasileiro. **Ensaios de Antropologia indígena e Caiçara.** Rio de janeiro: Paz e Terra, 1980.

MUSSOLINI, Gioconda. Aspectos da cultura e da vida social no litoral Brasileiro. **Rev. de Antropologia.** vol. 1, n. 2, dez. 1953.

NASCIMENTO, Maria Ivete Herculano. **Homens e peixes: o tempo na pesca artesanal.** 1993 Dissertação (Mestrado).Universidade Federal da Paraíba.

_____. Tempo da natureza e tempo do relógio - tradição e mudança em uma comunidade pesqueira: **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi,** Série Antropologia. Belém v. 11,n.1, p:5-18, jul.1995.

NIEMEYER, Ana Maria & Godoi, Emília Petrafesa (Org.) **Além dos Territórios:** para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais – NEPAM. **A questão ambiental: cenários de pesquisa.** A experiência do ciclo de seminários do NEPAM. Campinas: UNICAMP /NEPAM, 1995. 334p. (Textos NEPAM. Série Divulgação Acadêmica,3).

NUGENT, Stephen**. Amazonian caboclo society: an essay on invisibility and peasant economy**. Providence Berg Publishes,1993.

OLIVEIRA, Ana Riso de. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos. n. 142).

OLIVEIRA, Carlos Roberto de. **Boiçucanga: de bairro rural a bairro urbano**. 1998 Dissertação (Mestrado) - Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, (mimeo).

OLIVEIRA, João Pacheco de. A Viagem de Volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria Ltda.,1999.

OLIVEN, Ruben G. A Dupla Desterritorialização da Cultura Gaúcha. In: FONSECA, Cláudia (Org.) **Fronteiras da Cultura**: Horizontes e Territórios da Antropologia na América Latina. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.

OVERING, Joanna. O Mito como História: Um Problema de tempo, realidade e outras questões. MANA. **Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p.107-104,1995.

PALMA MUNIZ, João de. **Annaes da Bibliotheca e Archivo Público do Pará Tomo IX.** Belém: TYP. e Encadernação do Instituto Lauro Sodré, 1916.

PANDOLFO, Clara. **Amazônia brasileira**: ocupação, desenvolvimento e perspectivas atuais e futuras. Belém: CEJUP, 1994 (Coleção Amazoniana).

PARRET, Amélia de Farias. **Proposta de apoio turístico com desenvolvimento sustentável: o caso da APA da Barra do Rio Mamamguape - PB.** 1998 Dissertação(Mestrado)- Programa de Pós Graduação Estruturas Ambientais Urbanas, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo (mimeo).

PEREIRA, Madian. **O imaginário fantástico da Ilha dos Lençóis: estudo sobre a construção da identidade albina numa Ilha maranhense**. 2000 Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará. Belém: UFPA (mimeo).

PEIRANO, Mariza. **A reima do peixe: proibições alimentares numa comunidade de pescadores.** 1975 Dissertação(Mestrado) Universidade de Brasília, Brasília.

_____.**A favor da Etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PENNER, Maria Eunice. **A dialética da atividade pesqueira no Nordeste Amazônico**. Belém: UFPA,1984.

PLANTE, Steve et BRETON, Yvan**. Anthropologie maritime et enjeux aménagistes dans la pêche littorale brésilienne**. In: Espace, Pêche et Turisme à Trindade., 1994 (Bibliotéque Nationale du Quebec,n.1).

POTIGUAR JUNIOR, Petrônio Lauro. **De Bragança à Marudá**: Uma etnografia da migração de pescadores no estuário do Pará. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)- Departamento de Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará. Belém, 2000. (mimeo).

PROST, Maria Tereza.& MENDES, Amílcar Carvalho(Org). **Ecossistemas Costeiros: Impactos e Gestão Ambiental**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001.

QUARESMA, Helena Dóris A.B. **O desencanto da princesa: pescadores tradicionais e turismo na área de proteção ambiental de Algodoal/Maiandeua.** 2000. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento)- Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/NAEA, Universidade Federal do Pará/UFPA. Belém. (mimeo).

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do indizível ao dizível: Sinson, Olga de Moraes Von (Org.). **Experimentos com Histórias de vida (Itália-Brasil).** São Paulo: Vértice, 1988, p.14-43.

_____. **Bairros rurais paulistas**: dinâmica das relações bairro rural-cidade. São Paulo: Duas Cidades,1973.

RAFFESTIN, Claude. O Território e o Poder.In: **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Editora Ática,1993.(Série Temas-v.29- Geografia e Política).

REIS, Myrna Castelo & MENDES, Amílcar Carvalho. Análise Crítica do Plano de Urbanização da Orla do Maçarico (Salinópolis) **Traços**, Belém,v.4, n.7, p.17-21,mar. 2001.

RICCETTI, Tereza Maria. **A paisagem doméstica: a relação do homem com sua morada.** Dissertação 1999 (Mestrado em Arquitetura) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

RODRIGUES, Adyr Balastreri. **Turismo e Geografia**: reflexões teóricas e enfoques regionais. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Turismo e Espaço:** rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. (Org.). **Turismo e ambiente**: reflexões e propostas. .2 ed. São Paulo: Hucitec,1999 (Geografia: Teoria e Realidade; 41).

RODRIGUES, Carmem Lúcia. **Limites do Consenso: Territórios Polissêmicos na Mata Atlântica e a Gestão Ambiental Participativa**. Tese de Doutorado. Departamento de Geografia. Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2001.

RODRIGUES, Fernando Mariano. **Saudades de Minha Aldeia**: Tributos a Salinas de Ontem. São Paulo: faculdade paulista de Serviço Social, 2003.

RODRIGUEZ, Mariangela. La Construccíon de la identidad nacional chicana en torno al mito de aztlán: Cinco de Mayo en Los Angeles, Califórnia. In: FONSECA, Cláudia (Org.) **Fronteiras da Cultura**: Horizontes e Territórios da Antropologia na América Latina. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1993.

ROQUE, Carlos. **História dos Municípios Do Estado do Pará.** Belém: Edições Carlos Roque.

_____. **Grande Enciclopédia da Amazônia**. Belém: Amazônia Editora.,1967/68.

ROSIMERE, Benedita et. al. **Diagnóstico do Município de Salinópolis. [**s.l.] [s.ed.] , 1993. (mimeo).

ROSSEVELT, Anna C. "The rise and fall of Amazonian chiefdoms". L'Homme, vol.126-128, avril-septembre 1993, La Remonté de l'Amazone. Anthropologie et histoire des societés amazoniennes, p.255-284.

RUBEL,A.J.. Concepts of disease in mexican - American Culture. **American Anthropologist** v.62: p.795-814,1960.

SAFFIOTI, Helcieth Iara Bongiovani. **Emprego doméstico e capitalismo**. Instituto de Letras e Ciências Sociais, Educação , USP. 1977.

SALES, Vicente. Cachaça, pena e maracá**. Brasil açucareiro.** Rio de Janeiro, v.27, n.74: p.46-55., 1967.

SAHLINS, Marshall David**. Ilhas de História**. Rio de janeiro: Jorge Zahar ,1990.

_____. **Sociedades tribais.** 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

SANTOS, Milton**. Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec,1982.

_____. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, Gláucia Oliveira da. **Tudo que tem na terra tem no mar**: a classificação dos seres vivos entre trabalhadores da pesca em Piratininga - Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Funarte, 1989.

_____. **Água, vida e pensamento**: um estudo de cosmovisão, [s.d] p.179-188.

SILVA, Mariângela Portela da. **Madre de Deus: a perda da identidade funcional do núcleo urbano após a construção do terminal marítimo da Petrobrás**. 1998 Dissertação (Mestrado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo. (mimeo).

SILVEIRA, Alex Ricardo M. da. **Vila São Jorge & Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros**: O impacto cultural de um projeto ecológico. Brasília: UnB. Departamento de Antropologia, 1997 (Série Antropologia)

SIMONIAN, Lígia T. L. Mulheres seringueiras na Amazônia Brasileira: uma vida de trabalho silenciado. In: ALVARES, Maria Luzia Miranda e D'Incao, Maria Ângela (Org.) **A mulher existe?:** uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. Belém: GEPEM, 1995, p. 97-116.

_____. Políticas Públicas, desenvolvimento sustentável e recursos naturais em áreas de reserva na Amazônia. In: COELHO, Maria Célia N.(Org.). **Estado e Políticas Públicas na Amazônia**. Belém: NAEA/UFPa., s.d., pp.6-48 (no prelo).

SMITH, Nigel J. H**. Man, fishes, and the Amazon**. New York: Columbia University Press,1981.

SMITH, Valene L.(Org.) **Hosts and guests: the Anthropology of Tourism**. 2.ed .Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995.

_____. Eskimo Tourism: micro-modells and marginal men. In: SMITH, Valene L. **Hosts and Guests, The Anthropology of Tourism**. 2.ed., Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1995, p.55-82.

SOARES, Lúcio de Castro. Amazônia.: Guia da Excursão nº 8. CONGRESSO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA,18., Rio de Janeiro:. Conselho Nacional de Geografia, 1963 (mimeo).

SOUZA, Carlos Henrique Lopes. **Elementos para a compreensão da Territorialidade Camponesa na Amazônia: a experiência dos trabalhadores rurais em Araras e Ubá (Pará)**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 1994.

SOUZA, Izabel Soares. **Aviamento e Reciprocidade: estudo da vida de pescadores Apeú Salvador- Vizeu**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Centro de Filosofia e Ciências Humanas / Departamento. de Antropologia / UFPa., Belém,2000 (mimeo).

SPRANDEL, Marcia Anita. Tecedeiras do jenipapo: o trabalho feminino na pesca- Ilha do Marajó. In: **Transformações econômicas e questões sociais na borda do lago Arari- Ilha do marajó**, SUDAM/PNUD, 1998. v.2.

SUDAM. Plano de Desenvolvimento da Amazônia PDA: 1994-1997. Belém. 1993.

SUDAM. Pnud. Plano de Turismo da Amazônia. PTA: 1992-1995. Belém. 1992.

TAVARES, Maria da Graça. **Um estudo de tomada de decisão na pesca artesanal.** 1975.Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília . Brasília.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

THOMPSON, E. Tempo e Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial. In: EICHEMBERG. R. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras. 1967.

TULIK, O. O turismo e repercussões no espaço geográfico. **Turismo em análise.** São Paulo: V.1, n.2, 1990, p.63-77.

TUPINAMBÁ, Soraya Vanini**. O tempo da captura à captura do tempo livre / terra e mar: caminhos da sustentabilidade**. 1999 Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza.

VEIGA, José Eli da. (Org.). **Ciência ambiental: primeiros mestrados**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 1998.

VERÍSSIMO, José. **A pesca na Amazônia**. Belém: UFPA.,1970.(Coleção José Veríssimo).

VICENTINE, Yara. **Cidade e História na Amazônia**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo / FAU - USP.), 1994 (mimeo).

VILLACORTA, Gisela Macambira. **As Mulheres do Pássaro da Noite: pajelança e feitiçaria na Região do Salgado (Nordeste do Pará)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará. Belém, 2000.

WAGLEY, Charles**. Uma comunidade Amazônica: estudo do homem nos trópicos.** São Paulo : Ed. Nacional, 1977 [1957].

_____. **O estudo das comunidades Amazônicas.** Simpósio sobre a Biota Amazônica. Manaus: INPA (Antropologia 2). 1967.

WHITEHEAD, Neil L. "Etnic transformation and historical discontinuity in native Amazonia and Guayana, 1500-1900". **L'Homme**, v.123-128, p.285-306, avr.-sept.,1993, La remonté de l'Amazone. Anthropologie er histoire des societés amazoniennes.

WILLEMS, Emílio. **Uma vila brasileira**: tradição e transição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

_____. **Antropologia Social**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

WILLEMS, Emílio & MUSSOLINI, Gioconda. Búzios Island: A caiçara community in southern Brazil. New York. 1952.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na História e na Literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres:** colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. São Paulo-Brasília: Hucitec-Edunb, 1995.

_____. "Da complementariedade à dependência: espaço, tempo e gênero em comunidades pesqueiras do Nordeste". **RBCS**. Ano 7, n.18, p. 41-61, fev.,1992.

_____. O ambiente e a mulher: o caso do litoral do Rio Grande do Norte". In: **Latin American Studies**,v.12, 1992.

YÁZIGI, Eduardo et al (Org.) **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

YI-FU-TUAN. Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: DIFEL,1980.

ZARUR, George. **Os pescadores do Golfo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984. In : SEMINÁRIO SOBRE A PESCA ARTESANAL, 1., 1984, Belém. Anais.... Belém: IDESP, 1984.

Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland. **Guia prático de Antropologia**.São Paulo: Cultrix, 1971.

JORNAIS CONSULTADOS

História dos Municípios do Pará - Salinópolis. **Jornal A Província do Pará**. Belém- 27-28 mar.1994.

Jornal O Liberal ., Belém. Jul.1999-2000. (Exemplares de edições de Domingo).

Jornal Atlântico. v.1-3, 1998-2000.

ANNAES DA BIBLIOTHECA ARCHIVO PÚBLICO DO PARÁ (1916).

NOÇÕES DE CHOROGRAFIA DO ESTADO DO PARÁ (1919).

APÊNDICE I – MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA

UNIVERSIDADE DE CAMPINAS - UNICAMP.

INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS – DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA / PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO

Pesquisa: O Estudo do Homem na Amazônia: Concepção da Natureza e Cultura no Nordeste Paraense (Estudo de Caso em Salinópolis – Pa).

Pesquisador(a) Responsável: Denize Adrião

Grupo Doméstico (G.D.) nº _____

Local: *Rua* _____ *Bairro:* _____

1. **Número de pessoas residentes no G.D:** _____

2. **Dados do Chefe do G.D:**

   Sexo: M ( ) F ( ) *Idade:* _____ *Est. Civil:* _____

   Naturalidade: _____

   Tempo de residência em Salinópolis: _____ (dias) _____ (meses) _____ (anos)

   Residências anterior: _____

   Profissão(trabalho): _____

   Atividades complementares: _____

   Autônomo( ) *Empregado* ( ) *Sócio* ( ) *outros* ( ) _____

   Escolaridade: _____ *Religião*:_____

   Cônjuge: _____

   Idade: _____ *Trabalho:* _____

   1º casamento ( ) *nº de filhos* _____

   2º casamento ( ) *nº de filhos* _____

3. **Componentes do G.D.**

Nome	*Idade*	*Trabalho*	*Escolaridade*

4- **Alimentação Básica:**

_____
_____
_____
_____
_____

5- Tipos de Doenças que Atingiram o G.D.:

_____
_____
_____
_____

6. Sistemas de Cura (Tratamentos utilizados)

_____
_____
_____
_____

7. Atividades Lúdicas, Esportivas, Comemorativas, etc., Realizadas com os Familiares e Amigos (incluindo festas religiosas e ou atividades de trabalho coletivo; datadas):

_____
_____
_____
_____
_____

8. Condições da casa:

Própria ( ) Alugada ( ) Familiar ( ) outros ( ) _____

Alvenaria ( ) Madeira ( ) Barro ( ) outros ( ) _____

_____
_____
_____
_____

9. Equipamentos do G.D.

_____
_____
_____
_____

10. Equipamentos de trabalho de propriedade do G.D.

_____
_____
_____
_____

_____

Local/Data da realização da Pesquisa

_____

Assinatura

I . RECURSOS DA FLORESTA UTILIZADOS NA REGIÃO:

*Madeiras:*_____

*Tintas vegetais:*_____

*Resinas vegetais*_____

*Sementes:*_____

*Fibras vegetais:*_____

Cipós_____

Palhas_____

Plantas medicinais_____

Frutos_____

Óleos_____

II CONHECENDO A VEGETAÇÃO POR REGIÃO

a) Alguns representantes das matas de Manguezais

_____
_____
_____
_____

b) Alguns representantes das matas de Igapó

_____
_____
_____
_____

c) Alguns representantes das matas de Terra Firme

_____
_____
_____
_____

III CONHECENDO OS PEIXES DA REGIÃO

a) Alguns representantes da ictiofauna Amazônica com ocorrência no Litoral Nordeste do Pará (peixes, moluscos, frutos do mar, etc.)

Nome Popular	**Outras Informações**

b) Algumas plantas (frutos/sementes) das matas (várzea, mangue, igapó) consumidas pelos peixes desta região:

Nome Popular	**Outras Informações**

c- Regiões de maior concentração de pescado/pescadores:

Áreas	**Outras Informações**

d) Modalidades de captura (pesca) conhecidas e ou praticadas:

Modalidade de Captura	**Outras Informações**

IV. CONHECENDO A FAUNA DA REGIÃO

a) Recursos da fauna(animais) utilizados pelos nativos

Nome	**Local**	**Outras Informações**

V. INDICATIVO DE ALGUMAS ATIVIDADES SAZONAIS DAS MATAS DE MANGUEZAIS

Atividades Realizadas	**Inverno**							**Verão**				
	enchente			cheia				vazante	seca		enchente	
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.

APÊNDICE II - LENDAS E HISTÓRIAS

HISTÓRIA DO TROCATINHO

Vou falar do que aprendi
quando era pequenino
de um encanto famoso
cujo nome é trocatinho

Os antigos ainda falam
desse rapaz encantado
uma moça muito linda
o escolheu para seu namorado
este quando a viu
ficou logo apaixonado

Os dois se correspondiam
através de cartas bem feitas
A mãe de trocatinho
chamava-se Ana Freitas
o nome de sua namorada
era Maria Antonieta

Trocatinho rapaz bonito

Era muito trabalhador
não esquecia um momento
o seu querido amor
vivia sempre sem camisa
para evitar o calor

Quando saíam a passeio
eram sempre admirados
aqueles rapazes invejosos
ficavam enciumados
de ver aquele casal
passeando de mãos dadas

TUDO SOBRE O SAPO DO CARANÃ E AÇAÍ

"Nome comum a diversos batráquios que, como a maioria, fazem a evolução na água, tendo na fase adulta, hábitos terrestres só procurando a água na época da reprodução.

Em todos os mananciais, nascentes de água, fonte, origem das águas que jorram abundantemente e incessantemente, tal como podemos observar na fonte do Caranã em plena atividade de uso e na fonte do açaí há anos desativada do uso pessoal

Na fonte do Caranã existe lá um sapo que devido o local onde habita é difícil vê-lo de dia devidamente as placas de concreto que fazem a proteção da referida fonte, mas ele está no seu lugar todos os dias, a noite ele sai em busca de alimentos e bem cedinho volta para o seu posto de observação e trabalho, isto é: todo e qualquer inseto que seja prejudicial ao homem e que este venha a passar ali, é imediatamente impedido, servindo-lhe de alimento.

Nota-se que a água que jorra desses mananciais é límpida, boa para consumo, porque sempre encontra-se um sapo de tamanho avultado. Tem sempre um aspecto desagradável o que causa medo as pessoas. Ainda que causem medo, são inofensivos.

As pessoas mais antigas tinham grande preocupação e respeito quando iam aos mananciais para tomar banho, lavar roupas ou buscar água, principalmente quando levavam em sua companhia crianças, faziam o possível para que estas não bulissem com o sapo e também não chorassem, isso traria resultados contra a saúde: uma dor de cabeça e até mesmo uma febre.

O que eles faziam ao chegar na fonte era o seguinte: "Oh! minha vó, me dê licença para tomar um banho, lavar umas roupas, ou então para tirar um pouco de água; olhe lá! Não me faça mal!

Com isso elas ficavam tranqüilas. E se por ventura acontecesse algo estranho conforme já falamos e o caso fosse sério, o jeito era levar a pessoa , criança ou adulto, a casa de um curandeiro para uma ligeira benzeção. Este no final de suas orações dizia: É, ele ou ela está flechada da mãe do rio, assim eles chamavam para os sapos".

HISTÓRIA DO CARANÃ II

Com o fim do mandato do Tenente Evangelista, assumiu a Prefeitura de Salinópolis o Sr. Raimundo Neves, que com relação à área doada (Fonte do Caranã) pelo seu antecessor limitou-se aos serviços de limpeza.

Após o Prefeito Raimundo Neves, tomou posse o Sr. Gede Simão Luiz.

Este por sinal mandou fazer o calçamento da entrada, mandou colocar azulejos na parte onde o povo apanha a preciosa água, e procurou conservar a área da fonte do caranã totalmente limpa, tendo um zelador que fazia o trabalho com bastante carinho. Após o Sr. Simão Luiz, já na década de 50, assumiu a Prefeitura de Salinópolis o Sr. Gerôncio Alves Dias (falecido), que passou a ter mais zelo com a referida fonte para a qual nomeou um zelador o Sr. Policarpo Corrêa, pessoa que residia às proximidades da fonte, dedicando todo o seu tempo em prol da manutenção, da ordem e higiene da referida fonte. Foram feitos outros melhoramentos tais como: canalização e escadaria para dar melhores condições de segurança as pessoas que freqüentemente vão aquela fonte apanhar água, sabendo-se que são pessoas de todas as idades. O Prefeito Joaquim de Souza (falecido) tiveram suas vistas também voltadas para o mesmo local, conservando sempre a limpeza e a ordem. O prefeito Martins Junior teve a idéia de industrializar a água do Caranã. Isso não foi concretizado devido Ter de deixar o cargo antes do final de seu mandato.

Ainda mandou fazer a conservação do poço, recuperou outras partes que estavam danificadas. O Sr. Modesto da Encarnação Rodrigues que substituiu José Martins, verificando ser aquele local próprio para o lazer, mandou construir uma maloca em forma de um duodecágano toda em madeira rústica, com cobertura de palha de coquinho. Essa maloca ainda é conservada...(...)[*] ".

[*] Tomo como final este período, apenas para exemplificar um pouco como estão vivas as explicações sobre a vida dos encantados na cidade. Há um registro bastante extenso que reconta estas estórias com o nome dos Prefeitos,

Estas histórias foram contadas por um morador antigo do lugar, um dos mais reconhecidos conhecedores e contadores da história local.

Algumas destas estórias contadas em verso e prosa são de autoria de moradores antigos na região, reconhecidos como conhecedores da história local e "autoridade" para falar das coisas do lugar.

---

pessoas ilustres, famílias reconhecidas entre a população, com seus feitos e glórias e, que, de algum modo, tiveram alguma implicação com os encantados da região.

APÊNDICE III – HISTÓRIAS DE ALGUMAS DA FAMÍLIAS

1. **Família A:** Chico é chefe do G.D., é considerado um grande conhecedor das artes do mar. É pescador inveterado, pesca desde menino. Iniciou-se na atividade da pesca acompanhando o pai nas suas incursões pesqueiras. Contador de causas, brincalhão, cheio de idéias e um tanto estabanado. Deste seu jeito *"meio leso da cabeça"* adveio-lhe o apelido pelo qual ficou conhecido. Ele mesmo já incorporou o apelido e dificilmente se apresenta ou é chamado pelo seu nome de batismo[**]. Chico tem 64 anos, é de origem local, vive em concubinato com D. J. de 76 anos (Ego), originária de Maracanã, residente há 41 anos em Salinópolis, aposentada rural- trabalhava na roça em um sítio no interior de Maracanã. Veio para a cidade em visita e acabou ficando após conhecer o seu atual marido, em segundas núpcias. Do primeiro casamento teve três filhos, dois deles ficaram com o pai no sítio (*quiseram ficar por lá*[***]). O mais caçula, *por ser ainda aquela época verdinho de peito*, veio com a mãe e permaneceu com a mãe até casar (*se juntar*). Do segundo casamento teve seis filhos, *todos já tem a sua vida, já são casados*. *Dos nove filhos que vingaram,* cinco foram com *parteira, os outros nasceram no hospital porque a comadre (parteira) havia morrido.* Tem 19 netos, 6 bisnetos entre os quais um reside com os bisavós. A família mora nas proximidades dos pais(*na ilharga da mãe*), em casas individuais e contíguas à casa dos pais. Apenas quatro do total de filhos de D.J. moram longe. Dois continuam no sítio, um na cidade de Maracanã, um em Belém. O pescador Chico e D. J. são dos moradores mais antigos do bairro, conhecidos e bem relacionados por todos. Moram numa das poucas casas que ainda possui quintal; tem duas frentes um para a alameda Tia Lula outra para a rua Almirante Barroso, que faz margem com o *braço de mar, onde ficam as embarcações e de fácil acesso para o mar e o trabalho da pesca.* A casa é de madeira - *porta e janela à beira da rua (*frente para alameda tia Lula), com poucos e

[**] É bastante difundido entre os moradores locais, o costume de chamar as pessoas por apelidos que lhes são colocados pelos parentes e/ou amigos da vizinhança, de acordo com o aspecto, trejeito, defeito físico, mania, preferência, enfim qualquer razão que sugira um apelido e pegue, ou seja, que todos passem a chamar com o apelido. Há muitos casos de pessoas que não são conhecidas fora de casa pelos seus próprios nomes. Os apelidos em maioria são bem aceitos. De um modo geral, todos acabam tendo um apelido.

[***] Procuro diferenciar na grafia (optando pelo "Itálico") para distinguir trechos de falas e/ou expressões dos próprios sujeitos da pesquisa, tentando não me desprender das próprias informações colhidas no campo.

pequenos compartimentos: sala, quarto, cozinha e banheiro; telhado em duas águas, parte em telha de barro parte de amianto, onde numa espécie de galpão voltado para o outro lado que dá frente pró mar, guardam lanchas e instrumentos de pesca. Este espaço mais amplo, anexo à cozinha é o lugar onde a família passa a maior parte do dia, onde prepara e faz as refeições e recebe os amigos. Da pequena cozinha que se abre em uma espécie de janela sobre o jirau, D. J., vê o que se passa e tem o perfeito controle da vida doméstica, espiando os utensílios da casa e os barcos que ali estão dispostos; neste lugar eles têm alguns bancos, a mesa das refeições e a rede sempre armada para um pequeno cochilo, mostrando onde a vida da casa acontece. Aqui também está o canteiro das plantas de casa , hortaliças e plantas medicinais de uso doméstico familiar de D. J., que ficam plantadas em um canteiro suspenso em virtude de possíveis alagamentos nas altas marés. Das plantas só quem sabe "mexer", manusear e falar sobre, é D. J.. Os homens de casa e nem ninguém de fora, da vizinhança, mexe no canteiro sem o consentimento de D. J. .A casa em estilo simples, possui antena *parabólica, televisão, geladeira, freezer, fogão a gás. Não há móveis de sala, apenas uma estante onde fica a televisão e alguns pertences (bibelôs)* domésticos especialmente vasinhos com flores de plástico, um ou dois bancos de madeira onde se acomodam para assistir televisão; igualmente não há camas nem armários, dormem de rede e as poucas roupas da família estão penduradas ou guardadas em malas junto com outros pertences especiais. O casal dorme no quarto e o bisneto na sala, *por causa da televisão*. Na cozinha, as panelas ficam penduradas em pregos dispostos nas paredes laterais como quadros, embelezando o ambiente. O fogão à gás raramente usado, fica num canto fechado, servindo de suporte para objetos da cozinha; como há poucos móveis, a superfície da geladeira e do freezer também servem para guardar latarias e apetrechos da cozinha. Estes eletrodomésticos também são pouco utilizados no dia a dia familiar, pois não costumam guardar alimentos de um dia para o outro e muito menos armazenar por dias. Habitualmente a água potável consumida é armazenada em potes que servem de filtros, não usam água gelada, embora uma garrafa com água esteja sempre reservada na geladeira, provavelmente para os visitantes. O uso mais freqüentemente da geladeira e do freezer é nas safras de peixe e marisco, quando armazenam para o comércio. Chico

possui um barco pequeno e também alguns apetrechos de pesca. Entretanto sua preocupação maior e/ou o seu trabalho atual é o de "zelador": guarda e é responsável pelo barco e instrumentos de pesca de um veranista que possui casa e freqüentemente vem com a família passar finais de semanas prolongados e as férias em Salinópolis. Nestes períodos Sr. Chico é o mestre de pesca deste veranista é o guia e o maior auxiliar dos passeios e pesca esportiva desta família. Vive então como um *zelador* das propriedades do Sr. veranista e *braço direito,* espécie de sócio local para estas empreitas: zelar pelos apetrechos da empreita esportiva da pesca. E, embora Sr. Chinco possua todas as condições para ser um pescador ativo, atualmente tem se dedicado menos para os serviços da pesca tradicional. Considera que "*sua família tem lucrado mais com esse negócio com os barão"*. Dois filhos ainda pescam e um neto também é pescador profissional ou seja, vive da pesca, o resto da família em idade e condições de trabalho vive de biscates em função da vida balnear: são vendedores ambulantes, barqueiros e caseiros. Embora, todos os homens eventualmente possam pescar para a subsistência familiar, eles trabalham também de outras formas, especialmente nos períodos de maior fluxo de veranistas na cidade. D.J. é caseira há 19 anos de uma única família. Ganha salário e meio deste serviço e também recebe aposentadoria. Dentre o bairro é uma das famílias consideradas mais prósperas em função das relações com os veranistas: um dos filhos estudou e agora trabalha e tem um pequeno comércio em Belém, atributos considerados viáveis pela amizade com o patrão-veranista, que *com o seu conhecimento, abriu o caminho lá na cidade*. É uma família que desfruta de uma boa situação econômica a nível das famílias do bairro. São reconhecidos como "*cumpadres de barão*", pessoas que "*souberam fazer*" as relações com os patrões veranistas, pelos vizinhos. A dieta familiar é peixe, farinha, açaí, o resto é de vez em quando. O marisco: caranguejo e mexilhão uma vez e outra, a carne vermelha e a de ave (frango) não são muito apreciadas e raramente consumidas.

2. **Família B:** O Sr. Amaral, 53 anos, oriundo de Maracanã, pescador desde menino, aprendeu o ofício com o pai, também pescador de profissão e autônomo lá em Maracanã. É morador em Salinópolis há 33 anos, e no bairro há 16 anos. Como a maioria dos moradores do bairro da Prainha, morava em outra área da cidade e em

função de especulação imobiliária, com o balneário, também vendeu sua casa para em seguida procurar outras regiões menos procuradas pelos veranistas. É casado com D. Nana, 43 anos de idade, natural do lugar, filha de uma professora primária e de pescador artesanal local. D. Nana era marisqueira e, antigamente também ajudava a despescar o curral com o marido, mas agora fica mais em casa. Trabalha uma vez ou outra catando marisco quando a safra é boa para a venda no veraneio. Deste matrimônio nasceram 05 filhos, entre os quais um dos filhos, o mais velho, nasceu com auxílio de parteira e os outros no hospital local: quatro homens e uma mulher, todos em processo escolar, um deles com o segundo grau completo, dois o segundo grau incompletos, um terminando o primeiro grau e a menina abandonou os estudos e já é mãe (solteira) aos 16 anos. Todos ainda moram e dependem dos pais. Moram numa casa de alvenaria e madeira, com três pequenos compartimentos: sala, quarto e cozinha. O banheiro é construído separadamente, no quintal como a maioria das casas do bairro e serve a duas casas vizinhas - a casa vizinha é de um parente próximo, de um tio de D. Nana casado com a irmã de Sr. Amaral. Possui ainda um bom quintal que tem algumas árvores frutíferas, que também é partilhado pelas duas famílias e um pequeno cultivo de hortaliças e plantas medicinais para uso doméstico de D. Nana. A casa possui antena parabólica, televisão colorida, aparelho de som, geladeira, fogão, móveis de sala, alcova e de jantar, mais em estilo simples. As acomodações noturnas são partilhadas por redes. O telhado em duas águas é de telhas de barro. Ao lado da casa de moradia, há uma outra armação de casa apenas com os esteios, parte de uma parede e o telhado, que é de palha e serve para guardar os instrumentos de trabalho e lugar de se reunir a família e os amigos que chegam. É uma construção aberta, ao lado da cozinha no terreno pertencente a mesma propriedade e por essas condições é mais ventilada e é o lugar da cesta depois do almoço. A família possui uma pequena canoa, remos e a rede de pescar. Apenas o pai é pescador de profissão, embora atualmente esteja trabalhando como biscateiro voltado para o balneário, vendendo côco-da Bahia na praia, especialmente quando é período de férias e feriados prolongados. Todos os filhos foram encaminhados para a escola. Hoje, em idade de trabalho, ajudam o pai em venda nas praias. O filho, que tem segundo grau completo, também sem ocupação determinada faz trabalhos

eventuais, como ACS (agente comunitário de saúde); censo demográfico, políticas de vacinação, etc. Embora vivendo modestamente, também é uma família considerada "*melhorzinha"* se comparada com outras do bairro. A dieta da família é essencialmente peixe, farinha, arroz e feijão além dos mariscos caranguejo e mexilhão especialmente. A carne bovina e a de frango são menos apreciadas e menos consumidas. Por outro lado, o consumo de ovos e de conserva é bastante freqüente.

3. **Família C:** D. Gigi, 76 anos, é benzedeira e conhecedora de ervas e plantas medicinais por todos do bairro da Prainha. É originária de Curuçá e reside em Salinópolis há mais ou menos 40 anos. Vem de uma família de pescadores e pequenos agricultores, sua família "*vivia da pesca e da roça da farinha na praia de Curuçá: os homens pescavam e as mulheres trabalhavam na roça, na produção da farinha de mandioca"*. Ela relembra o seu tempo lá no sítio trabalhando na roça, na fabricação da farinha, do beiju, da crueira (massa para mingau). Diz que herdou o dom da benzeção de uma tia, irmã de seu pai lá do interior. Diz que relutou em acreditar e em aceitar "essas coisas de benzê", mas que, com a idade, não pode mais negar, pois passou a sofrer e ser judiada de muitas maneiras: tombava, deixava cair as coisas das mãos, ficava doente, mofina (Ver glossário), sem vontade de nada, febre alta e muitas coisas mais, sem a maior explicação lógica. Todos esses fatos eram atribuídos ao comportamento de "*negar o seu eu, de negar o dom que tinha recebido e, era obrigada a respeitar este fato sob várias formas de ameaça das entidades"*. Diz que *"ficou insustentável relutar com essa força maior que vinha de dentro, quando ficou doente após o seu terceiro parto no qual, quase morreu"*. Diz que *o "dom já vinha se manifestando desde meninota, mas que não acreditava";* que esse dom se manifestava de muitas formas- algumas vezes em sonhos, via ou ouvia uma voz dizer o que devia fazer, receitava o que era bom ou dizia o que não era; às vezes, mesmo não levando muito a sério essas instruções, cumpria-as e surpreendia-se por darem certo. Foi assim que passou a ser conhecida, suas receitas e rezas davam certo, apesar de não acreditar nelas. Com o tempo, *teve que assumir que era rezadora mesmo*, pois era procurada por Deus e o mundo do bairro e aí já não tinha como negar, e que ficava difícil não atender tanta gente em situação difícil. Ela diz que veio para Salinas com o companheiro (marido) para *aventurar vida nova na pesca,*

naquele tempo já se falava que aqui ia ser desenvolvido, bom para viver, ganhar uns trocados a mais, educar os filhos e encaminhá-los melhor. Deste modo, veio para Salinópolis com o seu marido Sr. Babá, 83 anos, pescador e agricultor de profissão e mais três dos cinco filhos que tem com o marido: dois homens e três mulheres. Um rapaz é casado e mora com a família numa casa contígua a dos pais; outro, é *largado da mulher* e vive com os pais e dois dos três filhos que teve com o casamento. Ambos, os filhos homens, pescam junto com pai e, de certa forma, garantem o sustento da família. Uma filha é casada e mora no Beco da tia Lula com seus quatro filhos e o marido; as outras duas filhas são mãe-solteiras, uma delas vive na casa do irmão com um filho, é marisqueira juntamente com a cunhada na casa contígua, de modo que todos parecem viver numa casa só. Com os pais moram também, além de dois filhos, três netos e dois bisnetos menores de idade. D. Gigi e Sr. Baba são moradores antigos e bastante conhecidos do bairro. São conhecidos como uma família de pescadores, pois é a atividade preponderante e que praticamente dá o sustento da família: Sempre viveram da pesca e da reza (as vezes D. Gigi ganha uns trocados, especialmente dos veranistas que às vezes a procuram e dos comerciantes (família) bem sucedidos da região ou alguns favores - embora ela diga claramente que não gosta e nem acredita muito nesse negócio de reza). Vivem modestamente, numa casa de madeira com dois pequenos compartimentos, onde dividem o lugar de dormir e o lugar de preparar e realizar as refeições, bem como receber as visitas que chegam. As acomodações são bem modestas, apenas alguns bancos em madeira, uma mesa, um fogão; os poucos objetos e utensílios domésticos ficam pendurados em pregos nas paredes ou empilhados na ponta da mesa e/ou do jirau; as redes onde dormem à noite, ficam enroladas em caibros prontas para serem desenroladas e servirem como uma espécie de banco mais confortável para descansarem e conversarem; as roupas são guardadas em duas malas que ficam em um canto da casa. Há uma televisão e um aparelho de som, como bens economicamente mais valiosos. O banheiro e o sanitário são construídos separadamente, também em madeira, sem telhado e sem sistema de esgoto e fossa; como a maioria das casas do bairro, apresenta precário sistema de saneamento básico. O telhado em duas águas, é coberto de telhas de barro e de palha. Próximo a casa, há uma

pequena *"puxada"* (Ver glossário) onde guardam os instrumentos de pesca: redes, puçás, linhas e anzóis, uma canoa e alguns outros instrumentos e objetos domésticos. São pescadores de curral e às vezes meeiros em empreitas pesqueiras. A dieta alimentar da família é composta predominantemente de peixe e farinha; arroz, feijão e alguma "*conserva"* (Ver glossário), são eventualmente consumidos.

4. **Família D:** Zé , 55 anos, conhecido pescador do bairro, é proveniente de Vizeu e mora em Salinópolis há 22 anos. É casado com D. Maria, 60 anos de idade, oriunda de Belém, em segundas núpcias. Tem três filhos homens que já têm família e vivem independente. Com D. Maria não tem filhos. Zé e D. Maria vivem do trabalho da pesca, ela não trabalha fora de casa. Zé Louro presta serviço, pesca como empregado/meeiro de um certo cidadão que possui os instrumentos de trabalho da pesca: barco, rede, linha, etc., e atualmente não é mais pescador. Zé não possuir seus próprios apetrechos de pesca, trabalha e usa os materiais de uma outra pessoa em sistema de meia, ou seja, pesca e divide a produção pesqueira com o proprietário dos bens de trabalho da pesca. Trabalha eventualmente com um de seus filhos que também é pescador e possui uma canoa a remo. Moram numa modesta casa de dois cômodos de madeira na rua Francisco de Assis: onde se partilha, de algum modo, a intimidade e a vida social familiar; pois não há cômodo individual para o casal e/ou para os outros moradores da casa, assim como para as visitas da casa. A acomodação dos poucos objetos e utensílios domésticos estão dispostos em cestos e/ou são pendurados em pregos e prateleiras nas paredes. Possui televisão, rádio, e uma geladeira ganha em um sorteio na quermesse do bairro, em homenagem à São Francisco. Com eles dois moram mais um amigo e um neto de Zé Louro, menor de idade que estuda; o amigo pesca. A dieta alimentar é quase que exclusivamente composta de peixe, farinha e derivados. A carne vermelha dificilmente entra em casa e a carne branca, só em dias de festa e às vezes aos domingos. A preferência de todos da família é o peixe.

5. **Família E:** D. Feliciana, 68 anos de idade, originária da própria região, moradora antiga da cidade (residia perto do antigo mercado municipal – no centro da cidade), e uma das primeiras a mudar para o bairro da Prainha, após vender sua propriedade para

um veranista de Belém. É conhecida como "madrinha Feliciana"; fato que atribui por ter "ajudado a colocar no mundo" muita gente da região. É parteira e reconhecida rezadeira, além de ser de fato madrinha de, aproximadamente 33 afilhados (não lembrou o nome de todos durante a contagem), número que lembra a idade de Cristo e que para ela é bastante significativo. É viúva, tem oito filhos homens, todos pescadores de profissão como o velho pai já falecido; dentre estes, cinco são casados e com família e dos três ainda solteiros, um deles tem dois filhos que são criados pela avó. São ao todo 18 netos e seis bisnetos. Destes, apenas um deles pesca com o pai os outros vivem de trabalhos com o veraneio: são caseiros e fazem biscates com vendas nos períodos de veraneio. Dona Feliciana conta que criou todos os filhos trabalhando junto com o marido. Lembra que antigamente neste bairro (Prainha) onde atualmente mora, era mangue e que ajudou a pegar muito caranguejo por esses lados. Que foi lugar de fartura para muitos moradores da região que além de marisco "tiravam o sustento da fabricação do curral". Conta que sempre teve vida dura para criar os filhos e agora netos e bisnetos, mas que a "graça de Deus sempre lhe vale". As recordações sobre o passado meio idealizadas, foram a tônica da conversa. Colocando-se sempre como uma pessoa abençoada. Disse que, com as rezas não ganha dinheiro, mas que nunca lhe falta um prato na mesa para ela e os seus. É parteira e rezadeira há muito tempo, não lembra precisamente quando; mas tem vaga lembrança que foi próximo ao nascimento do quinto filho que começou a atuar mesmo neste ofício de benzeção. Os problemas que sofreu durante a gravidez foram, segundo seu depoimento, um aviso do seu compromisso com o "dom de benzer" e "ajudar as mulheres necessitadas a dar a luz". Recorda, quando criança, que em família comentavam que sua avó foi a "*mão de deus na terra*" que "*ajudou a nascer e a levantar muita gente por essas bandas daqui, quando não havia posto nem médico pra acudir os necessitados"*. A família (Ego, filhos solteiros, netos e a família de um filho casado) reside em uma pequena casa de três cômodos, em madeira e taipa, coberta de telhas de barro em duas águas; com poucos e singelos objetos e utensílios domésticos. Alguns eletrodomésticos como TV e rádio-gravador. A propriedade conta com um barracão contíguo a casa também nas mesmas condições de construção porém, mais amplo apenas com paredes laterais, onde

guardam os apetrechos de pesca e costumam preparar os alimentos e reunir os da família. É no barracão que se reúnem, durante o dia, as mulheres da família para o preparo e beneficiamento de mariscos para a venda. Eventualmente, também é utilizado para abrigar os visitantes homens, de passagem na cidade. No pequeno espaço de quintal, há cultivo caseiro de hortaliças (cheiro, coentro, cebolinha, manjericão, hortelãzinho, etc.) e algumas plantas medicinais (cidreira, coramina, melhoral, capim santo, etc.), plantados em caixotes suspensos do solo, em função da invasão da água salgada da maré. Estes cultivos de hortaliças e plantas medicinais são de uso restrito de D. Feliciana. Igualmente há plantas ornamentais cultivadas em latas vazias de tinta feito vasos, embelezando a casa. Não há árvores frutíferas na propriedade, nem tampouco animais de criação doméstica a exceção do cão de estimação da família. Os outros da família moram em casas individuais relativamente próximas à da mãe e igualmente nas mesmas condições de estilo e material, apenas com um ou outro móvel, objeto e/ou eletrodoméstico a mais ou diferente. A dieta alimentar da família é fundamentalmente composta de peixe e derivados do mar (mariscos) e mandioca em suas diversas formas de preparo. Carne vermelha é pouco apreciada, entretanto a carne de conserva é utilizada com certa freqüência; aves e ovos são igualmente pouco consumidos, à exceção de dias de festa.

APÊNDICE IV – RECURSOS DA FLORA – FAUNA UTILIZADOS NA REGIÃO

USO DE PLANTAS NA PESCA ARTESANAL DOS MORADORES DO BAIRRO DA PRAINHA-SALINÓPOLIS(PA.). MODELO COMPOSTO A PARTIR DAS COMPETÊNCIAS INDIVIDUAIS DE ESPECIALISTAS E USUÁRIOS.

TINTURAS:

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE UTILIZADA	FINALIDADE
Mangueiro	*Rhizophora mangle*		Tintura
Cumate			Tintura
Tinteira	*Laguncularia racemosa*		Tingir rede
Cajú		Casca	Tingir rede
Babatimão		Casca	Tingir rede
Açoita cavalo	*Tiliaceae*	Casca	Tingir rede
Paricá			Tintura
Muruci			Tintura
Macucu			Tintura
Ocá			Tintura

USO DE PLANTAS NA PESCA ARTESANAL DOS MORADORES DO BAIRRO DA PRAINHA-SALINÓPOLIS(PA.). MODELO COMPOSTO A PARTIR DAS COMPETÊNCIAS INDIVIDUAIS DE ESPECIALISTAS E USUÁRIOS.

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE UTILIZADA	FINALIDADE
Sucupira	*Bowdichia virgilioides*	Caule	Canoa, remos, construçao
Maçaranduba	*Naikara*	Caule	Canoa, construçao
Giniparana			
Jarana			
Mrapichuna			
Pau amarelo			
Louro	*Ocatea gardineri*	Caule	Canoa
Ambravu			
Quaruba			
Pau do reino			
Andiroba			
Cupiúba			
Buiuçu			
Lacre			
Tauarí			

Timborana			
Carepé			
Marupá			
Jutaí			
Siriúba	*Avicennia germinans*		
Totojuba			
Piquiá			
Pau-d'arco			
Corubeira			
Pratauá			
Embaúba			
Caranã			
Arueira	*Schinus terebenthifolius*	Folha Caule	Isca ("bota na ratoeira/pega) "caranguejo e bota no cofo" Armadilha de galhos
Jatobá	*Caesalpiniaceae*	Caule	Canoa e remo

USO DE PLANTAS NA PESCA ARTESANAL DOS MORADORES DO BAIRRO DA PRAINHA-SALINÓPOLIS(PA.). MODELO COMPOSTO A PARTIR DAS COMPETÊNCIAS INDIVIDUAIS DE ESPECIALISTAS E USUÁRIOS.

PALHAS:

NOME POPULAR	**NOME CIENTÍFICO**	**PARTE UTILIZADA**	**FINALIDADE**
Côco		Palha Facho Fruto Caule	 Isca Canoa
Açaí			
Babaçu			
Jussara			
Inajá			
Ubim			
Surubim			
Ourucuri			
Tucumã			
Palha braba			
Miriritì			
Buriti	*Mauritia Flexuosa L*	Foliólos/Tala	Gaiola/matapi
Jacitara			

USO DE PLANTAS NA PESCA ARTESANAL DOS MORADORES DO BAIRRO DA PRAINHA – SALINÓPOLIS(PA.). MODELO COMPOSTO A PARTIR DAS COMPETÊNCIAS INDIVIDUAIS DE ESPECIALISTAS E USUÁRIOS.

RESINAS VEGETAIS:

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE UTILIZADA	FINALIDADE
Breu		RESINA	
Breu branco			
Sucuba			
Amapá			
Ananin			
Opeú			
Jutaí			
Jutaí-cica			
Cajú	*Annacardium*	Caule	Canoa
Copaíba			
Apuí			
Siriúba			
Jatobá			
Buicumirim			
Caicíca			
Bacuri			

USO DE PLANTAS NA PESCA ARTESANAL DOS MORADORES DO BAIRRO DA PRAINHA-SALINÓPOLIS(PA.). MODELO COMPOSTO A PARTIR DAS COMPETÊNCIAS INDIVIDUAIS DE ESPECIALISTAS E USUÁRIOS.

FIBRAS VEGETAIS:

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE UTILIZADA	FINALIDADE
Malva		Fibra	
Envira			
Juta			

SALINÓPOLIS(PA.). MODELO COMPOSTO A PARTIR DAS COMPETÊNCIAS INDIVIDUAIS DE ESPECIALISTAS E USUÁRIOS.

USO DE PLANTAS NA PESCA ARTESANAL DOS MORADORES DO BAIRRO DA PRAINHA-

CIPÓS:

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE UTILIZADA	FINALIDADE
Titica		Cipó	
Timbó			
Timbó-açu			
Tracuá			
Cipó pretinho			
Pitinga			
Mutá			
Cipó de fogo			
Tiririca			
Cipó do maracujá			
Três quina			
Macaco			
Piranga			
D'alho			
Mulato			
Caranguejinho			
Jaboti			
Escada			
Vermelho	*Malpighiaceae*	Caule	Tingir rede e aparelho de pesca
Apuizeiro			
Rabo de arara			
Morcêgo			
Arubé			

USO DE PLANTAS NA PESCA ARTESANAL DOS MORADORES DO BAIRRO DA PRAINHA- SALINÓPOLIS(PA.). MODELO COMPOSTO A PARTIR DAS COMPETÊNCIAS INDIVIDUAIS DE ESPECIALISTAS E USUÁRIOS.

PLANTAS MEDICINAIS:

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE UTILIZADA	FINALIDADE/ DOENÇA
Sabugueiro		Folhas e flores	Sarampo
Laranja da terra			
Arruda			
Hortelão		Folha	
Hortelãnzinho		Folha	
Mastruz		Folha	
Babosa		Folha	
Boldo		Folha	Folha
Capim santo			Chá (má digestão), banho (dor) e queda

			de cabelo
Anador em planta		Folha	Chá (dor)
Andiroba		Semente	Óleo (inflamação)
Cabacinha		Semente	Infusão
Copaíba			
Mulatinha			
Manjericão			
Catinga de mulata		Casca	
Malva rosa			
Jasmim		Flor	
Japana branca		Folha	
Ervão			
Ouriza			
Pirarucu		Folha	
Cravo da índia			
Tajobá			

USO DE PLANTAS NA PESCA ARTESANAL DOS MORADORES DO BAIRRO DA PRAINHA- SALINÓPOLIS(PA.). MODELO COMPOSTO A PARTIR DAS COMPETÊNCIAS INDIVIDUAIS DE ESPECIALISTAS E USUÁRIOS.

PLANTAS MEDICINAIS:

NOME POPULAR	**NOME CIENTÍFICO**	**PARTE UTILIZADA**	**FINALIDADE/ DOENÇA**
Cabi			
Cipó d'alho			
Algodão		Semente Folha	Isca Chá
Pariri		Folha	
Eucalipo		Pau	
Verônica		Pau	Chá (inflamação)
Urubucaá			
Tiriba			
Peão roxo		Folha	
Peão branco		Folha	
Terramicina em planta		Folha	Chá (dor)
Alecrim			
Goiaba		Folha	Chá (dor de barriga)
Erva cidreira		Folha	Chá (calmante)
Favaquinha		Folha	Chá
Pega pinto			
Sucaca			
Sacaca croton			Emagrecedor, úlceras,

cjucara			gastrites
Jamacaru (mandacarú)			
Malvarisco			
Alfavaca			
Coramina			
Merilicina			
Arruda			
Pé de galinha			
Pata de vaca			
Trevo			

USO DE PLANTAS NA PESCA ARTESANAL DOS MORADORES DO BAIRRO DA PRAINHA- SALINÓPOLIS(PA.). MODELO COMPOSTO A PARTIR DAS COMPETÊNCIAS INDIVIDUAIS DE ESPECIALISTAS E USUÁRIOS.

ÓLEOS:

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO	PARTE UTILIZADA	FINALIDADE / DOENÇAS
Óleo de côco			
Babaçu			
Andiroba			
Castanha do cajú			
Carrapato			
Pião roxo			
Pião branco			
Tucumã			
Mamona			
Cuúba			
Castanha do pará			
Copaíba			
Louro			
Sucuba			

ALGUNS REPRESENTANTES DA ICTIOFAUNA AMAZÔNICA COM OCORRÊNCIA NO LITORAL NORDESTE DO PARÁ (PEIXES, MOLUSCOS, FRUTOS DO MAR, ETC.)

PEIXES:

NOME POPULAR	NOME CIENTÍFICO
Pratiqueira	
Curvina	
Pescada branca	
Pescada amarela	
Camorim	

Tainha	
Mero	
Caroaca	
Peixe pedra	
Gó	
Peixe prata	
Bico doce	
Cururuca	
Cioba	
Sajuba	
Bagre	
Uritinga	
Bandeirado	
Enchova	
Gurijuba	
Uricica	
Cangatá	
Pacamum	
Sarra	
Cavala	
Vacaria	
Arraia	
Cação(tubarão)	
Espadarte	
Traíra	
Piaba	
Tamuatá	
Jundiá	
Jacundá	
Cuíca	
Bagre	
Jurupiranga	
Cabéua	
Dorada	
Piramutaba	
Xaréu	
Bonito	
Pampro	
Coró-marinheiro	
Carapitanga	
Sardinha	
Pirapema	
Bejú-pirá	
Carataí	

Bagralhão	
Miquim	
Cutuca	
Agulha	
Piranha	